

MONOGATARI **B**  
**R**

BAKE 02  
MONOGATARI

**NISIOISIN VOEFAN**  
AUTOR ARTE

# SUMÁRIO

CONTO DE MONSTROS .....	4
SURUGA MACACO .....	5
001.....	6
002 .....	13
003 .....	67
004.....	118
005 .....	160
006.....	207
007 .....	246
008.....	292
009.....	361
NADEKO COBRA .....	365
001.....	366
002 .....	372
003 .....	446
004.....	506
005 .....	530

006.....	575
007.....	625
CRÉDITOS .....	629

PRIMEIRA TEMPORADA

# CONTO DE MONSTROS





ARCO TRÊS

# SURUGA MACACO



# OOI

Suruga Kanbaru era tão bem conhecida em nossa escola que eu duvido que um único aluno não tenha escutado sobre ela, então claro que eu escutei sobre ela algumas vezes. Se estivéssemos falando apenas em ser bem conhecido, minhas colegas de classe Tsubasa Hanekawa e Hitagi Senjougahara talvez sejam mais que ela, mas isso somente entre o terceiro ano. Sim. Suruga Kanbaru estava no segundo ano, um ano antes de Tsubasa Hanekawa, Hitagi Senjougahara e eu. Mesmo assim ela era tão bem conhecida que, até alguém que não sabe sobre as fofocas recentes como eu, escutei sobre Suruga Kanbaru mesmo estando no terceiro ano. Normalmente, isso seria impensável. Se eu dissesse brincando que ela era notável para a idade dela, eu estaria um bem perto da verdade.

Também, no caso da Suruga Kanbaru, chamá-la de uma estrela talvez dê uma nuance mais precisa no sentido do que apenas chamá-la de bem conhecida. Tsubasa

Hanekawa e Hitagi Senjougahara eram conhecidas como excelentes alunas com notas esplêndidas e um comportamento ótimo (mesmo que a última não seja assim), mas Suruga Kanbaru não era vista assim nem um pouco. Como o termo estrela sugere, ela não era bem conhecida por praticar bullying ou por ser uma garota delinquente. Enquanto Tsubasa Hanekawa e Hitagi Senjougahara se destacam principalmente nos estudos, ela se destaca nos esportes. Suruga Kanbaru era a estrela do time de basquete. Logo depois de entrar para o time no seu primeiro ano, ela virou titular. Agora, isso pode ser explicado pelo fato de que o time feminino de basquete era completamente desconhecido e fraco quando ela entrou. Na realidade, não haviam ganhado uma única partida. Entretanto, ela criou uma lenda monstruosa por liderar aquele time de basquete desconhecido e fraco que nunca havia ganhado uma única partida para as nacionais começando na primeira partida que ela jogou como titular após se juntar ao time. Depois disso não surpreende que ela fosse tratada como uma estrela. Aquela lenda parecia

praticamente aparecer da noite para o dia, então pareceu que ela tinha quase literalmente a “criado” e fez com que você se perguntasse o que exatamente ela fez. Nosso Time de Basquete Feminino agora era tão forte que pedidos de times de basquete masculino das escolas próximas deixou de parecer piada. O crescimento rápido delas até a proeminência foi graças à força de uma única garota.

Ela não era particularmente alta.

Sua condição física não era muito diferente de uma garota do ensino médio.

Se eu fosse descrever, ela era um pouco baixinha, magra e bonita.

Graciosa era a palavra perfeita para ela.

Contudo, Suruga Kanbaru podia pular.

Ano passado, devido a um pouco de socialização, eu vi uma vez um pouco de um jogo em que ela jogou. Ela escapou rapidamente e agilmente da defesa (ou melhor, passou através) e facilmente fez uma enterrada igual àqueles mangás *shounen* que uma vez fizeram sucesso no Japão. Ela fez isso calmamente e facilmente várias vezes



com um sorriso revigorante de uma garota esportista. Enquanto Suruga Kanbaru fez isso dezenas de vezes, ela realmente pareceu estar gostando. Quantos colegiais veem alguém enterrar em uma partida de basquete feminino onde arremessar com as duas mãos é o comum? Até como espectador eu fui destruído. Eu fui incapaz de continuar assistindo aos pobres jogadoras do time oposto, que perderam toda sua motivação por também serem destruídas. Eu, distintamente lembro-me de não ter outra escolha a não ser ir embora, pois era muito difícil assistir.

De qualquer maneira, mesmo que nossa escola fosse uma escola preparatória que dava o foco principal aos estudos, ainda era uma escola frequentada por jovens parcialmente através de seus anos de adolescente. Era apenas natural que uma heroína de um esporte chamativo tivesse mais atenção que uma aluna excelente que era boa em seus estudos. As coisas que Suruga Kanbaru fez ou as ações que ela tomou se tornaram fofocas que se espalharam na escola, sendo coisas importantes ou não. Se você juntasse todas elas poderiam escrever um livro

inteiro. Mesmo que você particularmente não se importar ou se tentar evitar, ainda escutaria coisas sobre Suruga Kanbaru. Qualquer aluno na nossa escola, independente do ano, poderia rapidamente saber o que ela comeu no almoço se ele se preocupasse em saber. Era simples. Você só tinha que perguntar qualquer um ao seu redor.

Mas fofocas vinham com rumores.

E com meias verdades.

Nada garantia que essas coisas eram verdades.

Os rumores que conseguiram chegar até mim faltavam especialmente em credibilidade e eram difíceis de acreditar. Na verdade, as vezes rumores que eram exatamente os opostos entre si circulariam pela escola ao mesmo tempo. Ela tinha um temperamento selvagem...não, um calmo. Ela se preocupava muito com os amigos...não, ela era fria e sem sentimentos. Ela era muito modesta...não, ela era muito orgulhosa. Ela tinha romances intensos...não, ela nunca tinha nem mesmo saído com um cara. Se alguém era capaz de ser tudo isso, eu poderia apenas dizer que a personalidade dele estava

completamente quebrada. Eu nunca havia conversado com ela, mesmo quando eu a via e nunca estive a 5 metros dela, então eu não tinha escolha a não ser deixar com minha imaginação. Embora, para ser honesto, eu realmente não senti necessidade de fazer esforço para imaginar nada sobre ela. Ela estava em um ano diferente, uma estrela do esporte, e a ás do time de basquete (nossa escola permitia somente permitia atividades de clubes e times durante o segundo ano, então o rumor que ela foi designada a capitã do time era provavelmente legítimo), então ela não tinha qualquer conexão com um aluno do terceiro ano que ficou para trás nos estudos.

Ela não tinha conexão ou relação comigo.

Provavelmente ela nunca escutou falar de mim.

Não existia motivo para ela ter.

Isso era o que eu pensava.

Isso era o que eu tinha certeza.

Eu aprendi que eu me enganei próximo ao final de maio, quando o tempo de trocarmos para o nosso uniforme de verão em junho estava chegando rápido. Fui

durante esse tempo que eu considerei colocar uma bandagem no meu pescoço por cerca de meio mês porque a parte de trás do meu cabelo que eu estava deixando não cresceu o suficiente para esconder os dois pequenos buracos que havia lá. Foi cerca de 10 dias depois que Hitagi Senjougahara e eu começamos a sair depois daquela oportunidade repentina.

Quando Suruga Kanbaru se aproximou de mim pela primeira vez com aqueles passos barulhentos, ela já tinha aquela bandagem cobrindo envolta de sua mão esquerda.

“Oh, Aryaryagi-san.”

“É Araragi.”

“Desculpe, mordi minha língua.”

Enquanto voltava da escola numa sexta-feira, avistei uma pequena garotinha de marias-chiquinhas carregando uma mochila, de nome Mayoi Hachikuji, adiante de mim enquanto eu pedalava a minha bicicleta por um declive. Eu freei e a chamei enquanto parava ao lado esquerdo dela. Hachikuji piscou e pareceu surpresa antes de pronunciar o meu nome errado como sempre.

Eu fiquei um pouco impressionado que ela ainda estava vindo com novas maneiras de se dizer o meu nome errado, então eu educadamente a corriji.

“Não diga o nome das pessoas como se você fosse Ukkari Hachibei.”

“Eu acho fofo.”

“Isso me faz parecer absurdamente incompetente.”

“Hmm. Bem, isso é surpreendentemente adequado.”

Aquela estudante do quinto ano tinha uma maneira de dizer coisas horríveis sem nem pensar.

“Araragi-san, fico feliz que você pareça estar bem. Fico feliz por ser capaz de me encontrar com você novamente assim. Algo aconteceu desde então?”

“Hm? Ah, na verdade não. Esse tipo de coisa não acontece tão frequentemente. Tive uma vida bacana e pacífica. As coisas têm estado bastante calmas. Embora a gente tenha uma prova vindo por aí, então nem tudo tá tão pacífico ou calmo.”

Quase duas semanas atrás, dia 14 de maio, também conhecido como o Dia das Mães, eu tinha conhecido Mayoi Hachikuji num certo parque, o que me levou a se envolver numa espécie de incidente. Nada de substância o suficiente para realmente ser chamado de incidente pode ter acontecido e nada abstrato digno de nota tinha acontecido, mas eu tive uma experiência incomum e tanto.

Por incomum, simplesmente quero dizer incomum.



Graças à ajuda daquele homem desagradável do Oshino e da Senjougahara, vi o problema ser resolvido sem mais complicações. Contudo, se eu visse os eventos de 14 de maio como inevitáveis em vez de algo que aconteceu por acaso, então essas calmas e pacíficas duas semanas seguintes em que nada aconteceu também pareciam ter sido inevitáveis em vez de acontecerem por acaso.

Pelo que eu podia ver, Hachikuji estava bem também. Isso significava que os eventos daquele Dia das Mães tinham sido resolvidos sem deixar nenhuma ponta solta. Para experiências tão incomuns, na verdade aquilo era bem raro. Para a Hanekawa, Senjougahara ou eu, lidar com as consequências da experiência incomum era bem mais duro que a experiência em si. Você poderia até mesmo chamar de cruel.

Mayoi Hachikuji.

Nesse sentido, eu estava com um pouco de inveja dela.

“Oh, o que parece ser o problema, Araragi-san? Por que você estava me olhando com olhos tão apaixonados? Isso é tão indecente.”

“...Como os meus olhos são apaixonados?”

E eles são indecentes?

Esse não é o tipo de paixão que eu quero.

“Se você me olhar assim, ficarei com soluços.”

“Você tem um diafragma esquisito.”

Isso me surpreendeu.

Se você pensasse pelo que Hachikuji tinha passado, não era algo do qual eu devesse sentir inveja. Se você olhasse para isso de certa maneira, a Hachikuji pode ter passado por mais dificuldades do que Hanekawa, Senjougahara ou eu. Tenho certeza de que muitas pessoas sentiriam que seria essa a maneira adequada de se olhar para isso.

Enquanto eu pensava nisso, duas estudantes do ensino médio passaram pelo lado esquerdo da minha bicicleta. As duas eram garotas. Elas vestiam uniformes de uma escola do ensino médio diferente do meu. Elas claramente estavam olhando para Hachikuji e eu suspeitosamente. As vozes sussurradas que ouvi enquanto elas passavam deixaram um sentimento desagradável em mim. Aparentemente, a vista do estudante do terceiro ano do

ensino médio, Koyomi Araragi, falando com uma estudante do quinto ano da escola primária, Mayoi Hachikuji, parecia muito estranha para pessoas com gostos normais.

Mas eu não ligava.

O olhar frio do mundo não significava nada para mim.

Eu não tinha chamado a Hachikuji de forma impensada, e nós éramos os únicos que precisavam saber da verdade. A amizade que tínhamos construído não seria abalada por tal preconceito.

“Oh, céus. Parece que aquelas garotas perceberem que você é um lolicon, Araragi-san. Elas descobriram o seu verdadeiro desejo.”

“Eu não quero ouvir isso de você!”

“Não precisa se envergonhar. Não há nenhuma lei contra gostar de garotinhas. As pessoas são livres para ter quaisquer gostos que elas desejem ter. Contanto que você não realize de verdade nenhum de seus desejos anormais, não há nenhum problema.”

“Mesmo que eu gostasse de garotinhas, eu te odiaria!”

Parecia que nós não tínhamos desenvolvido nenhuma amizade.

Todos ao meu redor eram assim.

Eu olhei por cima do meu ombro.

Não vi mais ninguém lá.

Por enquanto, pelo menos.

“Sério... Tudo que você diz e faz faz parecer que você tem um grande compromisso. De todo jeito, Hachikuji, o que você tá fazendo vagando por aqui? Você estava tentando chegar a algum lugar e se perdeu de novo?”

“Essa é uma coisa muito rude de você dizer, Araragi-san. Desde que nasci, eu nunca me perdi nenhuma vez.”

“Você tem uma memória bastante maravilhosa.”

“Para, você vai me fazer corar.”

“Sim, seria realmente maravilhoso se esquecer de tudo que você achasse ser desfavorável.”

“Não, não. A propósito, quem é você?”

“Você se esqueceu de mim?!”

Essa foi uma resposta maneira.

Ela tinha bom gosto.

“Digo, mesmo que eu saiba que é uma piada, alguém se esquecer de você é razoavelmente depressivo, Hachikuji.”

“Não se pode evitar. Eu me esqueço de tudo que eu acho desinteligente.”

“Não sou estúpido o suficiente para que você tenha qualquer direito de dizer qualquer coisa sobre isso! E eu disse desfavorável, não desinteligente!”

“Não se pode evitar. Eu me esqueço de tudo que eu acho desfavorável.”

“Sim, sim. Você entendeu agora... Espera! Não, não entendeu! Não chame a mera existência de outras pessoas de desfavorável!”

“Foi você quem disse isso.”

“Quieta. Não tente transformar isso em algo que é culpa minha.”

“Você com certeza é egoísta, Araragi-san. Mas tudo bem. Serei mais cuidadosa quanto ao que direi no futuro. Por enquanto...”

“Por enquanto?”

“Em vez disso, direi que você é anti-favorável.”

“.....”

Era uma conversa agradável.

Na verdade, eu tinha um pequeno problema com o fato de que eu, o estudante do terceiro ano do ensino médio chamado de Koyomi Araragi, estava falando no mesmo nível que uma estudante da quinta série. Contudo, não parecia ser muito diferente de conversar com as minhas irmãs do ensino fundamental. E se você não se preocupasse muito com a diferença entre o ensino do primário e do fundamental, as minhas conversas com a Hachikuji progrediam muito mais facilmente do que aquelas com as minhas irmãs.

Com um suspiro, saí da minha bicicleta.

Eu então caminhei junto da bicicleta, puxando-a pelo guidão.

Falar com a Hachikuji era agradável, mas se nós apenas ficassemos andando por aí enquanto fazíamos piadas, isso poderia arruinar meus planos posteriores. Não era como se eu estivesse com pressa, mas ainda senti que era melhor continuar andando enquanto falava com a Hachikuji.



Hachikuji não parecia estar vagando por aí porque ela tinha um destino definido, então ela caminhou ao lado da minha bicicleta sem eu precisar dizer algo ou instá-la pelo caminho. Ela realmente não tinha muito que fazer.

Havia outro motivo pelo qual permaneci em movimento, mas outra olhada por cima do meu ombro colocou essa preocupação em repouso por enquanto.

“Para onde você está indo, Araragi-san?”

“Pra casa, por agora.”

“Por agora? Você vai sair de novo mais tarde?”

“Mais ou menos. Se você se recorda, mencionei que tinha uma prova chegando.”

“Sim, ele vai testar a sua habilidade e, portanto, o seu valor, certo?”

“Isso é levar isso longe demais. O propósito da prova é de meramente ver se posso me graduar ou não.”

“Entendo. Então é de ver se você falhará em graduar ou não.”

“.....”

Isso significava a mesma coisa, mas a nuance era um pouco diferente.

Japonês era uma língua traiçoeira.

“Afinal de contas, sua inteligência é anti-favorável, Araragi-san.”

“Agora eu preferiria que você simplesmente me chamasse de desinteligente.”

“Mesmo se fosse verdade, há algumas coisas que você pode dizer e outras coisas que não precisam ser ditas.”

“Então não tem nada que você possa dizer?!”

“Não se preocupe, Araragi-san. As minhas notas também não estão boas, então nós realmente somos iguais.”

“.....”

Uma garota estudante do primário estava me consolando.

Eu era igual a uma garota estudante do primário.

Eu também podia sentir a enganação casual de Mayoi Hachikuji no fato de que ela mudou “desinteligente” para “notas ruins” quando se referindo a si mesma.

“Sinceramente, esse é um problema bem grave. Se eu me sair mal nessa prova, eu poderia ficar numa situação realmente ruim.”

“Você seria expulso?”

“Pode ser uma escola preparatória para a faculdade, mas ela não é louca o suficiente pra expulsar as pessoas por se saírem mal em suas provas. Na verdade, uma escola assim ao menos existe? Isso parece uma piada ruim. De todo jeito, acho que o pior que poderia acontecer é ter que repetir o ano, mas eu ainda preferiria não ter que fazer isso.”

Se eu pudesse evitar isso, evitaria.

Não, eu tinha que evitar isso a todo custo.

“Hm. Então, Araragi-san, esse não seria um bom motivo pra não sair hoje? Você não deveria ficar em casa e estudar?”

“Você diz umas coisas surpreendentemente sérias, Hachikuji.”

“Araragi-san, eu preferiria que você não dissesse coisas tão sérias.”

“Você ficou de boa comigo dizendo que era surpreendente?!”

Ela era uma animadora e tanto.

“Você não precisa se preocupar, no entanto. Na verdade, essa faz uma boa sequência, Hachikuji. É desnecessário dizer, mas eu não tô saindo pra me divertir ou pra ir ao shopping. Estou saindo pra estudar.”

“Hm?” Hachikuji solenemente inclinou sua cabeça para o lado. “Então você está indo para a biblioteca ou para algum lugar para estudar? Hmm... Pessoalmente, sinto que estudar no conforto do seu próprio quarto é muito mais efetivo... Oh, Araragi-san, você está frequentando um cursinho?”

“Acho que é mais um cursinho do que uma biblioteca”, falei. “Você se lembra da Senjougahara? As notas dela ficaram no topo da nossa classe no ano passado, e ela prometeu me ajudar a estudar na casa dela.”

“Senjougahara-san...”

Hachikuji dobrou seus braços e olhou para baixo.

Ela não se esqueceu dela, esqueceu?

Se sim, era mais provável por conta de medo do que achá-la desfavorável.

“O nome completo dela é Hitagi Senjougahara. Ela era a garota de rabo-de-cavalo que tava comigo antes. Ela ajudou...”

“...Oh, aquela tsundere.”

“.....”

Bem, parecia que ela tinha se lembrado dela.

Parecia que aquela palavra de oito letras que começa com um T e termina com um E estava se tornando grandemente usada para descrever seu comportamento, mas eu não tinha tanta certeza de que isso era uma coisa boa. Eu decidi que precisava perguntar a ela sobre isso alguma hora. Como eu responderia a ela ser chamada assim mudaria dependendo da resposta dela.

“Ela era uma pessoa de mente maravilhosamente aberta. Ela me mostrou o caminho enquanto me carregava nos ombros por todo o caminho.”

“Você tá embelezando as suas memórias?!”

Parecia que as memórias da Hachikuji de Senjougahara tinham sido um pouco traumáticas. Bem, dados ambos os problemas delas, isso não é tão surpreendente.

“Hmm”, Hachikuji murmurou com seus braços ainda dobrados. “Mas, se me recordo, você e a Senjougahara-san estavam... Como devo dizer... Umm...”

Hachikuji parecia estar tentando escolher suas palavras cuidadosamente. Eu tinha uma boa ideia do que ela estava tentando dizer, mas a Hachikuji deveria estar hesitante em dizer isso diretamente, então ela estava procurando por uma maneira diferente de dizer isso. Pode não ter sido a ponto de curiosidade, mas eu fiquei um pouco interessado quanto a quantas opções o vocabulário de uma estudante da quinta série daria a ela, então eu meramente a observei sem oferecer nenhuma ajuda.

Finalmente, Hachikuji disse, “Vocês dois entraram em um contrato romântico, não entraram?”

“Essa é uma escolha horrível!”

Como esperado, acabei gritando com ela.



A troca tinha sido perfeita o suficiente para sair direto de um livro didático.

“Hã? Araragi-san, eu falei algo estranho?”

“Mesmo que nenhuma das palavras que você usou tenha sido estranha na superfície, acho que a maioria das pessoas detectaria um tom desagradável de significado à espreita debaixo da superfície.”

“Se você não gosta do termo contrato, Araragi-san, que tal transação. Uma transação romântica.”

“Isso é ainda pior! Só diga isso como uma pessoa normal!”

“Tudo bem, farei como você deseja e direi isso normalmente. Dizer as coisas normalmente é mamão com açúcar para mim. Aqui vai, Araragi-san. Você e a Senjougahara-san entraram em uma relação romântica.”

“Acho que assim fica bem.”

Uma relação romântica?

Esse é um termo razoavelmente antiquado.

É isso que você considera normal?

“Você pode ter dito que vai para lá para estudar, mas essa não é apenas uma desculpa? Talvez você esteja na verdade tendo um encontro romântico secreto?”

“.....”

E mais outra maneira antiquada de falar isso.

Havia algo seriamente estranho no vocabulário dela.

“Ir para a casa da sua amada logo antes de uma prova que decidirá se você terá que repetir um ano parece suicida, Araragi-san.”

“Ela decide se vou conseguir me graduar ou não.”

Ela deve ter pensado que eu era bastante idiota.

Senti pena de mim mesmo.

“E não chame isso de suicida.”

“Então isso parece um suicídio em si.”

Parecia que eu estava sofrendo bullying de uma garota estudante do primário.

Senti pena de mim mesmo.

“Só pra que saiba, você é crescida o bastante pra eu resolver as coisas de uma vez por todas se você me forçar o suficiente.”

“Crescida o bastante? Você quer dizer nos peitos e na bunda? Araragi-san, o que você espera conseguir do corpo de uma garota do ensino primário?”

“Cala a boca. Não distorça as minhas palavras assim.”

Eu golpееi a cabeça da Hachikuji.

Hachikuji me chutou de volta no queixo.

Acabou num empate por conta de machucados.

Nós dois concordamos em não continuar com isso e prevenir mais dor em nossa própria parte.

“De todo jeito, você não precisa se preocupar com isso, Hachikuji. A Senjougahara é muito estrita quanto a esse tipo de coisa.”

“Ela é estrita quanto a estudar? Então ela é uma professora durona? Vindo a pensar nisso, ela parece ser do tipo que odiaria idiotas.”

“Sim, ela disse que os odeia.”

E é por isso que Senjougahara não gostava de crianças.

E isso incluía Hachikuji.

Era possível que ela não gostasse de mim também.

Além disso, enquanto estamos neste assunto, a Senjougahara não era meramente estrita no que se referia a estudar. Mas acho que isso é apenas como os estudantes excelentes são.

“Então ela é que nem o Sargento Carinhoso.”

“Esse é um oficial do exército que parece gentil.”

“Umm, falando na casa da Senjougahara-san, ela não fica perto do parque do outro...?”

“Não, tenho certeza de que a gente mencionou isso alguma hora, mas a Senjougahara se mudou de lá um tempo atrás. Eu tinha ficado na casa dela só um pouco uma vez antes de te encontrar. É uma boa distância. Tô indo pra casa pra trocar de bicicleta antes de sair pra lá. Na verdade, posso tá um pouco mais apressado pelo tempo do que pensei.”

“Se você está com pressa, eu não lhe segurarei.”

“Não, não tô atrasado nem nada assim.”

Além disso, mesmo estando indo para a casa da Senjougahara, eu estava indo lá para estudar, então eu não estava exatamente motivado a chegar lá apressado. Eu não

fazia ideia de quanto abuso verbal a Senjougahara infligia em mim se eu a deixasse saber disso.

Mas, por outro lado...

Hitagi Senjougahara.

A Hachikuji era uma coisa, mas a Senjougahara tinha seu próprio estilo...

“Ei, Hachikuji”, comecei a perguntar.

E então eu ouvi um barulho vindo de trás.

Um barulho.

Especialmente, passos.

Em vez de ouvir uma série de passos vindo em direção a mim num ritmo acelerado, soava mais como uma pessoa que estava dando longos saltos com cada passo.

Eu sequer tive tempo de me virar para verificar.

Ah, certo...

Na verdade, havia outro problema além das provas arruinando a paz e a calma da minha vida ultimamente.

Eu tinha pensado que a despistara.

Passo, passo, passo, passo, passo, passo, passo.

Esses passos se aproximavam cada vez mais.

Como eu disse, não tive tempo de me virar.

Mas, ao mesmo tempo, eu simplesmente não podia me virar.

Passo!

Enquanto eu lentamente e relutantemente contorcia o meu corpo em uma volta, ela saltou.

Ela saltou.

Suruga Kanbaru saltou.

Seu salto longo de corrida a deixou ainda mais longe que somente um metro ou dois. Sua forma ideal e trajetória curvada através do ar pareciam ignorar a lei da gravidade universal. Enquanto ela voava pelo ar, ela passou diretamente pelo lado direito do meu rosto.

E ela aterrissou.

Num instante, seus cabelos desgrehados caíram de volta para pousarem em sua cabeça.

Ela estava vestindo seu uniforme.

Desnecessário dizer, esse seria o uniforme da nossa escola.

O lenço dela era o amarelo do segundo ano.

A propósito, fazer um salto desses em seu uniforme fez sua saia (que já foi encurtada de acordo com seu estilo atual) levantar quase tanto quanto se podia. Contudo, ela estava vestindo polainas que chegavam até seus joelhos, então não ganhei nenhuma alegria desse fato.

Após um pequeno atraso, a saia caiu de volta para sua posição normal.

Eu subitamente senti o cheiro de borracha queimada.

Parecia ser por conta do fundo de seus tênis de aparência muito cara que ela estava calçando causar tanta fricção com o asfalto da rua. Tive que me perguntar quão ridícula sua habilidade atlética era.

E, então, Suruga Kanbaru, a estrela do time de basquete, virou-se.

Ela tinha um pouco de juventude restante, mas sua expressão ostentava um ar valente que era uma visão rara mesmo no terceiro ano. Seus olhos afiados olhavam diretamente para mim.

Ela colocou sua mão para perto de seu peito como se estivesse prestes a fazer um juramento.

E me deu um sorriso gentil.

“Ei, Araragi-senpai. Que coincidência.”

“Nenhuma coincidência poderia ser tão claramente planejada!”

Era óbvio que ela tinha me perseguido.

Quando olhei ao redor, percebi que a Hachikuji tinha desaparecido completamente. Para quão brusca e direta ela era comigo, Mayoi Hachikuji era uma garota surpreendentemente tímida. Ela tinha rapidamente se decidido e escapou pisando com seus pés de maneira extremamente leve. Sério, qualquer um provavelmente fugiria se visse uma garota desconhecida avançando a toda velocidade. (E do ponto de vista dela, provavelmente tinha parecido que a Kanbaru tinha avançado direto para ela).

Que amiga ela é...

Bem, tanto faz.

Eu olhei de volta para Kanbaru completamente absorto em balançar minha cabeça em positivo repetidamente de uma maneira admirada.

“...O quê?”



“Oh, eu só estava me recordando do que você disse, Araragi-senpai. Eu queria gravar isso profundamente dentro do meu coração. ‘Nenhuma coincidência poderia ser tão claramente planejada’... Isso resume a situação tão excelentemente e soa tanto como se tivesse sido pensado na hora quanto como se não tivesse. Acho que é isso que chamam de sagacidade.”

“.....”

“Sim, você está certo”, disse Kanbaru. “A verdade é que eu te persegui, Araragi-senpai.”

“...É, eu percebi.”

“Entendi. Então você percebeu. Como o esperado do Araragi-senpai. Você pode ver através de tudo que uma caloura como eu estaria fazendo. Estou tanto embaraçada quanto envergonhada, mas também bastante impressionada.”

“...”

Era difícil lidar com ela.

Eu não fazia ideia de que tipo de expressão estava no meu rosto naquele ponto, mas não importava qual fosse,

Suruga Kanbaru não a deu nenhuma atenção e apontou um animado sorriso para mim.

Três dias antes, eu tinha ouvido esses passos reverberantes aproximando-se de mim enquanto eu caminhava pelo corredor. Suruga Kanbaru então tinha me chamado como se isso fosse normal. Ela tinha feito isso tão normalmente que eu tinha respondido normalmente sem nem mesmo pensar. Foi apenas depois de responder que percebi que estava falando com a famosa estrela do segundo ano. Mesmo alguém tão de fora das fofocas atuais como eu tinha ouvido sobre ela. Contudo, não havia nenhum ponto em comum entre nós. Eu não podia pensar em nenhuma conexão entre nós, então fiquei bastante surpreso.

Mas o que tinha realmente me surpreendido foi sua personalidade. Era um pouco difícil descrevê-la, mas ela tinha essa personalidade ou caráter estranhos que eu nunca tinha visto em ninguém mais.

Desde então—Então, desde três dias atrás até agora—Suruga Kanbaru esteve me seguindo por aí. Não importava

onde eu estivesse, que hora era ou quantas pessoas estavam por perto, eu ouviria esses passos me perseguindo.

“Os intervalos entre as aulas são uma coisa, Kanbaru, mas você não tem que treinar depois das aulas? Você realmente deveria tá aqui?”

“Oh? Você é alguém afiado, Araragi-senpai. Você não deixa a menor das dúvidas passar sem ser questionada. Você é como o protagonista de um romance detetive. Você faria Philip Marlowe correr de vergonha.”

“Não me elogie tanto por apontar que é esquisito uma jogadora de basquete de nível nacional estar aqui a essa hora do dia.”

Eu não tinha nenhum interesse em ler um romance detetive estrelando um detetive que correria de vergonha por algo assim.

“Essas palavras foram cheias de tamanha autodisciplina, e você não perdeu de vista ter uma atitude modesta como sua segunda maior arma. Eu tenho um hábito ruim de enganar até a mim mesma, então há muito

que devo aprender de você. Ha ha. Desde os tempos ancestrais é dito que você é influenciado pelas pessoas ao seu redor, e eu mesma me sinto evoluindo como um ser humano apenas por estar perto de você, Araragi-senpai. Acho que é isso que significa seguir o exemplo de alguém.”

Kanbaru continuou a sorrir.

Não havia nenhuma intenção maldosa em seu sorriso.

Eu sempre pensei em alguém como a Hanekawa como sendo o exemplo representativo de uma boa pessoa, mas talvez a Kanbaru fosse o que você tomaria se levasse a ideia de uma “boa pessoa” ao seu extremo.

Para resumir, ela era pior que a Hanekawa.

Ela era mais incômoda do que aquela representante de classe.

“Com a minha mão do jeito que está, não posso praticar”, disse Kanbaru, enquanto apontava para sua mão esquerda.

Sua mão esquerda tinha uma bandagem branca enrolada ao seu redor. Tudo desde as pontas dos seus cinco dedos até seu pulso estava enrolado sem nenhuma

lacuna. As mangas longas do uniforme dela o cobriam, então eu não podia ver, mas aparentemente a bandagem chegava até o seu cotovelo. Pouco antes da Kanbaru ter me chamado pela primeira vez, eu tinha ouvido um rumor de que ela tinha a torcido de maneira estranha ou algo assim enquanto fazia algum treino independente.

Ainda assim, rumores eram apenas rumores.

Eu tinha ficado com um pé atrás nisso. Afinal de contas, fora difícil acreditar que alguém com tamanha habilidade atlética e flexibilidade sofreria uma torção ao treinar. Contudo, ao ver a bandagem de verdade, decidi que isso pode ter sido verdade. Às vezes um escrivão escreveria errado, às vezes um kappa seria varrido, e às vezes um macaco cairia da árvore.

“Já que não posso jogar, eu só atrapalharia se estivesse no ginásio, então estou escolhendo não participar do treino por enquanto.”

“Mas você não é a capitã? E mesmo que não seja, a moral do time não vai cair sem você lá?”

“Não posso acreditar que você pensaria que o meu time é tão dependente de uma única pessoa, Araragi-senpai. Meu time não é tão fraco para perder seu ânimo só porque não estou lá”, disse Kanbaru, com um tom de voz forte. “O basquete é um esporte duro. É demais para a força de uma única pessoa. Admitirei que eu me destaco por conta do papel que tenho com minha posição, mas eu devo apontar que eu somente me destaco porque a força de todos me suporta. Como tal, todo o louvor dado a mim deveria ser dividido entre todos do time.”

“...Sim, imagino que sim.”

Era esse o tipo de pessoa que ela era.

Você pode chamá-la de boa ou virtuosa ou qualquer palavra que achar melhor.

Pelo que eu tinha ouvido, essa não foi a primeira vez que a Kanbaru tinha sido extremamente sensível a insultos direcionados às suas colegas de time (mesmo que essa não tivesse sido a intenção do comentário). Quando ela estava no primeiro ano, um veterano tinha dito algo rude numa entrevista para um jornal e ela tinha revirado a

mesa desse veterano... Ou assim diziam os rumores. (A propósito, na verdade, esse rumor em si era falso, mas algo parecido supostamente tinha acontecido).

“Ha ha”, Kanbaru riu. “Entendi, Araragi-senpai. Você tava me testando para ver que tipo de capitã eu sou, não tava?”

“.....”

Qual é a desse olhar triunfante?

Por favor, não me olhe desse jeito.

“Sinceramente, Araragi-senpai, se as suas palavras fossem escritas para o benefício das futuras gerações, elas teriam que ser escritas todas em negrito para capturá-las apropriadamente. O peso de cada uma das suas palavras é muito maior do que as de qualquer outra pessoa. Dizer que a persuasão vem de quem diz em vez do que é dito normalmente tem um significado negativo, mas teria um positivo se fosse usado em referência a você. Você não precisa se preocupar. Eu não tenho nenhuma intenção de faltar com os meus deveres como capitã. Não sou tão pretensiosa a ponto de ser tão negligente. Querendo ou

não, eu estou bem ciente de que sou a estrela do time. Eu saí depois de instruir todo mundo no que eles iriam treinar. Na verdade, sem mim, elas podem ficar muito mais à vontade enquanto treinam. Como dizem, quando os gatos saem, os ratos fazem a festa.”

“Os gatos, hm?... Bem, é um alívio ouvir isso.”

“Pode ser um esporte, mas nós ainda somos primariamente estudantes. E nossa escola é uma preparatória para a faculdade. Os clubes e times têm primariamente o objetivo de criar boas memórias durante seus anos de adolescência, então o melhor para elas é serem amigáveis, despreocupadas e abertas. Você realmente é uma pessoa considerativa para não só se preocupar com os problemas de alguém não relacionado a você como eu, mas também com as minhas colegas de time. Estou realmente grata pela sua preocupação caridosa. Você tem um coração tão grande. Não posso acreditar que você iria tão longe a ponto de fazer o papel do insultador odiado pelo bem do time de basquete. Essa é realmente uma coisa gentil de se fazer para sua caloura.



Eu nunca encontrei alguém tão gentil quanto você, Araragi-senpai.”

“E eu nunca encontrei alguém que nem você...”

Eu tinha quase certeza de que uma personagem que involuntariamente fazia tais elogios insultantes nunca existiu antes.

“Entendo. É uma honra e tanto você me dizer isso, Araragi-senpai. Ha ha. Um elogio vindo de alguém tão gracioso como você é tão inspirador. Eu sinto uma coragem que eu sabia não ter antes brotando de dentro de mim. Sinto que poderia fazer qualquer coisa agora. Se eu me sentir pra baixo por conta de alguma coisa, farei questão de vir falar com você. Tenho certeza de que ter o prazer de falar contigo me dará a motivação para fazer qualquer coisa.”

O sorriso da Kanbaru nunca desaparecia.

Seu sorriso quase a fazia parecer indefesa, mas o núcleo forte que eu podia sentir por detrás dele mostrava que não era assim. Aquele sorriso se originava da confiança absoluta que ela tinha em si mesma.

Ela era de um mundo completamente diferente do meu.

Ela era um tipo de pessoa completamente diferente do meu.

Aquilo por si só era imediatamente evidente. Mesmo não envolvendo a personalidade, uma estrela esportiva como a Kanbaru era de um mundo completamente diferente do de Koyomi Araragi. Eu estava bem ciente de que ela era um tipo de pessoa diferente de mim, mas restava uma questão. Por que Suruga Kanbaru tinha me chamado?

E ela tinha feito mais do que isso.

Ela tinha repetidamente me chamado.

Por que ela tinha continuado a me chamar?

Eu tinha quase certeza de que não era pelo que a Kanbaru tinha dito. Não tinha como ela falar comigo porque estava se sentindo para baixo por causa de algo e precisava de motivação. Eu não possuía esse tipo de poder sobrenatural. Se eu tivesse, estaria o usando em mim mesmo. Procedi em perguntar à Kanbaru a mesma

pergunta que eu tinha a feito inúmeras vezes durante os três últimos dias.

“Kanbaru, o que você quer hoje?”

“Oh, certo...”

Enquanto antes ela tinha me respondido tão prontamente e sem nenhum atraso, dessa vez Kanbaru hesitou. Mas, após um instante, o sorriso voltou ao seu rosto, e ela falou:

“Você leu a seção internacional do jornal esta manhã? Eu quero ouvir a sua opinião sobre o futuro da situação política na Rússia.”

“Você escolheu eventos atuais como assunto?!”

E sua escolha de eventos atuais foi horrível.

O meu conhecimento de política japonesa não era tão bom, e ela estava me pedindo para cruzar o oceano até a Rússia.

“Ah, você preferiria falar sobre a Índia, Araragi-senpai? Infelizmente, eu sou uma pessoa que sai muito e de mentalidade muito esportiva, então o meu conhecimento do campo TI é relativamente limitado. Os problemas com

os quais a Rússia está lidando agora parecem muito mais realistas para mim.”

“...Eu não li o jornal esta manhã.”

Usei uma desculpa que duvidei poder enganar alguém. Na verdade, eu tinha o lido, mas não atentamente o suficiente para ter uma discussão adequada sobre isso.

“Entendo”, disse Kanbaru, em resposta, estreitando seus olhos levemente. “Imagino que não seja tão surpreendente que alguém ocupado como você não teria tempo de ler o jornal de manhã. E mesmo assim, eu disse algo tão insensitivo como isso. Desculpe-me. Estou pensando que podemos adiar essa discussão para amanhã. Tudo bem para você, Araragi-senpai?”

“Claro...”

“Você tem um coração tão grande. Não pensei que você me perdoaria tão prontamente. Você certamente deve ter pensado que eu era uma pessoa horrível para dizer algo tão raso e, mesmo assim, você respondeu tão generosamente sem dar voz a esses pensamentos. Acho que é isso que chamam de ter uma mente aberta e um coração largo. Eu

acabei de passar a gostar de você ainda mais do que gostava antes, Araragi-senpai.”

“Entendo. Obrigado...”

“Por favor, não preciso ser agradecida por isso. Eu só estava dizendo meus sentimentos sinceros.”

“.....”

Outra coisa sobre ela é que na verdade ela era bastante inteligente.

Realmente não parecia justo que algumas pessoas eram tanto boas nos esportes quanto inteligentes. Não que a Hanekawa ou a Senjougahara fossem particularmente *não-atléticas*, mas elas não eram nada comparadas àquela caloura. A Senjougahara tinha sido a estrela do time de atletismo no fundamental, mas a grande lacuna durante seus anos do ensino médio tinha certamente surtido um efeito. Especialmente se você considerasse o que ela tinha passado por conta de suas circunstâncias especiais.

De qualquer jeito, eu obviamente não pensava que a Kanbaru realmente queria ter um debate sobre a situação

política na Rússia. Aquilo claramente servia para algum fim.

Eu tinha tentando perguntar a ela o que ela queria inúmeras vezes, mas ela nunca tinha me dado uma resposta adequada.

Ela tinha que ter algum outro motivo.

O problema era que eu não podia nem adivinhar qual poderia ser ele.

Por que ela tinha começado a me seguir por aí tão subitamente assim? Que ponto em comum havia entre Kanbaru, a estrela da escola, e eu, um terceiranista fracassado nos estudos?

Eu não podia pensar em nada.

“A propósito, Araragi-senpai, alguma coisa estranha aconteceu hoje?”

“Hã? Na verdade, não. Tem sido um dia normal.”

Exceto por você.

Não, na verdade, eu já fiquei acostumado a você.

“Só sinto que tô prestes a ficar com dor de cabeça com essa prova que vem.”

“A prova, hm? Provas me dão dor de cabeça também. Elas são especialmente ruins para pessoas que têm times ou atividades de clube. Por uma semana de antecedência, a escola bane quaisquer treinos, então treino independente é a nossa única opção.”

“Entendo.”

Eu tinha dificuldade em entender por que você começaria um treino independente durante o tempo em que foi lhe dado uma pausa, mas eu não fazia parte do mundo dos esportes.

“Mas, pra você pessoalmente, na verdade isso é uma boa coisa, certo? Sua mão esquerda torcida pode se curar nesse período.”

“Hm? Ah... Sim. Isso mesmo.” O olhar da Kanbaru desceu até sua mão esquerda. “Aí vai você novamente, Araragi-senpai. Você vê o mundo de uma maneira diferente. É como se você sempre pensasse em como deixar as outras pessoas felizes. É um pensamento positivo tão maravilhoso.”

“Meu pensamento positivo não seria nada comparado ao seu mesmo que eu me esforçasse para melhorá-lo por 100 anos.”

Como exatamente você teria que criar uma criança para que ela se tornasse assim?

Ela era estranha demais.

“Bem, pode ser banal, mas estudar é o papel primário de um estudante. Mesmo que seja um saco, ainda temos que dar duro nas nossas provas.”

“É algo bom você não ter machucado sua mão direita.”

“Não, na verdade eu sou canhota,” disse Kanbaru. “Na maioria das situações cotidianas, ser canhota é inconveniente, mas no mundo dos esportes, geralmente isso te dá uma vantagem. Graças a isso, é um atributo valioso.”

“É mesmo?”

“Sim. Isso é verdade para quase todo esporte em que as pessoas são colocadas em competição direta. No Japão moderno, a maioria das pessoas naturalmente nascidas canhotas tem isso corrigido enquanto crescem, então



cerca de apenas um de cada 10 atletas é canhoto. Araragisenpai, que efeito você acha que essa probabilidade tem no jogo de basquete? O basquete é jogado com cinco contra cinco, então a probabilidade é de que somente uma pessoa na quadra seja canhota. Nesse caso, essa pessoa sou eu. Esse é um dos motivos pelo qual me tornei uma estrela.”

“Entendo...”

Eu meio que entendi, mas, ao mesmo tempo, não.

“Mesmo que isso fosse por conta do meu próprio descuido, uma vez que algo assim acontece, o lado puramente inconveniente disso fica bastante pior.”

“Canhota, hm? Bem, eu não jogo nenhum esporte, então não sei muito sobre isso, mas só a ideia de ser canhoto parece bem legal para mim.”

Dei minha opinião sincera.

Eu posso ter sido um pouco tendencioso, mas as ações das pessoas canhotas pareciam mais inteligentes que as das pessoas normais.

“Então vejo que você é canhoto também, Araragisenpai. Ha ha. Eu pude notar imediatamente porque você

usa seu relógio no seu braço direito. Pessoas canhotas são boas em perceber outros canhotos.”

“.....”

Era somente uma coincidência que eu estava usando meu relógio no meu pulso direito, mas eu não consegui dizer a ela. Daquele momento em diante, eu decidi que tinha que escrever e segurar pauzinhos com a minha mão esquerda sempre que estivesse próximo a ela. Posso ter dito que pensava que suas ações pareciam mais inteligentes, mas eu não tinha nenhuma intenção de corrigir o meu próprio comportamento até eu mesmo ser um.

“A sua prova não vai ser difícil? Você não pode pegar a porção de japonês com a sua mão dominante assim, pode?”

“Com esse tipo de prova, nós não temos que escrever uma redação para alguma das matérias, e a minha escrita ficar um pouco mais bagunçada que o normal não será muito problema. Tenho certeza de que os professores levaram tudo isso em consideração. Sinto muito por mencionar algo que fez você se preocupar

desnecessariamente, Araragi-senpai. Você realmente se preocupa com a sua caloura, né? Se você tem tempo livre para se preocupar comigo, você deve estar bastante preparado para essa prova.”

“Não, na verdade eu não tô tão preparado assim.”

Eu realmente não estava.

Eu não estava me preocupando com a minha caloura porque estava preparado. Na verdade, eu estava tudo, menos preparado.

“Na verdade, eu tô prestes a sair para um grupo de estudo.”

“Um grupo de estudo?”

Kanbaru parecia confusa.

Aparentemente, o termo grupo de estudo não era uma explicação suficiente para ela.

“É que... Bem, pra simplificar, minhas notas até agora têm sido bem ruins e a minha frequência foi lamentável no primeiro e segundo ano...”

Por que eu tenho que explicar isso?

E ainda mais para uma caloura... Mesmo que ela seja uma estrela.

“Então essa prova é a minha única chance de verdade de restaurar minha posição.”

E no fim, eu usei palavras ainda mais pretensiosas.

Era um excelente exemplo de como eu era patético.

“Hm, entendo”, Kanbaru balançou a cabeça em positiva. “Eu sou do tipo que não se preocupa muito em estudar para as provas, então eu não entendo realmente. Mas, bem, acho que os meus colegas de classe às vezes se reúnem na casa de alguém antes de uma prova.”

“Sim. É algo assim.”

“Entendo. Então você está prestes a sair para a casa de um amigo. Mas...” Kanbaru hesitou por um momento. “Estudar não é que nem esportes. Reunir as habilidades de todo mundo junto não irá necessariamente ajudar...”

“Não se preocupe. Posso ter chamado de grupo de estudo, mas é só eu e outra pessoa e na verdade será somente eu recebendo ajuda com os meus estudos. Acho que você poderia dizer que tô sendo lecionado. Eu tô

recebendo ajuda de uma colega de classe com notas realmente, realmente boas.”

“Hmm... Oh”, disse Kanbaru, como se ela tivesse acabado de perceber algo. “Então é a Senjougahara-senpai.”

“...Hm? Você a conhece?”

“Você disse que era alguém na sua classe com boas notas, então quem mais poderia ser? Eu ouvi rumores sobre ela.”

“Hmm. Bem, sim. É ela.”

Acho que ela é bastante conhecida também.

Não é tão estranho que uma caloura saberia da Senjougahara.

Hm?

Mas a pessoa mais conhecida por boas notas em nossa classe não seria a Hanekawa? Ela não entregou a posição mais alta do nosso ano para ninguém. E mesmo que você pensasse na Senjougahara primeiro, você não diria “quem mais poderia ser”. Além disso, o termo “grupo de estudo” normalmente é usado para se referir a grupos do mesmo

sexo, então você não pensaria primeiro no nome de um cara em vez de o de uma garota? Por que ela imediatamente pensou na Senjougahara?

“Bem, eu não deveria lhe segurar, então. Vou indo por hoje.”

“Claro.”

Suruga Kanbaru fez questão de acrescentar o “por hoje” enquanto anunciava sua intenção de sair.

Ela baixou seus quadris e esticou suas pernas.

Ela estava se aquecendo.

Após ter certeza de esticar seu tendão de Aquiles apropriadamente...

“Boa sorte, Araragi-senpai.”

Num instante, Kanbaru desapareceu da maneira em que tinha vindo, deixando para trás apenas o som de seus passos. Ela não era meramente uma boa corredora ou rápida com os pés; ela alcançou sua velocidade máxima de maneira anormalmente rápida. Se você cronometrasse sua velocidade em 100 ou 200 metros, provavelmente não teria um recorde excepcional, mas ela provavelmente se

sairia muito bem contra alguém regular do time de atletismo numa distância muito curta como a de 10 ou 20 metros. Suruga Kanbaru parecia bastante especializada para o esporte do basquete, em que se tinha que se mover para frente e para trás numa quadra limitada. Logo vi, ela tinha completamente desaparecido da minha visão. Seus movimentos rápidos tinham feito sua curta saia se levantar de novo e de novo, mas ela estava vestindo uma polaina longa que era normalmente visível se estendendo para abaixo de sua saia, então não valia a pena se focar nisso.

Ela realmente deveria vestir um agasalho quando correr. Desse jeito, ela não daria esperança às pessoas em vão.

De todo jeito, senti que um grande peso tinha sido colocado sobre os meus ombros.

Tinha acabado relativamente rápido hoje, mas eu ainda não fazia ideia de por que ela estava me seguindo por aí. Isso não me deixou num humor muito animado, pois significava que a situação poderia possivelmente

continuar indefinidamente. Dito isso, não era como se algum mal de verdade estivesse sendo feito e senti que poderia simplesmente ignorar isso, mas lidar com alguém como ela era exaustivo para alguém como eu. Na verdade, duvido que alguém pudesse falar com Suruga Kanbaru sem se esgotar. A única pessoa possível na qual eu poderia pensar era...

Bem...

Era a Senjougahara.

“Rararagi-san.”

“Isso certamente pareceu mais perto de estar correto do que da última vez, Hachikuji, mas não cante o meu nome como se a gente tivesse num musical. O meu nome é Araragi.”

“Desculpe, mordi minha língua.”

“Não, isso foi de propósito.”

“Eu mowdi minha línwgua.”

“Não foi de propósito?!”

“Eu vislumbrei.” [I]

“O meu verdadeiro talento?!”



Em algum momento, Hachikuji tinha reaparecido ao meu lado.

Ela deve ter retornado após ver Kanbaru partir. Com a Hachikuji, eu não podia ter certeza, mas era possível que ela tivesse retornado tão rapidamente porque se sentiu um pouco culpada por ter saído e me deixado sozinho. Nesse caso, na verdade ela deve ter intencionalmente errado o meu nome dessa vez para encobrir sua vergonha.

“Quem era aquela?”

“Você não notou?”

“Hmm, deduzindo do fato de que ela lhe chamou de ‘Araragi-senpai’, suponho que ela deva ser sua caloura.”

“...Uma excelente dedução.”

Kanbaru provavelmente compararia a Hachikuji com Marlowe ou algum outro detetive antigo e a elogiaria feito uma louca, mas eu não podia. Considerei fazer isso por um instante, mas algo dentro de mim não permitiria isso.

“Eu só estava escutando, mas parecia que a conversa dela não tinha nenhum assunto de verdade. Mesmo no

final, não pude compreender qual o tema da conversa era. Ela correu atrás de você só para bater um papo?”

“Esse é o problema, Hachikuji. Eu realmente não sei.”

“Você não sabe? Essa opinião pinta uma pintura em aquarela.”

“As minhas opiniões tão no clube de arte?”

Ela deve ter querido dizer que faltava vivacidade nelas.

Eu decidi ser sincero com a Hachikuji.

“Na verdade, ela tá me perseguindo.”

“Perseguido? Você quer dizer a coisa que as garotas vestem na parte inferior de seus corpos?”

“Isso seria uma meia-calça.” [2]

“Oh.”

“A palavra perseguição não funciona pra você? O que quero dizer é que ela é uma stalker.”

“Stalker? Você quer dizer a coisa que as garotas vestem na parte inferior de seus corpos?”

“Você tá se referindo a uma saia?[3] Por que você acha que sou tão fascinado com coisas que as garotas vestem na parte inferior dos corpos delas?”

Enquanto estávamos nisso, tentei pensar num termo que a Hachikuji poderia confundir com “polaina”, mas o meu vocabulário era pobre demais para vir com algo. Eu desisti e levei a conversa adiante.

“Eu não sei por que, mas ela teve evidentemente me seguindo por aí nesses últimos três dias. Parece que toda vez que eu me viro, ela me chama. E é sempre ela que faz isso. Eu nunca a chamei, nenhuma vez. E toda vez, é exatamente como você disse. As conversas não têm nenhum ponto principal. Ela sempre só bate um papo comigo, e eu sinceramente não consigo saber o que ela quer.”

Ela devia ter algum motivo.

Mas eu não conseguia encontrar nenhuma pista para qual poderia ser.

Ela provavelmente estava o escondendo de mim.

O único lugar usado tanto pelos do terceiro ano quanto pelos do segundo ano era a área de esportes exteriores, então nós quase nunca nos esbarraríamos um com o outro por acaso. Isso significava que a Kanbaru tinha que sair do

seu caminho para me procurar durante os curtos intervalos entre as aulas.

Eu sabia disso tudo, mas isso era tudo que eu sabia.

“Hmm. Mas não tem uma resposta óbvia para isso? Não é possível que ela simplesmente tem uma queda por você, Araragi-san?”

“Hã?”

“Se bem me lembro, ela mencionou algo sobre gostar de você.”

“Pensando nisso, ela disse mesmo. Mas eu seriamente duvido disso. Foi uma figura de linguagem; ela não queria dizer isso. Não sou o protagonista de um galge, então não vou simplesmente ficar popular de repente um dia.” [4]

“Isso é verdade. Se você fosse o protagonista de um galge, isso faria de mim uma das garotas-alvo, e isso simplesmente não irá acontecer.”

“.....”

Essa garota estudante do primário sabe o que é um galge?

Não que eu tenha jogado um alguma vez.

“Mas se eu fosse, eu definitivamente seria uma das personagens mais difíceis.”

“Não, eu acho que na verdade você seria bem fácil...”

Se você conseguisse passar pela timidez dela, todo o resto cairia no lugar pouco a pouco. Se houvesse seis heroínas, ela parecia ser do tipo que seria completada em quarto lugar.

Bem, dado o problema com a idade dela, ela podia de fato ser uma das mais difíceis.

“Kanbaru não é desse tipo de... Espera, teve um rumo dela ter romances intensos. Mas tem quase literalmente zero coisas em comum entre a gente. Diferente deles... Diferente da Kanbaru e parecidos, eu sou um ninguém completo.”

Pensando nisso, ela já sabia do meu nome e em que classe eu estou quando me chamou pela primeira vez.

Por que ela sabe disso?

Alguém contou a ela?

“Ela viu você acolhendo um gato abandonado?”

“Eu nunca acolhi um.”

Na verdade, eu nunca nem tinha visto um.

Além disso, que tipo de gato simplesmente sentaria numa caixa de papelão dizendo “por favor, me acolha”?

Quanto tempo levaria para que você treinasse um para fazer isso?

“Então ela viu você recolhendo restos?”

“Você acabou de tratar gatos e restos como se eles fossem a mesma coisa, não foi?”

“Isso sim foi uma figura de linguagem. Por favor, não deturpe minhas palavras intencionalmente. Você realmente é uma pessoa doente para gostar de colocar palavras na boca de uma garotinha desamparada.”

“Você devia se desculpar com os gatos. Eles podem ser bem assustadores.”

“Não foi esse o meu ponto, Araragi-san. Aparentemente, amor à primeira vista de fato existe. E aparentemente, as relações entre as pessoas são decididas baseadas nas primeiras impressões de uma da outra. Isso não poderia explicar o porquê dessa garota estar lhe seguindo por aí?”

Hachikuji parecia estar se divertindo e não conseguia parar de rir.

Nesse sentido, ela realmente era uma estudante do primário.

“Tem que ser isso. A garota em mim está me dizendo que é definitivamente isso. O que você fará, Araragi-san? Parece que atualmente ela está apenas testando as coisas, mas ela poderia confessar seu amor para você no futuro próximo. O que você fará? O que você fará?”

“Escuta aqui. Não gosto muito de como algumas pessoas insistem em explicar tudo com sentimentos românticos. Sabe, aquele poder do amor que você vê em filmes estrangeiros antigos. Se tudo pudesse ser resolvido assim, a vida seria muito mais fácil. Não pode ser isso. Acho que é muito mais provável que ela simplesmente tenha algum motivo secundário. Além disso,” falei. “Eu já desbloqueei a rota da personagem mais difícil de todas.”

[I] “Eu vislumbrei” = “kaimamita”, “mordi minha língua” = “kamimamita”.

[2] “Perseguindo” = “sutōkingu”, “meia-calça” = “suttokingu”.

[3] “Stalker” = “sutoka”, “saia” = “sukato”.

[4] Galge é um tipo de jogo japonês focado em interações com personagens femininas atraentes com características típicas de mangás e anime.



“Eu tenho a sensação de que algo desagradável foi dito sobre mim”, disse Hitagi Senjougahara, subitamente.

Realmente tinha sido súbito e sem contexto, então meu lápis parou de se mover pelo caderno no qual eu estava escrevendo.

Contudo, parecia que ela tinha falado isso para si mesma, porque Senjougahara logo mudou de assunto.

“A qualquer custo, ensinar alguém a estudar é bastante difícil”, disse ela.

No final, Hachikuji tinha caminhado comigo até de volta para minha casa enquanto conversávamos sobre a Kanbaru e outras coisas. Foi aí que nós nos separamos. Hachikuji sempre estava vagando por aí em algum lugar, então eu tinha certeza de que me esbarraria com ela novamente mais cedo ou mais tarde. Deixei minha mochila, troquei de roupas, enchi uma bolsa de viagem com livros didáticos, cadernos e livros de referência,

troquei para minha mountain bike e saí para a casa de Senjougahara. As minhas irmãs já tinham voltado para casa, então eu tinha esperado ser minuciosamente interrogado sobre para onde estava indo, mas eu tive sorte e consegui escapar despercebido.

Como eu tinha mencionado para Hachikuji, a casa de Senjougahara ficava a uma boa distância. Eu normalmente não iria de bicicleta por essa distância tão grande, mas pegar o ônibus acabaria aumentando a quantidade que teria de andar, então decidi que ir de bicicleta seria o meio mais rápido. Tive que tirar minhas próprias conclusões porque, mesmo que fosse minha segunda vez indo até a casa dela, era a primeira vez que eu estava indo direto para lá direto da minha casa.

Os Apartamentos Tamikura, um edifício de apartamentos de dois andares.

Apartamento 201.

Uma sala pequena e uma pia pequena.

Dois estudantes do ensino médio de tamanhos padrões sentaram-se de frente um ao outro com uma mesa de chá

entre eles e ferramentas para estudo espalhadas à direita e à esquerda. Isso era tudo que se precisava para se preencher a sala. A família Senjougahara era somente um pai e uma filha, Senjougahara era uma filha única, e seu pai trabalhava até tarde da noite, então nós estávamos sozinhos, claro.

Koyomi Araragi estava sozinho com Hitagi Senjougahara.

Dois adolescentes saudáveis estavam sozinhos numa pequena sala.

Um garoto e uma garota.

E eles estavam namorando oficialmente.

Eles eram namorado e namorada.

E mesmo assim...

“...Por que eu tô estudando?”

“Hm? Por que você é um idiota, certo?”

“Você não tem que dizer isso assim!”

Ela estava certa, é claro.

Mas eu ainda desejava que algo acontecesse.

Nós tínhamos começado a namorar naquele dia de 14 de maio, no Dia das Mães em que eu tinha conhecido Mayoi Hachikuji, mas nada sequer levemente sexual tinha acontecido nas duas semanas desde então.

.....

Espera, nós sequer fomos num encontro?

Pensando nisso, não fomos.

Nós nos encontramos de manhã na escola, nós conversamos entre as aulas, nós comemos lanches juntos, e nós caminhamos juntos após as aulas até que tivemos que nos separar para irmos para nossas respectivas casas. Aqueles com algum conhecimento mundano provavelmente pensariam que isso se parece mais com o que amigos fazem, não amantes.

Não era como se eu desejasse imensamente que algum tipo de situação sexual ocorresse, mas eu ainda sentia que poderíamos agir um pouco mais como amantes.

“Eu nunca, nenhuma vez, tive que me esforçar nas atividades conhecidas como ‘estudar’, então não tenho ideia do que lhe deixa tão perturbado ou com o que você

está tendo dificuldades, Araragi-kun. Eu não entendo o que você não entende.”

“Entendo...”

Ela tinha um modo de dizer coisas que me deprimiam.

Tive que me perguntar simplesmente quão grande era a lacuna entre nossas habilidades acadêmicas. Certamente parecia um cânion de profundidade inconcebível.

“Uma teoria que tive foi a de que você está apenas fingindo não entender a fim de receber tratamento especial.”

“Isso seria sacrificar demais pra receber atenção..., mas, Senjougahara, você não era tão inteligente desde o momento em que nasceu, certo? Com certeza você deve ter se esforçado bastante pra manter suas notas tão altas na classe.”

“Você acha que as pessoas que se esforçam tanto assim estão cientes disso?”

“...É mesmo?”

“Oh, mas não se engane. Eu sinto muito por pessoas como você, que não só meramente não recebem nada em

troca de seu esforço, mas que nem sabem como realizar esse esforço.”

“Não sinta muito por mim!”

“Eu sinto desespero por você.”

“Ghh! Tem alguma regra dizendo que você tem que mudar isso pra algo pior se eu fizer um comentário? Agora eu nem posso suplicar por piedade descuidadamente!”

Que tipo de jogo é esse?

“Enquanto não existe nenhuma planta específica conhecida como uma erva daninha, existe um animal específico conhecido como animal daninho.”

“Não, não existe!”

“Enquanto não existe nenhuma planta específica conhecida como uma erva daninha, existem pessoas específicas conhecidas como animais daninhos.”

“Se elas são conhecidas como isso, alguém tem que chamar elas disso!”

“Se eu obtiver sucesso em lhe passar nas provas, Araragi-kun, sinto que terei dado um passo adiante como

um ser humano. Quando eu penso nisso dessa maneira, consigo arranjar alguma motivação.”

“Não pense nas minhas notas como um teste pra si mesma. Além disso, acho que a área em que você precisa dar um passo adiante como um ser humano tá em outro lugar.”

“Quieto. Eu estrangulei você até a morte.”

“No tempo passado?! Eu já tô morto?!”

Pode ter sido um erro pedi-la para me ajudar nos estudos.

Pode ter sido melhor apenas pedir a Hanekawa.

Contudo...

Como Hachikuji tinha apontado, algo de fato poderia acontecer se eu ficasse sozinho com Senjougahara, e eu não podia negar que minha decisão tinha envolvido um pouco de motivo ulterior vergonhoso a esse fim.

Eu levantei meu olhar do meu caderno para Senjougahara.

Sua expressão estava composta como sempre.

Ela raramente alguma vez mudava.

Mesmo agora que estávamos namorando, ela não me mostrou nenhum tipo de expressão especial que ela não deixava ninguém mais ver. Nesse sentido, ela realmente pode não ter sido uma tsundere.

Sua atitude não tinha mudado nem um pouco também.

Hmm...

É possível que eu meramente estivesse esperando demais, como sempre. Eu tinha uma vaga ideia de que se tornar namorado e namorada levaria a ter algum tipo de conversas especiais, mas acabou que essa mudança de relacionamento não lhe dá nada mais para conversar sobre do que antes. As conversas doces dos amantes podem não ter sido mais do que uma tola ilusão.

“.....”

Com tudo que Senjouhara tinha passado e a situação na qual ela tinha estado, outro problema era seu senso de castidade e virtude. Não só isso, mas ela provavelmente estava satisfeita com o estado atual da relação.

Ela tinha dito que não queria uma relação assumida.



Já que ela tinha dito isso, deve ter sido verdade.

Mas...

Mesmo assim...

Eu duvidava que a própria Senjougahara não sentisse nada sobre a situação em que estávamos. Além disso, minha visita anterior aos Apartamentos Tamikura tinha terminado muito mais sexual do que essa. Certamente ela não era tão ignorante do mundo para não pensar em nada ao convidar seu namorado para vir enquanto seu pai estava fora de casa. Quando eu pensava nisso dessa maneira, as roupas que Senjougahara vestia enquanto se sentava do lado oposto ao meu à mesa de chá mostrava, de alguma forma, que ela tinha se esforçado em escolhê-las. Contudo, sua saia era estranhamente longa para isso. Ela não estava vestindo meia-calça, então as pernas dela estavam nuas, mas a saia longa escondia de vista a maior parte dessas pernas nuas. Parecia que ela estava cautelosa com a situação mais do que qualquer coisa.

Aff...

Como o homem, eu deveria ser mais assertivo nas minhas investidas? Mas eu nunca saí com uma garota antes, então não sei como fazer isso.

“Qual é o problema, Araragi-kun? Você parou de escrever.”

“Nada, eu só tava pensando sobre como o nível de dificuldade tá alto.”

“De um problema como esse? Podemos estar encrencados.”

Senjougahara meramente parecia estupefata e não demonstrou nenhum sinal de tentar entender o que eu estava sentindo. Seus olhos eram os de alguém acostumado a olhar os outros por cima.

“Acho que isso é o bastante”, disse ela, desanimada.

“Hm? Pera um pouco. Por que você tá deixando a sua lapiseira de lado e se sentando aí tão desleixadamente? Senjougahara, não me diga que desistir de mim é uma das opções que você vê pra si!”

“Ela existe”, disse ela, resolutamente. “Está em 6:4... Não, talvez 7:3.”

“Não importando em que lado o 7 tá e em que lado o 3 tá, essa é uma proporção bem realística...”

Eu me sentiria melhor se ela tivesse dito 9:1.

Mas, sério. De que lado está o 7?

“Estou muito dividida. Sequer tentar preservaria meu orgulho mais do que se eu tentasse e falhasse.”

“Por favor, não me abandone.”

Parecia que ir até a Hanekawa para receber ajuda era a minha única opção.

Mas por algum motivo ou outro, eu não queria fazer isso.

Eu simplesmente não podia suportar ser ensinado por aquela representante de classe que destemidamente via assuntos acadêmicos como algo que qualquer um poderia aprender se tentasse.

“Se você insistir, suponho que não abandonarei você.”

“Isso seria de enorme ajuda.”

“Não pense nada disso. Não barro ninguém de vir até mim e não permito que ninguém escape.”

“Essa é uma maneira assustadora de pensar!”

“Não se preocupe. Se iremos fazer isso, terei certeza de te fazer trabalhar até a morte.”

“Você não precisa me fazer trabalhar até a morte! Só dar o meu máximo deve ser o bastante! Quanto você planeja me forçar a fazer?!”

“Mas, Araragi-kun, você consegue fazer matemática, não consegue?”

“Hm? Bem, sim.”

Como ela sabe disso?

Antes que eu pudesse falar minha pergunta, Senjougahara disse, “Eu ouvi isso da Hanekawa-san.”

Realmente, Hanekawa saberia das minhas notas melhor do que ninguém.

“Pera. A Hanekawa não parece ser do tipo que conta as pessoas sobre as notas dos outros.”

“Oh, minhas palavras passaram a impressão errada? Quis dizer que, noutro dia, enquanto secretamente escutava, ouvi você e Hanekawa-san discutindo isso.”

“...Você tá certa. Eu tive a impressão errada.”

Em vez de ouvir-se dizer, era uma bisbilhotada.

“É mesmo?” disse Senjougahara, como se ela realmente não ligasse.

Ela era uma garota bastante problemática.

“Posso fazer matemática porque ela não requer memorização. As fórmulas e equações também são ótimas. Elas são tipo os seus ataques especiais, sabe? Tipo o Raio Specium ou o Kamehameha ou algo assim. Queria que todas as outras matérias tivessem ataques especiais do tipo.”

“Se coisas assim existissem, ninguém teria nenhum problema. Contudo, se ignorarmos os métodos de estudo para matérias individuais e pensar somente em como estudar para a prova em si, existem certos métodos infalíveis mesmo que não haja nenhum ataque especial.” Senjougahara pegou a lapiseira que ela tinha deixado ao seu lado. “O que estou prestes a citar é um pouco como uma aposta, e é possível que o pagamento possa soar tentador, mas ele não deve se tornar um hábito. Por esse motivo, eu hesito em recomendá-lo, mas precisamos de um método improvisado, e isso parece ser a nossa única

opção restante. Essencialmente, nós apenas temos que assegurar de que você não falhará, Araragi-kun, então vamos fazer a borda ser metade da média...”

Ela rapidamente escreveu dois números em seu caderno.

Um era a média esperada, e o outro era metade disso. Quando era colocado assim, certamente parecia-se com uma pontuação alcançável, mas você tinha que pensar nisso como uma pontuação perfeita.

“Nas matérias que dependem mais de memorização, os professores têm que ter alguns problemas que eles absolutamente devem colocar na prova. É importante se focar nesses. Em vez de ter um foco largo de tudo, você precisa focar seus esforços em uma área menor. Você não irá querer acabar se frustrando com problemas que não pode resolver a ponto de ignorar os problemas que você pode. Araragi-kun, você entende o que estou dizendo?”

“...Sim, eu acho.”

Gente inteligente definitivamente tem um modo diferente de pensar sobre as provas. Eu nunca tinha

pensado sobre o que os professores pensariam ao fazer as provas. Bem, eu posso ter pensado nisso no ensino fundamental, quando eu ainda estava ganhando boas notas, mas isso faz tanto tempo que eu não tinha certeza.

Eu não sentia falta dos meus anos do ensino fundamental.

“Tudo bem, vamos começar com uma matéria fácil, como história mundial.”

“História mundial é fácil...?”

“É. Você só tem que memorizar todos os termos importantes.”

“.....”

“Como eu disse, não espero tanto de você dessa vez, Araragi-kun. Se você me deixar lhe preparar, deve ser capaz de passar nessa prova, então o que você pensa sobre o seu futuro?”

“Meu futuro?”

“O que você fará depois do ensino médio?” disse Senjougahara, enquanto apontava sua lapiseira para mim.

“Não sei. Essa é uma pergunta meio súbita.”

“Você é um estudante do terceiro ano do ensino médio no final de maio. Com certeza deve ter pensado em algo. Antes, você disse que ficaria satisfeito contanto que se formasse. Isso significa que você pretende começar a trabalhar quando se formar? Você tem um plano específico? Você tem conexões com um lugar de trabalho?”

“Hmm...”

“Ou você pretende começar como um freeter? [1] Ou talvez um NEET? [2] Eu desgosto desses termos porque eles parecem simplificar demais o problema, mas claro que desejo dar prioridade a suas intenções e visões, Araragikun. Oh, suponho que também existe a opção de ir a uma escola técnica.”

“Você é a minha mãe...?”

Ela estava ficando obcecada por um bocado de coisas triviais.

Não havia como eu poder dar uma resposta enquanto ela me banhava com tantas perguntas. E ela tinha que saber que minhas mãos estavam mais do que cheias com a prova iminente.



“Sua mãe? Não seja ridículo. Eu sou sua namorada.”

“.....”

Essa maneira brusca de falar.

De certo modo, era mais um ataque especial do que abuso verbal.

Pelo menos era quando ela usava isso em mim.

“Acho que você tá certa. Eu preciso decidir os meus planos antes de tudo. A propósito, o que você vai fazer, Senjouhara?”

“Eu provavelmente posso ganhar uma recomendação.”

“...É mesmo?”

“O termo ‘provavelmente’ foi modesto demais?”

“Pra você, sim.”

“De qualquer forma, eu irei para a faculdade.”

“Faculdade, hein?”

Ela disse isso como se fosse óbvio.

Mas, novamente, provavelmente era para ela.

Eu provavelmente nunca saberia, mas eu tinha que me perguntar como era ser inteligente.

“Por conta de problemas de despesas, os caminhos abertos para mim são limitados. Seria um pouco auto-insultante dizer ‘felizmente’, mas o fato é que não há nada em específico que eu deseje fazer, então posso combinar com para onde eu vou para trabalhar.”

“Tenho certeza de que você não vai mudar não importa aonde vá.”

“Verdade”, disse Senjougahara. “Mas, se possível, eu gostaria de seguir pelo mesmo caminho que você, Araragi-kun.”

“Sim, mas isso...”

Eu estava contente por ouvir isso, claro, mas era mais ou menos fisicamente impossível.

“Sim”, concordou Senjougahara. “Ignorância pode ser um crime, mas ser estúpido não é. Em vez disso, ser estúpido é uma punição. Se você tivesse sido tão virtuoso quanto eu na sua vida passada, isso não estaria acontecendo com você, Araragi-kun. Eu sinto pena de você. Eu estou vividamente me sentindo assim como a formiga deve ter se sentido enquanto assistia o gafanhoto

congelar no frio do inverno. Você é alguma coisa para me fazer se sentir como um inseto.”

“.....”

Tenha paciência.

Protestar agora só abrirá o ferimento ainda mais.

“As coisas seriam tão mais fáceis se você simplesmente morresse. O cadáver do gafanhoto proveria à formiga tanta nutrição valiosa.”

“Da próxima vez, vou te ver no tribunal!”

Minha paciência não suportou.

Eu não era uma pessoa muito paciente.

“Mas, Senjougahara, mesmo que a gente faça coisas diferentes depois da graduação, a gente não vai necessariamente caminhar por caminhos separados, certo?”

“Sim, isso é verdade. Mas e se eu mudar de ideia enquanto vivo meus dias de faculdade de encontros em grupo?”

“Que, você realmente tá planejando fazer jus à vida no campus?!”

“O que faremos? Nós moraremos juntos após nos graduarmos?” disse ela, subitamente. “Se fizéssemos isso, nosso tempo juntos na verdade iria aumentar mesmo que estivéssemos fazendo coisas separadas.”

“Isso... Não é tão ruim, eu acho.”

“Não é tão ruim? O que quer dizer com isso?”

“...Eu quero fazer isso. Por favor, me deixe.”

“Oh, entendo”, disse ela, e naturalmente baixou seus olhos para o livro didático.

Ela tinha dito isso como se não fosse nada e com tamanho timing que poderia ter sido levado como uma piada, mas mesmo alguém não perceptivo como eu tinha percebido que ela não era do tipo que fazia piadas numa hora dessas.

Era isso que Hitagi Senjougahara era.

Ela realmente tinha planejado tudo.

Ou talvez fosse melhor levar isso como ela tendo seriamente pensado em mim. Normalmente, um casal do ensino médio não pensaria tanto sobre o futuro de sua relação.

O que realmente significa sair juntos?

É apenas uma promessa verbal. Não existe nenhuma garantia.

Eu suspirei.

Eu nunca tinha saído com uma garota antes. Não só eu não sabia como tomar a iniciativa, mas eu não tinha ideia de como eu deveria reagir a essa situação.

Na verdade, eu sequer podia tentar adivinhar.

Se eu pelo menos tivesse jogado alguns galges.

Isso pelo menos me daria algo para se referir.

Mas, diferente de um jogo, as rotas não tinham fim na vida real.

“Com certeza você está suspirando bastante, Araragikun. Você sabia que cada vez que suspira, deixa um pedaço de felicidade escapar?”

“Então eu já devo ter deixado mil pedaços de felicidade escapar...”

“Não tenho nenhum interesse no quanto de felicidade você deixou escapar, mas eu preferiria que você não suspirasse na minha frente. Isso me deixa doente.”

“Você diz umas coisas horríveis.”

“E com doente, quero dizer doente de amor.”

“...Hm, agora essa é uma difícil de responder.”

Ela parecia um pouco feliz.

Ela deve ter armado isso como uma armadilha.

“A propósito, Araragi-kun”, disse Senjougahara. “Sabia que eu nunca terminei com um homem?”

“.....”

Esse sim era um exemplo de como suavizar o que você está dizendo.

À primeira vista, fazia soar que ela era uma garota muito popular, mas, na verdade, o que ela estava anunciando era que tinha zero de experiência com homens.

“Então”, continuou ela. “Não tenho nenhuma intenção de terminar com você.”

Sua expressão composta não mudou. Nem uma única sobrancelha se moveu. Isso fazia você pensar que ela não tinha nenhum sentimento ou algo parecido. Contudo, ela tinha que ter sentido algo quanto a isso.

Durou dois anos.

Desde aquele tempo entre o ensino fundamental e o médio que não era bem Férias de Primavera em que ela não tinha sido nem uma estudante do fundamental, nem do médio, Hitagi Senjougahara tinha sido incapaz de fazer qualquer contato com outras pessoas. Não era surpreendente se ela tivesse se esquecido de como fazer contato com outros nesse tempo. Se ela tivesse se tornado mais negativa que a maioria e mais reservada que o necessário, isso seria o esperado. Era como lidar com um gato abandonado extremamente cauteloso. Bem, se alguém fosse um gato, seria a Hanekawa.

Nenhum de nós dois sabia como tomar a iniciativa.

“...Ei, Senjougahara.”

“O quê?”

“Você ainda carrega aquele grampeador e coisas assim com você?”

“Vindo a pensar nisso, ultimamente, não.”

“Entendo.”

“Que descuido de mim.”

“Descuidado, hein?”

Mas isso ainda era um passo na direção certa.

Você não podia chamá-la de tsundere exatamente por uma mudança tão pequena, mas se era essa a personalidade dela...

Hm?

Falando na Senjougahara de dois anos atrás...

“Você era a estrela do atletismo no ensino fundamental, certo?”

“Sim.”

“Você vai voltar a fazer isso?”

“Não. Não tenho motivo para isso”. Ela respondeu rápido o bastante para ser chamado de instantâneo. “Eu não tenho nenhuma intenção de retornar ao que eu era antes.”

“Hmm...”

Pelo que eu tinha ouvido, no ensino fundamental, Senjougahara tinha sido a estrela do atletismo, assim como sociável, gentil com todos, esforçada e nem um pouco pretensiosa. Ela tinha sido uma estudante ativa que



havia dado tudo de si. Nada disso era algo além de rumores, mas no que se refere a rumores, eles eram razoavelmente confiáveis.

Logo antes do ensino médio, isso mudara.

Essa mudança tinha durado por dois anos.

E então, o que tinha mudado retornou ao normal.

Mesmo que ela mesma não tivesse nenhuma intenção de retornar a como as coisas eram, a mudança havia sido corrigida.

“Eu não vejo nenhuma necessidade para retornar e, mais importantemente, retornar agora não faria nenhum bem. Eu ganhei muito mais que devo suportar. Sem mencionar que nós já estamos em nosso terceiro ano. Por que você pergunta, Araragi-kun?”

“Ah, eu só tava curioso com como você era antes, quando jogava esportes... Bem, com tanto tempo não jogando, realmente é provável que não valha a pena voltar.”

Assim como o termo “gato” me fez pensar em Tsubasa Hanekawa, o termo “esportes” me fez pensar em Suruga

Kanbaru, então aquela caloura aparecera no olho da minha mente enquanto perguntava.

Ela realmente estava tentando se manter positiva, mas ela realmente poderia ser chamada de positiva se ela se recusava a encarar seu passado?

Senjougahara, na verdade...

“Não se preocupe. Mesmo que eu não jogue esportes, eu pretendo manter esta figura.”

“...Não foi por isso que eu perguntei.”

“Mas, Araragi-kun, você foi atraído por mim por esse corpo altamente elástico e egoísta que nunca terminou com um homem, não foi?”

“Não faça parecer que eu só esteja atrás do seu corpo!”

Além disso... Corpo egoísta?

Com certeza você pode vir com um jeito melhor de dizer isso.

“Entendo. Então você não está atrás do meu corpo”, disse Senjougahara, como se ela estivesse se fazendo de boba.

“Então você pode esperar um pouco para essa parte, não pode?”

Era isso que ela queria dizer?

Se sim, ela tinha tomado um jeito horivelmente desviado e indireto de dizer isso. Isso era muito de seu feitio.

Um senso de castidade.

Eu duvidava que isso fosse tudo que houvesse nisso, mas... “Oh, certo. Araragi-kun, você não é do tipo de pessoa descarada que diz coisas ignorantes como ‘eu comi pelo valor do meu dinheiro’ ou ‘seria um desperdício se eu não comesse mais’ durante um bufê apesar do fato de você pagar a mesma quantidade não importa o quanto peça, é?”

“.....”

Eu não tinha ideia de que tipo de insinuação ela estava tentando fazer ser entendida, mas eu sabia que sua intenção tinha de ser de colocar alguma restrição em mim.

Ela era reservada em suas relações.

Contudo, ela levava sua relação comigo com muita seriedade. Nesse caso, eu estava disposto a seguir com isso.

Eu ainda não fazia ideia do que significava sair juntos, mas uma vez que você estivesse, tinha que se firmar com o outro em tudo.

“...Oh, certo.”

Eu subitamente tive um pensamento. Eu decidi perguntar a Senjougahara sobre Suruga Kanbaru. O motivo pelo qual eu ainda não tinha mencionado esse problema para ela não era por que eu queria preocupá-la. Em vez disso, tinha sido porque eu não considerei isso digno de nota e não queria irritá-la. Contudo, na chance pequena de que a força motriz de Suruga Kanbaru fosse exatamente a que aquela garota estudante do primário tinha interpretado, senti que seria injusto não contar à minha (suposta) namorada.

Kanbaru tinha apenas aparecido no olho de minha mente e havia uma outra coisa que me incomodava nisso.

“Ei, Senjougahara.”

“O quê?”

“Você conhece Suruga Kanbaru?”

“.....”

Em resposta, eu apenas recebi silêncio.

Ou melhor, eu não recebi nada.

Falando de injusto, a maneira que eu tinha perguntado isso tinha sido bastante injusta. Afinal de contas, Suruga Kanbaru era uma estrela conhecida pela escola, então todos saberiam quem era ela. Eu não tinha certeza se ainda tinha acontecido, mas os rumores de que Kanbaru estava me perseguindo estariam circulando pela escola pelo início da próxima semana, no mínimo. Isso não era realmente um problema, porque eu podia simplesmente tratá-los como falsos. A qualquer custo, era por isso que a minha pergunta naturalmente continha um significado diferente. Em vez de esclarecer isso, eu suportei o silêncio.

“Hmm”, disse Senjougahara. “Suruga Kanbaru. Esse é um nome que me traz lembranças.”

“...Entendo.”

Como eu tinha pensado, elas eram velhas amigas.

Era por isso que Kanbaru tinha pensado primeiro na Senjougahara em vez da melhor do ano, Hanekawa, quando eu mencionei o grupo de estudo. Sem falar das

leves nuances de significado que eu podia ocasionalmente vislumbrar nas palavras de Kanbaru. O motivo pelo qual eu nunca tinha pensado na possibilidade que Hachikuji tinha mencionado era que as dicas de uma possibilidade diferente tinham sido bem evidentes. Ou seja, a possibilidade de que Kanbaru estivesse atrás de alguém além de mim.

“É por isso que você perguntou sobre quando eu estava no ensino fundamental? Ela era a minha caloura naquela época.”

“Ela ainda é. Vocês vão à mesma escola. Ah, espera. Você quer dizer que a Kanbaru estava no time de atletismo no ensino fundamental?”

“Não, ela esteve no time de basquete desde o ensino fundamental... Kanbaru? Essa certamente é uma maneira familiar de se referir a ela.”

Em um instante, o olhar nos olhos de Senjougahara se transformou em algo ameaçador. Aqueles olhos que normalmente não tinham nenhuma emoção subitamente emitiram uma perigosa luz. Antes que eu pudesse dar

quaisquer palavras de explicação, o topo da lapiseira em sua mão direita moveu-se precisamente em direção ao meu olho esquerdo com uma tremenda velocidade. Imediatamente, eu reflexivamente tentei me esquivar, mas, ao mesmo tempo, enquanto ela tinha movido sua mão direita, ela tinha levado um joelho para cima da mesa de chá, espalhando os cadernos dispostos acima dela no processo, e agarrou a parte de trás de minha cabeça com sua mão esquerda para evitar que eu me movesse.

O fim da lapiseira parou não somente um pouco longe do meu globo ocular, mas tão ridiculamente perto que eu nem podia piscar. Ela fez isso tão bem que a mão atrás na minha cabeça parecia tanto garantir a estabilidade de sua própria mão quanto garantir que eu não fizesse nenhum movimento desnecessário.

... S-Hitagi Senjougahara.

Mesmo sem o grampeador, você não mudou nem um pouco!

“O que tem aquela garota, Araragi-kun?”

Espera, espera!

Desde quando ela ficou tão ciumenta?!

Esse nível de ciúmes apenas parece uma piada! Além disso, eu não me referi a ela com tanta familiaridade, me referi? O que tem de errado em se referir a uma caloura sem nenhum honorífico? Se simplesmente conhecer outra garota sem o conhecimento dela recebe este tipo de tratamento, o que ela faria se eu realmente a traísse?

Enquanto o que eu estava atualmente passando era ruim, pelo menos era um alívio descobrir isso tão cedo assim. Eu estava realmente grato por ter descoberto esse aspecto de Senjougahara enquanto eu realmente tinha uma desculpa legítima.

“Araragi-kun, seus ferimentos se curam muito rápido, não é? Então o que acontece se um globo ocular inteiro for destruído?”

“Pare, pare! Um globo ocular seria muito ruim! Eu não fiz nada de errado, eu não me sinto familiar com ela nem um pouco, e não há ninguém para mim além de você!”

“É mesmo? Isso é um alívio.”



Ela gentilmente retraiu a lapiseira. Após girá-la duas vezes em sua mão, ela a dispôs na mesa de chá e colocou os cadernos e livros didáticos de volta em ordem. Eu a observava enquanto tentava controlar meu coração acelerado.

“Eu posso ter me deixado levar um pouco. Eu te assustei, Araragi-kun?”

“...Um dia, você definitivamente vai matar alguém.”

“Quando isso acontecer, me certificarei de que seja você. Eu quero que o meu primeiro seja você. Eu não escolherei ninguém além de você. Eu prometo.”

“Não diga alto tão assustador como se fosse uma coisa boa! Eu posso te amar, mas não tô disposto a deixar você me matar!”

“Ser morto por aquele que te ama o bastante para lhe matar parece a melhor morte possível para mim.”

“Eu não quero esse tipo de amor distorcido!”

“Você não quer? Que pena. Estou chocada. E eu pensei em você, de todas as pessoas...”

“Pra você ficaria tudo bem em me matar?”

“...Hm? Hm, sim, eu acho.”

“Que tipo de resposta vaga é essa?!”

“Ah... Sim... Acho que isso é uma coisa ruim.”

“Você ainda tá sendo vaga?!”

“O que há de errado nisso? Se eu lhe matar, significa que serei a pessoa mais próxima de você quando você der seu último suspiro. Isso não é romântico?”

“Não. Eu preferiria ser morto por qualquer outra pessoa. Tenho a sensação de que, não importa como alguém mais me mataria, ainda seria melhor do que ser morto por você.”

“Não posso concordar com isso. Se alguém mais lhe matar, Araragi-kun, eu matarei esse assassino. Eu mantenho minhas promessas.”

“.....”

O amor dela já era bastante distorcido.

Isso me deu um bom senso do quanto ela me amava, no entanto...

“De qualquer modo, sobre a Kanbaru.”

Com o tópico muito mais perigoso terminado, Senjougahara naturalmente retornou ao assunto anterior.

“Nós podemos ter ficado em times diferentes, mas como estrelas de nossos respectivos times, nós ainda passamos bastante tempo juntas, apesar de estarmos em anos diferentes. Além disso...”

“Além disso?”

“Bem, após todo esse tempo, dificilmente, isto é, digno de nota, mas mesmo fora dos esportes, eu dei a ela bastante trabalho. Ou melhor, eu a fiz me ajudar bastante. Mas, Araragi-kun”, disse ela, voltando sua atenção de volta para mim. “Primeiro de tudo, gostaria de saber por que você a mencionou aqui. Se você não fez nada de errado, então certamente pode dar uma explicação apropriada.”

“C-Claro.”

“Claro, mesmo que você tenha feito algo de errado, requisitarei uma explicação apropriada.”

“.....”

Já que ela poderia realmente me matar se eu tentasse esconder algo, eu contei a Senjougahara tudo sobre como

Suruga Kanbaru tinha estado me perseguindo pelos últimos três dias. Eu contei a ela que ouvia aqueles passos ritmados por detrás, tinha uma conversa tremendamente sem sentido e que então Kanbaru me deixaria sem demonstrar nenhum tipo de propósito em se aproximar de mim. Eu contei a ela que Kanbaru certamente tinha algum tipo de objetivo, mas que eu não tinha ideia do qual ele poderia ser.

Enquanto eu dava minha explicação, tive um pensamento. Kanbaru deve ter propositalmente me abordado enquanto Senjougahara não estivesse por perto. Quando eu tinha estado com a Hachikuji tinha sido uma exceção. Normalmente, ela apenas me abordava quando eu estava sozinho. Noutras palavras, não era nenhuma coincidência que Senjougahara não estivesse ciente da perseguição de Kanbaru.

E eu tive outro pensamento.

Senjougahara tinha dito que eu me referi a Kanbaru familiarmente, mas a maneira que ela tinha falado sobre sua época no ensino fundamental tinha parecido muito

mais familiar. Mas isso pode não ter sido nada. Assim como ela não mostrava nenhuma emoção em seu rosto, Senjougahara não mostrava nenhuma emoção em sua voz. Não importa o que ela falasse, ela dizia numa voz estável e equilibrada. Quando eu pensei no quanto de pura vontade isso levava, um calafrio percorreu minha espinha.

“Entendo”, disse Senjougahara, após ouvir minha explicação geral. Como de costume, sua expressão não mudou, e sua voz era monótona. “Araragi-kun.”

“O quê?”

“O que é inundado em cima e queima em baixo?”

“...?”

Por que a charada assim do nada?

Eu não fazia ideia do por que Senjougahara tinha subitamente se tornado uma personagem que conta charadas, mas eu respondi, de qualquer maneira. Felizmente, eu sabia a resposta para aquela charada.

“Um aquecedor de banheira, certo?”

“Não, incorreto”, disse Senjougahara, na mesma voz monótona.

“A resposta é a casa de Suruga Kanbaru.”

“O que você tá planejando fazer com a casa da estrela da escola?!”

Você me assusta!

Eu posso ver a raiva nos seus olhos!

“Bem, chega de piadas.”

“Você não deveria fazer piadas com esse tipo de coisa. Eu realmente pude ver você fazendo algo assim.”

“Você pôde? Bem, farei como diz e me certificarei de falar apenas as minhas piadas.”

“Esse seria o jeito normal de fazer isso...”

“Kanbaru descobriu o meu segredo um ano antes de você, Araragi-kun”, disse Senjougahara. Ela disse isso normalmente como se não importasse de verdade, mas ao mesmo tempo soava sombria, de alguma forma. “Quando eu entrei no segundo ano foi quando Kanbaru entrou no Colegial Naoetsu pela primeira vez. Dada a locação da escola, eu esperara que alguns dos novos calouros me conhecessem, e eu tinha reunido meus próprios meios

para lidar com isso. Contudo, eu baixei minha guarda um pouco com a Kanbaru.”

“Hmm.”

Hitagi Senjougahara.

Seu segredo.

Eu tinha descoberto esse segredo quando ela tinha escorregado nas escadas e eu tinha a pego. Tinha sido uma completa coincidência. Mas isso também significava que aquele era um segredo que poderia ser revelado por conta de uma pequena coincidência como essa. Senjougahara tinha previamente me contado que eu não era o primeiro a descobrir seu segredo. Kanbaru deve ter sido um desses.

Dada a personalidade da Kanbaru...

“Ela... Kanbaru tentou te ajudar, não foi?”

“Sim, ela tentou. Eu recusei, claro”, disse Senjougahara, friamente. Era como se ela pensasse que isso fosse a sintaxe óbvia, como se ela pensasse que essa fosse a maneira apropriada de se falar japonês. “Eu usei um método similar ao de quando eu lidei com você, Araragi-kun. Você se grudou a mim, independente disso, mas ela

nunca retornou. Imagino que isso mostre os limites da relação que possuíamos.”

“...Ela não retornou.”

Aquilo tinha acontecido um ano antes.

Senjougahara tinha provavelmente a recusado completamente. Como Kanbaru conhecia a pessoa que Senjougahara costumava ser, do seu tempo no ensino fundamental como a estrela do atletismo, Senjougahara tinha certamente a rejeitado com uma severidade que era similar e, ainda assim, diferente do meu caso. Do contrário, alguém como Kanbaru nunca teria recuado tão facilmente. No dia oito de maio, quando eu tinha descoberto seu segredo, Senjougahara dissera que a única pessoa na escola que atualmente sabia de seu segredo era Harukami-sensei, da enfermaria da escola.

Que atualmente sabia.

Noutras palavras, Suruga Kanbaru tinha no passado descoberto o segredo da Senjougahara e se tornado uma de suas pobres vítimas... Não, sacrifícios que foram forçadamente feitos para serem esquecidos por



Senjougahara. Mas a Kanbaru realmente se esquecera da Senjougahara?

“...Ela era a sua amiga, não era?”

“No ensino fundamental, sim. Não mais, no entanto. Nós somos completas estranhas.”

“Mas você não tá na mesma situação em que estive um ano atrás. O seu segredo foi...”

“Não falei a você, Araragi-kun?” disse ela, me cortando. “Eu não tenho nenhuma intenção de retornar ao que era naquela época.”

“.....”

“Esse é o modo de vida que eu escolhi.”

“Entendo...”

Se era esse o modo de vida que ela tinha escolhido para si mesma, não era meu direito intervir... Essa era a minha opinião, em teoria. Além disso, eu sabia que Senjougahara não era egoísta o suficiente para dizer que queria consertar as coisas com a pessoa que ela tinha tão rudemente rejeitado agora que o problema tinha sido resolvido.

“Tudo bem, eu entendo a sua relação com a Kanbaru agora, mas isso não explica de verdade por que ela tá me seguindo por aí.”

“Ela provavelmente descobriu que você e eu estamos namorando, Araragi-kun. Nós começamos a namorar duas semanas atrás, e ela começou a te perseguir três dias atrás, então o timing se encaixa perfeitamente.”

“O quê? Então ela quer saber que tipo de cara seu namorado é e tá me investigando?”

“Mais ou menos. Que garota problemática. Eu não tenho nenhuma explicação de verdade, mas parece que é minha responsabilidade por não consertar as coisas com ela de uma vez por todas.”

“Consertar as coisas...?”

Eu não gostei da maneira que ela disse isso.

Era decididamente desconcertante.

“Não se preocupe. Eu tomarei a responsabilidade e...”

“Você não tem que fazer isso! Você não tem que fazer isso! Não faço ideia do que você vai fazer! Eu posso cuidar de algo assim sozinho!”

“Não precisa se segurar. Não seja tão insosso.”

“Eu preferiria ser insosso a ter que lavar sangue das minhas roupas...”

Hmm...

Uma coisa ainda não se encaixa.

“Você bruscamente rejeitou a Kanbaru no primeiro ano, certo? E ela nunca retornou, certo? Por que ela ficaria tão interessada no seu namorado depois de todo esse tempo?”

“Se esse fosse um caso padrão de ouvir que sua velha amiga tem um namorado, você estaria certo. Contudo, este caso é diferente, Araragi-kun. Você fez o que Kanbaru não conseguiu, então isso não é tão surpreendente. Kanbaru vê o que você fez como o que ela foi incapaz de fazer.”

“Ah... Então é isso.”

Quando ela descobrira o segredo de Hitagi Senjougahara, ela fora rejeitada. Ela fora brutalmente e impiedosamente rejeitada. Como seu namorado, era apenas natural que Kanbaru assumisse que eu também

soubesse do segredo da Senjougahara. Já que ela me via como aquele que era capaz de ficar com a Senjougahara enquanto conhecia seu segredo, Kanbaru definitivamente ficaria interessada.

Contudo, eu duvidava de que Kanbaru tivesse notado que o segredo em si fora resolvido. Se ela tivesse, ela provavelmente teria entrado em contato com Senjougahara diretamente, em vez de vir até mim.

“Pode não ser certo eu dizer isto, mas Kanbaru me admirava”, disse Senjougahara enquanto ela olhava para o lado. “Eu percebi que estava nessa posição, e eu fiz esse papel para ela porque queria, então realmente não se podia evitar. É assim que eu vejo isso, de qualquer maneira. É por isso que me certifiquei de alertá-la sobre causar quaisquer problemas no futuro quando a rejeitei, mas parece que ela não me esqueceu, afinal.”

“Não faça ela parecer um incômodo. Ela não tá fazendo nada disso de má vontade. Sem mencionar que ser esquecido por alguém é bem depre...”

“Ela é um incômodo”, disse Senjougahara, decisivamente. Ela não hesitara nem um pouco. “Não tem nada a ver se está sendo feito de má vontade ou não.”

“Não fale disso assim. Se a Kanbaru te admirava e se ela ainda se preocupa com você... Bem, pode ser um pouco estranho resolver as coisas depois daquilo, mas ainda é uma possibilidade, certo?”

“Não, não é. Tudo isso aconteceu um ano atrás, nós éramos amigas apenas no ensino fundamental, e de fato seria estranho voltarmos. Eu não te contei que não tenho nenhuma intenção de retornar ao que eu era naquela época? Ou você está sugerindo que eu vá até ela e me desculpe por fazê-la esperar por tanto tempo? Nada poderia ser mais estúpido.”

Para mostrar que ela estava acabada com o assunto, Senjougahara então mudou de assunto como se ele tivesse subitamente entrado em sua cabeça. Sua habilidade nessa área estava brilhante como sempre.

“Oh, certo. A propósito, Araragi-kun, você planeja ver o Oshino-san alguma hora em breve?”

“Oshino? Hm, acho que sim...”

Enquanto eu não tinha nenhum motivo para ver o Oshino, eu tinha que parar naquele cursinho antes de tudo para Shinobu sugar o meu sangue. Era sexta-feira, então decidi reservar algum tempo durante o fim de semana.

“Entendo. Então...”

Senjougahara silenciosamente se levantou, pegou um envelope da cômoda e retornou. Ela segurava o envelope para mim. Tinha uma marca postal nele.

“Você poderia dar isto ao Oshino-san?”

“O que é... Ohh.”

Eu descobri a resposta antes de terminar minha pergunta.

Meme Oshino.

Era a taxa pelo trabalho que aquele homem de camisa havaiana tinha feito.

Era requisitada uma compensação pela remoção da calamidade que recaíra sobre Senjougahara e permanecera como seu segredo por tanto tempo.

Se me recordo, eram cem mil ienes.

Eu chequei o conteúdo e de fato ele continha dez notas de dez mil ienes. As dez notas frescas provavelmente tinham sido recentemente retiradas do banco.

“Hehh... Você conseguiu isso mais rápido do que eu esperava. Especialmente porque você disse que iria levar algum tempo, dada a sua situação. Eu pensei que você não tivesse trabalhando?”

“Eu trabalhei”, disse Senjougahara, indiferentemente. “Eu ajudei com o trabalho do meu pai somente um pouco. Mais precisamente, eu o fiz me ajudar, mas esse é o dinheiro que eu fiz lá.”

“Hmm.”

O pai de Senjougahara trabalhava como uma companhia de investimento estrangeiro, mas essa ainda provavelmente era a opção mais simples. Com sua personalidade, Senjougahara não podia trabalhar num trabalho de meio-período facilmente. Sem mencionar que nossa escola os proibia.

“Pessoalmente, eu senti que era trapaça fazer meu pai me ajudar, então não gostei de fazer isso, mas eu queria

pagá-lo de volta o mais breve possível. Eu fui criada em uma família cheia de dívidas, se você se recorda. Houve um pouco extra, então você pode usar isso para comprar almoço para você na escola, Araragi-kun. A comida da nossa escola é de alta qualidade e tem um preço razoável, então você pode pedir qualquer coisa que quiser.”

“...Obrigado.”

Almoço escolar, hm?

Um almoço de dia da semana na escola.

Ela realmente não tem nenhuma intenção de sair num encontro comigo alguma hora, tem?

“Mas não seria melhor se você mesma fosse e entregasse isso ao Oshino?”

“Não. Eu não gosto do Oshino-san.”

“Entendo...”

Isso é realmente algo a se dizer sobre o homem que te salvou?

Não era que ela não sentisse nenhuma gratidão quanto ao oshino, e isso realmente mostrava seu verdadeiro valor.

Não era que eu fosse tão afeiçoado ao Oshino também.



“Se possível, eu preferiria nunca mais vê-lo novamente. Eu nunca mais quero lidar com alguém que pode ver através das pessoas como ele.”

“É, vocês dois não são tão compatíveis. A atitude frívola e zombeteira dele simplesmente não se encaixa com a sua personalidade.”

Enquanto eu falava, coloquei o envelope ao lado da almofada na qual eu estava sentado. Eu bati levemente no topo do envelope e balancei minha cabeça para Senjougahara.

“Saqueei, saqueei. Não vou dizer mais nada. Vou só levar isso por você. Vou tomar a responsabilidade e levar isso ao Oshino da próxima vez que eu o ver.”

“Muito obrigada.”

“Sem problemas.”

E então eu tive um pensamento.

Compatibilidade.

Atitude.

Personalidade.

Suruga Kanbaru, aquela caloura com sua nova, revolucionária e difícil de explicar personalidade, talvez fosse algo como o oposto da personagem de Senjougahara. Se você levasse em conta sua compatibilidade, atitude, personalidade e todo o resto...

No ensino fundamental, Senjougahara tinha sido a estrela do time de atletismo.

Não somente isso, as pessoas a admiravam. Certamente, Kanbaru não tinha sido a única a admirá-la com respeito em seus olhos. Ela tinha feito o papel de alguém nessa posição. Ela tinha feito o papel que era o completo oposto de sua atual eu cuspidora de abuso verbal.

Abuso verbal e palavras doces.

Insultos e elogios.

Opostos.

Dois lados da mesma moeda.

Noutras palavras...

“Tudo bem, Araragi-kun”, disse Senjougahara, com aqueles olhos sem emoção. “Vamos continuar a estudar.

Você conhece as palavras famosas de Thomas Edison? Gênio é um por cento inspiração e noventa e nove por cento perspiração. Um excelente adágio adequado a um gênio. Mas eu tenho certeza de que Edison sentia que aquele um por cento era a parte mais importante. Afinal de contas, dizem que a diferença entre o DNA dos humanos e o dos macacos é dessa quantidade.”

[1] “Freeter” é uma expressão japonesa usada para denominar pessoas que só trabalham fazendo bicos ou trabalhos de meio-período.

[2] “NEET” é acrônimo de “Not currently in Education, Employment or Training”, que significa “Atualmente sem Educação, Emprego ou Treinamento” e é usado para denominar pessoas que não trabalham, nem estudam.

Para Senjougahara, foram dois anos. Para mim, foram duas semanas.

Para Hanekawa, foi durante a Golden Week.

Para Hachikuji... Bem, não tenho certeza sobre ela.

Se você está se perguntando sobre o que estou falando, é a duração de tempo em que passamos em contato com um monstro. A duração de tempo em que tivemos uma experiência estranha. A duração de tempo em que tivemos uma experiência terrível que muito certamente não era normal.

Leve eu, Koyomi Araragi, como exemplo.

Isso me envergonha o bastante para me fazer querer rastejar para dentro de um buraco e me esconder, mas eu fui atacado por um tipo antigo de vampiro durante esta sociedade civilizada do século 21. Eu senti um medo de gelar o sangue e pânico, e a tradicional e lendária Vampiro sugou todo o sangue do meu corpo.

Eu fui sugado até secar.

E eu me tornei um vampiro.

Eu temia o sol, odiava cruzes, evitava alho e detestava água benta. Em troca disso, eu recebi uma força física dezenas, centenas, milhares ou até mesmo dezenas de milhares de vezes maior que a de um humano normal. E em troca disso, eu senti uma fome absoluta por sangue humano. Eu me tornei um desses andarilhos noturnos frequentemente vistos em mangás, animes e filmes. Eu realmente senti que um vampiro tão irrealista era algo injusto. Os vampiros populares nestes dias caminham calmamente durante o dia, vestem cruzes como acessórios, comem gyoza e bebem água benta. Apenas as habilidades físicas permanecem.

Mesmo assim, a necessidade de sugar sangue humano permanece nos vampiros mesmo na cultura moderna popular.

Um demônio sugador de sangue. Um vampiro.

No final, eu fora salvo daquele Inferno por um homem de meia-idade que passava por ali. Ele não era um caçador

de vampiros, ele não era parte de alguma força especial cristã, e ele não era um vampiro que matou sua própria espécie. Meme Oshino meramente era um homem vestido de camisa havaiana desleixado que tinha passado por ali. Contudo, isso não mudou o fato de que aquelas duas semanas realmente tinham ocorrido.

Um demônio.

Um gato.

Um caranguejo.

Um caracol.

Havia uma coisa diferente entre mim e as outras três que eu tinha que manter em mente. A diferença era maior quando se tratava de Hitagi Senjougahara. Não era a diferença na duração de tempo.

Era o quanto nós havíamos perdido.

Ela tinha dito que não pretendia voltar a como ela era.

Mas isso não era absolutamente necessário. Não era apenas que Senjougahara não queria voltar atrás?

Afinal de contas, Senjougahara tinha cortado toda e qualquer socialização com os outros por dois anos. Ela não

tinha feito contato com ninguém na turma por esses dois anos. Mesmo agora que esses dois anos acabaram, ela não tinha mudado.

Fora de sua relação comigo, nada havia mudado.

Koyomi Araragi tinha meramente se tornado uma exceção especial para Senjougahara, mas todo o resto tinha ficado o mesmo.

Nenhuma diferença podia ser vista antes e depois.

Ela meramente não tinha mais que ir à enfermaria da escola.

Ela meramente podia participar durante a Educação Física.

Ela ainda quietamente lia algo no canto da sala de aula. Era como se ler na sala de aula fosse sua maneira de construir um muro sólido entre ela e seus colegas de classe.

Ela realmente tinha apenas começado a falar comigo.

Ela só almoçava comigo.

Sua posição na sala de aula ainda era a de uma estudante de classe A quieta e doente. O resto da turma só viu isso como seu humor e doença melhorando um pouco.

Hanekawa, a representante de classe, tinha inocentemente se alegrado e disse que era uma melhora maravilhosa, mas eu não podia ver esse quadro e sentimento positivamente.

Ela não tinha perdido tudo isso.

Ela mesma pode ter deixado isso de lado.

Mas o resultado era o mesmo.

Eu não quero parecer que sabia do que estava falando. Eu não fazia ideia de como a nossa relação seria dali em diante, e eu não achava que fosse um problema com o qual eu devesse interferir.

Eu não sentia que interferir e se intrometer era a coisa certa a se fazer.

Mesmo assim, eu não deixava de ter um certo pensamento.

E se a Senjouhara...?



Atualmente, ela não estava carregando um grampeador por aí. Isso era um passo adiante e uma mudança, então ela não podia continuar a seguir pelo mesmo caminho?

E se ela se abrisse para mim e não só para mim?

“Alô?”

“Alô, desculpe pela espera. Aqui é a Hanekawa.”

“ ... ”

Enquanto aquela era a maneira apropriada de se responder a um telefonema, era realmente certo dizer isso com um celular? Tsubasa Hanekawa.

A representante de classe e estudante de alto nível.

Ela parecia ter nascido para ser uma representante de classe.

Eu tinha originalmente brincado sobre ela ser a representante de classe entre as representantes de classe escolhidas por deus, mas nos dois meses em que eu tinha trabalhado com ela como o vice-representante de classe, eu tinha descoberto que ela combinava tanto com isso que não era mais engraçado. Adquirir conhecimento era algo

imensamente importante para humanos, mas essa era uma coisa que eu desejava não ter descoberto.

“O que é? É bem incomum você me ligar, Araragi-kun.”

“Ah, não é nada demais. Eu só queria te perguntar sobre uma coisa.”

“Você quer me perguntar sobre algo? Tudo bem. Oh, é sobre o que a nossa turma está fazendo para o festival cultural? Sério, seria melhor não pensar demais sobre o festival cultural até as provas acabarem. Você está com as mãos ocupadas com isso, certo, Araragi-kun? Claro, eu vou cuidar de todas as tarefas menores por enquanto. Ou você está me dizendo que deveríamos mudar o que estamos fazendo? Nós decidimos isso por enquete, então seria difícil. Oh, ou tem algum tipo de problema que nos leve a ter que mudar isso? Se sim, nós precisamos lidar com isso o mais rápido possível.”

“Você poderia não sair tanto do assunto?”

Ela realmente era do tipo de mover a conversa para algum outro lugar sozinha.

Ela não só chegava a conclusões erradas um bocado, mas falava um bocado e rápido.

Era difícil conversar diretamente.

Eram oito horas da noite.

No caminho de retorno da casa de Senjougahara nos Apartamentos Tamikura, eu estava caminhando por uma rua asfaltada enquanto empurrava minha bicicleta em vez de sentar no seu assento. Isso não por que Hachikuji estava do meu lado ou porque Kanbaru estava correndo até mim. Eu simplesmente queria pensar.

No final, nós tínhamos estudado até as oito da noite.

Era hora do jantar, então eu tinha esperanças de que Senjougahara cozinhasse algo pra mim, mas ela não mostrou nenhum sinal de que faria isso. Eu tinha finalmente perdido a paciência e tinha reclamado do meu estômago vazio.

“Entendo. Então podemos terminar aqui. Tenho certeza de que você pode se lembrar, mas há muitos poucos postes nesta área. Tome cuidado no seu caminho para casa. Vejo você depois, jacaré.”

Ela tinha prontamente me levado pra fora. Como seu pai geralmente trabalhava até tarde da noite, Hitagi Senjougahara essencialmente vivia sozinha, então ela tinha que ter sido capaz de cozinhar.

O nível de dificuldade dela só continuava a aumentar e aumentar.

Mas, mesmo assim, eu não estava tão faminto, então minha reclamação de fome tinha sido uma mentira na maior parte.

Eu disse que tinha estado pensando, mas eu era a pessoa da qual Senjougahara tinha desistido de tentar lecionar ao nível de conseguir notas médias. Para mim, pensar não era tão produtivo. Era só mais para minha própria satisfação. Contudo, tinha algumas coisas que eram permitidas de acabarem no nível de autossatisfação e algumas coisas que não eram. Essa era a última.

E então eu liguei pro celular da Hanekawa enquanto caminhava empurrando minha bicicleta com a minha mão direita. Passava das oito da noite, então eu não tinha certeza se era uma hora adequada de se ligar pra uma

garota com a qual eu não tinha uma relação tão próxima. Contudo, pela reação da Hanekawa, deve ter estado no alcance aceitável. Hanekawa era a personificação da diligência e era mais estrita com as morais do que a maioria, então ela teria me dito se eu não devesse estar fazendo o que estava fazendo.

“Hum, isso pode acabar sendo uma conversa longa. Você tem tempo, Hanekawa?”

“Hm? Sim. Eu só estava fazendo um estudo leve.”

“.....”

Ela realmente deve ter sido a representante de classe entre as representantes de classe escolhidas por deus para dar essa resposta tão prontamente sem soar desagradada por ela.

O que se qualifica como estudo “leve”?

“Bem, eu vou tentar deixar isso o mais curto possível. Hanekawa, você foi pra mesma escola de ensino fundamental que a Senjougahara, certo? Qual era..? Ah, certo. Escola Pública do Ensino Fundamental Seifuu.”

“Sim, eu fui.”

“Então você conhece Suruga Kanbaru, que tá a um ano abaixo da gente?”

“Claro que conheço. Na verdade, tem alguém que não conhece ela? Até mesmo você conhece, certo, Araragi-kun? Ela é a capitã do time de basquete e é vista como uma estrela pela escola. Até mesmo eu fui a alguns jogos dela com amigas para animá-la.”

“Bem, eu não tô realmente interessado no presente. Eu quero saber sobre quando a Kanbaru tava no ensino fundamental.”

“Hmm? Você quer? Por quê?”

“Eu só quero.”

“Hmm. Bem, ela não era tão diferente no ensino fundamental do que agora. Ela era a estrela do time de basquete. Da última metade do segundo ano em diante, ela era a capitã assim como agora. O que tem isso?”

“Oh, hum...”

Eu não podia contar a ela.

Eu não podia dizer a ela.

Ela não acreditaria em mim.

Quem acreditaria que aquela estrela da escola estava perseguindo a mim, de todas as pessoas?

Também tinha o problema do quanto da situação era permitido para eu contar a ela. Mas, bem, era a Hanekawa, então eu decidi que podia contar a ela uma certa quantidade. Claro, eu seria indireto com as partes que eu deveria manter ocultas.

“Eu ouvi falar que a Kanbaru e a Senjougahara se davam bem no ensino fundamental. Isso é verdade?”

“Hmm? Eu creio que disse isso a você antes, mas ainda que eu estivesse na mesma escola do fundamental, na verdade eu nunca tive nenhum contato físico com a Senjougahara-san. Ela era popular, então alguém simples como eu tinha apenas ouvido falar dela.”

“Essa sua modéstia sempre me comove, mas a gente poderia deixar ela de lado uma vez?”

“O Valhalla Combo.”

“Hã?”

“Eu acabei de me lembrar. Elas eram chamadas de Valhalla Combo. Senjougahara-san do atletismo e

Kanbaru-san do time de basquete formavam o Valhalla Combo.”

“O Valhalla Combo? O que Valhalla significa? Esse termo soa meio familiar. E por que elas eram chamadas disso?”

“O ‘baru’ de Kanbaru e o ‘hara’ de Senjougahara eram colocados juntos para formar ‘baruhara’, ou Valhalla. Valhalla é o templo paradisíaco em que Odin vive na mitologia nórdica. Os espíritos dos guerreiros que morreram em batalha são convidados para lá, então ele é conhecido como a terra sagrada do deus da guerra.”

“Oh, então pega o ‘deus’ de Kanbaru e o ‘campo de batalha’ de Senjougahara.” [I]

“E isso era o Valhalla Combo.”

“Entendo...”

Encaixava-se perfeitamente demais.

Algumas pessoas inventavam nomes inteligentes mesmo que fosse só para um apelido, mas o nível de dificuldade desse era tão alto e ele tinha um toque tão amável que a maioria das pessoas simplesmente ficaria



impressionada ao ouvi-lo. Isso me deixou sem o que dizer, mas imagino que essa seja apenas a maneira cruel em que você acaba olhando para isso quando se está no cargo das réplicas inteligentes.

“Bem, já que elas eram um combo, imagino que elas pelo menos se davam bem até certo grau. Senjougahara-san estava no time até ela se formar, então no mínimo elas tinham uma associação por ambas estarem em times de esporte.”

“Você sabe de tudo, não é?”

“Eu não sei de tudo. Eu só sei o que sei.”

Essa era nossa típica conversa.

A todo custo, eu senti que agora eu era mais capaz de ler entre as linhas do que estava acontecendo.

Mas o que eu faria agora que tinha lido entre as linhas?

O que eu iria fazer sobre as linhas em si?

“Isso pode ser repetir uma pergunta que já te fiz antes, mas a Senjougahara era uma pessoa completamente diferente durante o ensino fundamental, certo?”

“Sim, ela era. Ainda assim, mesmo ela tem mudado um pouco recentemente. Mas ela ainda é muito diferente daquela época.”

“Entendo...”

Ela estava mudando.

Ela estava mudando, mas só em coisas relacionadas a mim.

E era por isso que ela era diferente do passado.

“Ela era popular com seus calouros?”

“Sim. Ela era popular tanto com os meninos quanto com as meninas. Além disso, aparentemente não era limitado aos calouros. Quando ela tinha veteranos, esses veteranos eram bastante afetivos com ela, e, claro, ela era bastante adorada por seus colegas de classe.”

“Então ela era popular com todo mundo, sendo jovem ou velho, homem ou mulher, hm?”

“Essa é só uma diferença de veterano e calouro, então não penso que seja uma questão de ‘jovem ou velho’. Mesmo assim, se eu tivesse que escolher, eu diria que ela

era mais popular com as calouras. É isso que você queria saber, não é, Araragi-kun?”

“...Fico contente por você ser tão perceptiva.”

O problema é que ela podia ser perceptiva demais.

Não era tão ruim quanto com Oshino, mas parecia que ela via bem através de você.

“Mas, Araragi-kun, é a Senjougahara-san atual que você ama, não a antiga, certo?”

“.....”

Você é que nem aquela estudante da quinta série.

Incidentalmente, apesar de nenhum de nós ter contado isso a alguém, todos sabiam que Senjougahara e eu estava namorando. Senjougahara possuía a posição da dócil estudante classe A, e ela pretendia permanecer nessa posição, então ela não tinha nenhum colega de classe para quem contaria algo assim. O mesmo poderia ser dito de mim, mas por razões diferentes. As pessoas não tinham nenhum motivo para abertamente zombar dessa ideia, então não era algo que se espalhava feito fogo na mata,

mas em algum momento tinha se tornado algo que todo mundo assumia saber.

Rumores podiam ser coisas assustadoras.

Parecia ter levado algum tempo para quebrar o muro entre o terceiro ano e o segundo ano, no que alcançou Kanbaru. Contudo, dado que Senjougahara era bem conhecida e que Kanbaru tinha motivo para ter um interesse extra no que se referia a Senjougahara, parecia que deveria ter acontecido mais rápido do que isso, mas acho que esse é apenas o jeito que as coisas são quando elas têm que ir entre classes.

“Você pode estar cansado de me ouvir falar isso, mas tenha certeza de manter uma atitude apropriada e pura em relação ao seu relacionamento, Araragi-kun. Não faça nada que sequer iniciasse boatos de que algo imoral estaria acontecendo. Bem, Senjougahara-san parece ser uma garota comportada, então eu duvido que isso se torne algo desagradável.”

“Oh... Uma garota comportada, hm?”

Pensando nisso, a Hanekawa ainda não sabe sobre o verdadeiro caráter da Senjougahara...

Nossos colegas de classe eram uma coisa, mas a Senjougahara era alguma coisa para iludir até mesmo a Representante de Classe Hanekawa das Asas de Formato Estranho que tinha sabido que estávamos namorando antes mesmo de termos começado a namorar. Nesse sentido, Senjougahara de fato tinha me mostrado um lado que ela não tinha mostrado a mais ninguém, mas isso não me deixava nem um pouco contente. Quando eu disse que queria ver um lado dela que era especial ou exclusivo, estava me referindo a algo mais.

Mas, sério, isso meio que resumia o estado do nosso relacionamento. Ela nem mesmo cozinhar pra mim, então certamente parecia improvável que ele se desenvolvesse para algo desagradável.

.....

Sim.

Kanbaru tinha sido rejeitada, então ela sabia do verdadeiro caráter da Senjougahara independente do que

pode ter acontecido no ensino fundamental. E já que ela tinha me chamado sabendo disso, Kanbaru deve ter...

“A Senjougahara-san é difícil”, disse Hanekawa, subitamente.

Eu me lembrei de que Hanekawa tinha dito algo parecido antes. Claro, era a Hanekawa que estava falando, então ela não estava falando da dificuldade de completar a rota de Hitagi Senjougahara.

“Eu não pretendo dizer que sei do que estou falando, mas a Senjougahara-san criou um campo impregnável ao redor dela.”

“.....”

“Araragi-kun, você tem um também. Todo mundo tem um campo ao redor de si mesmos na forma de privacidade. A principal diferença é quão forte esse campo é. Você e Senjougahara-san construíram esse campo dentro das paredes grossas de um castelo para escondê-lo por trás. A maioria das pessoas que fazem isso acham a interação social em si irritante. Você pode pensar em algo assim?”

“Pra mim? Ou pra Senjougahara?”

“Para vocês dois.”

“Bem, eu com certeza posso pensar em alguma coisa.”

Era definitivamente verdade.

Mas nesse caso...

“Mas, Araragi-kun, não gostar de interação social e não gostar de pessoas não são a mesma coisa.”

“O quê? Mas elas não são?”

“Neste mundo nossas idas e vindas das podem ser bastante cansativas”, disse Hanekawa, numa voz calma e composta. “Mas eu por acaso sinto que você é a única exceção’... Não importa o quão ruim em japonês você seja, você com certeza pode entender o que isso significa. Você entende o que estou tentando dizer agora?”

“...Sim.”

Não tive escolha senão responder desse jeito.

Mas eu resenti ser tratado como uma criança.

Contudo, eu não podia pensar em fazer mais nada além de agradecê-la.

“Obrigado. Desculpe por ter gastado seu tempo com essas perguntas sem sentido.”

“Oh, elas não são sem sentido. Querer saber sobre a sua preciosa namorada é completamente normal”, disse Hanekawa.

Ela não tinha nenhum problema dizendo algo embaraçoso como isso.

Ela realmente era a representante de classe entre as representantes de classe.

“Contudo, eu não acho que você deveria cavar fundo demais no passado da sua amante. Tenha certeza de que não está fazendo isso puramente por diversão, Araragikun, e também tenha certeza de só fazer isso com moderação.”

Com esse último aviso óbvio, ela disse “tchau, tchau” e se calou.

Fiquei um pouco confuso quanto a por que ela disse tchau, mas não desligou, porém então me recordei que eu tinha ensinado a ela durante as Férias de Primavera que a etiqueta das ligações ditava que aquele que chamava deveria desligar primeiro.

Ela é tão seguidora das regras que me assusta...



Com esse pensamento, eu disse “Vejo você amanhã na escola” e apertei o botão de encerrar chamada. Eu então fechei meu celular e o coloquei no meu bolso de trás.

Agora, o que eu deveria tirar disso tudo?

Eu tinha um certo nível de entendimento em relação a como Senjougahara falava e como ela agia. Isso era por conta de ter estado numa posição similar a dela uma vez e ter passado por algo similar ao que ela passou. Então por que eu me simpatizava mais com a Kanbaru?

Tinha algo que eu queria fazer se pudesse fazê-lo.

Se pelo menos eu tivesse sido capaz de fazer.

Em algum momento, Senjougahara tinha começado a ver gentileza como um ato hostil. Ela diria que não era da conta da pessoa, que ela estava se intrometendo, ou que ela era um incômodo. Ela tinha mostrado essa aberrante filosofia de pensamento para mim, mas o que eu queria fazer não era necessariamente uma gentileza.

Afinal de contas, eu faria isso por motivos (precipitadamente) calculados. Esse lado impudente me

manteve de falar isso e até mesmo me manteve de pensar abertamente nisso.

Mas eu não podia deixar de pensar nisso.

Eu queria que a Senjougahara reganhasse o que tinha perdido.

Eu queria que a Senjougahara apanhasse o que ela tinha jogado fora.

Afinal de contas, isso era algo que eu absolutamente nunca poderia fazer.

“Discutir isso com o Oshino não ajudaria. Aquele bastardo animado não é do tipo de tomar conta das coisas depois que o problema principal é resolvido. Bem, acho que eu realmente não tenho o direito de falar... Pera um pouco.”

Subitamente se lembrar de algo por nenhum motivo palpável depois de ter completamente se esquecido disso não era tão incomum, e isso foi precisamente o que aconteceu aqui. Eu abri o zíper a bolsa de viagem pendurada no meu membro e chequei seu conteúdo. Eu sabia que não encontraria o que estava procurando, mas

eu não conseguia deixar de fazer esse esforço em vão. Como esperado, o envelope que Senjougahara tinha me entregue não estava na bolsa.

Era o envelope que tinha o dinheiro para o Oshino.

“Eu o deixei no chão perto da almofada em que eu tava sentado?... Aah, o que eu faço?”

Já que era dinheiro, seria melhor cuidar dele o mais breve possível, mas também não era um problema tão urgente. Eu podia simplesmente fazê-la me entregá-lo no dia seguinte na escola. Eu duvidava que esse fosse o caso, mas era possível que eu tivesse o colocado no meu bolso e que ele tinha caído em algum momento enquanto eu estava caminhando e conversando no celular com Hanekawa. Por esse motivo, considerei ligar pra Senjougahara para checar..., mas não.

Eu estava caminhando enquanto empurrava minha bicicleta, então não tinha coberto tanta distância. Se eu voltasse de bicicleta, chegaria aos Apartamentos Tamikura logo logo, então voltar logo naquele instante era a melhor opção. Dado quão tarde estava, isso significava se deparar

com o pai da Senjougahara se o pior acontecesse. Contudo, visto quão ocupado ele parecia estar com as coisas que Senjougahara tinha dito, as chances disso pareciam rasas o bastante para ignorá-las.

Era verdade que uma ligação poderia ter resolvido tudo isso, mas eu queria tomar vantagem de qualquer chance de ir ver a Senjougahara.

Eu podia não saber como fazer ela pegar isso, mas eu queria sentir uma atmosfera romântica mesmo que só um pouco.

“Bem, de todo jeito.”

Eu subi na minha bicicleta e a virei.

Assim que o fiz, comecei a me perguntar se estava chovendo.

Mas não porque uma gota de chuva tinha caído na minha bochecha ou algo do tipo. Uma vez que virei a bicicleta pro outro lado, eu vi alguém de pé lá como se estivesse me seguindo esse tempo todo.

Aquela pessoa vestia uma capa de chuva.

O capuz estava levantado e cobria completamente sua cabeça.

Ela também vestia botas de chuva pretas e luvas de borracha.

Ela estava completamente vestida para a chuva, mas eu não podia sentir sequer uma gota quando estendi minha mão.

Quando olhei para cima, eu podia ver as estrelas no céu.

Nesta cidade rural ainda mais remota que uma região rural, apenas algumas nuvens espalhadas eram rudes o suficiente para cruzarem pelo céu e bloquear o luar.

“Hm...”

Sim...

Eu sabia exatamente o que estava acontecendo aqui. Eu sabia bem demais. Bem até demais. Era exatamente a mesma coisa pela qual eu tinha muito passado durante as Férias de Primavera.

Eu não podia deixar de dar um meio sorriso que não se adequava nem um pouco à situação. Era deslocado, mas

isso parecia tão familiar que quase parecia nostálgico. Eu também me lembrei da minha experiência com Hanekawa durante a Golden Week.

Se tinha um problema aqui... Sim, seria isso, diferente da época das Férias de Primavera, eu não era mais imortal ou um vampiro.

Eu dificilmente poderia me manter calmo com isso acontecendo, mas se manter calmo era o que mais importava quando se tratava de determinar com que tipo de oponente eu estava lidando aqui. Noutras palavras, eu tinha ganhado um pouco de experiência com essas coisas durante os últimos meses e tinha ficado de alguma forma acostumado a eles.

A monstrosidades, isto é.

Ficaria tudo bem pra mim se essa fosse uma monstrosidade fisicamente inofensiva como o caracol com Hachikuji no Dia das Mães, mas os meus instintos diziam para fugir. Não, não eram meus instintos. Eram os instintos da lendária Vampiro que ainda vivia dentro do meu corpo até algum pequeno grau.

Eu tomei uma decisão no mesmo segundo e saltei—Ou mais caí—Da minha bicicleta para virá-la novamente.

A decisão se provou sábia, mas em troca, eu perdi para sempre minha preciosa, preciosa mountain bike. A capa de chuva saltou em direção a mim rápido demais para segui-lo visualmente e seu punho esquerdo bateu no centro do guidão da mountain bike logo depois que pulei para fora do caminho. A mountain bike dobrou, chanfrou e foi arremessada como leves pedaços de papel pegos num intenso redemoinho. Ela chocou-se contra um poste telefônico e parou, mas já tinha perdido qualquer vestígio de sua forma original como uma mountain bike.

Se eu não tivesse me esquivado, isso teria sido eu.

Não é?

A pressão do vento impulsionada pelo punho foi o suficiente para rasgar minhas roupas.

Similarmente, a alça da minha bolsa de viagem rasgou, e ela caiu do meu ombro para o meu pé.

“I-isso é completamente diferente.”

Até mesmo meu sorriso amargou se enrijeceu por conta disso.

Mesmo que não tivesse me acertado, simplesmente estar por perto tinha me dado uma presença espantosa e tanto. Mesmo que isso não pudesse sonhar em se igualar a lendária Vampiro, a pressão rodopiante ainda foi o bastante para me lembrar dela. Essa monstruosidade veio com medo físico.

Isso não era nada como o Dia das Mães.

Era definitivamente mais como as Férias de Primavera.

Eu tinha perdido minha bicicleta, mas talvez eu pudesse fugir a pé?

Baseado no que eu tinha visto dos movimentos da capa de chuva (ou melhor, no que eu não tinha visto), ela se movia rápido demais para ver e escapar a pé seria uma tarefa impossível.

Além disso, mesmo que eu pudesse fugir, eu duvidava de que poderia virar minhas costas para essa monstruosidade. Virar minhas costas para ela e desviar meu olhar dessa capa de chuva me assustava mais do que



qualquer outra coisa. Era um medo primordial do qual eu não podia sonhar em se livrar sozinho. Retiro o que disse.

Eu não estava acostumado a essa sensação nem um pouco.

Não importava quanta experiência eu tivesse.

Eu não gosto de nem mesmo pensar nisso.

A capa de chuva se virou para me encarar. O capuz estava tão puxado sobre sua cabeça que eu não podia ver o rosto dentro dele. Na verdade, até mesmo antes de pensar no rosto, parecia mais uma caverna profunda. Era tão, tão profunda que eu não podia ver nada dentro.

Parecia ausente deste mundo.

Parecia perdido para este mundo.

Então a capa de chuva me encarou e levantou seu punho esquerdo novamente.

Eu não podia esperar me esquivar de algo tão rápido com somente meus reflexos, mas assim como quando ele tinha destruído minha mountain bike, era um movimento absurdamente direto. Reunindo minha decisão e reagindo a esse primeiro movimento me permitiu apenas mal me

esquivar disso, e esse punho esquerdo do qual me esquivei fácil e simplesmente socou através do muro de blocos de cimento atrás de mim. Era como se ela tivesse sido arremessada por uma catapulta aérea.

Aquela força destrutiva parecia uma piada ruim. Em meu choque, decidi usar o tempo que a capa de chuva levou para puxar sua mão do muro de blocos de cimento para me levantar. Noutras palavras, eu assumi que teria alguns segundos de segurança enquanto ela agia feito um macaco com sua mão presa num jarro, mas essa suposição era ingênua demais. Ela não se aplicava aqui. Começando por onde a mão esquerda estava a perfurando, vários metros do muro ruidosamente ruíram-se como uma barragem explodindo de um único buraco.

Era uma cena familiar.

Eu nem mesmo tive um instante de segurança.

Como se contorcesse seu corpo, aquele punho esquerdo voou diretamente para mim. Dessa vez não tinha nenhum movimento inicial ou moção; ela simplesmente me socou com toda sua força de onde estava.

Era o mesmo ataque em catapulta.

Eu não podia me esquivar ou sequer me defender a tempo.

Eu não podia nem mesmo dizer onde eu tinha sido socado.

Minha visão imediatamente girou uma, duas, três e então quatro vezes. Como se minhas vias de pensamento tivessem sido sacudidas, uma aceleração gravitacional intensa recaiu-se sobre mim por toda direção, o mundo inteiro ao meu redor ficou mais e mais distorcido, e eu finalmente choquei-me de cara no asfalto.

Eu senti meu corpo todo rasgar-se pelo chão.

Eu me senti feito um rabanete ralado.

Contudo, doeu.

E se doeu, eu ainda estava vivo.

Meu corpo inteiro doía. A maior dor estava no meu estômago, então talvez fosse onde fui socado. Eu rapidamente tentei me levantar, mas as minhas pernas estavam tremendo demais, e tudo que consegui fazer foi me virar de costas.

A capa de chuva estava bem distante. Ou assim parecia, pelo menos. Eu pensei que poderia ter sido uma ilusão, mas não era. Ela realmente estava bem longe. Eu aparentemente tinha sido nocauteado pra tão longe com só um ataque. Realmente era uma catapulta.

O conteúdo das minhas entranhas parecia... Doente.

Eu reconheci esse tipo de dor.

Não eram os meus ossos.

Muito provavelmente, alguns dos meus órgãos tinham rompido.

Mas mesmo que parte do conteúdo tivesse sido destruído, eu verifiquei e descobri que a forma geral do meu corpo tinha sobrevivido.

Ah, entendi. Bicicletas e pessoas não são construídas do mesmo jeito, então o mesmo soco exato não vai me deixar em pedaços assim. É isso aí, juntas. Viva aos músculos.

Dito isso, eu não iria me mover tão cedo com esse tipo de dano.

E a capa de chuva estava se aproximando de mim. Dessa vez, era um movimento vagaroso que quase parecia

queimar a imagem em minhas retinas. Outro ataque—Ou dois, ou três, só pra ter certeza—E isso estaria acabado, então ela não tinha nenhum motivo para se apressar.

Fazia sentido. Era uma boa decisão.

Mas o que era isso?

Essa monstruosidade quase parecia estar atacando pessoas aleatórias. Após esmagar minha bicicleta e quebrar aquele muro de blocos de cimento, já era claro que isso não era uma “pessoa”, não importa o quão humanoide ela se parecesse. Mas então, por que essa monstruosidade estava me atacando?

Monstruosidades sempre tinham motivos apropriados.

Elas não eram mistérios completos.

Elas eram lógicas. Elas tinham regras por de trás delas.

Isso era a maior coisa que eu tinha aprendido do Oshino e do meu tempo com aquela linda Vampiro. Portanto, eu podia concluir que essa monstruosidade também tinha algum motivo para o que estava fazendo, mas eu não conseguia pensar em nada.

O que era a causa?

Eu pensei de volta no que tinha acontecido naquele dia.

Eu pensei de volta em com quem eu tinha me encontrado naquele dia.

Mayoi Hachikuji.

Hitagi Senjougahara.

Tsubasa Hanekawa.

Minhas duas irmãzinhas, meu professor de sala, minhas colegas de classe cujos rostos eu não conseguia me lembrar muito bem, e...

Enquanto eu passava pelos nomes em minha mente, o nome final na lista era Suruga Kanbaru.

“...!”

Nesse momento, a capa de chuva se virou.

Aquele corpo humanoide encarou a exata direção oposta.

Ela imediatamente saiu correndo e desapareceu.

Foi tão súbito que me deixou sem palavras.

“Hã? Hãã?”

Por que isso tão de repente?

Enquanto a dor dominando o meu corpo mudou de vazia para aguda, eu olhei acima para o céu. Eu ainda podia ver as estrelas e a lua lindamente brilhando lá. A cena parecia terrivelmente contrastar com o fraco cheiro de sangue saindo do meu corpo.

O sabor forte do sangue encheu minha boca.

Os meus órgãos definitivamente tinham sido danificados. Minhas entranhas tinham sido maravilhosamente misturadas. Mas, bem, isso não iria me matar. Eu não precisava de uma viagem ao hospital também. Mesmo que eu não fosse mais imortal, eu ainda tinha algum poder curativo sobrando. Se eu descansasse a noite toda, me recuperaria bem o suficiente. Eu tinha escapado dessa com vida.

Mas...

A memória do momento logo antes de eu ter sido socado veio a minha mente por nenhum motivo. O punho esquerdo da capa de chuva tinha voado em minha direção. Esse flashback deu zoom naquele punho. A luva de borracha deve ter se rasgado pela fricção quando socou a

bicicleta ou perfurou o muro porque quatro buracos tinham sido formados na base dos dedos. Esses buracos pareciam-se com uma caverna assim como o interior do capuz. Eles pareciam estar ausentes ou perdidos.

Mas eu podia ver o punho esquerdo dentro. Ele se parecia com a mão de uma besta.

“Araragi-kun.”

Eu ouvi uma voz acima da minha cabeça.

Era uma voz brusca tão fria que tinha caído para baixo de congelante.

Eu olhei pra cima e vi olhos similarmente gélidos e sem emoção me encarando. Era Hitagi Senjougahara.

“...Oi, há quanto tempo.”

“Sim, há quanto tempo.”

Tinha se passado menos de uma longa, longa hora.

“Você se esqueceu de uma coisa, então eu vim entregá-la.”

Ela estendeu sua mão direito para empurrar um envelope na frente dos meus olhos. Eu podia dizer o que



era sem tê-lo tão perto, mas era o envelope contendo os cem mil ienes que ela precisava pagar para o Oshino.

“Esquecer tão obviamente o que eu lhe dei é um crime digno de punição máxima, Araragi-kun.”

“É... Sinto muito.”

“Desculpar-se não irá me convencer de lhe perdoar. Eu corri atrás de você planejando lhe atormentar com todas as minhas forças, mas parece que você já puniu a si mesmo. Esse é um nível de lealdade impressionante.”

“Eu realmente não sou do tipo que se pune.”

“Não precisa esconder isso. Ante a essa lealdade, eu irei meio lhe perdoar.”

“...”

Ela iria diminuir minha sentença, mas não me poupar.

Parecia que a Corte de Senjouhara operava sob umas regras estritas.

“Mas, deixando a brincadeira de lado”, disse ela. “Você foi atropelado por um carro? Eu vi o que parecia ser os restos destruídos da sua amada bicicleta. Mais que destruída, ela estava presa num poste telefônico. Eu não

sei como isso aconteceria a não ser que você fosse atropelado por um comboio inteiro.”

“Hmm...”

“Você se lembra do número de licença, não lembra? Irei me vingar por você. Começarei completamente reduzindo o carro a pedaços e então vou torturar o motorista até que ele se ajoelhe e me implore para que eu o atropele e o mate com uma bicicleta.”

Hitagi Senjougahara não tinha nenhum problema em fazer tais declarações perigosas.

Eu estava aliviado ao descobrir que tudo estava tão normal. Era estranho e meio engraçado que a língua afiada da Senjougahara foi o que me fez realmente perceber que eu ainda estava vivo.

“Não, eu caí sozinho. Eu não tava prestando atenção aonde eu tava indo... Eu tava no celular enquanto pedalava... E eu bati direto no poste telefônico...”

“Oh, entendo. Então... Sim. Que tal eu pelo menos destruir aquele poste telefônico?”

Aquilo era só um ataque de raiva.

Não estava sequer se descontando em alguém.

“Isso causaria problemas pros residentes locais, então que tal não fazer isso?”

“Entendo..., mas esses machucados parecem leves para se chocar naquele muro de cimento robusto fortemente o bastante para destruir ele. Araragi-kun, você tem um corpo muito suave. Estou impressionada. Eu tenho certeza de que essa suavidade virá a calhar algum dia. Vejamos... Você não precisa de uma ambulância, certo?”

“Certo...”

A Senjougahara tinha se incomodado em trazer esse envelope pra mim porque também queria tomar vantagem de qualquer chance de me ver? Ela provavelmente tinha a intenção de pegar um ônibus e deixá-lo na minha casa. Essa possibilidade me fez sinceramente feliz, mesmo que ainda não estivesse bem no mesmo nível de uma tsundere.

E ela me salvara ao aparecer aqui.

Mesmo que ela não tivesse feito isso intencionalmente, a capa de chuva parecia ter desaparecido quando ela apareceu.

“Vou poder me mexer depois que descansar um pouco.”

“Entendo. Então eu providenciarei um generoso serviço a você.”

Senjougahara colocou seus pés em ambos os lados da minha cabeça enquanto eu me deitava sobre minhas costas. Eu já citara suas vestimentas naquele dia, mas ela estava vestindo uma longa saia. Ela não estava vestindo meia-calça, então eu podia ver suas pernas nuas e esguias. E daquele ângulo, o comprimento da sua saia não importava muito.

“Aproveite até poder se mover novamente.”

“...”

Pra ser completamente franco, eu tinha quase certeza de que já podia me levantar se tivesse tentado, mas eu decidi deitar ali e pensar um pouco mais. Os meus pensamentos não iriam ser muito produtivos, mas eu ainda fiz isso.

Eu pensei na Senjougahara e no dia seguinte.

[I] O “Kan” de Kanbaru significa “deus”, e o “Senjou” de Senjougahara significa campo de batalha.

A casa de Suruga Kanbaru ficava a uma distância de nossa escola que levou cerca de trinta minutos pra chegar lá de bicicleta. Ou meia hora num ritmo de corrida. De início, o pensamento de andar de bicicleta com Kanbaru sentada atrás passou pela minha mente, mas isso parecia implicitamente banido entre nós dois. Ter duas pessoas numa bicicleta é perigoso e, em todo caso, ilegal. Bem, talvez fosse isso, ou simplesmente porque Kanbaru estava relutante em considerar essa possibilidade de sentar na traseira e acabar se segurando em mim. Se fosse assim, eu consideraria não andar de bicicleta e só andar ao lado dela, ou só deixar minha bicicleta na escola, contudo, Kanbaru simplesmente disse “Eu não ligo mesmo, só ande na sua bicicleta”. Enquanto eu estava pensando apenas “Então o que eu deveria fazer?”, Kanbaru simplesmente disse “Então vamos, me siga” e saiu em disparada. Ela também era assim quando estava me perseguindo, mas, de todos os

numerosos meios de transporte disponíveis, tais como caminhada, bicicleta, automóvel ou trem, Kanbaru sempre escolhia “correr”, pensando não ser nada diferente de qualquer um dos outros. Eu duvidava que, mesmo entre os mais atleticamente inclinados, que houvesse muitos como ela. Kanbaru guiou a minha bicicleta com o veloz ritmo de “tap, tap, tap” dos seus pés e seu braço esquerdo enrolado numa bandagem branca. Enquanto chegávamos ao nosso destino, Kanbaru pareceu quase suar e nem mesmo precisou tomar fôlego.

Diante de nós estava uma magnífica e tradicional mansão japonesa. Do tipo que parecia ter uma longa história. Apesar da placa no portão dizer Kanbaru, claramente indicando que essa era, sem nenhuma dúvida, a residência da Kanbaru, eu estava hesitante em entrar na mansão com sua atmosfera imponente.

Bem, não era como se eu tivesse muita escolha no momento.

Parecia-se com um templo budista que eu visitaria durante uma viagem de estudos sociais, e eu entrei na

mansão com sua atmosfera difícil de descrever. No final de um corredor que saía num jardim tradicional japonês com um shishi-odoshi, Kanbaru abriu a porta deslizante de seu quarto, e nós entramos.

...Eu fiquei bastante surpreso que ela deixaria seu senpai, com quem ela nem era particularmente próxima, entrar no seu quarto no estado atual dele.

Seu futon foi deixado esparramado no chão, roupas (incluindo calcinhas) estavam espalhadas por todo lugar, assim como livros de todos os tipos, didáticos, romances e mangás, alguns abertos e alguns fechados. Quase parecia-se com o armazém dela, com caixas de papelão empilhadas aos montes nos cantos. A pior atrocidade era o lixo casualmente não jogado em sacolas de lixo, mas apenas num tatame aleatório, ou às vezes, no máximo da habilidade dela, enfiado em sacolas de plástico da loja de conveniência da vizinhança e então deixadas por aí. Ou melhor, parecia que o conceito de um recipiente para se guardar lixo era inteiramente alienígena para o quarto.

Mesmo com seu extenso espaço de 12 tatames.



Não tinha nem um único lugar para começar a entrar.

“Desculpa por estar um pouco bagunçado.”

Kanbaru disse claramente, virando-se, com sua mão esquerda em frente do seu peito e um sorriso inocente em seu rosto. Entendo, pode ter sido só um comentário reacionário pra situação dependendo de como eu o interpreto, mas as pessoas normalmente não dizem isso para serem modestas ao deixar convidados entrarem num quarto pelo menos um pouco arrumado?

Inundado encima e queimando embaixo.

Isso se encaixava perfeitamente com a imagem do quarto.

Uau...

Até mesmo seus produtos higiênicos estavam jogados por todo canto.

Eu instintivamente desviei meu olhar.

Senti que se continuasse olhando, mais coisas que não deveriam ser vistas com meus olhos surgiriam. Eu acho que é ótimo ter autoconfiança, isso não é o mesmo de não ter nenhuma vergonha, Suruga Kanbaru...

Ah.

Pergunto-me se a Senjougahara tem algo do tipo. Mas, novamente, no caso da Senjougahara, não tinha nem mesmo um único cisco de poeira no quarto dela... Eu sinto que o caráter dela, junto com sua personalidade, foi bastante influenciada pela Senjougahara durante o ensino fundamental, mas na verdade piorou e acabou assim.

“Sinta-se em casa. Eu admiro a sua sensibilidade ao ficar um pouco nervoso ao entrar no quarto de uma garota que você não conhece tão bem, Araragi-senpai, mas agora não é hora pra isso.”

“...Kanbaru.”

“Mhmm?”

“Eu sei que não é a hora, mas eu posso te pedir um favor?”

“Claro. Diga o que quiser. Eu não recusaria um pedido seu, Araragi-senpai.”

“Uma hora, não, meia hora dá... Só me dê algum tempo pra limpar este quarto. E uma sacola de lixo grande.”

Não é que eu seja um maníaco por limpeza, eu nem mesmo limpo o meu quarto tanto assim, mas isso simplesmente era horrível demais, podia-se até mesmo dizer cruel. Kanbaru se levantou e me encarou com um olhar confuso em seu rosto como se não tivesse sequer entendido o que eu acabara de dizer, contudo, sem nenhuma razão em particular para recusar, ela simplesmente disse “OK” e saiu para pegar uma sacola de lixo.

Avançando em frente.

Eu acho.

É claro, os destroços desastrosos que eram o quarto de Kanbaru não eram tão leves para que muito pudesse ser feito quanto a eles numa mera meia hora. E, em todo caso, essa ainda sendo o quarto de uma garota que eu não conhecia tão bem, houve áreas que eu podia e não podia eticamente, ou melhor, moralmente, tocar. Então eu reuni o lixo e organizei (simplesmente os dividindo por tamanho, como não havia sequer quaisquer instantes para livros no quarto da Kanbaru) os vários livros e revistas de

uma maneira admitidamente aleatória, limpando o quarto quadrado num círculo. O quarto pelo menos estava num estado em que eu podia olhar após o futon ser dobrado e guardado no armário e as roupas dobradas e colocadas num canto. Ao menos havia espaço para Kanbaru e eu sentarmos e nos encararmos.

“Que impressionante, Araragi-senpai. Então eram dessas cores que os tatames no meu quarto eram. Quantos anos será que faz desde que eu vi o chão?”

“Você conta isso por anos...?”

“Desculpe.”

“Da próxima vez vamos marcar um dia... Na verdade, talvez um dia e então me deixe dormir aqui pra trabalhar nisso no dia seguinte, só me deixa limpar este quarto. Vou trazer uns detergentes e água sanitária e todo o resto das coisas e dar a este quarto uma faxina pesada.”

“Sinto muito por ter que fazer você se dar ao trabalho, Araragi-senpai. Eu realmente não tenho nenhuma habilidade além do basquete, então eu realmente não sou boa com coisas como faxina.”

“ ... ”

Era constrangedor ver ela dizer isso ainda com seu sorriso confiante... Na meia-hora em que eu estava limpando, vendo Kanbaru simplesmente parada sentada e sem nem mesmo tentar ajudar, parecia que Kanbaru não era preguiçosa ou achava limpar trabalhoso, ela simplesmente só era ruim nisso. Mesmo que não fosse algo com o qual eu realmente devesse me preocupar, isso definitivamente era algo que não poderia e não deveria ser mostrado aos seus fãs da escola, que a tratavam feito uma estrela do esporte. Imagino se ela nunca convida nenhuma das suas amigas da turma pra sua casa... Eu acho que mesmo suas amigas não seriam tão ruins quanto seus kouhais de clubes. Na pior das hipóteses, isso poderia ser a fonte de um trauma psicológico pra eles. Juntos dos pedaços de lixo que agora estavam dentro de sacolas de lixo, havia numerosos copos de refrigerante amassados, embalagens de doces e copos de macarrão instantâneo... Como diabos alguém que come assim se torna uma atleta de nível nacional?

Gente famosa geralmente se torna ainda mais popular com esse tipo de casos de distração, mas isso era demais. De jeito nenhum isso poderia ser moe...

“Bem, agora.”

Era o dia seguinte.

O dia após sexta.

Sábado.

Ter dois dias de folga nos finais de semana já foi aceitado como senso comum ao redor do mundo todo, contudo, em nossa bem conhecida escola preparatória para a universidade, Colégio Particular de Ensino Médio Naoetsu, havia aulas normais mesmo no sábado. Mesmo quando o amanhã se tornou hoje, eu fui incapaz de chegar a uma conclusão, e então, no intervalo entre o primeiro e o segundo tempo, eu fui até o prédio do segundo ano. Em todo caso, com Kanbaru sendo tamanha celebridade, a escolha óbvia era de ver em que turma ela estava. Segundo ano, segunda turma. Os estudantes na sala de aula ficaram bastante animados com a chegada de um terceiranista (como um terceiranista, isso foi uma experiência tanto

nostálgica quanto nova). Assim como eu esperava da Kanbaru, ela veio até onde eu estava esperando no corredor com seus largos, longos e majestosos passos.

“E aí, Araragi-senpai.”

“Oi, Kanbaru. Eu tenho um favorzinho que quero te pedir.”

“Entendo, então.”

Sem nem uma única questão, Kanbaru respondeu.

Quase como se isso fosse uma harmonia pré-estabelecida.

“Depois das aulas, eu quero que você venha pra minha casa.”

Então—

A casa da Kanbaru, uma mansão tradicional japonesa.

Se a gente só iria conversar, não precisava ser na casa da Kanbaru, poderia ter sido numa sala de aula vazia, ou no telhado, ou nas trilhas esportivas, ou até em algum restaurante fast-food por aqui. Eu tinha dito à Kanbaru, mas parecia que ela tinha alguma razão específica para conversarmos na casa dela.

Se tivesse uma razão, então eu iria com ela.

Sem precisar perguntar.

“Então, como a gente deveria começar, Araragi-senpai. Eu não sou tão boa em lidar com as pessoas, então não tenho certeza do que deveria dizer, mas, de todo jeito...”

Kanbaru rapidamente cruzou suas pernas e abaixou sua cabeça em direção a mim.

“Eu gostaria de me desculpar por ontem à noite.”

“...Uh.”

Eu tinha me recuperado naquele único dia, mas ainda sentia uma dor remanescente. Após gentilmente tocar meu estômago, eu balancei minha cabeça.

“Então aquilo era você.”

Capa de chuva.

Luvas de borracha. Botas de borracha.

Eu os encontrara na pilha de roupas quando estávamos limpando.

Sem nem mesmo ter que dizer.

“Então aquilo era você’, você com certeza parece impaciente, Araragi-senpai. Você com certeza é



impressionante. Você descobriu, não foi? Caso contrário, não teria me visitado.”

“Na verdade, não. Eu só tava chutando. Eu só olhei pra coisas como sua forma, contorno e silhueta. E entre as pessoas que saberiam que eu tinha ido pra casa da Senjougahara para estudar. Tirando dessas condições e pensando nisso... Bem, não seria grande coisa mesmo que eu fizesse uma visita e estivesse errado.”

“Hmm, entendo. Muito inteligente.”

Kanbaru parecia genuinamente impressionada.

“É como alguns garotos podem diferenciar garotas só pelo quadril?”

“Isso é completamente diferente!”

Como diabos eu poderia dizer como seu quadril se parecia debaixo daquela capa de chuva, de todo jeito?!

“Desculpe, não foi isso que eu quis dizer.”

Kanbaru, mais uma vez, baixou sua cabeça.

Parecia uma desculpa sincera e tanto.

Mas, se não era isso que ela quis dizer, então o que ela queria dizer? Isso claramente me tinha como alvo—Mas poderia ser outra coisa completamente?

“...Bem, desculpas de lado, eu só quero saber o motivo. Na verdade, o motivo é—De qualquer forma.”

O motivo.

Eu já tinha uma ideia.

Considerando a situação, eu não diria isso, mas era a primeira pista que me levou a pensar que Kanbaru era a pessoa na capa de chuva.

Mas—

“De qualquer forma, eu quero te perguntar sobre isso.”

Aquela força super-humana.

Kaii.

Capaz de destruir uma bicicleta como se rasgasse papel.

Destruir um muro de concreto num único golpe.

“Eu queria te perguntar. O que exatamente é...”

“Hmm. Eu acho que, se tivéssemos que começar, seria com isso, hm. Mas antes... Araragi-senpai, eu quero te

perguntar, você é do tipo de pessoa que pode acreditar em coisas malucas?”

“Coisas malucas?”

Então tipo—Aah, entendo.

Kanbaru não sabe da condição do meu corpo. Ela não teria sido capaz de ver meus machucados no meu corpo imortal sarando na duração de poucos minutos, então não tinha como ela saber. Então deve ser por isso que ela me perguntou isso—Não, não é isso.

Mesmo que ela não soubesse de mim, Kanbaru sabia da Senjougahara. Ela sabia do segredo maluco da Senjougahara mesmo antes de mim. Então ela sabe que não tem como eu não saber do segredo da Senjougahara agora que sou o namorado dela. Isso significa que, agora mesmo, Kanbaru pode estar me averiguando.

“Você entende o que estou te perguntando? Quero dizer, você pode acreditar em coisas que você não viu com seus próprios olhos?”

“Eu só acredito em coisas que vi com os meus próprios olhos. Então eu acredito em tudo que vi. Claro, incluindo o caso da Senjougahara.”

“...Sério? Você sabia disso também?”

“Contudo”, disse Kanbaru, não parecendo nem particularmente embaraçada ou culpada.

“Eu não quero que você entenda mal. Eu não estive te seguindo por aí só porque queria saber da Senjougahara.”

“Hm...? Sério?”

Eu tinha certeza de que era isso.

Eu pensava com certeza que ela estava vendo se os rumores de que Koyomi Araragi e Hitagi Senjougahara que estavam vazando eram verdade ou não. E que depois de ouvir que ontem eu fui pra casa da Senjougahara pra uma sessão de estudos a sós, suas suspeitas foram confirmadas.

Bem, esse provavelmente é o caso.

Eu não acho que haveria algum erro nessa linha de raciocínio. Mas agora ela está dizendo que tinha outro motivo pra ela estar me perseguindo?

“Você e a Senjougahara não eram chamadas de Valhalla Combo quando você tava no time de basquete, e Senjougahara, no de atletismo?” [1]

“É, isso mesmo. Fico impressionada que você sabia disso também. Eu devo ter subestimado você, Araragisenpai. Até agora, eu pensei que considerava você com a mais alta estima possível, mas parece que eu ainda estava te subestimando. Você pode até mesmo ser impressionante demais para mim sequer compreender com o meu senso de valores. Eu sinto que, quanto mais te conheço, mais distante nós nos sentimos.”

“...Eu só tava te fazendo uma pergunta, sabe?”

Conseguir não soar sarcástico ou como um puxa-saco depois de ela ter me chamado de todas essas coisas quase se parece com uma arte em si.

“Eu ouvi sobre a origem do nome. Combina perfeitamente bem, não é?”

“Claro que combina. Eu pensei nele.”

Kanbaru pareceu inchada de orgulho.

... Ela mesmo pensou nele.

Faz um tempo desde que me senti tão triste assim...

“Eu realmente me esforcei bastante pra inventar isso, sabe. A propósito, eu também pensei no apelido Suruga Kanbaru-chan pra mim mesma, mas infelizmente isso nunca pegou.”

“Eu também tô desapontado.”

“Entendo. Você pode simpatizar comigo.”

Claro.

Estou desapontado com o seu senso do que você pensou que pegaria.

“Você realmente é uma pessoa compassiva, Araragi-senpai. Bem, agora que eu penso nisso, é um apelido meio longo. Acho que nunca pegaria.”

“Eu não acho que esse é o problema.”

Parecia que Kanbaru tinha amigos legais durante o fundamental.

Incluindo Senjougahara, na época...

“Deixando o Valhalla Combo de lado, parece que a sua intuição é bastante boa, então você pode já saber do que estou prestes a contar a você. Durante o fundamental,

Senjougahara e eu—Na verdade, antes da gente falar disso, tem uma coisa que eu quero que você veja, Araragi-senpai. É por isso que eu originalmente planejei usar um pouco do seu precioso tempo e fiz você ter o incômodo de vir até a minha casa.”

“Uma coisa que você quer que eu veja? Ah, entendo. Essa coisa que você queria que eu visse tava na sua casa, então por isso que a gente não podia conversar na escola.”

“Na verdade, não é por isso. Eu acho que chamaria atenção na escola, e fico preocupada com outras pessoas vendo... Tanto quanto posso, é uma coisa que eu não quero que as outras pessoas vejam.”

Dizendo isso, Kanbaru começou a desenrolar a bandagem branca no seu braço esquerdo. Ela tirou o prendedor que segurava a bandagem ao redor de seu braço e, começando do lado mais próximo de seus dedos, ela—

Eu me lembrei.

Naquela noite.

Quando a pessoa na capa de chuva destruiu minha bicicleta, ou quando ela atravessou o muro de concreto, ou quando ela rasgou os meus órgãos—

Foi tudo com o punho de sua mão esquerda.

“Pra ser sincera, não é algo que eu gosto que as outras pessoas vejam. Afinal de contas, eu ainda sou uma garota.”

Ela desenrolou a bandagem inteira—E dobrou as mangas de seu uniforme.

E o que eu vi se estendendo para além do cotovelo do fino e feminino braço de aparência suave da Kanbaru foi—O braço de uma besta selvagem, angular e coberto de pelo grosso e negro.

Saindo da luva de borracha rasgada.

O cheiro de uma besta.

“Bem, é isso.”

“...”

Esse tipo de luva não poderia ser algo vindo dos Muppets—Claramente. O cumprimento e a finura das luvas eram claramente não naturais, e fora de simples observações físicas, eu tinha testemunhado algo similar,



similar, mas muito diferente, durante a Golden Week. Então eu entendi o que estava vendo.

Isso era um kii.

Kii.

Parecia-se com o braço de uma besta selvagem— Contudo, eu não fazia ideia de que tipo. Parecia que podia ser de qualquer animal, e ao mesmo tempo, de nenhum. Enquanto se parecia com tudo, era uma parte de nada. Contudo, se eu tivesse que dizer, julgando pelos cinco dedos e as unhas bastante longas no fim de cada um deles—

Eu não acho que essa seja uma boa maneira de descrever uma parte do corpo de uma garota, contudo, eu disse:

“O braço de um macaco.”

“Se parece com—O braço de um macaco.”

Macaco.

O nome comum para os primatas, excluindo humanos.

Eu não acho que essa seja uma boa maneira de descrever uma parte do corpo de uma garota, contudo, eu disse:

“Ooh.”

Pela expressão dela, Kanbaru parecia, por algum motivo—Impressionada.

Ela bateu em seus joelhos.

“Araragi-senpai, você realmente tem uma compreensão inconcebivelmente afiada. Estou espantada, os seus olhos devem ser tão diferentes dos do resto de nós. Ser capaz de discernir a natureza deste braço com uma única olhada, estou sem palavras. O seu conhecimento deve ser de um calibre diferente que o de uma mera plebeia como eu poderia acumular. Assim se parece—Nenhuma outra explicação é necessária.”

“Não seja convencida só porque eu disse isso!”

Como se eu fosse deixar você parar de explicar agora!

Nós acabamos de começar!

“Eu só disse o que vi, eu não cheguei a nenhuma conclusão.”

“Sério? A Pata do Macaco é o título de uma história curta de William Wymark Jacobs. A ideia da pata de um macaco tem sido usada em todos os tipos de mídia e é dividida em várias—”

“Eu não sabia disso mesmo.”

Eu contei a ela a verdade.

“Sério?”, disse Kanbaru. “Pra ser capaz de ver a verdade sem saber de uma só coisa, Araragi-senpai, você deve ter sido escolhido por alguém lá de cima.”

“...Bom, já me disseram que eu tenho uma intuição muito boa.”

“Entendo. Eu espero bastante de mim mesma, embora não chegue perto do quanto você espera de si, Araragi-senpai, para ter o bom senso de colocar a minha confiança em você à primeira vista.”

“Entendo...”

Eu não acho que você tem um senso muito bom nos seus critérios.

Uh, eu olhei de volta para o braço esquerdo da Kanbaru.

A pata de uma besta—A pata de um macaco.

“P-Posso tocar nele?”

“Claro, agora deve ficar tudo bem.”

“E-Entendo.”

Com a permissão de Kanbaru, eu gentilmente coloquei minha mão em seu pulso.

Timidamente, cheio de medo.

Textura, sensação... Calor, pulso.

Estava vivo.

Eu sabia, isso deve ser um tipo de kiai vivo.

... Mesmo estando completamente bem em ter seu quarto ser visto nesse estado, Kanbaru parecia desconfortável em ter seu braço esquerdo sendo visto. Claro que ela estaria, com a desculpa de ela ter torcido seu braço enquanto treinava sendo tão conveniente. A bandagem não era para proteger seu machucado, mas para esconder o braço dela. Ela nunca tinha demonstrado nenhuma falta de jeito com o seu braço ou um hábito inconsciente de proteger o lado esquerdo de seu corpo que seria esperado de uma pessoa que torcera sua mão

esquerda, o que eu tinha achado estranho, mas vendo isso de volta agora e dizer isso não parece ser muito convincente.

Porém.

Era certo que ela não podia jogar basquete com aquela mão.

Sem pensar, eu apertei o pulso dela.

“Não faça sons estranhos!”

Ela instintivamente puxou sua mão fora.

“É porque você me tocou de um jeito estranho!”

“Eu não te toquei de um jeito estranho nem um pouco!”

“Eu tenho cócegas!”

“Isso não significa que você deveria fazer sons estranhos que bagunçam como o seu personagem tem sido até agora!”

Agora que penso nisso, a Senjougahara também age fora do personagem um bocado. Claro, o jeito da Kanbaru era completamente diferente de como a Senjougahara age agora, mas se a Kanbaru sai de personagem desse jeito, isso

significa que essa era a piada da Senjougahara no fundamental?

“Você pode ter se esquecido, mas, Kanbaru, aqui é o seu quarto, na sua casa. O que você pensa que aconteceria se os seus pais ouvissem você fazendo sons assim?”

“Ah, não se preocupe com isso.”

Kanbaru disse em seu tom despreocupado.

“Não se preocupe com os meus pais.”

“...Tudo bem, então.”

O quê...?

Qual foi a dessa expressão, como se ela não quisesse tocar no assunto, ou evidentemente não queria ter esse tópico ser ainda mais sondado. Mas ela disse essas palavras, que fugiam do personagem mais do que qualquer coisa antes, em seu típico tom de voz despreocupado.

“De qualquer jeito”, Kanbaru quebrou o gelo enquanto flexionava sua mão, abrindo-a e fechando-a. “Como você pode ver, nesse momento eu posso controlar ela de acordo com a minha vontade, mas tem vezes em que ela não se

move. Não. Em vez disso, ela se move contra a minha vontade, eu acho—”

“Ela se move contra a sua vontade?”

“Acho que contra a minha vontade, ou os meus sentimentos. Eu acho que é difícil de entender. Ter isso explicado por mim quando eu nem mesmo entendo isso completamente. Pode ser bem óbvio, mas, enquanto foi definitivamente eu que lhe atacou ontem à noite, eu quase não tenho memórias disso.”

Kanbaru explicou.

“Acho que é como estar meio acordado, ou como um devaneio, não é como se eu não me lembrasse de nada, é como assistir algo na TV, como se na verdade eu não estivesse lá.”

“Um transe.”

Eu interrompi a explicação dela.

“É chamado de—Transe... Monstruosidades que possuem humanos separam o corpo e a mente.”

No meu caso não foi assim—No caso da Hanekawa, no caso do gato da Hanekawa, foi bem assim. É por isso que a

Hanekawa mal se lembra de qualquer coisa sobre a Golden Week, quando ela entrou em contato com um kiai. Acho que a situação atual é próxima disso—Quando aconteceu com a Hanekawa, também houve mudanças em seu corpo.

“Você com certeza sabe um bocado, Araragi-senpai. Entendo, então é chamado de kiai, esse tipo de coisa—”

“Bem, eu não sou exatamente um expert. É só que recentemente eu tenho me deparado com esse tipo de experiência um bocado, e eu conheço um cara que sabe de um bocado—”

Oshino.

Esse era o território do Oshino.

O domínio dele.

“—Esse tipo de coisa.”

“Ok. Entendo, tenho sorte de você ser uma pessoa tão boa. Nós não teríamos sido capazes de conversar se você me rejeitasse assim que visse o meu braço. E eu teria ficado bastante magoada.”



“Tudo bem. Relaxa, eu vi coisas malucas o bastante pra ficar acostumado com elas agora. Incluindo o caso da Senjougahara também.”

A essa altura, imagino que depois eu deveria explicar que tinha me envolvido com um kiai e que tinha temporariamente me tornado um vampiro... Normalmente, em termos de prestação de contas, eu deveria ter explicado isso de antemão, mas agora ainda tinha coisas demais que eu não entendia sobre a mão esquerda da Kanbaru.

“Embora eu diria que ainda fiquei um pouco surpreso. Ou que me deu um susto, se eu fosse um estudante da quinta série. Mas agora que o maior choque tá fora do caminho, estou bastante confiante de que depois disso nada vai me surpreender.”

“Entendo, claro, foi exatamente por isso que eu lhe mostrei o meu braço primeiro. Pra tirar a parte mais difícil do caminho primeiro. Agora que nós terminamos com isso, vamos ao verdadeiro tópico no momento.”

Kanbaru prosseguiu com o seu sorriso.

“Eu sou lésbica.”

“ ... ”

O meu queixo caiu no chão. Como em um dos mangás de Fujiko Fujio.

“Uh, oh.”

Vendo minha reação, Kanbaru disse “Isso pode ter sido um pouco brusco pra você, Araragi-senpai, já que você é um garoto. Hmm—” enquanto inclinava sua cabeça.

“Deixe-me reformular isso. Eu gosto de yuri.”

“Isso é a mesma coisa!”

Eu gritei, tentando agir como eu mesmo.

Espera, o quê? O que tá rolando?

Então a Kanbaru e a Senjougahara eram chamadas de Valhalla Combo no fundamental? Como veterana e caloura? E a Senjougahara chamava a Kanbaru de “aquela garota”? E ontem disse que nunca tinha terminado com um homem? Então ela quis dizer isso?

“Errado. Senjougahara-senpai era só o meu amor não-correspondido. Pra mim, Senjougahara-senpai era a

minha senpai ideal, pura e perfeita. Só ficar ao lado dela era o bastante.”

“Só ficar ao lado dela...”

Mas ela acabou de chamar isso de amor não-correspondido como se fosse perfeitamente normal. Essa garota...

Hachikuji, a “garota em você” estava completamente errada... Espera, se acalme, eu não posso simplesmente negar tudo sem ouvir o lado da Kanbaru da história primeiro. Certo, talvez isso seja normal para garotas hoje em dia. Talvez eu só esteja sendo antiquado. Eu deveria pensar nisso mais levemente, mais liberalmente.

“Então, yuri... Entendo.”

“Isso mesmo, yuri.”

Kanbaru parecia feliz por algum motivo.

Mas, considerando tudo.

Sendo vampiros ou gatos, ou caranguejos, ou caracóis, presidentes de classe ou garotas doentes, ou crianças da escola primária, garotas-gato ou tsunderes, ou crianças perdidas, ou tudo só acabando ser sobre yuri. Este mundo

é, como eu deveria dizer, ele com certeza tenta bastante, ou talvez seja só ganancioso...

Ele simplesmente só faz o que bem quer.

Imagino se a Senjougahara sabe que a Kanbaru é lésbica... Julgando por como a Kanbaru fala sobre ela, ela provavelmente não sabe. Bem, se ela sabia ou não, provavelmente não fazia muita diferença pra Senjougahara no fundamental.

As estrelas do time de atletismo e do time de basquete.  
O Valhalla Combo.

“Senjougahara era popular com todo mundo, mas eu acho que a maneira que eu amava ela era diferente da de todo mundo. Eu tenho orgulho disso. Eu podia até mesmo morrer por ela naquela época. Morta ou viva.”

“...”

Eu não tenho realmente certeza se isso soou legal ou não.

“Uau, eu acabei de dizer algo bem legal. Misturar ‘eu amo’ e ‘viva’ foi muito bom, se posso dizer eu mesma. Não foi, Araragi-senpai?”

“No início eu não tinha realmente certeza, mas depois de ter colocado isso no final, eu tenho bastante certeza da minha pontuação.”

Não foi nem um pouco legal.

De todo jeito.

Eu pedi para a Kanbaru continuar sua história.

“Continuar não é realmente uma ótima palavra, isso nem aconteceu há tanto tempo assim. Eu acho que isso é onde a história se junta ao presente. O motivo pelo qual eu escolhi a Escola de Ensino Médio Naoetsu em primeiro lugar foi para seguir a Senjougahara-senpai.”

“Foi o que pensei... Acho que tô mais convencido do que surpreso com isso.”

Dependendo de como ela interpretar isso, isso pode ter soado insultante para com suas atuais colegas de time de basquete, então eu só vou manter isso na minha cabeça. Sendo a estrela do seu time de basquete do fundamental, ela deveria ter sido capaz de entrar numa escola mais voltada a esportes e jogado mais seriamente. Eu me perguntei por que Kanbaru escolheria o Colégio Particular

Naoetsu, sendo uma escola preparatória para a universidade que era, no máximo, completamente apática quanto a qualquer um de seus clubes, incluindo o time de basquete. Que motivação ela teria?

Amor imortal.

Eu acho que isso é um pouco demais.

“Eu me sentia tão atraída pela Senjougahara-senpai que teria comido um doce que ela tivesse cuspidado fora.”

“ ... ”

Isso é algo que você deveria realmente estar dizendo às pessoas?

“Mas, Araragi-senpai. Aquele ano após a Senjougahara-senpai se formar do fundamental e de eu me tornar uma terceiranista foi completamente cinza.”

“Cinza?”

“Minha cinza vida yuri.”

“ ... ”

Ela com certeza gosta de usar a palavra “yuri”, não é? Tanto faz.

“Pensando na minha cinza vida yuri com as minhas cinzas células cerebrais.”

“Isso não foi nem um pouco engraçado.”

Pare de tentar inserir trocadilhos aleatórios quando quer que fale.

Ela está calma demais enquanto nós falamos sobre esse tipo de coisa.

“Você com certeza é estrito, Araragi-senpai. Os seus critérios são altos demais para mim. Mas é estranho, quando eu penso nisso como você só tentando me ajudar ao dizer isso, descubro que posso aceitar isso.”

“Então... O que aconteceu durante esse ano da sua cinza vida yuri?”

“Certo, durante esse ano, eu vim a descobrir o quão importante como pessoa a Senjougahara-senpai era para mim. Na verdade, esse ano em que fomos separadas pode ter sido muito mais importante pra mim do que os dois anos em que ficamos juntas. Então eu decidi que, se eu fosse aceita no Colégio Particular Naoetsu, eu

confessaria para ela. E depois disso, eu passei todos os meus dias e noites estudando para conseguir entrar.”

Kanbaru falou em seu típico tom cheio de confiança, mas ela parecia estar corando um pouco. Acho que isso é só ela ficando um pouco envergonhado—Droga, ela estava bem fofa. Eu só estava confuso quando ela começou a me perseguir, mas essa foi a primeira vez em que pensei na Kanbaru como a minha kouhai fofa. Eu senti uma nova região “yuri” de moe brotando dentro de mim...

De alguma forma, eu nem mesmo ligo realmente pro braço esquerdo da Kanbaru mais... Espera, o braço esquerdo dela deveria ser o tópico principal em primeiro lugar...

“Nem mesmo só um doce. Chiclete. Eu mascaria um chiclete que Senjougahara-san tivesse cuspidado fora. Eu me sentia tão atraída por ela assim.”

“Eu não entendo os seus critérios nem um pouco...”

Você não poderia achar uma maneira melhor de explicar isso?

“Mas”



Ela disse, seu tom de voz baixando conspicuamente.

“Senjougahara-senpai mudou.”

“Ah...”

“Completamente.”

Um caranguejo.

Hitagi Senjougahara se encontrou com um caranguejo.

Ela perdeu muitas coisas e jogou fora muitas coisas—E rejeitou tudo. Hanekawa era assim também, mas olhando para isso da perspectiva de alguém que teria conhecido a Senjougahara no fundamental, ela tinha mudado tanto que poderiam confundi-la com uma pessoa diferente. Para a Kanbaru, que colocou tanta fé nela, ela não deve ter nem querido acreditar no quanto Senjougahara havia mudado.

Tanto que ela sequer podia acreditar o que ela tinha visto com os seus próprios olhos.

“Eu ouvi que ela ficou bem doente depois que começou o ensino médio, alguma doença de longo prazo, e que ela saiu do time de atletismo. Eu já sabia disso antes. Mas eu nunca nem imaginei que ela poderia mudar tanto. Eu pensei que fosse só um rumor ruim.”

Grave. Uma doença pesada...

Bem, essa explicação não é errada..., mas para a Senjougahara, essa doença ainda não está completamente curada. Como uma doença crônica.

“Mas—Eu estava errada. Os rumores em si estavam errados, mas eles não chegavam nem perto do quão ruim isso estava na verdade. Eu percebi que algo grave devia ter acontecido com o corpo da Senjougahara-senpai, e eu sabia que tinha de fazer algo. Eu pensei que eu tinha que salvar ela. Não tinha? Porque eu nunca me esqueci do quanto a Senjougahara-senpai me ajudou no fundamental, do quanto eu devia a ela. Nós estávamos em anos diferentes e clubes diferentes, mas ela era tão gentil comigo.”

“Essa gentileza...”

Eu me pergunto que significado essa gentileza tinha para a Senjougahara. Mas eu acho que essa não é a hora de falar sobre isso, ou perguntar.

“Então eu tentei ajudar ela. Eu queria ajudar ela. Mas ela completamente, inequivocamente me rejeitou.”

“Entendo.”

Eu acho que ela não me contaria exatamente como foi rejeitada. Ela provavelmente ainda está tentando proteger Senjougahara, Kanbaru nunca, não importa o que aconteceu, mesmo que sua boca estivesse sendo rasgada, dizer qualquer coisa ruim sobre Senjougahara.

Como eu pensei, ela tinha enfrentado algo tão ruim quanto ou ainda mais terrível do que o que aconteceu comigo. Até aí era fácil de deduzir, mas... Sinceramente, eu nem mesmo queria perguntar.

Pelo meu bem e pelo da Kanbaru.

Pelo bem da Senjougahara também.

Um grampeador.

“Eu pensei que poderia fazer alguma coisa.”

Ela disse. Ela parecia como se não pudesse sequer suportar mais a vergonha e que se arrependia do que tinha feito do fundo do seu coração. Mas ainda assim, ela falou num tom de voz casual forçado.

“Eu pensei que poderia fazer alguma coisa quanto ao que quer que Senjougahara tivesse. Mesmo que eu não

pudesse me livrar do que estava causando isso, mesmo que eu não pudesse fazer o que quer que estivesse acontecendo com ela melhorar de forma alguma, eu pensei que ao ficar do lado dela—Eu poderia curar o seu coração.”

“ ... ”

“Eu com certeza fui idiota, não fui? Eu fui ingênua. Mas pensando nisso agora, é bem engraçado.”

Porque Senjougahara não estava querendo isso nem um pouco—

Dizendo isso, Kanbaru olhou para baixo.

“Eu nunca pensei em você como a minha amiga, ou a minha kouhai—Nem antes e não agora’. Ela disse direto na minha cara.”

“Bem...”

Ela diria algo assim. Na época. Ela estava completamente munida com armas ainda mais perigosas que seus artigos de papelaria, suas palavras.

“De início, eu pensei que ela quisesse dizer que pensava em mim como sua amante. Mas esse não era o caso.”

“Você com certeza é positiva.”

“Verdade. Mas continuando, ela deixou ainda mais claro pra mim. ‘Eu só fingi ser uma boa amiga para você porque ser amiga da minha caloura legal me deixaria mais popular. Foi por isso que eu fui boa com você, foi por isso que eu fiz o papel da senpai boazinha’.”

“Ela com certeza diz umas coisas cruéis.”

Ela queria machucá-la.

Para que ela se afastasse.

Mas ontem, Senjougahara a chamou de “aquela garota” e a chamou de sua caloura do fundamental, e admitiu que elas eram amigas no fundamental mesmo que elas não fossem mais. Essa pode ser só uma explicação conveniente para mim, mas, ainda assim.

“Eu fiquei muito feliz por ela ter me chamado de caloura legal.”

Ela com certeza é positiva.

Do início ao fim.

“Mas eu percebi o quão impotente eu era. Eu era tão pretensiosa, pensando que eu podia curar ela só por ficar

ao seu lado. A Senjougahara-senpai nunca quis ninguém ao lado dela.”

Realmente existem pessoas que não são solitárias, mesmo quando estão sozinhas.

Normalmente, eu pensaria que a Senjougahara definitivamente se encaixaria nessa categoria. No mínimo, ela não era o tipo de pessoa que sairia com um grupo grande sem nenhum motivo. Eu tenho certeza de que ela era assim, mesmo quando ela era uma estudante do fundamental sociável.

A diferença entre não ficar solitário mesmo quando se está sozinho.

E querer ficar sozinho.

É como a diferença entre ser insociável e odiar as pessoas.

“Então depois disso eu nunca me aproximei da Senjougahara-senpai novamente. Porque isso era a única coisa que ela queria de mim. Claro, não tinha como que eu poderia me esquecer da Senjougahara-senpai—Mas, se ao deixá-la e não fazer nada e ficar longe dela, a Senjougahara

fosse salva, mesmo que só um pouco, eu podia viver com isso.”

“...Você.”

Eu não tinha certeza do que eu deveria dizer. Eu estava tão impressionado, não com a sua atitude, que poderia até mesmo ser chamada de pura, mas com ela descrever a sua escolha não como “inevitável” ou que ela “não tinha outra escolha”, mas como ser capaz de “viver com isso”. Ela disse que a Senjougahara tinha mudado, mas ela a deixou por sua própria vontade.

Ela realmente estava séria.

Sobre a Senjougahara.

De quando ela estava no fundamental para um ano atrás, os sentimentos dela só ficaram mais fortes.

Mesmo agora.

“Eu tinha cuidado para não me esbarrar com a Senjougahara-senpai. Eu mudei tudo que fazia para não me encontrar com a Senjougahara nos corredores, para a gente não se ver durante as assembleias matinais, para que a gente não passasse uma pela outra na cafeteria. Eu cuidei

de tudo para que a Senjouhara-senpai não tivesse que se importar comigo, e para que eu não tivesse que me importar com ela. Eu sabia que se fosse bem em qualquer clube, rumores sobre mim correriam por aí, então eu misturei fato e ficção nos meus próprios rumores e controlei eles.”

Não é nenhuma maravilha que a personalidade dela seja tão distorcida. Os rumores sobre ela nunca se encaixam.

Eu estava convencido.

Mas ainda assim, ser tão minuciosa, é quase como uma perseguição reversa.

“Foi assim que eu passei o meu primeiro ano. Não era nem cinza, mas mais como a minha negra vida yuri. Mas depois disso, eu fiquei mais imprudente e me envolvi mais com o basquete, eu não tenho certeza se isso foi para o melhor ou não, mas depois desse ano, eu descobri sobre você, Araragi-senpai.”

“ ... ”



Ela pareceu ter descoberto sobre mim bem tarde, considerando o quanto ela se preocupava com a Senjougahara. Provavelmente não foi por que levou a duração de dois anos escolares, mas porque ela estava deliberadamente evitando conversações sobre a Senjougahara.

Independente disso.

Ela descobriu sobre mim, Koyomi Araragi.

“Eu não podia me segurar por mais tempo, então pela primeira vez em um ano, eu me aproximei da Senjougahara-senpai por minha própria vontade. Ou eu tentei. Claro, durante esse ano tiveram alguns erros descuidados, mas essa foi a primeira vez em que eu intencionalmente vi a Senjougahara-senpai. Eu vi a Senjougahara-senpai e você, Araragi-senpai, conversando na sala de aula uma manhã. E ela estava sorrindo alegremente como eu nunca tinha visto antes mesmo no fundamental.”

“ ... ”

Eu me pergunto como ela estava verbalmente me abusando nesse momento quando ela estava sorrindo... Esse é praticamente o único momento em que a expressão dessa mulher muda alguma vez, quanto mais sorri.

“Você entende?”

Kanbaru se virou para me olhar.

“Você tava fazendo o que eu tanto queria fazer, mas que nunca pude... Como se fosse a coisa mais fácil no mundo.”

“Kanbaru... Isso”

“No começo, eu fiquei com ciúmes.”

Ela falou, enfatizando cada palavra.

“Eu tentei repensar isso,”

Eu podia ouvir a emoção transbordante que ela estava tentando controlar em sua voz.

“mas no fim, eu ainda estava com ciúmes.”

Ela concluiu.

“...”

“Por que não podia ter sido eu? Eu estava com ciúmes de você, e eu desisti completamente da Senjougahara-senpai. Eu pensei que teria funcionado se eu fosse um

homem. E que não funcionou porque eu sou uma mulher. Eu pensei que mesmo que ela não precisasse de uma amiga ou de uma caloura, eu poderia ser uma amante. Então,”

Então, disse Kanbaru, me encarando.

Ela olhava para mim, seus olhos estavam cheios de vergonha.

“Então, por que não podia ter sido eu?”

Mesmo que eu soubesse que ela era a minha caloura e uma garota mais jovem do que eu, e que ela provavelmente não enlouqueceria e me agarraria, eu estremeci.

Eu estava com medo.

“Eu estava com ciúmes de você, e eu desisti completamente da Senjougahara-senpai. E eu estava estupefata. O que eu tava pensando? ‘Curar a Senjougahara-senpai’, ‘deixar ir’. Tudo isso era uma mentira. Tudo isso era só o meu ego. ‘Se eu estava bem com isso, então isso estava bem da maneira que estava’. Por acaso eu pensei que a Senjougahara-senpai me elogiaria por isso? Eu fui idiota. Eu fui tão hipócrita. Mas, ainda assim, eu queria que a Senjougahara-senpai fosse

gentil comigo como ela costumava ser. Eu não ligava se isso era o meu ego ou o que fosse, eu só queria ficar ao lado dela.”

Kanbaru tocou sua mão esquerda com a sua mão direita.

A mão dela de uma besta.

“Então eu fiz um pedido a esta mão.”

[I] Valhalla em japonês é Baruhara. Kanbaru e Senjougahara.

Acredito que não há necessidade de fazer uma sinopse do livro “A Pata do Macaco”, de William Wymark [1]. Mas tendo nunca ouvido falar dela antes, fiquei um tanto impressionado com quão bem feita essa história de terror é. E após escutar a explicação feita por Kanbaru, fiquei com a sensação de que já havia a escutado antes.

Em outras palavras, ela é um clássico.

Segundo Kanbaru, A Pata do Macaco é um objeto muito conhecido que, apesar de não ser tão popular quanto os vampiros, apareceu em diversas mídias de diferentes maneiras. E apesar dessas “reencarnações” terem suas diferenças, todas elas têm um ponto em comum, e esse ponto é o principal fator que faz A Pata do Macaco ser A Pata do Macaco.

Segundo a lenda, A Pata do Macaco realiza os desejos de quem a possui.

Mas, segundo a lenda, ela os realiza de uma maneira inesperada para o portador.

Esses dois elementos.

Sim, esse é o tipo de coisa que só pode ser descrita com “segundo a lenda”.

Digamos que você desejou por dinheiro. Na manhã seguinte, você poderia acordar com a notícia de que toda a sua família morreu e que você irá receber os seus seguros de vida. Ou imaginemos que você desejou por uma promoção no seu emprego. Você poderia, na manhã seguinte, descobrir que a empresa foi por água abaixo e toda a equipe de gerenciamento foi demitida, mas que você foi promovido nessa empresa à beira da falência.

Aparentemente feita por um mago indiano, A Pata do Macaco foi criada com intuito de ensinar às pessoas a seguirem seus destinos e mostrar que algo terrível aconteceria com aquelas que tentassem se opor a ele. Outra característica presente na história é a capacidade de realizar três desejos para três pessoas.

A primeira coisa que vem a minha mente quando penso em três desejos é a lâmpada mágica do livro “As Mil e uma Noites”, mas eu não consigo lembrar como aquela história termina. Contos semelhantes podem ser encontrados em várias partes do globo. Talvez os nossos insaciáveis desejos sejam o motivo para que esse tipo de narrativa tenha virado parte essencial da nossa cultura. Sendo “A Pata do Macaco” a mais conhecida entre essas histórias.

“Qual é o nome dele mesmo... Meme Oshino? É esse o nome dele?”

“Isso mesmo. Eu sei que já disse isso antes, mas só reforçando que ele não é fofo como o nome dá a entender, ele só é um cara esquisito que gosta de camisas havaianas. Recomendo que você já tenha isso em mente, para depois não ficar desapontada.”

“Não é isso que eu quis dizer. É que o nome dele é tão marcante, pode até se dizer que é simbólico, não que isso importe agora. Mas ‘Meme’ é um nome bem difícil de se fazer um apelido, não acha?”

“Verdade... me pergunto como o chamavam quando ele era pequeno. Tenho que admitir, estou um pouco curioso. Mas eu realmente não consigo imaginar como aquele velho seria quando criança.”

Oshino residia em um cursinho abandonado de quatro andares que ficava a alguns quilômetros da área residencial. Aquele edifício estava em ruínas. Um edifício abandonado que nem mesmo crianças desafiariam umas às outras a entrar, um que provavelmente nem mesmo é considerado mais um edifício pelas pessoas que moravam por perto. Em resumo, essas ruínas serviam apenas como cenário. Elas eram tão velhas que um simples terremoto seria capaz de derrubá-las de uma vez por todas. E apesar de eu ter dito que elas eram velhas, na verdade, esse cursinho faliu faz poucos anos devido a outro cursinho ter sido criado na frente da estação de metrô. Tudo que sobrou foram os seus restos, que mostravam o terrível estado que uma construção poderia ficar em poucos anos de desuso. Então pode-se dizer que o caso do Oshino seria um exemplo prático do ditado “O lixo de uns é o tesouro



de outros.” Já fazia dois meses que ele estava morando lá, assim também fazendo dois meses desde que aquelas férias de primavera aconteceram. Cercado por placas de “entrada proibida, acesso restrito” e usando as antigas mesas como cama, aquele homem perambulava por aí.

Sim, perambulava por aí. Ou seja, ele nem sempre se encontrava naquelas ruínas.

Então eu poderia ir vê-lo, assim como estava fazendo, mas encontrá-lo em si era uma questão de sorte. E o fato dele não ter um celular também não ajudava.

Da casa da Kanbaru até lá, de bicicleta, demorava por volta de uma hora.

Também demoraria uma hora até lá se você fosse correndo, caso você fosse a Kanbaru, é claro.

Nós dois ficamos olhando por um tempo aquele cursinho abandonado.

“A propósito, Araragi-senpai, você disse que foi atacado por um vampiro. Por acaso essa foi a sua primeira experiência com uma monstruosidade?”

“Acho que sim.”

Talvez eu não tenha notado antes.

Então aquela foi a primeira que eu estava ciente que encontrei uma.

“Férias de primavera para você, depois ela e agora eu... bem curioso, não é? Nada antes, e agora três seguidos.”

“Tem razão.” Na verdade, seriam cinco casos se você contasse com o da Hanekawa e da Hachikuji, mas eu decidi não contar esses a Kanbaru, em respeito à privacidade das duas. “Parece que você é mais propício a encontrá-las depois da primeira vez, então talvez a minha vida vá ser assim daqui em diante.”

“Poxa, deve ser difícil...”

“Não é tão ruim quanto parece. Encontrar uma monstruosidade também significa ter uma experiência fora do comum, além de que você geralmente acaba aprendendo alguma coisa depois que tudo termina.”

Apesar de eu ter dito aquilo, tive a sensação de que estava tentando esconder o que eu realmente sentia. Eu estaria mentindo se dissesse que o ocorrido das férias de primavera não foi tão ruim. E devido ao meu

constrangimento, fiquei observando o braço esquerdo enfaixado de Kanbaru. Não dava para ver o que havia embaixo das faixas, mas caso você soubesse, notaria algumas inconsistências entre ele e o braço direito, mesmo ela tendo envolto algumas partes diversas vezes.

“Araragi-senpai, se eu não estou enganada, mesmo vocês dois tendo estudado na mesma sala por três anos seguidos, a primeira vez que você falou com ela foi há algumas semanas atrás. Pensei que vocês já se conheciam.”

“Eu não tenho certeza se aquela foi a primeira, primeira vez, mas eu certamente não teria notado o segredo dela se ela não tivesse escorregado, e provavelmente não teríamos começado a namorar se não fosse por aquilo. E se eu não conhecesse o Oshino, dificilmente teria conseguido ajudá-la... então de certa forma foi tudo uma questão de sorte. Você encontrou a Pata do Macaco e eu um vampiro, simples assim.”

Kanbaru acreditou no que a Senjougahara disse assim que escutou, presumo que tenha sido devido a sua experiência com a Pata, assim como eu já tinha

encontrado com o vampiro e o gato. Fazendo o fato de eu conhecer Oshino, alguém que sabia lidar com esses casos, a única coisa que nos diferia.

Por isso que eu não conseguia parar de pensar: e se tivesse sido ela que conhecesse o Oshino ou ela encontrasse alguém que pudesse ter ajudado a resolver o segredo da Senjougahara? Isso faria ela estar na mesma posição que eu?

Pura e simples sorte.

Você pode dizer que foi o destino ou algo assim, mas, na verdade, tudo foi uma questão de chance.

“Fico feliz que você esteja me tratando de forma tão atenciosa, mas eu gostaria que você nunca mais dissesse isso. Ela não é o tipo de pessoa que confundiria gratidão com amor. Esse seu gesto só foi um dos motivos,” disse Kanbaru, com um tom desolado. “E é exatamente isso que me deixa tão frustrada. Quando ela me rejeitou, eu me afastei. Mesmo ela tendo feito a mesma coisa em nós dois, você foi o único a ir atrás dela. Então, se há uma diferença entre nós, não foi que eu encontrei a Pata e você um

vampiro, ou que você conhecia o Oshino-san, a sua perseverança é o motivo dela estar com você agora.”

“.....”

*Tenho certeza*, murmurou Kanbaru.

Finalmente ter uma conversa genuína me fez perceber o quão introspectiva ela é... o completo oposto do que eu esperava de uma garota cheia de vigor. Se ela estava arrependida, o mesmo podia ser dito sobre mim.

Mas o que exatamente eu estava sentindo?

O remorso que experienciei enquanto conversava com ela, era como se meu coração estivesse sendo perfurado. Eu sei que não precisava, mas eu estava constantemente eufemizando o que sentia.

E isso me deixava ainda mais arrependido.

“Dito isso...” disse Kanbaru, “eu realmente estou feliz que a Senjougahara-senpai esteja bem. Araragi-senpai, de verdade, muito obrigada por ter ajudado ela.”

“Como eu já disse, eu não fiz nada, quem você deveria agradecer é o Oshino... não, ele também não. Foi a

Senjouhahara que se salvou, ela se salvou por conta própria.”

Essa é a verdade.

Nós dois fizemos basicamente nada.

“É... talvez você tenha razão. Eu posso te perguntar outra coisa?”

“Claro.”

“Eu entendo perfeitamente o motivo dela gostar de você. Mas o que fez você gostar dela? Você mesmo disse que ela era apenas uma colega de classe, uma que nem mesmo tinha conversado direito antes.”

“Uhhh...”

Isso era bem difícil de se responder, principalmente devido ao jeito franco que ela perguntou. Certa parte de mim estava envergonhada, enquanto a outra buscava um motivo em específico... a gente só tava lá, naquele dia, no Dia das Mães.

Agora entendo o motivo de eu ter me sentido daquele jeito.

“...Por que você quer saber disso, Kanbaru?”

“Bem, porque estive pensando que, se você estiver apenas interessado no corpo dela, eu poderia substituí-la.”

“.....”

Com seu braço direito e seu braço esquerdo enfaixado, Kanbaru começou a mexer em seus peitos. Ela ainda estava usando seu uniforme, fazendo que sua pose ficasse ainda mais erótica.

“Eu me acho bem fofa.”

Autoestima é tudo.

“Acredito que eu ficaria mais feminina se eu deixasse meu cabelo crescer, e também não tenho problema em usar produtos para pele. E graças aos meus treinos, tenho um corpo bem forte e um quadril na medida certa. Aliás, já me disseram que alguns homens fariam todo tipo de coisa para experimentar o meu corpo.”

“Quem foi que disse isso?”

“Foi o conselheiro do nosso time.”

“Você sabe onde ele mora? Ele parece bem interessante, eu adoraria matar... quero dizer, conversar com ele.”

“Espera, você disse matar? Mas assim nós seremos obrigadas a parar de jogar.”

*Mas e aí, o que você acha?* Perguntou Kanbaru.

Aquilo não parecia ser umapiada ou algo assim, ela estava bastante séria sobre isso. Assim me deixando com duas opções: sim ou não.

“Só avisando que estou pronta para fazer a qualquer hora e em qualquer lugar, você apenas precisa pedir. Posso ser a uke ou o seme [2] da relação, fica ao seu critério.”

“Uke?! Seme?! Por que vou querer uma coisa dessas?!”

“Desculpa, pensei que você sabia sobre BL. Tenho que admitir, isso realmente me pegou de surpresa.”

“Digo o mesmo. Mas enfim, não tenho interesse em falar de BL com uma garota mais nova que eu.”

“Mas por quê? BL é só a sigla de ‘Boys Love’.”

“Eu infelizmente sei disso!”

E também infelizmente sabia que ela tinha interesse nesse tipo de coisa.

Quando eu estava limpando o quarto dela, acabei encontrando vários livros sobre o assunto. Cada um com



uma capa mais estranha que o anterior, diga-se de passagem.

Eu me esforcei ao máximo para não entrar nesse assunto.

E continuarei fingindo que não vi nada.

“Ah, certo. É que pela sua reação, pensei que você não soubesse o que era. Mas então por que está bravo? Eu não estava querendo te ofender. Araragi-senpai, por acaso você é um uk...”

“CHEGA! Não quero ouvir nem mais um piu sobre esse assunto, OK?!”

“Eu sou mais sub do que domme, então não sei se conseguiria ser a ativa.”

“Tá, agora realmente não sei o que cê tá falando.”

Sub? Sub o quê?

Sendo sincero, essa conversa estava saindo dos trilhos.

“E por que um garoto e uma garota precisariam desses negócios de BL? Não consigo ver a necessidade disso.”

“É que eu quero que a minha primeira vez seja com a Senjougahara-senpai.”

“Precisava mesmo dizer isso?!”

Saindo? Essa conversa saiu dos trilhos já fazia tempo.

Por acaso ela e a Senjougahara estavam planejando destruir todas as ilusões que eu tinha por mulheres?! Não há dúvidas, presenciei em primeira mão o verdadeiro poder do Valhalla Combo.

Lentamente, as minhas chances de alcançar a felicidade foram sumindo. Eu conseguia sentir o meu corpo ficar cansado.

Juro que estava quase ficando maluco com toda essa conversa de “estiver interessado no corpo dela”, “quadril na medida certa” e “todo tipo de coisa para experimentar o meu corpo” ... Apesar de sua língua afiada, conversar com a Hachikuji era divertido porque eu nunca ficava estranhamente exausto por conversar com ela, pelo menos é isso que eu pensava das conversas que tive com aquela garota do fundamental.

Eu realmente era um caso perdido.

“Sinto muito se isso soar um pouco rude. Mas, Araragi-senpai, você não vai chegar muito longe no mundo dos

adultos se não conseguir falar obscenidades com uma garota mais nova. Recomendo que acabe com essas suas noções sobre feminilidade o quanto antes.”

“Essa é a última coisa que quero ouvir de uma garota mais nova que eu.”

E não tinha uma palavra melhor pra usar no lugar de ‘obscenidades’?

Não que usar outra palavra fosse ajudar muito.

“O que quero dizer é que você não deve esperar que eu seja recatada por causa dessas suas noções. Você pode não achar, mas garotas têm, sim, interesse nessas coisas. E esses seus pensamentos também podem lhe causar problemas no futuro.”

Talvez esse pequeno episódio viraria o responsável pela criação de outra ilusão. Será que eu estava errado em pensar que ela ou a Senjougahara não tinham interesse nisso?

“Mas voltando ao que estávamos falando,” disse Kanbaru, “voltando a nossa discussão sobre qual tipo de cueca é sua preferida.”

“Tenho certeza que a gente não tava falando disso.”

“Hã? Então estávamos discutindo se eu uso algo debaixo da minha legging?”

“E por acaso você não usa, Senhorita Kanbaru?!” O choque foi tanto que acabei soltando um ‘Senhorita’ sem querer. “E-Então você tá usando ela como...”

“E por que eu não estaria? Afinal, leggings também foram criadas com esse intuito em mente.”

“Pior ainda! E você nem mesmo tentou refutar o fato de estar basicamente mostrando a calcinha pra o mundo todo!”

E não é só isso... a saia dela ia pra tudo que era canto, menos pra baixo quando ela corria ou saltava!

“Você também pode ver dessa forma, porém, eu vejo mais como um presente vindo de uma garota esportista.”

“Nem pensar! Isso tá mais pra o comportamento de uma exibicionista!”

“Ah, me lembrei, nós estávamos falando se eu poderia substituir a Senjouhara-senp...”

“Ei, nem pense em mudar de assunto sem responder aquela pergunta! É melhor me dizer agora se você tá, ou não, usando algo aí embaixo!”

“Tem como deixarmos esse assunto para depois? Não temos tempo para perder com algo tão trivial.”

“Trivial coisa nenhuma! Isso vai determinar se a minha kouhai é uma exibicionista ou uma garota esportista”

Obscenidades à parte, nós realmente estávamos falando de nada em específico já faz um tempo.

“Certo, entendo,” disse Kanbaru, “então que tal você ver dessa forma? Para aqueles que me veem como uma exibicionista, eu sou uma; e para aqueles que me veem como uma garota esportista, sou uma também.”

“Ahh, não me venha com uma resposta dessas! Isso é coisa que as minhas irmãs diriam! Por acaso você tem quantos anos, hein?!”

Nossa conversa sobre nada em específico finalmente chegou ao seu cume.

Agora ela só podia ser sobre uma coisa.

“...Kanbaru, olha, não importa o quanto você tente, você não vai conseguir substituir a Senjougahara.”

“.....”

Isso não era apenas sobre a proposta que ela fez.

“Você não é ela. Ninguém pode tomar o lugar de outra pessoa, e ninguém pode virar alguém que não é ela mesma. Hitagi Senjougahara é Hitagi Senjougahara, e você é Suruga Kanbaru. Não importa o quanto você a ame, o quanto você a idolatre ou o quanto você queira isso.”

“... Você tem razão.” Assentiu Kanbaru, e após uma pequena pausa: “Você tem total razão.”

“Com isso resolvido, podemos ir agora? E tem como dar um jeito nessa pose? Você me tornou em alguém que teve uma longa conversa com uma garota enquanto ela massageava os próprios peitos, e eu não sei se gosto disso.”

“Desculpa, nem tinha me dado conta.”

Essa não era a única coisa que ela precisava se dar conta. “Parece que o Sol vai se pôr em breve, melhor a gente se apressar. Se não me engano, o braço esquerdo só é ativo à noite, né?”

“Isso, então ainda temos um pouco de tempo até ele acordar.”

“Oh... parece um pouco com um vampiro...”

Eu e Kanbaru andamos em volta do cercado até que encontramos o buraco que servia como entrada. Há três semanas, Senjougahara passou pelo mesmo buraco, e agora eu estava com sua kouhai, Kanbaru.

Nunca imaginei que iria ter algo a ver com ela.

Parece que as coisas nem sempre vão como você imagina.

“Cuidado para não se machucar.”

“Pode deixar.”

Enquanto eu abria caminho entre os arbustos, Kanbaru me seguia. E perguntando a mim mesmo se as coisas iriam continuar assim durante o verão, entrei nas já arruinadas ruínas do cursinho.

É, ainda estava um barraco.

Pedaços de concreto, garrafas PET, restos de placas, cacos de vidro e outras tranqueiras podiam ser vistas no chão daquele lugar. Nós entramos por volta do fim da

tarde. Isso, juntamente à falta de energia, fazia com que o lugar parecesse mais velho do que realmente era.

Bem que o Oshino podia ter aproveitado o tempo livre dele pra dar uma arrumada naquele lugar. Não sei como ele não ficava triste morando num lugar daquelejeito.

Pelo menos era um tiquinho melhor que o quarto da Kanbaru...

Mas diferente da Senjougahara, eu duvidava muito que ela ficasse enojada pelo estado do prédio e pela imprudência de Oshino.

“Mas que imundice,” disse ela. “Por acaso ele limpa aqui não?”

“.....”

Quanta ironia.

Talvez ela não fosse consciente de si mesma... e eu pensando que a atitude descarada dela era devido a sua confiança, mas talvez seja esse o motivo.

Essa é uma diferença entre as duas.

Senjougahara era excepcionalmente autoconsciente.

Oshino geralmente se encontrava no quarto andar.



Quanto mais nos distanciávamos da entrada, mais escuro os arredores ficavam. *Esqueci de trazer uma lanterna*, falei a mim mesmo. Já fui lá tantas vezes, não sei como sempre me esquecia de trazer uma. Eu estava como envelope que a Senjougahara me deu—Nele continha um total de cem mil ienes—, ou seja, eu iria lá de qualquer jeito, independente do resultado da conversa que tive com Kanbaru. Então, aquela foi uma bela mancada da minha parte.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Dependia do local e da hora, mas geralmente eu não tinha nenhum problema com o escuro... sendo esse o motivo de eu ter esquecido de algo tão óbvio.

Mementos da minha época como vampiros.

“.....”

Quando chegamos nas escadas, me virei, porém, ao fazer isso, percebi que Kanbaru estava a dar passos curtos e vacilantes. *Ela não deve gostar muito do escuro*, pensei. E quando comparados à atitude habitual dela, eles pareciam ainda mais duvidosos. Seria difícil subir as

escadas daquele jeito. E não seria nada bom se ela machucasse as pernas... Isso me fez lembrar que segurei a mão da Senjougahara quando tínhamos ido para lá.

Aquela foi a primeira vez que segurei a mão dela.

Humm... o que fazer? Kanbaru deve ter rejeitado a ideia de irmos juntos na minha bicicleta por consideração pela Senjougahara. Sem contar que descobri no dia anterior o quão estrita ela podia ser, principalmente quando envolvia a possibilidade de eu traí-la...

“Kanbaru.”

“Pois não?”

“Tem como você estender a mão?”

“Desse jeito?”

“Perfeito.”

Puxei a mão dela, pela ponta, em minha direção e pedi que segurasse o cinto que havia na minha calça.

“Nós vamos subir algumas escadas, eu vou tentar ir o mais devagar possível, mas mesmo assim tome cuidado para não cair.”

“.....”

Não importa o quão estritas fossem as diretrizes da Senjougahara, aquele nível de contato físico não poderia ser considerado como infidelidade. Tenho que admitir, aquela foi uma ideia brilhante. Também admito que ela é uma ideia um pouco sofisticada, mas pelo menos assim eu teria uma desculpa para dar à Senjougahara.

“Você é mesmo gentil,” disse Kanbaru, puxando o meu cinto como se estivesse testando a resistência dele. “Tenho certeza que dizem isso muito a você.”

“Esse é o tipo de elogio que alguém sem personalidade receberia.”

“Mesmo em uma situação como essa, você se preocupa com nós duas, eu realmente não sei como te agradecer.”

“...Eu sou transparente assim?”

Ela era mesmo astuta.

Pensei que ela não iria notar.

Aquilo foi constrangedor, e o fato dela ter me agradecido me deixou ainda mais constrangido.

“Senpai, posso te perguntar outra coisa?”

“Contanto que não seja sobre ukes e semes.”

“Certo, então vou deixar essas para depois.”

“Essa seria uma das suas perguntas?!”

“A propósito, também tenho perguntas sobre exibicionismo e roupas íntimas.”

“Nós já chegamos no limite desses assuntos.”

“É que eu só tenho interesse nessas coisas.”

“Mas eu não tenho, e tem como fazer logo sua pergunta?”

“Julgando por tudo que você falou... parece que você não disse nada sobre mim a ela.”

“Falei, sim. Tanto que foi dela que descobri sobre o Valhalla Combo.”

Na verdade, eu escutei foi da Hanekawa, mas só fui entender o relacionamento das duas quando falei com a Senjougahara. Eu poderia ter suspeitado, mas elas só seriam suspeitas mesmo. E nem pensei em perguntar sobre isso para Hanekawa.

“Não é isso,” disse Kanbaru. “Estou falando do meu braço esquerdo. Sobre o meu braço esquerdo ter te atacado...”

“Ah, isso. Ainda não tive a oportunidade... não só pelo estado que eu me encontrava ontem, mas também porque eu ainda não sabia da verdade. Eu nem mesmo tinha certeza que era você que tinha me atacado. Então acabei dizendo a ela que eu bati em um poste de luz.”

“Considerando o quão machucado você estava, tem certeza que ela acreditou?”

“Bem, eu não posso fazer com que a polícia ou um hospital se envolvam, graças a minhas habilidades vampíricas. Mas não precisa se preocupar, não planejo manter isso em segredo para sempre, mas... acredito que isso é algo que você deveria dizer a ela, não eu.”

“Eu?”

“Eu não sou uma pessoa boa como você imagina. É que eu tenho meus motivos...”

Minha insistência ardilosa.

Minha operação maliciosa.

Algo que eu, Koyomi Araragi, nunca conseguiria fazer.

“...Hum? Oh!”

Nos deparamos com Shinobu Oshino nas escadas entre o terceiro e quarto andar.

Shinobu—Uma garota de cabelos loiros que aparentava ter por volta dos seus oito anos de idade, tinha uma pele tão branca que parecia ser transparente e que usava um capacete de aviador na cabeça—Estava de cócoras quando a encontramos. E se não fosse por seus cabelos dourados, seria extremamente fácil confundi-la com um Zashiki Warashi. [3]

Até eu fiquei assustado quando a vi, apesar de eu já a conhecer.

Ela ficou nos olhando fixamente enquanto subíamos as escadas. Seu olhar emanava uma aura de raiva e ódio, o olhar de alguém que não conseguiu o que queria.

“.....”

Eu a ignorei.

Eu a ignorei e continuei em direção ao quarto andar... mas por que ela estava naquele lugar? Será que ela tinha brigado com o Oshino?

“H-Hum, quem era aquela garota?” perguntou Kanbaru com um tom de voz agitado, assim que chegamos no quarto andar. Bem, seria mais estranho se ela não tivesse perguntado nada... além de que ela tinha uma monstruosidade fazendo parte do seu corpo naquele momento, então talvez ela tenha sentido algo vindo da Shinobu.

“Ela era tão fofinha!”

“Por que você tá agindo como se essa fosse a melhor coisa que aconteceu hoje?!”

“Eu quero dar um abraço nela... não, eu quero é receber um abraço dela.”

“Será que vai ter alguém que você não aja assim?” E eu crente e abafando que ela era completamente fiel à Senjougahara. Sem contar que ela estava agindo assim por causa de uma criança. “Tem como manter essas coisas só pra você?”

“Mas eu não quero manter nenhum segredo de você.”

“Mas também não precisa dizer tudo que vem em mente.”

“Você disse ‘indecente’?”

“Não, eu não disse isso! Por favor, não me faça ter que criar o hábito de pensar duas vezes antes de dizer uma frase. Sério, acho que nunca falei com alguém como você na minha vida!”

Todas as minhas ilusões, não só aquelas relacionadas a mulheres, estavam sendo destruídas como se fossem um castelo de areia sendo inundado por um tsunami. E após jurar a mim mesmo que nunca a deixaria chegar perto de Hachikuji, a respondi:

“...Bem, recomendo que você não se meta com... aquilo.”

Um vampiro.

—Os resquícios de um

Um vampiro.

—Os restos de um

É isso que Shinobu Oshino, a garota de cabelos dourados, era.

“O-Ok...” lamentou Kanbaru.



“E por que você tá agindo como se essa fosse a pior coisa que aconteceu hoje?! Enfim, chegamos. Agora vamos ver se ele está aqui... é melhor que ele esteja, minha vida depende disso.”

“...Desculpa.”

“A culpa não é sua, não precisa ficar assim.”

“Não sei se consigo aceitar isso. Eu preciso fazer algo para compensar o que fiz. Uh... já sei. Qual é a sua cor favorita?”

“Hã? Minha cor favorita? Tá pensando em me dar um presente? Não sei se tenho uma, mas se eu tivesse que escolher, acho que seria azul-marinho.”

“Certo,” disse Kanbaru, fazendo sim com a cabeça. “Então, de agora em diante, toda vez que nos virmos, estarei usando uma calcinha dessa cor.”

“Não me torne o motivo de você fazer esse tipo de coisa!”

Haviam três salas no quarto andar. As portas das três estavam quebradas. Se Oshino estivesse presente no edifício, ele estaria em uma dessas salas.

Ele não estava na primeira.

Mas quando fomos ver a segunda, nós o encontramos.

“Enfim você chegou, Araragi-kun. Eu já estava contemplando tirar um cochilo, mas você chegou bem na hora.”

Lá estava ele, deitado em um chão tão rachado que você poderia se cortar caso estivesse descalço, e sobre esse piso havia uma caixa de papelão desgastada que ele provavelmente usava como roupa de cama. E, sem sair do lugar, ele nos cumprimentou com seu tom onisciente de sempre, mesmo não sabendo o motivo de estarmos lá.

E não vamos esquecer de sua camisa havaiana amarrotada e psicodélica, seu cabelo desgrenhado e sua aparência em si suja. Palavras como “arrumado” ou “limpo” não existiam no vocabulário daquele homem. Pode-se dizer que era um visual apropriado para sua moradia, mas como ele era antes de ter vindo à cidade, isso eu não sei.

Até mesmo coçar a cabeça parecia um desafio para ele.

Só depois de muito tempo que ele foi notar a presença da Kanbaru, a qual, devido à ansiedade ou por medo dele, estava tentando se esconder atrás das minhas costas e que continuava a segurar o meu cinto.

“Oh, vejo que trouxe uma garota com você. Você sempre está com uma nova quando nos vemos. Meus parabéns, meus parabéns, Araragi-kun.”

“E eu vejo que você anda sem criatividade, até começou a repetir as mesmas frases.”

“Hahaha, digamos que meu repertório é um pouco limitado, principalmente em situações semelhantes. Nossa! Nem tinha me dado conta que ela também tem uma franja reta. E julgando pelo uniforme, vocês dois estudam na mesma sala? Por acaso o seu colégio tem alguma regra que regule os cortes de cabelo dos alunos? Essa é uma regra bem antiquada.”

“Não temos uma regra assim, não.”

Só era uma coincidência.

Acredito que Kanbaru só estava tentando imitar a Senjougahara, por isso que ela usava o cabelo daquele jeito,

apesar de o dela ser um pouco mais curto. Não sei o motivo da Senjougahara deixar o cabelo daquele jeito, mas se eu tivesse que dar um motivo para o da Hanekawa, chutaria que servia como um tipo de símbolo da sua seriedade.

“Então é isso que você gosta, afinal,” afirmou Oshino. “Nesse caso, talvez eu aproveite e corte o cabelo da Shinobu-chan nesse estilo, sinto que já está na hora de cortar o cabelo dela. Imagine isso como uma surpresa para a sua próxima visita. Em troca, você acha que conseguiria trazer uma garota com um cabelo mais longuinho na próxima vez? Caso for possível, é claro.”

“...Falando nela, aconteceu alguma coisa? A vimos perto das escadas quando estávamos subindo.”

“Ah, é que eu acabei comendo um donut a mais que ela. Ela tá assim desde ontem.”

“.....”

Que laia de vampiro ela saiu?

E de que laia ele saiu?

“Eu até dei o pon de ring [4] que estive guardando, mas nem ele foi capaz de mudar o humor dela. Parece que terei

que ensinar a ela que o importante é a qualidade, não a quantidade.”

“Isso aí é problema de vocês. E outra coisa, Oshino, nós não estudamos na mesma sala. Se lembra que o lenço da farda da Senjougahara era preto? O dela é amarelo, então ela é de uma série anterior a minha. O nome dela é Suruga Kanbaru. Kanbaru de “deus” (神) e “planície” (原). E Suruga (駿河) é de... humm.”

Bem que tava demorando pra eu cometer um deslize...

Eu sabia como se escrevia, mas não fazia ideia de como eu poderia explicar...

“Suruga de ‘Suruga-toi’ (駿河問い),” disse Kanbaru, me salvando por um triz.

Ainda bem que ela sabia... Espera, ‘Suruga-toi’?

Acho que nunca ouvi falar desse termo antes. Por acaso o ‘toi’ é de ‘questão’ (問い=toi)? Tipo a que as esfinges fazem?

“Ah, ‘Suruga-toi.’ Certo, certo,” disse Oshino, fazendo sim com a cabeça.

Que droga, eu teria recebido uma explicação se ele não soubesse. Como eu odeio essa sensação. Tendo sido consumido pela curiosidade, acabei perguntando: “O que é ‘Suruga-toi’?”

“É um método de tortura criado no Período Edo. Começa prendendo a vítima no teto usando uma corda, depois é colocado uma pedra nas costas dela e, por fim, a vítima fica sendo girada.”

“Não use algo assim pra explicar o seu nome!”

“Eu adoraria experimentá-la algum dia.”

“.....!”

Então ela gostava de yuri, yaoi, nudez, lolis e masoquismo?!

Como é possível isso tudo se aplicar a uma única pessoa...

Nem mesmo os rumores que ouvi chegavam a esse nível.

“Enfim, me chamo Suruga Kanbaru.”

Pelo menos essa apresentação fez ela relaxar. Ela tinha, finalmente, soltado o meu cinto e parado de se esconder,

agora ela estava em uma pose extremamente confiante e com a mão direita em seu peito.

“Eu sou a kouhai do Araragi-senpai. É um prazer conhecê-lo.”

“Também é um prazer conhecê-la, senhorita. Me chamo Meme Oshino.”

Kanbaru tinha um sorriso estampado no rosto.

Enquanto Oshino tinha um sorriso de desdém no dele.

Apesar de suas semelhanças, ambos serem considerados sorrisos, seus significados eram o completo oposto um do outro. Me mostrando que um sorriso nem sempre significa a mesma coisa. Não estou dizendo que o Oshino era alguém sério, pelo contrário, ele era tão feliz que chegava a ser desagradável. Essa atitude dele me fazia questionar o quanto daquela felicidade era realmente genuína.

“...Se você é a kouhai dele, então também é a kouhai da Tsundere-chan.”

Seus olhos estavam distantes e sem foco quando ele falou isso, como se estivesse pensando em outra coisa, como se tivesse algo por trás daquelas perguntas.

Mas talvez eu estivesse vendo problema onde não existia.

“E antes que eu me esqueça, toma. É da própria Tsundere-chan.”

“Hm? Um envelope? Ah, tem dinheiro aqui dentro. Perfeito, as coisas já estavam começando a ficar apertadas por aqui. Acredito que dê pra chegar até metade de julho com essa quantia. Começa a chover bastante nessa época, então morrer de sede eu sei que não vou, mas mesmo assim vou tomar cuidado, ninguém sabe o que pode acontecer até lá.”

Isso é coisa que se diz a dois adolescentes?

Agora eu entendo perfeitamente o porquê da Shinobu estar daquele jeito. Ficar lá deveria ser o fundo do fundo do poço pra ela, afinal, sendo um vampiro ou não, ela antigamente fazia parte da realeza. Não sei o que pensar, já que também tenho culpa dela ter ficado nessa situação...



Oshino checkou o conteúdo que havia no envelope.

“Cem mil ienes, sem mais nem menos. E com isso ela não está mais me devendo nada. Ela realmente me impressionou, mandando que você entregasse. Parece que ela é bem versada sobre como o mundo dos negócios funciona.”

“Huh? Não seria o contrário? Como um tipo de prova que você confia na pessoa?”

“Dá na mesma, fazendo isso ou não. Mas não estou com vontade de ter esse debate com você, Araragi-kun. Seria um sem sentido, no melhor dos casos. Mas enfim, qual é o motivo de você ter trazido ela aqui?” perguntou casualmente Oshino, apontando o queixo em direção a Kanbaru, enquanto colocava o envelope em um bolso da sua camisa (vai saber como ele gastou todo aquele dinheiro). “Tenho certeza que não trouxe ela até aqui só para me apresentá-la. Ou por acaso acertei na mosca? Se sim, então realmente subestimei o tipo de homem que você é, Araragi-kun... Hahaha, mas duvido que esse seja o caso. Tem a ver com as faixas no braço dela?”

“Oshino-san, eu...” Kanbaru começou a falar algo.

Ele a interrompeu, balançando a mão, e disse: “Senhorita, teria como começar do começo? Tenho a sensação de que essa não vai ser uma história alegre. Histórias envolvendo braços nunca são, e olha que eu já ouvi várias. E acredito que seu conto não será exceção, principalmente se formos falar de seu braço esquerdo.”

[1] - William Wymark Jacobs foi um escritor de contos e romances que nasceu em Wapping, na Inglaterra. Sua obra mais conhecida é “A Pata do Macaco” (The Monkey’s Paw), um conto de horror. Alguns de seus trabalhos foram adaptados para o cinema.

[2] “Seme” e “uke” são termos utilizados pela comunidade de Yaoi para descrever personagens. Sendo semes os “ativos”—Personagens nessa categoria geralmente são altos, fortes e “ másculos”—E os ukes os “passivos”—Suas

características são serem mais baixos, fofos e terem traços afeminados.

[3] Zashiki Warashi (座敷童, “Criança do Quarto”) são yokai com forma de criança que possuem os zashiki, salas de estar que têm tatames como chão, e outros cômodos. Segundo lendas, uma casa assombrada por um Zashiki Warashi será próspera, porém, caso o espírito saia da casa, elacairá em ruína.

[4] O “pon de ring” é uma das variedades de rosquinhas vendidas pela franquia Mister Donut. Sua popularidade é mais presente no Japão, prova disso é o mascote usado nessa filiação, o Pon de Lion, um leão que tem a rosquinha como juba.

Entre todas as tralhas que encontrei no quarto de Kanbaru (desde latas de refrigerante e copos de macarrão instantâneo até revistas eróticas), houve algo que chamou minha atenção: uma antiga caixa feita de kiri. [1] Ela estava um pouco danificada, com algumas arranhaduras—Acredito que devido ao descuido que Kanbaru tinha com Ela—, e desbotada—Este acredito ser devido à idade. Ela parecia conter algo importante, como um vaso ou alguma antiguidade. Algo nada anormal, principalmente considerando o quão glamorosa era a casa japonesa que eu estava.

Mas, quando eu a abri, não vi nada dentro.

Não sabendo o real valor dela, a coloquei sobre algumas caixas de papelão e voltei à faxina. Mas quando fomos falar sobre o ocorrido da noite anterior, Kanbaru se levantou, pegou a caixa e a colocou entre nós. Após isso, ela me perguntou o que havia dentro dela. *Um vaso?* Eu respondi.

“Então até você é capaz de errar... Sinto muito se isso soar rude, mas estou aliviada. Acho que essa foi a primeira vez que vi um semblante de sua humanidade.”

“...Então o que tinha?”

“Uma múmia,” respondeu Kanbaru. “Uma mão esquerda mumificada.”

“.....”

A primeira vez que ela a utilizou foi durante o fundamental. Ela a recebeu de sua mãe a oito anos atrás, quando ainda estava na terceira série.

Essa também parece ter sido a última vez que Kanbaru a viu.

Poucos dias após receber a caixa, seus pais sofreram um acidente no meio da estrada. Uma coincidência realmente incrível, até parece que a mãe dela sabia que isso ocorreria. Kanbaru me disse que tudo isso aconteceu enquanto ela estava em uma aula de matemática. Eles morreram devido um capotamento, o carro acabou pegando fogo, deixando o corpo dos dois em um estado indescritível.

Depois que isso aconteceu, Kanbaru foi levada para morar junto de seus avós. Levada para casa japonesa que atualmente nos encontrávamos.

Devido ao casamento conturbado entre seus pais— Enquanto seu pai veio de uma família extremamente tradicional, sua mãe era de um mundo nem um pouco usual, fazendo com que os dois tivessem que se casar sem o consentimento de suas famílias— Kanbaru teve que viver a sós com eles. Eu achava que esse tipo de coisa não ocorria mais, mas ela me disse que isso era mais comum do que eu imaginava.

“Minha mãe sofreu muito por causa disso e meu pai acabou tendo todos os laços com sua família cortados. Tanto que eu só fui conhecer meus avós no enterro dos meus pais. Eu não sabia o nome deles e eles não sabiam o meu. Me lembro que essa foi a primeira coisa que perguntaram.”

“Hum...”

“Mas não precisa se preocupar, essas coisas acontecem...”

Inundado em cima e queima embaixo. [2]

E mesmo seus avós ainda tendo desavenças com sua mãe, Kanbaru ainda era a filha única de seu filho, ou seja, sua neta. Então cuidar dela era a coisa normal a se fazer. Foi assim que Kanbaru saiu da cidade onde viveu toda sua vida. E, como esperado, também teve que mudar de escola.

Mas ela acabou não conseguindo se adaptar ao seu novo ambiente.

“O jeito que eu falava era diferente. Eu posso falar assim agora, mas naquela época era bem mais puxado para o dialeto de Kyushu [3], talvez como forma de nos afastarmos ainda mais daqui. Eu não diria que sofri bullying... mas as crianças zombavam da maneira que eu falava, então acabei não conseguindo formar nenhuma amizade.”

“Hum... então você não estudava na mesma escola que a Senjougahara?”

“É, só fui conhecer ela no fundamental II.”

“Certo.”

Faz sentido. Ela provavelmente não devia conhecer a Hanekawa também.

“Bem, eu também não colaborava muito. É óbvio agora, depois de tanto tempo, mas a morte dos meus pais me abalou tanto que acabei criando uma muralha ao meu redor. Se você não trata os outros com gentileza, é de se esperar que eles te tratem da mesma forma. E mesmo meus avós tendo jogado fora todas as recordações daquele tempo, eu continuava perplexa. Pensando bem, é como se eles quisessem que eu não tivesse nenhuma relação com meus pais.”

“Dito isso,” falou Kanbaru, “eles são ótimas pessoas e eu realmente os respeito. Também sou muito grata por terem cuidado de mim por todo esse tempo, mas eu realmente não consigo entender essa relação que eles têm com meu pai e minha mãe.”

É, tempo demais já se passou para aquilo ser uma mera discordância.



Fazendo com que as únicas lembranças que Kanbaru tinha de seus pais fossem suas memórias e aquela caixa de kiri.

Ela estava bem fechada, porém, ninguém a disse que era proibido abri-la.

Mas havia outra coisa além da mão mumificada—A qual chegava *até o pulso* naquela época—Uma carta escrita por sua mãe, ou melhor, um manual de instruções. Nele dizia que a múmia era um objeto que realiza desejos, *qualquer* desejo. Mas que ela pode realizar *apenas três* deles.

Ela já estava na quarta série e tinha seus nove a dez anos, mas esse não é o ponto que quero chegar, o que realmente importa é algo que ocorre por volta dessa idade. É nessa faixa etária que as crianças começam a duvidar de coisas dessa origem. Assim criando dois grupos: aqueles que dizem acreditar, mas que tem suas dúvidas e aqueles que dizem não acreditar, mas que também tem suas dúvidas. Mas talvez essa seja apenas uma concepção da minha e das antigas gerações... Bem, não me lembro de

acreditar em algo como o Papai Noel quando tinha essa idade, mas talvez eu acreditasse nos apetrechos que apareciam nos desenhos.

Enfim, Kanbaru estava nessa dicotomia. Em outras palavras, ela tinha dúvida se funcionaria ou não. E assim como você usaria aqueles amuletos que dizem trazer sorte, ela fez, casualmente, um desejo à mão mumificada.

Não importava qual fosse o primeiro

Isso era igual aqueles amuletos.

Ela só estava fazendo por fazer.

“Mas eu já sabia o que pediria se o primeiro fosse realizado.”

É claro que ela sabia, até eu sabia, seria algo envolvendo os pais dela, não é?

Pedindo que eles voltassem à vida ou algo assim, né?

*Eu quero ser mais rápida.*

Essa foi a primeira coisa que Kanbaru desejou à múmia. Ela aparentemente era bastante lenta... e isso, juntamente a seu modo de falar, contribuía para que ela fosse zombada pelas outras crianças. Talvez alguém daquela idade não

considerasse um sotaque diferente como algo digno de chacota, mas ser lento certamente era. E parece que estava perto de haver uma gincana na escola dela, sendo “corrida a pé” uma das modalidades. Pensando que sua reputação poderia mudar se vencesse a corrida, Kanbaru fez seu primeiro desejo.

“Não era questão de ter reflexos lentos ou algo assim, eu chegava a tropeçar enquanto andava.”

“Hum...”

E agora a estrela do nosso time de basquete.

“...Espera, então...”

“Quem dera...” disse Kanbaru. “Na verdade, eu acabei tendo um sonho na mesma noite. Ou melhor, um pesadelo. Nele, vi um monstro *encapuzado* puxando algumas crianças de suas camas e as atacando com sua *mão esquerda*.”

“.....”

“Tenho certeza que você já deve saber onde quero chegar... Na manhã seguinte, quando fui para o colégio,

quatro estudantes tinham faltado, todos eles iriam participar na mesma corrida que eu.”

Segundo a lenda, A Pata do Macaco realiza os desejos de quem a possui.

Mas, segundo a lenda, ela os realiza de uma forma inesperada para o portador.

“Fiquei horrorizada. Em pânico, corri para biblioteca para saber o que aquela mão mumificada era. E foi quando encontrei o livro ‘A Pata do Macaco’, de William Wymark Jacob. Senti um calafrio por todo meu corpo ao pensar o que poderia ter acontecido se eu tivesse pedido o segundo desejo. Felizmente não houve nada grave, mas eles certamente poderiam ter morrido.”

Kanbaru, então, colocou a múmia de volta na caixa, a selou ainda mais e a colocou no fundo do seu armário. Não haveria um segundo ou terceiro desejo. Ela só queria esquecer de tudo aquilo.

Mas, não importa o que fizesse, ela não conseguia esquecer.

Mesmo com o acidente, a gincana não foi cancelada, fazendo com que Kanbaru tivesse que ser colocada em outro grupo.

Agora havia cinco pessoas, ela teria que correr contra outras cinco pessoas.

“O que você acha que fiz?”

“.....”

“O que você acha que eu deveria ter feito?”

O que quer que eu pensei, se ela sentou e não fez nada, as consequências eram óbvias: aquilo iria se repetir de novo e de novo. Normalmente, para sair dessa situação, seria necessário fazer outro desejo à Pata e pedir que ela anulasse o primeiro. Mas agora que Kanbaru descobriu o que a múmia era, ela estava com medo. A Pata realiza desejos, mas de uma forma inesperada para o portador, e ela não sabia como esse pedido seria realizado.

E é por isso que Kanbaru correu.

Correu, e correu, e correu.

Ela era lenta, então, se esforçou até que ficasse rápida.

“Minha única opção foi realizar meu desejo por conta própria, assim a Pata não teria um motivo para atacar as outras crianças. E felizmente comecei a pegar o jeito da coisa—Não havia nenhuma questão física que me impedia, como ser acima do peso ou ter uma perna ruim—Então apesar de eu não ter ficado rápida da noite para o dia, aquilo certamente me ajudou a conseguir o primeiro lugar na corrida. Demorou um pouco, mas finalmente consegui fazer amizade com meus colegas de classe.”

Assim foi como Kanbaru fez seu primeiro desejo virar realidade. Mas, mesmo depois da gincana, ela não parou de treinar. Dizer que ela é talentosa desde o princípio seria uma ultraje. Seu esforço chegou ao ponto de chamar a atenção de vários times de atletismo quando ela entrou na sexta série.

Já que Kanbaru não sabia a “validade” de seu desejo, ela não podia arriscar entrar em algum time, já que havia a chance de ter alguém mais rápido que ela. Talvez ele tenha “vencido” no momento que ela conseguiu o primeiro lugar

na corrida, mas também era possível que ele durasse para sempre. E essa incerteza a enchia de medo.

Kanbaru sabia que não prestava para corridas de longas distâncias. Ela me disse que a gincana foi fácil porque quase ninguém estava competindo seriamente, mas que isso mudaria no fundamental II e ensino médio. Se encontrasse alguém um pouco mais veloz que ela, todo seu esforço teria sido em vão.

Talvez esse tenha sido o motivo dela ter entrado no time de basquete. Enquanto estivesse dentro da quadra, não haveria ninguém mais rápido que ela.

“Bem, desistir de entrar em algum clube e parar de praticar esportes também era uma opção, porém, eu não só precisava ficar em boa forma, por questão de precaução, mas o esporte também servia como uma válvula de escape para mim. Eu tinha a sensação de que morreria se não fizesse nada. Algumas pessoas me chamam de esportista, mas a verdade é que não sou motivada por nada além de medo.”

Mas ela acabou gostando, ela descobriu que jogar basquete era divertido.

Sua velocidade—A qual pensava como apenas uma forma de fugir da Pata—Finalmente podia ser usada de forma positiva. Finalmente usada para um objetivo concreto.

Foi assim que Suruga Kanbaru virou a estrela do time de basquete, e também foi como conheceu Hitagi Senjougahara.

“Ela era a estrela do time de atletismo... e graças a minha reputação de ser bastante rápida, ela foi me ver. Talvez ela já tenha esquecido... e mesmo que se lembre, é bem provável que não pense nada sobre, mas foi ela a primeira a vir falar.”

“Hum...”

Que inesperado. Mesmo que estejamos falando da Senjougahara de antigamente, eu não estava esperando que esse fosse o caso.

“Ela me convidou para uma corrida de cem metros, até disse que não precisava ser algo oficial. Me senti horrível



em ter que rejeitar o pedido dela. Ela era mais velha e tão linda. Acho que não foi amor à primeira vista, mas eu já estava apaixonada poucos dias após ter começado a conversar com ela. Comecei a querer passar mais tempo com ela. Era terapêutico ficar perto dela.”

“Terapêutico”, essa palavra era tão distante da atual Senjougahara quanto Plutão é do Sol, mas pelo tom que Kanbaru estava falando, parece mesmo que a Senjougahara pôde fazer com que ela esquecesse da caixa, do acidente com seus pais e da múmia.

Kanbaru finalmente conseguiu esquecer o que tanto queria.

“Mas é claro que aquela não foi a última vez que tive vontade de usá-la, a tentação nunca me deixou, ela sempre esteve no meu subconsciente. A maioria das vezes eu sentia em algum momento um pouco desesperador. Como quando tive que jogar contra um time extremamente forte, quando briguei com um dos meus amigos, antes de fazer a prova de admissão do Colégio Naoetsu ou... quando a Senjougahara me rejeitou.”

Mas, todas essas vezes, ela se controlou.

Todas essas vezes, ela realizou sua vontade por conta própria.

Ou, às vezes, desistiu de realizar sua vontade.

Kanbaru já havia compreendido o motivo de ter recebido a caixa de sua mãe, ela queria que sua filha virasse alguém que resolveria seus problemas por conta própria. E diferente do que A Pata do Macaco presente no livro queria ensinar, que as pessoas deveriam simplesmente aceitar os seus destinos, sua mãe queria que ela virasse alguém que alterasse o destino com suas próprias mãos. A múmia parece ser um tipo de herança da parte materna de sua família. Essa mesma lição vem sendo passada de geração em geração.

Ela não nasceu com sua inteligência e aptidão atlética, ela os conseguiu por meio de suor e lágrimas. E ela sempre teve plena ciência disso.

Então, mesmo podendo resolver o segredo da Senjougahara se pedisse à Pata, ela, quietamente, se distanciou dela.

Ela desistiu de estar ao seu lado.

Desistiu de segurar sua mão, de beijar os seus lábios.

Se Senjougahara pedisse que ela morresse, ela faria sem pensar duas vezes.

Kanbaru me disse isso com clareza, com firmeza.

Ela tentou esquecer algo que nunca quis esquecer.

Mas, não importa o que fizesse, ela não conseguia abandonar aqueles sentimentos que tinha por Senjougahara.

“E foi por volta de um ano depois que eu ouvi falar sobre você. Descobri que ela agora estava namorando. E foi ao seu lado que a vi fazendo um sorriso que eu nunca tinha visto antes...”

*Aquele foi o meu limite...* disse Kanbaru.

Ela não se lembra quando abriu o armário, quando retirou a caixa dele, quando a abriu ou sequer quando fez o desejo, ela nem mesmo parou quando viu que, agora, a Pata chegava *até o cotovelo*. Ela só consegue se lembrar do pavor que sentiu quando percebeu que seu braço virou o de uma fera.

“...Então é por isso que você começou a me seguir. Parando para pensar, você sempre perguntava se algo de estranho tinha ocorrido comigo nos últimos dias.”

Então ela não estava tentando puxar assunto.

Nem tentando espiar o que a Senjougahara estava fazendo. E mesmo provavelmente não querendo sair em público com o braço daquele jeito, ela foi ao colégio por estar preocupada comigo—Alguém que nem conhecia direito...

Mas, quatro dias depois de ter começado a me seguir—Na noite do quarto dia—, ela teve um pesadelo.

Nele, um monstro encapuzado me atacava.

Sendo esse o motivo dela parecer tão calma quando entrei na sala dela.

Ela já sabia de tudo.

A explicação dela não foi exatamente como eu esperava, pensei que havia o envolvimento de outra monstruosidade, mas Kanbaru disse que só foi a Pata.

Segundo a lenda, A Pata do Macaco realiza os desejos de quem a possui.

Mas, segundo a lenda, ela os realiza de uma forma inesperada para o portador.

A maneira mais simples de ficar ao lado de Senjougahara era eliminando o seu atual namorado, pensou a Pata.

Pelo menos é isso que Kanbaru acreditou.

Com medo dessa possibilidade, ela começou a me seguir.

Acertando, assim, no processo.

E se eu não fosse eu... se Koyomi Araragi não fosse Koyomi Araragi—Alguém que teve a experiência de ser um vampiro—, eu teria certamente morrido naquela noite. Dificilmente teria conseguido desviar dos primeiros dois golpes, e mesmo que eu tivesse, o terceiro seria letal. Absurda era a capacidade destrutiva daquele monstro encapuzado. Acredito que aquelas crianças sobreviveram graças a Kanbaru ainda estar na quarta série e não ter um corpo atlético, mas ela não está mais assim. Ironicamente, o corpo que ela cultivou para impedir o primeiro desejo acabou deixando o seu segundo ainda mais perigoso. Eu só

fui atacado pelo braço esquerdo, mas aquela velocidade (que tive dificuldade de acompanhar) sem dúvidas pertencia a Suruga Kanbaru.

A capacidade de destruição daquele monstro aumentou.

E já que acabei sobrevivendo, aquela não seria a última vez que eu o veria. Assim que Sol se pusesse e a noite viesse, aquele monstro encapuzado me atacaria de novo e de novo, e Kanbaru continuaria tendo aqueles pesadelos.

De novo e de novo, até que eu morresse.

Até que seu sonho virasse realidade.

Até que ela conseguisse o que pediu.

Ela só queria ficar ao lado de Hitagi Senjougahara, isso é tudo que ela queria...

“Neste mundo nosso / As idas e vindas das pessoas / Podem ser bastante cansativas / Mas eu por acaso sinto que / Você é a única exceção...”

“Você disse alguma coisa, Araragi-senpai?” perguntou Kanbaru, assim que terminei de recitar o poema.

“Não... só estava me perguntando se seremos bem-recebidos...”

Isso nos traz ao presente.

Sem trocar de roupa ou almoçar, fomos direto ao cursinho abandonado onde Meme Oshino e Shinobu Oshino viviam, eu de bicicleta enquanto Kanbaru a pé.

Estávamos, agora, de frente a Oshino. Mesmo dando um resumo do ocorrido, ele não mostrava nenhuma reação, ele nem tentou corrigir algo que eu disse, só ficou observando uma lâmpada desligada presente na sala e balançando o cigarro que tinha em sua boca. Eu disse tudo que havia para falar, inclusive a relação que a Senjougahara tinha com esse caso.

Um silêncio agonizante preencheu aquela antiga sala de aula.

Oshino normalmente falava mais do que devia, até parecia que ele tinha nascido de uma língua, mas também havia vezes que ele ficava em um silêncio profundo. É horas como essa que eu questionava aquela atitude habitual dele.

“As faixas,” disse, finalmente, Oshino. “Tem como tirá-las para mim?”

“C-Claro...”

Kanbaru tinha um olhar de anseio quando falou. Tentando acalmá-la, eu disse: *Vai dar tudo certo*. Em seguida, ela começou a desamarrar as faixas com a mão direita.

E, sem ninguém pedir, também levantou a manga de sua camisa. A fera agora podia ser vista com clareza. Kanbaru inclinou seu cotovelo, como se fosse para indicar até onde o braço ainda era de um humano.

Dando um passo à frente, ela perguntou: “Está bom?”

“...Está. É, exatamente como eu imaginei,”

“E o que exatamente você imaginou?” perguntei. “Oshino, eu até que aturo esse seu jeito, mas teria como você ir direto ao assunto sem bancar a de misterioso pelo menos dessa vez? Isso já deve ter perdido a graça faz tempo.”

“Calma, Araragi-kun. Você está bastante animado hoje, por acaso algo de bom aconteceu?” Após dizer seu clássico



bordão, Oshino cuspiu seu cigarro inaceso—Pensando bem, acho que nunca o vi com um aceso—E virou em minha direção, sem tirar aquele sorriso dele do rosto. “Araragi-kun, e você também, senhorita. Primeiro, tenho uma correçãozinha para fazer: isso não é A Pata do Macaco.”

“Hã?”

Ele acabou de destruir toda premissa que tínhamos criado em uma única frase. Aquilo tinha me pegado de surpresa, e Kanbaru parecia estar na mesma situação.

“Houveram tantas versões desde que o original lançou que chega a ser difícil saber qual conta a história verdadeira, mas do pouco que sei, nunca vi uma versão onde A Pata do Macaco se funde ao braço de seu portador. Um caranguejo para Tsundere-chan e um macaco para nossa senhorita aqui seria igualzinho com Saru Kani Gassen [4], mas é uma pena que o mundo não é um lugar acomodante assim. Você fez uma pesquisa por conta própria, não foi? Por acaso encontrou alguma história

onde A Pata do Macaco se fundia com o portador? Se sim, o bom velhinho que vos fala terá que voltar aos estudos.”

“...Fiz sim, mas eu ainda era muito nova.”

“Como eu pensei. Então como essa ideia fincou na sua cabeça, senhorita? Afinal, tenho certeza que sua mãe disse *nada* sobre essa ser A Pata do Macaco... Bem, eu não posso cobrar muito, elas são realmente parecidas.”

“Como assim ‘elas’?” perguntei a Oshino.

“A Pata é um objeto com uma história por trás dela. Segundo a lenda, a Pata faz parte de um par. Segundo a lenda, A Pata do Macaco realiza os desejos de quem a possui. Mas, segundo a lenda, ela os realiza de uma forma inesperada para o portador... Tomara que seja isso mesmo, ando meio esquecido.”

*Hehe*, gargalhou Oshino, com aquele sorriso desagradável no rosto.

Era o sorriso de alguém com uma personalidade horrível.

“Talvez essa tenha sido uma interpretação conveniente para você, ou quem sabe uma confortante, não que isso

importe. Ela, originalmente, estava mumificada, não é? E veio à vida quando se uniu a você, certo? Então acredito que estamos falando de um Rainy Devil.”

“Reini Déviu...?” Ainda em dúvida, acabei falando alto o nome da monstruosidade. E sem me deixar fazer uma pergunta e nem dando uma pequena pausa, Oshino continuou:

“Araragi-kun, você já ouviu falar em ‘Fausto’?”

“...Aquele que fez o padre?” [5]

“É, parece que não, não que eu esperasse outro tipo de resposta. Mas sem problema, já estou acostumado com isso vindo de você, Araragi-kun. Mas e você, senhorita? Já ouviu falar em ‘Fausto’?”

“Uhh, ammm ...” Kanbaru parecia estar surpresa em ter sido feita uma pergunta. “Eu não sou muito de ler, então não li o livro. Mas sei o básico da história.”

“Entendo, isso é de se esperar de alguém da sua idade. Meu deus, Araragi-kun, isso é exemplo que se dá pra uma kouhai?”

“Não fale assim dele! Ele só não sabia responder a sua pergunta, nada de mais! Não o julgue só por não saber algo besta como isso! Eu sei muito bem o quão incrível ele realmente é!”

Tendo sido enfurecida pelas palavras de Oshino, Kanbaru começou a gritar com ele. Intrigado pela reação, ele virou seu olhar para mim, como se estivesse esperando uma explicação—Não tive coragem de encará-los.

...Fiquei feliz em saber que ela gostava de mim ao ponto de me defender, nunca pensei que ficaria feliz por algo assim, mas fazer isso logo com o Oshino era basicamente concordar que eu era idiota...

“Kanbaru,” eu disse. “Teria como parar? Eu realmente fico feliz que pense assim de mim, mas nós não vamos chegar a lugar algum se você fizer isso toda vez que o Oshino me zombar...”

“Entendo, Araragi-senpai, não esperava menos de alguém que está sempre de braços abertos para qualquer um. Como alguém sem muitos valores e de pavio curto, tenho dificuldade de compreender sua magnitude, mas se

é isso que quer, então me controlarei e perseverarei.” Após dizer isso, ela se dirigiu a Oshino para se desculpar. “Sinto muito por minha atitude,” disse Kanbaru.

“...Sem problema,” desculpou Oshino. “Mas você é mesmo animada, senhorita. Por acaso algo de bom aconteceu? Voltando ao assunto... Johann Wolfgang von Goethe foi um dos principais autores do movimento *Sturm und Drang* [6], sendo o poema ‘Fausto’ a sua obra mais famosa e aclamada. Essa é a histó... pensando bem, senhorita, teria como você contá-la para ele? Não se preocupe, só diga o que sabe.”

“T-Tá bom.”

Kanbaru me olhou com hesitação, quase arrependida de ter que explicar.

Ela ficou do mesmo jeito quando resumiu “A Pata do Macaco” para mim, Suruga Kanbaru é o tipo de pessoa que precisa ser o mais presunçosa possível para explicar algo para alguém mais velho que ela.

“Como Oshino-san disse, ela é a obra-prima de Goethe, e... bem, ela tem algumas características marcantes. Sendo

uma delas o fato de ser uma história contada em duas partes: *Urfaust* e *Faust, ein Fragment*, esses dois esboços levaram à criação de *Fausto parte 1* e *Fausto parte 2*. Ela é uma obra-prima extremamente longa que só foi acabada depois de sessenta anos, chega me dá vontade de tirar o chapéu. Goethe também é conhecido por ter escrito *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e *As Afinidades Eletivas*, mas se tivéssemos que escolher um de seus trabalhos para representá-lo, a maioria das pessoas escolheria *Fausto*. Essa é a história de como o protagonista, Doutor Fausto, vendeu sua alma ao demônio Mefistófeles para adquirir todo o conhecimento do mundo. Acredito que essa seja uma introdução boa o bastante. Eu não vou entrar em mais detalhes, porque não quero dar muitos spoilers, mas a *parte um* é sobre o seu romance com uma plebeia chamada Margarida, enquanto a *parte dois* descreve o estabelecimento de uma nação ideal. Ela é geralmente lida como um tipo filosófica ou, eu deveria dizer, uma narrativa sobre a busca de conhecimento. No seu caso, Araragi-senpai, tenho certeza que já saiba disso, mas ela

até deu origem à expressão *impulso faustiano*, a qual descreve o desejo de conhecer e experimentar tudo que se pode.”

“.....”

Me pergunto o motivo pra ela acreditar que eu, alguém que nem mesmo sabia o que era “Fausto”, conhecia esse tal de “impulso faustiano”.

Oshino continuou: “Em resumo, a história é sobre o Doutor Fausto tentando adquirir todo o conhecimento do mundo, mas, para isso, teve que vender sua alma para o Diabo... Mas caso queira saber o que acontece com mais detalhes e como ela termina, recomendo que vá à livraria mais próxima a você. O que a senhorita aqui acabou de falar é o considerado senso comum, mas isso já me ajuda bastante. Estou impressionado que você conseguiu dar uma explicação tão eloquente sem ter lido o livro antes. A única coisa que eu adicionaria seria algo que surpreendentemente poucas pessoas sabem, é possível encontrar essa informação em basicamente todos os documentários sobre Goethe, mas as pessoas de hoje em

dia não têm mais interesse em ler os clássicos. Eu não estou falando de você, senhorita, mas ultimamente as pessoas criaram o hábito de não ler os famosos contos porque pensam que já sabem de tudo que acontece neles. Então não se pode culpar muito por não saberem disso, mas ‘Fausto’ foi baseado em alguém que realmente existiu.”

“Quê?! Sério?!” disse Kanbaru, surpresa pela informação.

Tendo nenhum conhecimento sobre o assunto, acabei não entendendo o motivo dela ter ficado pasma.

“Johaan Faust. Dizem que ele esteve vivo durante a famosa era renascentista. Mesmo eu tendo dito que ele existiu, há várias teorias sobre a veracidade dessa afirmação... Sendo isso verdade ou não, tudo sobre aquele homem acabou virando folclore. Ele viveu sua vida como um doutor e alquimista errante que, realmente, vendeu a alma para Mefistófeles. E em troca de todo tipo de conhecimento e experiência, prometeu agir como inimigo da igreja cristã, por vinte quatro anos ele viveu segundo



esse ‘impulso faustiano’... mas no momento que o contrato expirou, ele teve um trágico fim. Você pode procurar por *Doutor Faustus* para mais detalhes.”

“Hum... eu não sabia disso.”

Kanbaru parecia impressionada pela curiosidade que Oshino deu. Bem, a história tinha a ver com folclore, que é a especialidade dele, então era de se esperar que ele soubesse de algo assim, mas será que ela iria começar a elogiá-lo também? Sendo sincero, realmente não entendia o critério que Kanbaru usava para começar a bombardear alguém de elogios, não é como se ela fizesse isso com todo mundo...

“Eu tinha certeza que era uma história completamente original,” disse ela “Nunca pensei que poderia ser baseada em uma lenda.”

“Você não está completamente errada, boa parte dela é original mesmo. Tanto que a edição feita por Goethe é apenas uma das encarnações do conto do Doutor Faustus. É o mesmo caso de ‘Hashire Melos’ [7], de Osamu Dazai, e ‘Yabu no Naka’ [8], de Ryunosuke Akutagawa. O conto que

Akutagawa escreveu toca nesse assunto, não é? A lenda de Faustus foi escrita por várias outras pessoas, exemplo disso seria o dramaturgo inglês Marlowe. Já ouviu falar dele? Não o Phillip Marlowe [9], o qual estou falando é o Christopher Marlowe [10]. Aliás, alguns consideram ele precursor de Shakespeare.”

“É bem interessante saber que Fausto era o doutor,” apontou Kanbaru, com um pouco de timidez.

*Hã?* Oshino inclinou a cabeça, sem entender o motivo da timidez dela.

Temendo que estávamos saindo do foco, falei: “Tá, Oshino... mas e daí? Eu não tenho muitos problemas com seus lenga-lenga, mas não consigo entender a relação que tudo isso que você disse tem com a situação de Kanbaru. Aquela parte de ‘se você vender a sua alma para um demônio, seu desejo será realizado’ é realmente parecida com A Pata do Macaco, mas não é como se o braço dela fosse, na verdade, o braço de um demônio, como aquele Mefistófeles, né?”

“É exatamente o que você disse, Araragi-kun. Até que você está bastante astuto hoje,” disse Oshino, apontando seu dedo indicador para mim.

“O braço da senhorita com o kanji de ‘deus’ aqui se alinha perfeitamente até demais, mas não é tão ruim quanto o caso da luta entre o caranguejo e o macaco ou daquela garotinha perdida. Dessa vez, tudo que eu disse só serve como uma pequena dica. Apesar de sua fama como aliado de Lúcifer e em certos lugares ser visto como o próprio Diabo, Mefistófeles, na verdade, se encontra entre as classificações mais baixas do mundo demoníaco, fazendo com que alguns demonólogos vejam ele mais como um *familiar* [II] do que um demônio. Isso normalmente faria ser extremamente difícil determinar sua exata categoria, mas um demônio que usa um capuz de chuva e que tem o braço de um macaco realmente ajuda a filtrar o resultado, e se ele funde com seu portador, então só pode ser um Rainy Devil.”

Rainy Devil

“Não é A Pata do Macaco, mas sim a mão de um demônio. Hahaha, as coisas ficam bem mais simples quando se pensa dessa maneira, não é? Pensem bem, por que um macaco realizaria o desejo de alguns humanos sem receber nada em troca? Dizem que a Pata realiza desejos devido a um mago indiano ter dado poderes mágicos a ela, mas você não precisa de uma explicação ou história se for um demônio. Receber uma alma para realizar três desejos? Que tipo de demônio perderia uma oportunidade dessas, hein?” Oshino estava rindo pelo nariz enquanto dizia isso

“Uma alma...”

Depois de um tempo, ele disse: “Sem contar que a Pata é uma mão direita, e não uma esquerda.”

“...Sério?”

“Ela é um objeto que você segura com a mão direita, então presumo que também seja uma. Mas estou impressionado em ver o braço de um demônio, mesmo que, taxonomicamente falando, não pareça com um. Já que se encontrou com um vampiro, talvez você não esteja mais surpreso, Araragi-kun... mas encontrar algo assim

aqui no Japão é extremamente raro. E mesmo havendo centenas de yokai que fazem quase a mesma coisa, isso não tira seu valor. Tantos ocorridos em tão pouco tempo... essa é mesmo uma cidade bem esquisita. Me pergunto como tudo irá acabar, será que alguém vai invocar o rei do inferno em pessoa aqui? ...Senhorita, foi a sua mãe que te deu a Pata, correto? Kanbaru deve ser o sobrenome do seu pai. Você sabe qual era o sobrenome da sua mãe?”

“É um nome um pouco estranho...” Kanbaru falou lentamente, como se estivesse tentando lembrar. “Se não me engano, era *Gaen*. Sendo o *Ga* (臥) de ‘deitar-se’ e o *en* (煙) de ‘fumaça’. Tooe Gaen (臥煙 遠江), esse era o nome completo dela.”

“...Hum. E Tooe deve ser escrito com os kanjis de ‘longe’ (遠) e ‘baía’ (江), o mesmo presente em Yangtze (長江) [I2] e Totomi (遠江国) [I3], correto? Certo, então é daí que vem o seu nome. Nada mal.”

“E após ela ter se casado, seu nome mudou para Tooe Kanbaru. Mas isso é de alguma importância, Oshino-san?”

“Não, não, só estava enchendo linguiça mesmo. Esse tipo de informação, nesse caso, não importa muito. Mas enfim, agora que sabem com quem estão lidando, qual serão seus planos daqui em diante?”

“Como assim?”

“Veja só, Araragi-kun, eu meio que sou um perito nessa área. E como uma figura de autoridade nesse âmbito, não vejo nenhum problema em ajudar.”

“Você...” Kanbaru inclinou seu corpo para frente, “vai me salvar?”

“Nada disso, só irei dar uma mãozinha. É você mesma que irá se salvar, senhorita. Veio ao lugar errado se é isso que queria, além de que essa não é a minha especialidade. Mas considerando a situação, o que eu devo fazer?” perguntou Oshino, com um tom debochado, mas logo depois ficou em silêncio, como se realmente estivesse esperando pela minha resposta. Mas... não é óbvio o que ele teria que fazer?

“Oshino...”

“Araragi-kun, quero saber *exatamente como* devo ajudar. Devo ajudar o segundo desejo da senhorita virar realidade? Ou devo tentar anulá-lo? Ou talvez só fazer o braço dela voltar ao normal? Ou por acaso você quer que eu faça todas as opções anteriores? Não posso prometer muito nesse. Bem, também posso fazer nada, esse eu prometo que consigo fazer com facilidade.”

“Huh...”

Tenho certeza que ele diria que “todas as anteriores” seria impossível. Mas...

“Por ora, há duas maneiras de resolver esse caso. A primeira é deixando o Rainy Devil te matar. Isso fará com que o braço da senhorita volte ao normal e provavelmente realizará seu desejo. E a segunda seria pegar o braço que se transformou e separá-lo do resto do corpo.”

“C-Como assim ‘separá-lo’?” Fiquei inquieto ao ouvir a proposta feita por Oshino. “Huh... não tem como só tirar a parte do macac... quero dizer, a do demônio? E outra pergunta, o braço dela cresceria de novo... né?”

“Não estamos falando sobre o rabo de uma lagartixa, Araragi-kun. Então, infelizmente, não vai ser conveniente assim. Mas até que perder um braço para resolver toda essa bagunça é um preço bem camarada, não acham?” disse ele, casualmente.

“A-Ah,” interveio Kanbaru. “I-Isso seria um pouco problemático, não teria...”

“Você sabe que tentou matar alguém, não sabe? Não acha que esse é um preço justo, senhorita?” Oshino interrompeu Kanbaru assim que ela mostrou sinais de oposição àquela ideia. Ele agiu da mesma forma com Hanekawa e Senjougahara.

“Mas deixar o Araragi-kun morrer é a solução mais fácil, sem sombra de dúvidas.”

“Oshino, eu entendo o que você quer dizer, mas vamos com calma. Esse ‘alguém’ que ela tentou matar... sou eu, não é? Mas não é isso que ela pediu. Ela só queria ficar ao lado da Senjougahara...”

“Só queria ficar ao lado dela? Ah, não me venha com essa,” ele continuou a falar com o mesmo tom sério de



antes, mas dessa vez direcionado a mim. “Quanta gentileza, Araragi-kun. Ouso dizer que nunca vi alguém tão gentil e ingênuo quanto você. Mas quantas pessoas planeja machucar com essa sua gentileza até que fique satisfeito, hein? Por acaso quer repetir a mesma coisa que fez com a Shinobu-chan? E seja sincero comigo, você realmente acreditou no que ela disse?”

“...E por que ela mentiria?” Depois que perguntei isso, me virei em direção a Kanbaru, ela estava em silêncio. “Ei, Kanbaru...”

“Araragi-kun, você não acha a história dela um pouco estranha? Por exemplo, por que o braço esquerdo não só a deixou mais rápida em vez de bater naquelas crianças?”

“...Porque A Pata do Macaco realiza desejos de uma forma inesperada para o portador...”

“Mas não estamos falando sobre ela, Araragi-kun.” declarou Oshino. “Isso foi um acordo em troca de uma alma. O desejo deveria ter sido realizado assim como foi pedido. O Rainy Devil pode até ser fraco e ter o hábito de partir para violência, mas um contrato é um contrato. Se

você pedisse para ficar mais rápido, seria exatamente isso que receberia. Como que bater nos seus colegas de classe a deixaria mais rápida? Não concorda que tem algo de estranho nessa história? Mas é claro que ela seria colocada em outro grupo se fizesse isso.”

“.....” Colocando desse jeito, realmente não tinha como refutá-lo. “Então por quê? Por que aquilo aconteceu com aquelas...”

“Porque era exatamente isso que ela queria. Tendo dificuldade em se adaptar ao seu novo ambiente, a senhorita aqui começou a ser caçoada pelas outras crianças. Ela pode ter dito que não sofreu bullying, mas é exatamente isso que alguém que teve essa experiência falaria. Pense nisso normalmente, seus pais tinham acabado de morrer e agora ela estava em um lugar que ninguém a levava a sério, querer se vingar era de se esperar. Na verdade, seria estranho se ela não quisesse.”

“Eu...” Kanbaru começou a falar, mas não terminou o que iria dizer.

Como ela se explicaria?

Por que ela parou?

O que ela tinha notado?

Oshino continuou: “Dito isso, tenho certeza que não foi uma escolha consciente. Eu realmente acredito que foi algo inconsciente. Se fosse intencional, ela saberia. No ponto de vista dela, seu desejo certamente era ficar mais rápida. Mas não podemos dizer o mesmo sobre a parte traseira de sua mente. Por trás de seu pedido havia uma vontade de se vingar dos seus colegas de classe. O demônio percebeu essa vontade e a fez virar realidade. Pode ter sido inconsciente, mas esses são seus verdadeiros sentimentos. E não querendo aceitar isso, ela buscou por uma interpretação diferente do ocorrido... assim chegando no livro ‘A Pata do Macaco’. A parte importante não foi de que ela *realiza desejos*, mas sim como ela os realiza de uma maneira *inesperada*. Esse foi o ponto principal, não foi? Em uma tentativa de não se culpar pelo acidente, ela começou a acreditar que não tinha intenção nenhuma de ter feito aquilo.”

Intenção.

Uma questão de interpretação.

“Isso não é exclusivo à Pata do Macaco, maioria dos casos envolvendo monstrosidades que realizam desejos acabam mal para o protagonista. Então quando a senhorita fez sua pesquisa durante a quarta série, ela poderia ter facilmente encontrado outra história. Ela só acabou encontrando o livro feito por William Jacobs, simples assim. Mas o que você diria se tudo tivesse dado errado para ela? Você diria que sua vida é miserável pelo fato do desejo dela ter sido concedido? Você realmente diria que a senhorita é miserável por ter se vingado daqueles ‘colegas’ de classe que a importunavam? Araragikun, isso normalmente não se resolveria com um simples ‘eles mereceram’?”

“Normalmente... Mas, Oshino...”

“Hahaha, aposto que você quer saber o porquê de eu ter tanta certeza disso. Bem, era só ter prestado um pouco mais de atenção na história dela. Teria como me lembrar o estado que braço dela se encontrava durante o fundamental?”

“.....”

Agora que ele falou, como aquela mão mumificada—*Que chegava até o pulso*—Estava mesmo?

“Não me lembro dela ter falado sobre ter tido que enfaixar o braço...” destacou Oshino. “E só foi na manhã seguinte, quando notou que aquelas quatro crianças tinham faltado, que ela percebeu o que aconteceu, correto? Se o seu braço tivesse ficado do mesmo jeito do de agora, ela sem dúvidas teria percebido antes. E o que isso quer dizer? Em resumo, o desejo dela se realizou no momento em que seus colegas de classe foram espancados. Sem ela notar, a monstruosidade se fundiu ao seu braço durante a noite e, assim que fez seu trabalho, se separou do braço dela, *levando consigo uma parte equivalente de sua alma*—Sendo esse o motivo do braço ter aumentado de tamanho.”

“...Então...”

O argumento dele fazia sentido, mas então...

“Você esteve certo desde o princípio, Araragi-kun. Eu até disse que você estava bem astuto hoje, não disse? Não havia nada para se confundir, senso comum era a chave

desse mistério. Não faço ideia se irá seguir essa carreira, mas sei que você seria um péssimo juiz. Você roubou a amada senpai dela para si mesmo. E ao saber disso, ela sentiu tanta raiva ao ponto de querer matá-lo. Então a intenção dela tinha, sim, algo a ver com o ocorrido, tudo foi segundo sua intenção. Afinal de contas, um braço esquerdo não tem algo assim.”

Disse Meme Oshino.

[1] Originária do norte da China e Coreia, mas que, em 1834, foi levada à Europa, o “kiri japonês”—Também conhecido como *Paulownia tormentosa*—É a árvore com maior crescimento do mundo. Por sua madeira ser muito maleável e por ser um excelente isolante, ela é usada para fazer móveis, persianas, instrumentos musicais, plataformas de barco etc. Também pode ser encontrada no Japão.

[2] No capítulo 3 de *Suruga Monkey*, Senjougahara pergunta a Araragi “o que é inundado em cima e queima embaixo”, a mesma responde que esse lugar é a casa de

Kanbaru. Essa charada também pode ser relacionada ao kanji 災い (wazawai)—O qual tem o kanji de “rio” em cima e o de “fogo” embaixo—Que significa “desastre”, principalmente de origem divina; ou seja, algo “inevitável”.

[3] “O Dialeto de Kyushu” (東北弁, kyushu-ben) é incorporado nas regiões de Fukuoka, Kagoshima, Kumamoto, Miyazaki, Nagasaki, Oita e Saga. E ele pode ser dividido em mais três dialetos: Hichiku, Hōnichi e Satsugu-ben. Alguns desses dialetos são incompreensíveis para os moradores de outras regiões.

[4] “Saru Kani Gassen”, também conhecido como “A Batalha do Caranguejo e do Macaco”, é um conto popular japonês.

[5] No mangá (especificamente na página 17 do capítulo 35/ página 99 do volume 5), na versão original em japonês, Koyomi fala de um Faust (Fausto, em inglês) que lava roupas. Essa é uma referência ao livro “Betty’s Book of Laundry Secrets” (O livro de segredos de lavar roupa da Betty, em tradução literal.), de Betty Faust e Maria Rodale.

[6] “Sturm und Drang” foi um movimento literário alemão que ocorreu no século XVIII. Ele é marcado pelo combate da influência francesa na cultura alemã.

[7] “Hashire Melos”—Ou “Corra, Melos!” é um conto japonês escrito por Osamu Dazai. Publicado em 1949, “Hashire Melos” é uma reimaginação de “Die Burgschaft”, uma trova de Friedrich Schiller. O conto também foi adaptado em forma de filme, anime e dorama.

[8] “Yabu no Naka”, “Dentro do Bosque/No Matagal”, é um conto do escritor Ryunosuke Akutagawa publicado em 1922. Ela conta sete diferentes versões do mesmo acontecimento, o assassinato do samurai Kanazawa no Takehiro. O conto serviu de inspiração para o filme “Rashomon”, de Akira Kurosawa.

[9] “Philip Marlowe” é um personagem de uma série de histórias de detetive escritas por Raymond Chandler, um romancista e roteirista dos Estados Unidos.

[10] Christopher Marlowe foi um dramaturgo, poeta e tradutor inglês que viveu durante o Período Elisabetano. É considerado um precursor de Shakespeare devido a ter



introduzido os versos brancos para o teatro, uma estrutura que Shakespeare empregaria em suas obras. Também há teorias de que ele é um pseudônimo do próprio “Bardo do Avon”

[II] Tendo origem no folclore europeu durante a idade média e começo da moderna, os “familiares” são espíritos, normalmente com forma de animal, que ajudam bruxas e aqueles que os invocam. Há diferentes maneiras de conseguir um *familiar*, desde fazer um pacto, recebê-lo de outra pessoa (normalmente de um parente) até simplesmente o encontrá-lo por aí. Devido ao modo que eram utilizados, alguns ficaram conhecidos como demônios, enquanto outros como fadas.

[I2] “Yang-Tsé-kiang, ou Yangtze”, é o maior rio da Ásia. Ele vai do monte Kunlun até o mar da China Oriental.

[I3] “Totomi” era uma antiga província do Japão, ela ficava onde a parte oeste da prefeitura de Shizuoka atualmente se encontra.

O Rainy Devil é um demônio bastante violento. Um ser que ama malícia, hostilidade, vingança, inveja e outras emoções negativas. Um ser capaz de ver os desejos mais sombrios de alguém. Estimulando, manifestando e, por fim, realizando o desejo da vítima. Ele não os realiza por pena, mas sim por rancor. Porém a realização deles vem com um preço: a perda do corpo e da vida. Ou seja, assim que os três desejos são concedidos, a pessoa vira o próprio demônio. Essa é sua natureza. Então, mesmo que Kanbaru tivesse pedido para resolver o segredo da Senjougahara, ele provavelmente não iria ser realizado. A monstruosidade conhecida como Rainy Devil é apenas capaz de realizar pedidos de origem violenta e negativa.

Ele vê o que nem sempre exprimimos

Afinal, todo desejo tem seu motivo por *trás* dele.

Sim, ele vê o que realmente sentimos...

Ela pode não ter se arrependido de se distanciar da Senjougahara, mas ela não aceitaria que alguém tomasse o seu lugar. Se alguém pode, por que não ela?

Rainy Devil. Um demônio originado na Europa.

Ele é normalmente representado como um macaco usando um capuz de chuva, então não seria completamente errado dizer que aquele braço esquerdo era uma pata de macaco. Mas enfim, o primeiro e segundo desejo feitos por Kanbaru foram inconscientes, ocultos, mas mesmo assim claros.

Sendo o primeiro voltado para aqueles colegas de classe que a caçoavam.

E o segundo voltado para mim.

Enquanto aquelas crianças se safaram com machucados, eu fui quase morto... Me pergunto o porquê disso. Será que o volume de suas emoções negativas tiveram alguma relação? Bem, tenho quase certeza que seu desenvolvimento como atleta também teve influência.

Mas Oshino estava certo.

Talvez eu não tivesse pensado muito sobre.

Se Kanbaru realmente pediu ao Rainy Devil para que ela ficasse ao lado da Senjougahara, não faria sentido ela se preocupar com a minha segurança. Dado o primeiro acidente, durante a quarta série, aquele braço tentaria eliminar Koyomi Araragi, mas como ela, de seu ponto de vista, teria certeza disso? Como ela saberia o modo exato que a mão realizaria esse pedido? Ou que maneira inusitada ele usaria para realizar seu trabalho? Tudo isso deveria ter sido uma incógnita para ela.

Mas ela sabia.

Ela sabia o que tinha desejado.

E sabia que minha vida estava correndo risco.

O motivo daquele demônio não ter aparecido assim que ele se fundiu com o braço dela foi porque Kanbaru estava tentando controlar sua ira, pelo menos é isso que Oshino me disse. Ela estava lutando consigo mesma.

“Pensar que o motivo da Pata não ter feito mais nada era devido a ela ter realizado seu desejo por si própria foi uma ideia ridícula da parte dela. Ela pode até ter acreditado, talvez para não se culpar ainda mais pelo

ocorrido, e eu não a julgo por isso, mas o desejo que o Rainy Devil realizou, na verdade, foi o da parte traseira de sua mente, seu subconsciente. Mas essa atitude dela de fazer tudo por conta própria ajudou a atrasá-lo... então mesmo tendo se fundido com sua mão, ela conseguiu reprimi-lo. Monstruosidades como essa são muito parecidas com objetos, a mentalidade do portador tem grande influência... Mas sendo realista, o fato de ser apenas um braço é um grande fator dela ter conseguido fazer isso. Devido a sua condição, ele acabou não conseguindo superar o consciente da senhorita. Em outras palavras, enquanto ela estivesse preocupada com seu bem-estar, ele não ativaria. Todas aquelas perseguições dela deram o exato efeito que ela queria, mesmo essa talvez não sendo a sua intenção, já que tudo isso ocorreu em seu subconsciente. Mas foi ontem que você disse que iria para casa da Tsundere-chan para uma suposta sessão de estudos, correto? Bem, antes disso, ela via seu namoro apenas como um rumor, ainda havia a possibilidade de ser falso, mas foi de sua própria boca que ela recebeu as provas

que precisava para saber que aqueles rumores eram a pura verdade. E ela não conseguia reprimi-lo depois de saber disso. Sua presunção estava certa, Araragi-kun.

Aquele demônio se aproveitou do estado que ela se encontrava.

Mas é claro que Oshino não falou dessa forma, ele odiava vitimizar alguém.

Aquilo foi inveja, do começo ao fim, Kanbaru mesmo disse.

Mas...

“Já está bom,” eu falei a Shinobu

Me abraçando, Shinobu bebeu meu sangue até o limite. Após achar que tinha o bastante, dei dois toques em suas pequenas costas. Ela retirou gentilmente suas presas do meu pescoço e lambeu o resto de sangue que saiu. Talvez já estivesse na hora de me perguntar se isso entrava no conceito de traição da Senjougahara, mas como esse era único jeito de dar conta desse caso, acredito que ela me perdoaria se eu implorasse o bastante. Diferente de como era durante as férias de primavera, Shinobu parecia

extremamente frágil, eu sentia como estivesse segurando uma névoa quando a abraçava.

“...Oops”

Me senti um pouco tonto quando levantei. Algo de se esperar, mas eu parecia quase anêmico após ter dado tanto sangue para ela.

Por volta de cinco vezes a mais que o normal.

Dei alguns agachamentos, para me acostumar com meu “upgrade”.

Porém acabei não sentindo nada fora do normal... E como fiquei mais forte num todo, acabou sendo difícil discernir o quão forte eu estava quando comparado ao meu “eu de sempre”.

Quando terminei, Shinobu já tinha voltado a sua posição usual.

De cócoras... como se estivesse confirmando sua própria presença.

Nem olhar para mim ela olhava.

“....”

Eu? Alguém gentil?

Eu podia insistir que não era o quanto quisesse, mas não importa como veja, quem realmente sofreu foi esse vampiro... Não posso culpar o Oshino por dizer aquilo.

Antes de sair, coloquei minha mão no capacete dela e dei uma boa chacoalhada para esquerda e para direita. Ela ignorou por um tempo, mas depois deve ter ficado incomodada, já que deu um tapa na minha mão.

Satisfeito, segui as instruções que Oshino passou e saí da sala sem dizer nada, dei as costas para ela e fui em direção às escadas que levavam para o terceiro andar. Enquanto descia para o segundo andar, pensei no que eu deveria trazer para ela na próxima vez que eu viesse. *Talvez uns donuts*, sugeri a mim mesmo.

Chegando ao segundo andar, me deparei com Meme Oshino no outro lado do corredor. Ele estava de braços cruzados, à frente de uma porta e apoiado apenas com uma de suas pernas.

“Aí você está, Araragi-kun. Você demorou mais do que eu esperava, por acaso teve algum problema com a Shinobu-chan?”



“Não, só tive um pouco de dificuldade em relação ao limite que você falou. Então eu posso ter acabado dando pouco sangue a ela... mas isso é melhor que exagerar, tanto para ela quanto para mim.”

“Verdade, mas não precisa ser tão delicado assim com ela. Já que a existência dela está vinculada ao meu nome, nada de grave irá acontecer. Sinceramente, estou mais preocupado com ela passando fome. Sem contar que você vai estar no mano a mano contra um demônio daqui a pouco. E tenho certeza que você não quer ser o saco de pancada dessa história, não é? Eu não subestimaria seu oponente, mesmo ele sendo apenas um braço.”

...Nossa medida contra o Rainy Devil.

Um exorcismo é um processo muito trabalhoso e demorado. E apesar da classificação baixa do Rainy Devil, isso não seria fácil nem mesmo para Oshino. Pelo fato disso ter saído da boca dele, fui com um pé atrás. A única coisa que eu tinha certeza era que ele não se envolveria dessa vez.

Diferente do que aconteceu no caso da Senjougahara.

O caranguejo que possuiu ela também pode ser classificado como uma monstruosidade que realiza desejos, mas aquilo era um deus, e quem estamos lidando agora é um demônio. Até mesmo um amador como eu sabia que não seria fácil.

Kanbaru, com o kanji de “deus” no nome, e um demônio.

Uma verdadeira ironia.

Mas não tínhamos tempo a perder.

Se não nos apressássemos, minha vida poderia acabar naquela mesma noite. Isso, ou braço dela sendo separado do resto do corpo. Para tristeza de alguns, eu era (e ainda sou) apegado o bastante a minha vida para não aceitar a primeira opção como forma de resolver essa história.

Nos levando a terceira opção.

“O contrato, huh?” disse eu. “Espero que isso seja o suficiente para ele voltar pro mundo demoníaco, espiritual ou sei lá que cafundó ele saiu.”

“O mundo demoníaco e espiritual não são lugares diferentes, eles são conhecidos como ‘aqui’. Mas vamos

deixar esse papo complicado para outra hora, mas pensando bem, nós já não discutimos sobre isso antes? Enfim, eu juro que isso vai dar certo, Araragi-kun. O contrato será anulado se for *impossível de ser realizado*. Assim, o demônio irá fugir com o rabo entre as pernas.”

O demônio iria fugir se não conseguisse realizar o contrato.

“Ou seja, se ele não conseguir me matar, isso?”

“Uhum.” Afirmou Oshino. “Mas não se garanta só por ter dado um pouco de sangue para Shinobu-chan... Se eu tivesse que colocar em números, você tem menos de um décimo da força que tinha durante as férias de primavera, quando ainda era um vampiro de verdade.”

“...Que fraçãozinha, hein...”

“Você não teria a menor chance se estivesse lutando contra ele completo, mas com a junção de só ser o braço esquerdo e a existência do ‘peso morto’ que é resto do corpo da senhorita, diria que é basicamente garantido você ganhar,” confirmou Oshino.

O Rainy Devil é uma monstruosidade completamente diferente da Pata do Macaco, sendo suas capacidades de realizar desejos a única semelhança entre os dois. E como vocês já devem ter pressuposto, o demônio, devido a sua associação com um capuz de chuva, tem outros membros além do braço esquerdo. Mas eu tive a sorte de só ter que enfrentar um dos braços, e um que estava mumificado— Graças a um selo muito do bem feito, Oshino disse.

“Parece que o culpado disso é a parte materna da família da senhorita... talvez esse até seja o motivo de não terem sido aceitos por ninguém após o casamento. Mas chega de meter o nariz onde não se é chamado. Um demônio mumificado é um feito e tanto, tenho que admitir, mesmo eu já tendo visto sereias e outros seres também mumificados. Adoraria saber onde as *outras partes dele estão*.”

Mãe...

Hitagi Senjougahara, Mayoi Hachikuji.

Ambos os casos tiveram algum envolvimento de suas mães.

E Suruga Kanbaru continuava com esse padrão.

Após o casamento, a mãe de Kanbaru também acabou tendo todos os laços com sua família cortados, então, mesmo que quisesse, ela não conseguiria saber mais sobre essa parte de sua família...

“Eu sei que isso é uma pergunta besta, mas o Rainy Devil com todas as partes conseguiria derrotar a Shinobu no ápice de sua força?”

“Nem agora, nem nunca. Querendo ou não, ele ainda é um demônio fraco. Nunca que ele seria páreo contra um vampiro de verdade. E não estamos nem falando do Mefistófeles, então acredito que demoraria apenas alguns segundos para ela destruir todas as partes do corpo dele e beber o seu sangue. Por acaso se esqueceu que nossa Shinobu-chan era considerada um vampiro lendário? Mas é claro que ele perderia. Aposto que até o gato que possuiu a Representante de Classe seria mais forte. Dito isso, nem pense em pedir ajuda a Shinobu-chan, ouviu? Ela até que poderia derrotá-lo, mas nós seríamos obrigados a arrancar

o braço da senhorita. Você, sozinho, é quem tem que derrotá-lo.”

“O Rainy Devil rouba o corpo da pessoa ao realizar o desejo dela, né? E toda vez que um desejo é concedido, a vítima fica mais próxima do demônio, mas o que acontece depois dos três serem realizados? O que aconteceria se o seu segundo desejo fosse realizado e um terceiro também fosse? Seguindo a lógica até agora, o braço não só chegaria até o ombro?”

“Infelizmente não tenho nenhum exemplo para ter como base, então terei que dar uma resposta um pouco especulativa. Mas seguindo a lógica, seria isso mesmo que você falou. Porém, perder um braço inteiro seria basicamente perder o resto do corpo, não concorda? Seria como uma empresa de capital aberto ter trinta por cento de suas ações adquiridas.”

“...É, faz um pouco de sentido.”

“De uma forma ou de outra, ela acabaria perdendo a alma e deixando o corpo para trás. Ah, e antes que você vá,

não quer que eu guarde sua mochila? Vai ser difícil lutar carregando ela.”

“Verdade... brigado por ter me lembrado. Só deixa eu colocar o resto das coisas nela.”

Tirei as chaves de casa e o meu celular e os coloquei dentro dela. Após isso, dei ela para Oshino. *Seus pertences estão em boas mãos*, disse ele, enquanto a colocava atrás de seu ombro.

“Araragi-kun, tem algum problema se eu fizer outra pergunta?”

“Nenhum, pode perguntar.”

“Por que você está ajudando alguém que tentou te matar? Pode até ter sido inconsciente, mas ela realmente o odiava. A senhorita o via como um rival amoroso,” ele não estava falando com o habitual tom sarcástico dele. “Outra coisa, por que você escutou a história dela até o final? Você deveria ter vindo aqui assim que descobriu que ela era a pessoa embaixo daquele capuz.”

“...Todo mundo vai ter alguém que odeia. Isso faz parte da vida. Eu não tenho nenhum interesse em morrer, mas

se o motivo de Kanbaru estar fazendo isso for o seu amor pela Senjougahara...”

Por trás de toda monstruosidade, há um motivo.

Enquanto esse fosse o dela...

“Eu posso perdoá-la.”

Se eu estivesse certo desde o princípio, assim como Oshino disse, nada tinha mudado. Eu voltaria para quando A Pata do Macaco e o Rainy Devil não tinham nada a ver com o caso. É verdade que nunca passou na minha cabeça que ela me via como um rival amoroso, mas mesmo assim.

Minha persistência artilosa.

Minha operação maliciosa.

Talvez eu fosse mesmo alguém gentil, mas eu certamente não era puro e virtuoso feito a Hanekawa.

Tsubasa Hanekawa, a garota com um par de asas incompatível. [I]

Se há alguém que eu invejava, seria ela.

“A decisão é sua, Araragi-kun, não posso fazer nada sobre ela. Se é isso que decidiu, vá lá e ajude a senhorita. E antes que eu me esqueça, você só vai poder sair quando



tudo terminar. Não tem como abrir a porta pelo lado de dentro, ok? Então prepare-se, porque fugir não é uma opção. Recomendo que se lembre das lutas que teve durante as férias de primavera. E nem preciso dizer que ninguém vai vir ao seu resgate, não é? Nem eu, nem a Shinobu-chan irá te salvar, não importa o quanto grite pedindo por socorro. Com isso dito, vou ver se tiro um cochilo. Espero que se divirta no seu mata-mata. Ah, e não precisam dar tchau quando saírem. É bem provável que a Shinobu-chan esteja dormindo quando vocês dois terminarem, então podem ir direto pra casa.”

“...Desculpa pelo incômodo.”

“Nem se preocupe com isso.”

Oshino saiu de onde estava para abrir a porta.

Sem pensar duas vezes, entrei naquela sala de aula.

E quando todo meu corpo entrou, Oshino a fechou.

Eu não tinha mais como sair.

Aquela sala—Localizada no fundo do segundo andar—Tinha o mesmo leiaute da do quarto andar, sendo as janelas, que eram as únicas barradas em todo o edifício, a

única diferença entre as duas. Isso não quer dizer que não haviam cacos de vidro espalhados pelo chão. Várias tábuas bloqueavam as janelas, tantas que faziam você perguntar o motivo delas estarem lá. Assim que a porta foi fechada, nem um único raio de luz entrava na sala.

Estava escuro como breu.

Mas mesmo assim eu conseguia ver.

Isso era devido ao sangue que dei a Shinobu. Sendo sincero, naquele estado, eu conseguia ver melhor no escuro.

Lentamente, analisei meus arredores.

O encontrei em pouco tempo.

Lá estava ele, parado, naquela sala de aula de tamanho médio.

O demônio com capuz de chuva.

“...Ei,” eu disse, mas não houve resposta.

Ela parecia já estar em um transe.

O corpo ainda era de Suruga Kanbaru, mas sua mão esquerda e, por enquanto, a sua alma era do Rainy Devil... E caso queiram saber de onde o capuz veio, Kanbaru tinha

ido na loja mais próxima enquanto eu dava sangue para Shinobu. Ele não era necessário, um item opcional, mas servia para estabelecer o clima.

Todas as cadeiras e mesas tinham sido removidas, fazendo com que apenas nós dois estivéssemos no recinto. O braço esquerdo de um demônio e uma imitação de um humano.

Dois seres incompletos. Parecia ser uma luta justa.

Mas dependendo de como a luta prosseguisse, eu não poderia deixar que ela fosse uma.

*Afinal, eu tinha que derrotá-lo a qualquer custo.*

Assim como no dia anterior, por baixo do gorro do capuz, não dava para ver o que havia dentro. Nada, nem mesmo o rosto de Kanbaru.

“.....”

A maneira mais fácil de lidar com monstruosidades que realizam desejos, como o Rainy Devil e A Pata do Macaco, é pedindo algo que elas sejam incapazes de realizar.

Um desejo grandioso demais.

Ou um desejo contraditório.

Um desejo impossível.

Desejar por um duplo vínculo, colocando a monstruosidade entre a espada e a cruz.

Seria como jogá-la em um poço sem fim, como Oshino me disse. Isso fará com que ela pare de exercer influência sobre a pessoa.

Mas Kanbaru já tinha feito um desejo, pedindo que ficasse ao lado de Senjougahara. Porém, Koyomi Araragi estava no caminho. Ela odiava Koyomi Araragi, ela queria que Koyomi Araragi morresse, e o Rainy Devil estava querendo realizar essa vontade assim como seu subconsciente pediu.

Um desejo não pode ser cancelado.

Já era tarde demais, mesmo ela podendo ter pensado nele por apenas um segundo.

*E é por isso que esse mesmo desejo teria que virar algo impossível.*

*Em outras palavras, Koyomi Araragi teria que virar algo que o Rainy Devil seria incapaz de matar.*

“Com lógica e razão, você pode dar à luz a qualquer explicação’[2]. Que ideia mais sofisticada, sinto como se estivéssemos brincando com fogo, mas fazer o que...”

“!!!”

Sem nenhum motivo aparente, o Capuz pulou em minha direção. Os saltos de Kanbaru foram intensificados pelo seu ódio. Normalmente, eu teria dificuldade de acompanhar ela, mas agora a situação era outra.

Eu conseguia acompanhar seus movimentos tranquilamente.

E também conseguia reag...

“Ei, calma, calma!”

Com um giro, consegui desviar do soco do demônio por pouco. Após completar a pirueta, dei alguns passos para trás.

Admito que isso vai ser bastante anticlimático, mas o que estava acontecendo?

Gostaria de dizer que ele estava mais rápido que o dia anterior, mas os meus olhos só estavam se acostumando. Mas se eu desviasse dos ataques, esperasse por uma

abertura e focasse no “peso morto” que era o corpo de Kanbaru, eu certamente iria...

“Ahh!”

Sem me dar um momento de descanso, ele voltou para me atacar.

Eu não estava esperando superar no quesito velocidade, mas pelo menos achava que estaria em uma situação melhor comparado ao dia anterior. Não podendo desviar para esquerda, tive que ir para direita da criatura.

Aquela mão escura e peluda pegou na minha bochecha de raspão. Naquele instante, senti como se fosse perder uma parte do meu rosto. Mas mesmo assim fui adiante e dei um chute no lado exposto.

...Me desculpa, Kanbaru!

Pedi desculpas mentalmente.

Tirando o braço esquerdo, tudo estava indo normalmente. O monstro tinha reagido ao chute e acabou caindo no chão.

Controlar apenas o braço esquerdo dava uma tremenda desvantagem a ele, fazendo com que perdesse o

equilíbrio com facilidade e mostrando que o resto do corpo não conseguia acompanhar o demônio.

Mas então qual era daquela velocidade? Por acaso ele não estava indo com tudo na última vez? Ele ficou mais rápido em resposta a eu ter ficado mais forte? Mas por que uma monstruosidade se limitaria?

Realmente eu não fazia ideia.

E ainda sem entender o porquê, o Capuz se levantou.

Mesmo que aquele não fosse o corpo de Kanbaru, eu não conseguia me levar a chutar um oponente caído...

Eu sabia que não podia hesitar, mesmo assim eu estava hesitante.

Uma pessoa gentil.

Mas como odeio ser vinculado a esse rótulo.

Que jeito eufêmico de falar da falta de personalidade de alguém...

Seguindo uma linha reta, o braço esquerdo da monstruosidade bateu em meu ombro direito. Aposto que ele estava mirando no meu peito, mas acabei conseguindo desviar, mesmo que parcialmente... Que velocidade.

Devido ao golpe, acabei sendo arremessado para trás cerca de três metros, mas consegui cair de pé graças ao meu senso de equilíbrio. Um soco dele foi capaz de destroçar minha bicicleta e quebrar uma parede de concreto, porém, diferente do dia anterior, meu corpo não foi jogado a uma distância absurda e nem deixado em uma situação infeliz. Sofri alguns danos, é claro, mas não fiquei incapaz de me mover. Meu ombro foi deslocado e provavelmente fraturado, mas nada que minha regeneração vampírica não conseguisse resolver. A sensação de dor passou em um instante. De certa forma, aquilo me deixou um pouco nostálgico. Fiquei curioso para saber o quanto eu iria queimar no dia seguinte...

Sem deixar que eu pensasse no amanhã e como se soubesse onde meu corpo iria aterrissar, o Capuz atacou novamente. Dessa vez, seu soco acabou acertando minha cabeça. Tive o prazer de sentir meu nariz sendo quebrado. Se aquilo ocorreu comigo naquele estado, nem quero imaginar o que aconteceria com um humano normal. Praticamente rastejei tentando me distanciar o máximo



possível dele. Meu nariz voltou ao normal enquanto eu fazia isso. Realmente não sei como aguentei aquelas férias de primavera...

Consegui desviar do soco seguinte.

Mas o logo em seguida acertou em cheio.

“...PORRA!”

Porquê? Por que eu mal conseguia desviar?

Não havia nada de mais nos seus ataques, eles só seguiam uma linha reta. Seus socos tinham apenas força bruta por trás deles, mas então por que eu não conseguia esquivar? Era claro que sua velocidade tinha aumentado. Mas não muito sua força... Provavelmente eu aguentaria mais uns dois, três, não, uns duzentos golpes, então o que mudou para ele ter ficado mais rápido?

*O capuz...*

*O braço esquerdo estava exposto...*

*E o direito também...* Mas assim como o que tinha debaixo do gorro, eu não conseguia vê-lo. *L-Lembrei! É isso! Nenhum dos braços estava exposto, ele estava usando*

*luvas de borracha neles! Tá... mas como isso afetaria? Não é como se um par de luvas fosse deixar ele lento.*

E foi quando lembrei.

*As botas! Era as botas!*

Kanbaru só tinha comprado o capuz... ela não comprou o resto não porque decidimos que eram desnecessários, mas sim porque esquecemos por completo. Eu não fazia ideia de como o Rainy Devil era originalmente representado, mas o capuz foi suficiente para Oshino deduzir qual era a monstruosidade. Devido a esse objeto ser algo tão marcante a esse ponto, nós acabamos esquecendo dos demais acessórios.

E se ela não estava usando as botas, então ela estaria usando tênis. Uma bisbilhotada foi o bastante para confirmar minha teoria e saber que não era questão dos meus olhos se ajustando. Seus pés não estavam descalços só porque seus braços estavam. O monstro encapuzado estava usando os tênis dela.

Aqueles tênis de marca claramente caros.

E eles certamente deixavam o usuário mover em um nível completamente diferente. Especialmente se você fosse Suruga Kanbaru.

“...Desgraça.”

Prender um de seus pés ou colocar algum tipo de peso no resto do corpo provavelmente não funcionaria. E acredito que o demônio notaria na hora o que estávamos tramando, mas um par de botas seria uma maneira bem mais sutil de limitá-lo. Como que deixamos algo assim passar? Não era para o corpo dela servir como “peso morto”? Era como se o corpo dela fosse o verdadeiro acessório!

Parece que ficar esperando por um momento oportuno não iria ser mais o bastante. Eu sabia que não morreria por “chip damage” [3] enquanto eu desviasse da maioria de seus ataques, mas também isso não me garantiria uma vitória. Em outras palavras, tive que encarar os golpes dele de frente. Abaixei meu quadril e coloquei minhas mãos na frente do rosto, como se eu fosse um goleiro esperando por um pênalti.

Porém, como se fosse uma bola de canhão (tenho certeza que é proibido usar uma no futebol), o Capuz me atacou novamente, dessa vez mirando no meu pescoço. Tentei bloquear com ambas as mãos, usando minha mão direita para bloquear o braço esquerdo enquanto a esquerda segurava a munheca dele. Mas não foi o bastante para parar o “gol” de ser feito. Senti alguns dos meus dedos quebrando, e logo depois minha clavícula. Meu corpo foi um pouco para trás, mas incrivelmente não perdi a postura. Fui incapaz de parar o golpe, mas pelo menos impedi que acertasse o resto do torso.

E antes que voltássemos para o “neutral” [4], usei minhas mãos, com seus dedos já curados, para agarrar o braço esquerdo e jogar o Capuz no chão. Finalmente consegui limitar seus movimentos. Agora tudo que faltava...

“Me desculpa, Kanbaru!”

Agora me desculpando em voz alta e segurando o braço esquerdo, dei três chutes seguidos: um nas pernas, outro na barriga e o último no peito. Um ataque impossível para

um humano, dada a nossa anatomia. Diferente do Capuz, que só podia atacar usando o braço esquerdo, eu conseguia usar todos os meus quatro membros ao meu favor.

O braço começou a debater.

Ele agora estava vulnerável.

Oshino tinha razão, eu não teria a menor chance se tivesse enfrentado ele completo, mas a minha vitória era basicamente garantida enquanto eu focasse no braço esquerdo. Se eu não fosse acertado por muitos golpes em sequência, eu conseguiria me recuperar rapidamente, então só tinha que me preocupar com a velocidade das pernas de Kanbaru. Perceber que ela estava usando tênis foi mesmo uma surpresa, mas eu não teria que me preocupar enquanto ele estivesse assim—Agora era só chutar até que ele desistisse. E se ele não jogasse a toalha, eu continuaria até que não restasse nada dele. Pensando bem, aquilo parecia com uma tortura, talvez até próximo do “Suruga-toi”, então não era nem um pouco prazeroso, mas não iríamos arrancar o braço dela e, certamente, não

iríamos matá-la, portanto a minha única escolha era continuar atacando até que o demônio a deixasse.

As pernas do Capuz fecharam.

*Parece que meus chutes tão surtindo efeito*, pensei. Quebrando todas as minhas expectativas, uma das pernas, que pensei que fecharam devido aos meus ataques, foi de encontro com minha mandíbula. Não o braço esquerdo, mas a perna esquerda. Ela desviou de todas as partes do meu corpo para acertar um chute na têmpora. Fui pego de surpresa. Não foi tão forte quanto um golpe da mão esquerda, é claro, mas aquilo foi a capacidade de corrida de Kanbaru em forma de ataque.

Minha visão ficou borrada e meu cérebro parecia estar chacoalhando. Danificar o órgão sensorial de um vampiro (mesmo que seja de um de imitação) realmente faz efeito— Uma importante lição que aprendi durante as férias de primavera.

Tive que soltar a perna para me defender do próximo chute que estava vindo.

Fiz uma cruz com meus braços e defendi o ataque. Apesar de ter sido inferior aos golpes do braço esquerdo, o simples fato de ter feito isso foi suficiente para ter me deixado confuso.

Oshino não disse que o corpo dela seria um “peso morto”?

“...Será que é o que *estou pensando*?”

Se o Rainy Devil tem como fonte de energia emoções negativas, então ele estava se aproveitando da inveja que Kanbaru sentia por mim. Se o braço esquerdo era uma bala de canhão, o corpo dela servia como o próprio canhão. Seu ódio, sua paixão, suas emoções davam força para seus músculos. Deve ser por isso que o resto do corpo não estava o limitando. Talvez essa fosse uma reação por estar em apuros.

Mas quem estou tentando enganar? Eu mesmo?

Se realmente vou dizer que perdoei ela, não posso recorrer a ignorar a verdade ou dizer que ele estava agindo por puro reflexo, como um sapo sentindo uma mudança abrupta de temperatura.

Em outras palavras.

A perna de Kanbaru mexeu devido à vontade dela.

A vontade dela teve influência.

Inconscientemente, Kanbaru estava se negando.

Se negando a perder o braço esquerdo do Rainy Devil.

Se negando a deixar que seu desejo não fosse realizado.

Se negando a deixar eu viver.

Se negando a desistir da Senjougahara.

“...persistência ardilosa.”

Entendo como ela se sente.

Entendo tanto que dói.

Entendo de verdade.

Porque eu também já desisti de algo.

E porque sei que nunca irei recuperá-lo.

Por algum motivo, o Capuz parou de se mexer. Invés de atacar em linhas retas como antes, parecendo um ímã sendo atraído por um objeto de metal, ele só ficou parado, como se estivesse pensando em algo.

Ou talvez.

Como se estivesse hesitando.



Aqueles golpes contundentes dele pararam.

...Suruga Kanbaru.

Kouhai de Hitagi Senjougahara.

A estrela do time de basquete.

*Por favor, arranque-o*—Disse ela.

Logo após Oshino ter dito que aquele braço esquerdo não era A Pata do Macaco, mas sim a mão de um demônio, que seus desejos foram realizados assim como ela pediu e a verdade ficou evidente... Kanbaru ficou com a cabeça para baixo por alguns segundos, depois olhou para mim e para Oshino antes de dizer aquilo.

“Eu não preciso dele.”

Pela primeira vez, a vi sem um sorriso no rosto.

Ela falou com um tom sério e sem emoção—Estranhamente parecido com o modo que a senpai que ela tanto admirava falava.

“Por favor, faça isso logo. Realmente não preciso dele. Eu sei que não deveria dizer isso, mas te imploro, Araragi-senpai, arranque ele por mim...” disse Kanbaru, com o braço estendido em minha direção.

“N-Nem pensar.”

Empurrei o braço dela. Senti uma tremenda agonia quando toquei nos pelos. Aquilo foi assustador.

Amedrontador.

“Não diga algo assim... E o basquete, Kanbaru?” perguntei.

“É como Oshino-san disse. Eu tentei matar alguém. Esse é um preço pequeno a se pagar comparado ao que fiz.”

“N-Não, sério, Kanbaru, o que você fez foi nada de mais.”

Cômico. Digno de chacota.

O quão longe do ponto eu podia ir?

Isso não era sobre eu perdoá-la ou não me importar com o que ela fez. Essas minhas opiniões e palavras não valeriam de nada enquanto Suruga Kanbaru não perdoasse Suruga Kanbaru.

Uma garota que começou a correr para não machucar ninguém.

Alguém que suprimiu todas as emoções negativas.

Essa mesma força de vontade a limitava.

A castigava.

“A-A gente não vai fazer aquilo, ok? E também nem pense em dizer algo como aquilo de novo. V-Você é mesmo uma tonta, uma tremenda de uma tonta. Quem já viu alguém pedir algo assim?”

“É, você tem razão. Isso não é algo que se possa pedir para outra pessoa. Tentarei pensar em uma maneira de conseguir sozinha. Tenho certeza que conseguirei com a ajuda de um trem ou um carro.”

“Hã?”

Um trem e um carro não levariam apenas o braço. Por acaso ela queria cometer suicídio?

“Mas que malvado de sua parte, Araragi-kun.” disse Oshino. “Não querendo ajudar alguém claramente em necessidade, mesmo sabendo de uma maneira extremamente fácil de ajudá-la. Se você pedir com jeitinho, tenho certeza que a Shinobu-chan ficará mais que grata em ajudar. Mesmo não estando tão afiada quanto antigamente, acredito que a espada dela consiga cortar o

braço da senhorita sem nenhum problema. Seria tão fácil quanto cortar tofu.”

“E você cala essa tua boca, Oshino! Como eu tava dizendo, a culpa não é sua, Kanbaru! É por conta dessa Pata do Macaco... Rainy Devil, não importa! É por causa da monstruosidade que isso ocorreu...”

“Mas quem que fez o pedido?”

Ele não ia calar a boca.

Com eloquência, Oshino disse aquelas palavras.

“A monstruosidade só deu o que ela quis. Foi o mesmo com a Tsundere-chan, não foi? Isso é completamente diferente do seu caso, Araragi-kun. *Você não pediu nada à monstruosidade que encontrou.*”

“....”

“Em outras palavras, você não entende o que ela está sentindo. Nem seu remorso, nem seus arrependimentos. Nada,” ele me disse. “Falando nisso, na história original da Pata do Macaco, após seus primeiro e segundo desejos terem sido realizados, o usuário antes do Sargento Morris [5] pediu que seu terceiro e último desejo fosse a sua

própria morte. Nem preciso dizer onde quero chegar com essa informação, não é?”

“Oshino...”

O que você disse é verdade.

Mas você estava enganado, Oshino.

Ver o Capuz imóvel daquele jeito me fez indagar sobre aquelas suas palavras.

Mas eu entendo.

Entendo tanto que chega a doer, entendo de verdade.

Os sentimentos de Hitagi Senjougahara.

E os sentimentos de Suruga Kanbaru.

Não, talvez eu não entenda.

Talvez eu apenas esteja projetando minhas noções.

Mas...

Carregamos o mesmo tipo de dor.

Nós o compartilhamos.

Quem não usaria um item que realiza desejos se encontrasse um? Mesmo eu não tendo pedido diretamente, isso foi o que ocorreu durante as férias de

primavera. Até mesmo alguém puro e virtuoso feito a Hanekawa acabou usando um...

A relação que tenho com Shinobu é a mesma que Senjougahara tinha com o caranguejo, ou como Kanbaru tinha com o demônio.

“Eu não me importo,” ela disse.

“Mas eu sim... e como você consegue dizer isso? E a Senjougahara? Eu queria que vocês voltassem...”

“Já está na hora de desistir dela. Se eu fizer isso, tudo ficará bem, não é? Não vejo problema se esse for o caso. Por mim tudo bem desistir dela,” disse Kanbaru, era possível sentir a dor dela, enquanto falava.

Não.

Isso não é “tudo bem”.

Sua mãe lhe deu aquele demônio mumificado para que você aprendesse a realizar seus desejos por conta própria, não para desistir deles...

Então, por favor, nunca mais aja daquele jeito.

Mesmo não conseguindo ver seu rosto, eu conseguia imaginar como ele deveria estar.

Como eu acreditaria nisso quando você estava prestes a chorar?

Rainy Devil, o demônio da chuva também é o demônio das lágrimas.

Antes de ter virado uma monstruosidade, o Rainy Devil era apenas uma criança que fugiu de casa devido a uma briga que teve com seus pais durante um dia chuvoso. Essa criança acabou se perdendo nas montanhas e sendo devorada por macacos que moravam lá. E, misteriosamente, ninguém conseguia mais se lembrar do nome da criança.

“...AHHHH!”

Incapaz de aguentar mais meus pensamentos, fui em direção ao Capuz. Essa foi a primeira vez, em todos os nossos encontros, que agi na ofensiva em vez de simplesmente reagir a seus movimentos. Pode-se dizer que fiquei cansado de ficar esperando.

Mesmo que eu o prendesse no chão como antes, um chute viria pouco tempo depois. Era necessário prendê-lo como no judô ou numa luta-livre.

Abri meus braços como se fosse dar um gancho nele. Mas infelizmente não consegui. Se ele tivesse ido para esquerda ou direita eu talvez conseguiria. E se desse alguns passos para trás, eu facilmente poderia acompanhá-lo. Na verdade, o que ele fez foi algo inesperado.

Ele pulou.

E se opondo a todas as leis da física, o Capuz não caiu de volta, mas sim ficou de pé no teto. E como se não fosse o bastante, ele começou a correr. *Tap, tap, tap, tap, tap.*

Logo depois desceu e caiu no chão.

Depois pulou nas quinas da sala.

Depois no quadro negro, depois nos troncos que bloqueavam as janelas e depois voltou para o telhado.

Com cada pulo, sua velocidade aumentava.

Ele parecia com aquelas bolinhas de borracha enquanto ricocheteava pelas partes da sala. Ele estava usando o corpo atlético de Kanbaru para fazer isso.

Eu não conseguia acompanhar.

Ele estava se movendo mais rápido que meus olhos.



Ver ele ficando cada vez mais veloz como um objeto em queda livre estava bagunçando com minha visão. Era estranho o quanto aquelas botas o limitava.

Oshino escolheu aquela sala por ela estar mais distante das outras e por ser bastante reforçada, assim limitando os danos e impedindo que o plano fracassasse... além de que a sala era consideravelmente estreita, e pensávamos que isso me daria uma vantagem comparada a lutar em uma mais larga... Mas o que estava ocorrendo era o completo oposto do planejado.

Ele estava usando as características da sala a seu favor. Como que não pensamos nessa possibilidade?

Kanbaru entrou no time de basquete por ver que seria mais rápida que qualquer um se estivesse na quadra de basquete, um local pequeno e estreito! Ela não era muito alta e seu porte físico era majoritariamente de uma aluna do ensino médio qualquer, mas Suruga Kanbaru sabia saltar.

Em outras palavras, tudo estava a seu favor. Tudo mesmo.

Sinceramente, não sei se tinha como piorar ainda mais aquela situação...

Até parece que eu fazia isso de propósito, era como se eu tivesse uma cota a se atingir.

Não tive escolha a não ser ficar parado enquanto o Capuz pulava de canto em canto. O que mais me agoniava eram seus movimentos verticais, quando ele ia do telhado para o chão e vice-versa. Isso vinha da característica dos olhos humanos lidarem melhor com movimentos horizontais do que verticais. Minha visão não conseguia acompanhar o Capuz.

De pouco em pouco ele foi indo para trás de mim.

Ele finalmente decidiu me atacar. Aproveitando os impulsos adquiridos pelos saltos, o Capuz, como se estivesse tentando dar uma cortada em uma partida de Sepak Takraw [6], chutou diretamente no topo da minha cabeça. Senti meu crânio desmoronando. Aproveitando a reação causada pelo ataque, ele interceptou minha queda com um chute circular, assim como o usado no Taekwondo e Muay Thai. Essa combinação de esporte e

artes marciais ocorreu quase que instantaneamente. Meu cérebro foi comprometido junto com a minha cabeça, o que fez eu perder a consciência por um breve instante.

Mas não morri.

Meus ferimentos foram curados imediatamente.

Ser destruído para ser reconstruído logo em seguida, de novo e de novo. Minhas férias de primavera e aquela luta eram a própria descrição de Sañjīva[7], um dos oito Narakas Ferventes.

Estendi minha mão, porém, o Capuz desviou. Ele tentou me dar um soco com seu braço esquerdo, mas consegui impedir—Não por eu ter previsto o golpe, mas sim por instinto. Fiquei tão focado em seu braço ao ponto de ter ficado extremamente sensível aos seus movimentos. Mas o que eu deveria ter percebido era mudança de seus padrões de ataque. Chutes seguidos—Mesmo o braço esquerdo *estando disponível*—, a brusca mudança de velocidade e a inserção de movimentos mais complexos. Tudo isso mostra sua capacidade de usar todos os quatro membros, e não só o braço.

Brinque com o diabo e acabe se tornando um.

Esqueça toda aquela conversa de realizar desejos, vender sua alma, corpo e todo o resto.

Peça ao diabo e acabe virando um.

O Capuz, que anteriormente apenas dava socos em linha reta, agora estava usando táticas, *combos*, fintas e outras estratégias de combate.

Tudo isso graças a Suruga Kanbaru.

Ao me preparar para um próximo soco da mão esquerda, acabei deixando o lado esquerdo do meu corpo exposto. Ele viu a oportunidade e, indo dessa vez contra a teoria da relatividade, deu um chute que acertou simultaneamente o mesmo local três vezes seguidas.

A sola do tênis de Kanbaru atravessou meu tórax.

Acabei caindo, mas consegui levantar usando minhas mãos como apoio. Apressei para me distanciar dele, porém, ele imediatamente me alcançou.

Provavelmente um dos meus pulmões acabou sendo comprometido pelo chute.

Talvez até tenha colapsado.

Doía respirar.

E o ferimento não curou de imediato. Será que os chutes do Capuz estavam mais fortes que os socos da mão esquerda?

Por acaso a vontade de Kanbaru superou a do demônio?

Inveja.

Ódio.

Todas suas emoções negativas.

Se eu posso, por que ela não?

*“...Porque você,” eu disse, mesmo doendo, “não conseguiria, Suruga Kanbaru!”*

Ninguém pode tomar o lugar de outra pessoa, e ninguém pode virar alguém que não seja ela mesma. Hitagi Senjougahara é Hitagi Senjougahara, e Suruga Kanbaru é Suruga Kanbaru.

Sim, do mesmo jeito que Koyomi Araragi é Koyomi Araragi.

A diferença entre eu e Kanbaru.

Independente de quem conheceu Oshino.

Independente de quem se afastou da Senjouhara.

Independente se era um demônio ou um macaco.

Sorte, encontros aleatórios.

Sempre dão origem a remorsos.

Admito que eu sentia remorso em relação a Kanbaru e Senjouhara. Mas quando se tratava de trocar de posições, eu não sentia nem um pinga. Eu não tinha desejo algum de ceder minha posição.

Se era para eu ser seu rival amoroso, então você tinha que ser a minha, e eu deveria ter te tratado dessa maneira desde o início.

Talvez tenha sido esse o motivo do meu remorso.

Não a considerava no mesmo patamar que eu.

A subestimei.

Tentei fazer que elas se reconcilhassem enquanto eu ficava em uma distância extremamente segura, apenas observando, como se eu já tivesse ganhado. Como que alguém gentil faria algo assim? Apenas alguém mau e insensível faria algo assim.

Se um desejo é algo que você realiza por conta própria...

Então desistir dele é algo aceitável.

Enquanto você não se esquecer dele, desistir de seu sonho é aceitável.

“...!...!...!”

Fui acertado por uma rajada de golpes, eles eram tão intensos que meu corpo acabou remodelando. Não consegui desviar de nenhum de seus ataques. E mesmo meu corpo tendo uma recuperação acelerada, o Capuz atacava mais rápido do que eu podia curar.

Quando me dei conta, já estava em uma das quinas da sala. Ele tinha me cercado, eu não podia ir para os lados nem para trás. Ele não se importava mais em usar táticas. Com os pés firmes no chão, o capuz continuou com sua tempestade de golpes. *Independente do quão bom for esses tênis, as solas uma hora têm que desgastarem*, pensei, mas esse meu pensamento otimista estava sendo destruído junto a outras partes do corpo. Uma permutação de punhos, cotovelos, canelas, dedos dos pés e calcanhares em rápida sucessão atormentava meu ser. O Capuz não me dava tempo nem mesmo para gritar de dor.

Ele não estava mais sob a rubrica das lutas.

Pura pressão.

Não eram apenas meus ossos que estavam quebrando; os pontos onde fui atingido estavam rasgando, minha pele e músculos também foram rompidos. O Capuz estava inclinado para frente, isso parecia adicionar ainda mais força aos socos da mão esquerda.

Mas...

Não eram tão fortes quanto os chutes de Kanbaru.

“Far...da...”

Mesmo meu corpo sendo imortal, as minhas roupas não eram.

Apenas farrapos sobraram.

Arruinei outra jaqueta.

O pior é que faltavam poucos dias para trocarmos para farda de verão.

Que desculpa eu daria para minhas irmãs dessa vez?

“Guh...kk”

Nessa distância.



Se, a essa distância, ele me desse uma brecha—Independente do tamanho—Eu conseguiria imobilizá-lo agarrando o corpo de Kanbaru e jogando ele no chão... Ainda tinha como eu virar a luta.

Ainda tinha como eu vencer, mesmo estando posicionalmente cercado.

Ele podia me atacar o quanto quisesse, mas enquanto minha regeneração vampírica estivesse funcionando, eu não tinha nada a temer.

Aquilo apenas doía.

Aquilo doía assim como o coração de Kanbaru...

Mas sentir aquela dor era prova de que eu estava vivo.

“Eu odeio você...”

Ouvi uma voz.

“Odeio odeio odeio odeio odeio odeio odeio...”

Aquela era a voz de Suruga Kanbaru.

Do fundo do gorro, como se estivesse vindo diretamente a minha psique, sua voz estava ressonando. E escutei:

“Odeio odeio odeio odeio odeio odeio odeio odeio  
odeio odeio odeio odeio odeio odeio odeio odeio  
odeio odeio...”

“ .. ”

Ódio, mais que qualquer um conseguiria suportar.

Malícia, hostilidade.

As emoções negativas de uma garota cheia de vigor.

# Pareciam transbordar dentro do Capuz.

Suas emoções chegaram no limite.

“Como ousa como ousa como ousa como ousa como  
ousa...”

Mesmo atacando, sua voz continuava.

A voz cheia de ódio continuava.

“Eu não suporto você... Não suporto não suporto não suporto não suporto não suporto não suporto não suporto... ”

“Kanbaru, me desculpe.”

Novamente, me desculpei a ela.

“Você pode me odiar o quanto quiser, mas eu não consigo fazer o mesmo.”

Podemos até ser rivais no amor.

Podemos até ser o completo oposto um do outro.

Mas isso não impede que sejamos amigos, não é?

“...■■■■■!”

Um grito agudo saiu do gorro. O Capuz penetrou meu abdome. Penetrou. Não só meus órgãos romperam, mas também minhas articulações, músculos, costelas e coluna vertebral foram quebradas. Sua perna, literalmente, alcançou a parede atrás de mim.

Aquilo ultrapassava a minha capacidade de cura.

Todo...

*Zlrp*, o Capuz puxou a perna.

Todo meu sistema digestório tinha sido retirado.

Meu corpo parecia um poço.

E não tinha mais nada dentro dele.

“Kanbaru...”

Com um grande buraco em meu abdome, até mesmo o menor movimento tinha a chance de me partir pela metade. Então tive que apenas esperar a minha derrota. Eu ainda estava consciente, mas um golpe era o suficiente

para me matar. Patético. Fui eu que acabei “saindo com o rabo entre as pernas”. Nesse ritmo, o segundo desejo dela seria realizado. E era para eu impedir isso a qualquer custo...

Mas essa também não era uma opção?

Se Kanbaru conseguisse não fazer um terceiro desejo... tudo estaria resolvido, não é? O braço dela voltaria ao normal e, devido ao segundo desejo, ela estaria ao lado da Senjougahara...

Eu não estava pronto para ceder.

Mas eu estava para desculpar.

Eu deveria ter morrido durante as férias de primavera... então Oshino estava certo em dizer que minha morte seria o jeito mais fácil de resolver o caso.

Não menti quando disse que era apegado à vida.

Mas isso não significa que eu tinha receio de morrer.

“Aa...ah...uh,” gemi.

Por algum motivo, simplesmente gemi.

Eles eram estertores da morte.

Bem, pelo menos assim eu não iria estragar mais nenhuma farda.

“Suruga... Kanbaru...”

E foi quando os combos do Capuz, que tinham decorrido sem pausa por dezenas de minutos, cessaram.

Cessaram repentinamente.

Aquela era a brecha que eu estava esperando.

Mas não pude executar meu plano de jogá-lo no chão. Tinha claro o fator da cratera no meu abdome ainda estar longe de fechar e a minha consciência quase sumindo, mas tinha algo mais importante que esses dois motivos... eu tinha ficado em choque.

Acredito pelo mesmo motivo que o Capuz.

“...Vocês parecem estar se divertindo.”

A porta da sala abriu.

A porta impossível de se abrir de dentro abriu.

Permitindo que alguém pudesse entrar.

Hitagi Senjougahara.

“Vejo que está se divertindo sem mim, Araragi-kun. Mas que desagradável.”

Sua face sem emoção e sua voz monótona.

Confrontada por aquele horroroso espetáculo, ela simplesmente estreitou um pouco os olhos.

Ela sempre aparecia sem aviso.

Usando um jeans sem cinto, uma regata de mesma cor, um casaco largo e com o cabelo preso para trás, como se tivesse saído de casa sem ter tempo para se arrumar, Hitagi Senjougahara estava lá.

“S-Senjougahara...”

Não pude falar muito bem devido ao buraco no meu abdome. Eu estava quase sem voz, foi um sacrifício falar o nome dela.

*O que você tá fazendo aqui?*

Eu gostaria de perguntar.

Mas eu já sabia a resposta mesmo antes de perguntar. Oshino pediu que ela viesse aqui. Mas como? Ele não tinha nenhum modo de chamá-la, e duvido que a Senjougahara daria seu número a ele, alguém que claramente odiava. E também não deveria haver uma oportunidade para ele fazer isso.

Número... celular...

Ah, como se ele fosse ligar pra algo assim.

Sem respeitar a minha privacidade, aquele velho arrombado mexeu no meu celular. Então foi pra isso que ele pediu que eu entregasse a mochila... Ele teve sorte de não ter senha nele. E não importa o quão ruim ele fosse com aparelhos eletrônicos, dado tempo suficiente, ele encontraria a lista de contatos ou o histórico de chamadas. E, se não me engano, Senjougahara ensinou o básico de como se usa um celular durante o Dia das Mães.

Mas porquê?

Por que Oshino chamaria ela exatamente agora, de todas as situações?

Em um flash, o Capuz se afastou de mim; saltando para o teto, depois para as paredes e para as quinas da sala.

Por que ele faria isso?

Um único golpe e a luta acabaria.

O desejo seria realizado.

Será que o consciente de Suruga Kanbaru conseguiu suprimir a influência do demônio? E isso era devido à

entrada surpresa de Senjougahara? Por acaso era esse o motivo de Oshino ter chamado ela? Mas isso não serviria apenas como uma medida temporária? O Rainy Devil se alimenta de emoções negativas, enquanto não acabássemos com elas, nada mudaria. O poder do amor não resolveria esse caso, não estamos em uma comédia romântica para isso acontecer. Por que você não veio em vez da Senjougahara, Oshino?!

Como se o Capuz nem estivesse na sala e eu não estivesse no leito de morte, Senjougahara me olhou de forma fria. Era o olhar de uma ave de rapina observando sua presa.

“Você mentiu para mim, Araragi-kun.”

“...Hã?”

“Você não só mentiu quando disse que bateu em um poste, mas também manteve em segredo a situação de Kanbaru. Não prometemos que nunca mais iríamos guardar nenhum segredo quando começamos a namorar? Pelo menos quando ele envolve monstruosidades?”

“Ah...isso...”



Era verdade.

Mas eu não tinha esquecido, ok?

“Você merece morrer mil vezes.” Um sorriso demoníaco podia ser visto em seu rosto.

Senti um medo que nunca senti na minha vida, fiquei petrificado por um instante. Nem mesmo quando estava sendo espancado sem dó pelo Capuz senti tanto medo. Assustadora... e bota assustadora nisso. Medusa, é você? Como que ela conseguiu olhar para mim, seu namorado, daquele jeito? E como que ela conseguiu dizer aquilo comigo naquele estado? Isso é coisa que se faz com seu namorado, Senjougahara?!

“...Mas parece que você já morreu mais de mil vezes.” Com a porta ainda aberta, Senjougahara começou a vir em minha direção com passos apressados. “Então irei o perdoar, pelo menos dessa vez...”

Por incrível que pareça, acho que morri menos que mil vezes.

Enfim.

Vendo o avanço de Senjougahara, o Capuz também começou a correr até mim. As duas estavam tendo a corrida que nunca tiveram no fundamental. Indo em linha reta, o Capuz tinha o dobro de distância a percorrer comparado à Senjougahara. Mas esta tinha uma pausa de dois anos em seu histórico de atleta, enquanto aquele estava se aproveitando da capacidade de Kanbaru... não, ela mesma que estava usando. A primeira a chegar no meu corpo foi, para surpresa de ninguém, Kanbaru.

O Capuz aproveitou para preparar um soco e dar um fim a essa luta, porém, no último instante, Senjougahara me alcançou, ficando entre eu e o golpe.

*Cuidado!*

Mas nem tive tempo para pensar nisso, porque o Capuz foi jogado para trás.

Espera, jogado para trás? Por quem? Quem que conseguiria fazer isso com ele naquele momento? Não fui eu, e muito menos a Senjougahara. Talvez a maneira certa de descrever o ocorrido seria dizendo que ele foi para trás

por conta própria, mesmo ele tendo ficado todo troncho no fim de tudo.

Fiquei embasbacado.

Aquele movimento... era como se o Capuz tivesse medo de machucar a Senjougahara, como se seu bem-estar fosse a coisa mais importante no momento.

O consciente de Suruga Kanbaru deve... Não

Isso seria conveniente demais.

Monstruosidades são consistentes.

Elas são racionais até o fim.

É que a racionalidade nem sempre faz sentido para os humanos.

Mas nesse caso...

“Araragi-kun, conhecendo você, tenho certeza que pensou que sua morte resolveria tudo,” Senjougahara continuava a falar comigo, ainda com as costas viradas para mim, sem me olhar, mas também sem ligar para o Capuz. Aposto que estar coberto de sangue e cheio de machucados não era o motivo dela ter feito aquilo. “Não se iluda, esse seu auto-sacrifício é totalmente

desnecessário. Eu disse que mataria quem o matasse, não?  
Araragi-kun, por acaso quer que eu vire uma assassina?

...Ela me conhecia direitinho.

Mas que mulher devota eu tinha arrumado.

Nem morrer como quiser eu podia.

“O que mais me enfurece é saber que você faria a mesma coisa mesmo se não tivesse esse seu corpo imortal. E mesmo confiando tanto nele, isto é tudo que tem a me mostrar? Realmente não sei o que dizer.”

“.....”

“Mas vindo de você, talvez eu não me importe com alguns favores espontâneos, intervenções supérfluas e intrometimentos contra produtivos.”

Sem me dar mais um único olhar até o final, Senjougahara deu passos firmes em direção ao Capuz. Ainda no chão, ele começou a rastejar no sentido contrário, como se estivesse com medo dela.

Como se estivesse com medo...

...Por quê?

Pensando bem, ele fez algo parecido na noite anterior. Mesmo tendo a clara vantagem, ele fugiu assim que a Senjougahara apareceu com o envelope que esqueci... Mas por que a aparição dela faria ele ter essa reação? É algo extremamente anormal quando se pensa. Isso seria de se esperar de um assassino, um *humano*, mas uma *monstruosidade* não se importaria com uma testemunha. Além de que Senjougahara não seria um obstáculo para ele.

Então qual foi o motivo dele ter fugido?

Será que foi por ser a Senjougahara?

Mas o que isso significa?

Por acaso é mesmo o poder do amor?

Por acaso, convenientemente, os sentimentos de Kanbaru por Senjougahara eram mais fortes que o demônio? O amor será capaz de superar o sobrenatural, o mundo e abrir o caminho para um futuro melhor? Não.

É claro que não.

Aquilo vinha de seus pensamentos.

Mesmo após ter desejado à mão esquerda do Rainy Devil e ter seu braço virado o de uma fera, ele ainda demorou quatro dias para “ativar”. Isso era porque ela estava tentando suprimir seu ódio por mim. Sua atitude de realizar seus desejos por conta própria acabou conseguindo parar por um tempo o instinto violento do demônio. Oshino chamou essa atitude de ridícula, mas não no sentido convencional.

Ele mesmo falou que essa maneira de agir deu o resultado desejado.

Pensamentos influenciam desejos.

O Rainy Devil vê nossas emoções mais sombrias, ele vê o que nem sempre exprimimos. Ele vê o motivo por trás de nossos desejos. Você quer correr mais rápido porque odeia seus colegas de classe. Você quer ficar ao lado de Senjougahara porque odeia Koyomi Araragi.

Mas essa é apenas a *parte traseira*.

Mas tudo que tem uma parte de trás tem uma da frente.

Se o Rainy Devil machucasse Hitagi Senjougahara—Independente de conseguir matar ou não seu alvo, Koyomi

Araragi—O *desejo anverso* de Kanbaru não poderia ser mais realizado... Não era devido a um motivo cinematográfico como o poder do amor, mas sim por algo sóbrio e primitivo.

Um contrato.

Um acordo.

O Rainy Devil é apenas capaz de realizar o lado negro de um desejo, mas isso não significa que ele pode negligenciar o anverso. Prova disso seria o ocorrido na quarta série. Ao mesmo tempo que ele concedeu o desejo de se vingar daqueles colegas de classe, no fim, ele também realizou a vontade de Kanbaru de ficar mais rápida. À parte de todo acidente, seu desejo foi concedido. O que era ridículo é que isso era intencional, o Rainy Devil, nesse caso, acabou interpretando o anverso como o reverso, mas também não teve a ideia do nada. Algo com uma parte de trás é obrigado a ter uma parte da frente. Usando as palavras do Oshino novamente, um braço esquerdo não tem intenção. Tudo foi devido ao inconsciente de Kanbaru. Ele estabeleceu uma relação de causa e

consequência entre o lado anverso e reverso, causando uma contradição.

Um contrato em troca de sua alma.

Desejar por algo impossível.

Um duplo vínculo, colocando a monstruosidade entre a espada e a cruz.

Entre o anverso e o reverso.

Esse era o motivo do Rainy Devil não ter machucado Senjougahara. Esse era o contrato, esse era o acordo. Enquanto ela estivesse na minha frente, ele não conseguiria fazer nada.

Ele não conseguiria usar a mão esquerda contra nós.

Se um dos métodos era fazer com que o desejo inconsciente fosse impossível de realizar, também havia outro—Impossibilitar o desejo consciente de ser realizado.

E como Senjougahara jurou que mataria Kanbaru se ela me matasse, ignorância não era mais uma opção. O Rainy Devil estava sem opções.

Agindo como se soubesse de tudo...

Como se soubesse mais que um demônio.



Oshino... sua insensibilidade é maior que a minha!!

“Há quanto tempo, Kanbaru. Fico feliz que esteja bem,” disse Senjougahara.

Então ela se aproximou do Capuz, que, mesmo com as costas viradas para a parede, tentou se afastar... não, ela se aproximou de Suruga Kanbaru e, usando o próprio corpo, a jogou no chão.

Ela fez algo que seria impossível para mim.

Pegando a mão esquerda de uma fera.

E a mão direita de um humano, Senjougahara os segurou gentilmente.

Dessa vez, ela não tinha intenção de distanciá-la.

“...Senjougahara-senpai.”

Um murmuro veio de debaixo do gorro.

A voz suplicante de Suruga Kanbaru.

Seu rosto podia ser visto com clareza. Ela estava prestes a chorar. Não, ela já estava a chorar. Um choro de felicidade, de finalmente poder dizer o que sempre quis dizer.

Com a voz ainda trêmula devido às lágrimas, Kanbaru disse:

“Eu te amo.”

“Oh, entendo. Sinto muito, mas não sinto o mesmo.”  
sem suavizar, sem emoção e indo direto ao ponto. Após isso:

“Mas, mesmo assim, deseja ficar ao meu lado?”

*Desculpa pela demora, Kanbaru,* ela disse.

Cômico. O exemplo da comicidade.

Servi mesmo só para ser o saco de pancada da história. Felizmente eu já estava acostumado com isso. Chega a ser exemplar o quão inútil eu podia ser.

Eu sabia o quão gananciosa Hitagi Senjougahara era. O quão ruim em desistir ela era.

Se fosse realmente importante.

Ela nunca desistiria.

Favores espontâneos, intervenções supérfluas.

Intrometimentos contra produtivos.

Mesmo assim... realmente não sei, todas as pessoas ao meu redor nem sempre são o que mostram.

Elas têm dois lados.

E o anverso e o reverso são às vezes indetermináveis, como uma fita de Möbius [8].

Pensando assim, talvez não seria errado dizer que foi o poder do amor.

Ser esquecido por alguém é bem deprimente, afinal.

Indagando nessas coisas e esperando o buraco no meu abdome fechar, decidi aproveitar o espetáculo sáfico à minha frente. Se Oshino estivesse presente no local, com sua personalidade niilista e um cigarro inaceso, ele perguntaria se algo de bom aconteceu. Adoraria tomar seu papel naquele momento, mas, infelizmente, eu ainda era menor de idade.

[I] “Tsubasa Hanekawa, a garota com um par de asas incompatível”. Para entendermos essa frase, primeiro temos que ver os kanjis que compõem o sobrenome da mesma. 羽川 (Hanekawa) é composto pelos kanjis de “par de asas” e de “rio”, respectivamente. Então, na frase, Araragi está se referindo à incompatibilidade de Tsubasa

com sua família, algo mais aprofundado em seus arcos, em específico Nekomonogatari Kuro, onde a frase aparece mais uma vez.

[2] Adaptação do provérbio “理屈と膏藥はどこへでもつく” (Lógica e gesso podem ser usados em qualquer lugar).

Em outras palavras, assim como gesso, a lógica pode ser usada para unir duas coisas, mesmo elas inicialmente não tendo relação.

[3] Nos jogos de luta, o “chip damage” é o dano que os personagens recebem enquanto estão defendendo. Em alguns jogos, como em Street Fighter V, os danos recebidos por certos ataques, como socos, chutes, podem ser recuperados com o passar do tempo, mas os causados por projéteis, EXs e CAs, não, sendo o último capaz até de derrotar o oponente.

[4] Outro termo vindo dos jogos de luta. O “neutral” é o estado onde nenhum dos dois jogadores têm vantagem sobre o outro e estão livres para fazer o que quiserem, desde se movimentar, atacar ou defender.

[5] “Sargento Morris” é um dos personagens principais do livro “A Pata do Macaco”. Foi ele que deu a Pata aos Whites, a família que seguimos durante a trama. Ele diz as consequências que desejar à Pata traz, mas depois diz como se faz um desejo a ela.

[6] Nativo do Sudoeste Asiático, “Sepak Takraw” é um esporte muito semelhante ao futevôlei. Sepak significa “chute”, em malaio, e Takraw “bola”, em tailandês. Cada time é composto de três jogadores que devem usar qualquer parte do corpo, exceto mãos e braços, para passar a bola entre membros do time e arremessá-la sobre a rede.

[7] O termo “Naraka”, na cosmologia budista, é o equivalente ao inferno/purgatório do ocidente. Segundo o Abhidharmakosa, principal texto dos ensinamentos Abhidharma e Sravakayana para os budistas Mahayana, eles podem ser divididos em dois tipos: Narakas Gélidos (Cold Narakas) e Narakas Ferventes (Hot Narakas), sendo Sañjīva localizado no último. Nele, a vítima é forçada a andar sobre um chão de ferro que está sendo aquecido por um imenso fogo e ser morto, porém, ela acaba revivendo e

experienciando o processo novamente. Outras torturas presentes nesse Naraka são ter metal derretido jogado no corpo e ser cortado em pedaços e deixado no chão escaldante. A pessoa subjugada a esse Naraka vive lá por volta de 1.620.000.000.000 anos.

[8] “A fita/faixa de Möbius” foi feita pelo matemático e astrólogo August Ferdinand Möbius, em 1858. Ela é um objeto não orientável, ou seja, é impossível determinar qual é a parte de baixo e a de cima, a de fora e a de dentro dela.

Esse é o epílogo, ou melhor, o remate dessa história.

Na manhã seguinte, como de costume, fui acordado pelas minhas duas irmãs mais novas, Tsukihi e Karen. Ainda sonolento, me arrumei para ir à casa de Senjougahara, com o intuito de ter a nossa prometida sessão de estudos e ver se eu conseguiria provar algum prato feito por ela. Animado com a possível refeição, montei em minha bicicleta (A única ainda em minha posse), abri o portão e saí de casa. Porém, ao fazer isso, me deparei com uma garota não muito alta e com o porte físico majoritariamente de uma aluna do ensino médio qualquer se alongando perto de um poste de luz. Ainda usando uma saia curta que deixava sua leggings exposta, minha kouhai e estrela do colégio, Suruga Kanbaru, mesmo com outras roupas, usava um estilo semelhante ao de quando usava sua farda.

“Bom dia, Araragi-senpai!”

“...Bom dia, Kanbaru-san.”

“Você não para de me surpreender. Sendo formal assim tão cedo pela manhã, realmente não sei o que dizer. Mas não precisa de tanta formalidade comigo. Aliás, já está melhor?”

“Aham... só arde um pouco ficar sob o Sol, mas não tá tão ruim quanto eu tava imaginando. Isso, e consigo me recuperar mais rápido. Mas, Kanbaru, como você sabe onde eu moro?”

“Aw, por acaso se esqueceu que eu estava te perseguindo? É claro que eu procuraria pelo seu endereço, bobinho.”

“.....”

Seus pequenos risos e jeito meio informal de falar não me deixaram nem um pouco menos preocupado.

“...Ok, e o que você veio fazer aqui?”

“É que recebi uma ligação da Senjouhara-senpai, ela pediu que eu viesse para te levar para casa dela. Oh, e pode deixar que eu carregue sua mochila.” Antes de receber uma resposta, Kanbaru já foi pegando minha mochila, que



estava na cesta da bicicleta, com sua mão esquerda. Com a mochila em mãos, ela me olhou com um sorriso inocente no rosto. “Já lubrifiquei as correntes de sua bicicleta. Caso tenha mais um pedido, me avise.”

Por acaso ela tinha virado a empregada da Senjougahara?

Enquanto eu não tinha nenhuma intenção de ter a estrela do colégio à minha disposição, se a invejosa em nível patológico que é a Senjougahara pediu que Kanbaru fizesse isso, significava que elas fizeram as pazes e o Valhalla Combo tinha voltado, ou será que eu estava pensando demais? Bem provável que seja a última opção.

“Quer uma massagem antes de irmos? Você pode ter dito que estava bem, mas um pouquinho cansado você deve estar depois de tudo que aconteceu ontem. Sou muito boa, antes que pergunte.”

“....Mas e o basquete? Vocês não têm treino nos domingos? E não tem um campeonato vindo aí?”

“É verdade tudo isso que você falou, mas não posso mais jogar.”

“Hã?”

“Talvez seja um pouco prematuro, mas estou me aposentando.”

Ainda segurando minha mochila, Kanbaru me mostrou seu braço esquerdo. Ele estava enfaixado até o cotovelo. Como anteriormente, não dava para ver o que estava embaixo delas, mas caso você soubesse, notaria algumas inconsistências entre ele e o braço direito.

“O demônio saiu, mas meu braço não voltou ao normal. Por isso que não posso mais praticar ou jogar. Pelo lado bom, ele é bem forte, é bastante conveniente.”

“...Passa a minha bolsa pra cá. Agora.”

Bem.

Para um desejo realizado pela metade.

Aquele era um preço que eu podia tolerar.

ARCO QUATRO

# NADEKO COBRA



# OOI

Nadeko Sengoku era amiga de uma das minhas irmãs. Eu tenho duas delas, e Nadeko Sengoku era amiga da mais nova, Tsukihi. Diferente do eu de hoje em dia, meus relacionamentos interpessoais eram normais, eu tinha uma quantidade considerável de colegas na época, mas mesmo podendo se dizer que eu gostava de brincar com todos, tinha aqueles que eu não gostava. Então, mesmo que me divertisse com meus colegas durante o recreio, raramente eu fazia algo com eles depois que as aulas acabavam. Que criança desagradável. Desagradável de falar, de pensar. Tanto que eu não gostaria de fazer nenhum dos dois. Mas pau que nasce torto nunca se endireita, não é? [1] Então, assim como atualmente, eu sempre ia direto para casa depois da escola, e às vezes Nadeko Sengoku estava lá. Minhas duas irmãs são agora inseparáveis, não importa a ocasião, mas durante o fundamental elas faziam suas próprias coisas. Enquanto

Karen, a mais velha, gostava de sair, a mais nova preferia ficar em casa, e de três em três dias ela trazia algum amigo da escola para lá. Se não me falha a memória, Nadeko Sengoku não era particularmente a melhor amiga de Tsukihi, mas sim uma de vários amigos. Não lembro muito bem desse momento da minha vida, por isso o “se não me falha a memória”; mas de todos os amigos que Tsukihi costumava trazer, Nadeko Sengoku é a única que consigo lembrar. Isso é porque, chegando em casa sem brincar com nenhum dos meus colegas, eu acabava tendo que brincar com minha irmã mais nova (nós três compartilhávamos o mesmo quarto, só fui ter o meu próprio quando comecei o fundamental II), geralmente para preencher um espaço vazio em um jogo de tabuleiro e coisa do tipo, mas eu era convocado em uma frequência absurda quando era Nadeko Sengoku quem estava brincando com Tsukihi. Em outras palavras, minha irmã mais nova tinha muitos amigos (Isso ainda pode ser dito sobre as duas, elas são incríveis em ser o centro das atenções. Não vou mentir que não sinto inveja delas), mas de todos os colegas de classe

que ela trazia, Nadeko Sengoku era aquele tipo de garota que gostava de ficar separada dos outros. Sendo sincero, todos os amigos da Tsukihi pareciam a mesma coisa para mim, então é claro que eu lembraria do nome daquela separada dos outros.

Mas só isso mesmo que eu conseguia lembrar.

Eu disse que não lembrava muito.

Então me desculpem por ter que dar outra informação talvez errada, mas Nadeko Sengoku era uma garota de poucas palavras e que constantemente ficava com a cabeça para baixo, se não me falha a memória. Como eu disse, não me lembro muito bem desse momento da minha vida, então posso estar me confundindo com um de seus outros amigos ou quem sabe um dos meus próprios colegas. Aliás, sempre odiava quando Tsukihi trazia um de seus amigos, junte isso ao fato dela basicamente me forçar a brincar com eles e você vai chegar à conclusão de que eu era um porre para aquelas infortunas crianças. Nem duvido que alguma delas me odeie por causa das interações que tivemos naquela época, mas isso está no passado, então

agradeceria se pegassem leve com o eu de uns anos atrás. Durante meu fundamental II, Tsukihi chamava cada vez menos seus amigos para casa e, quando vinham, ela não me chamava. Tinha o fator de termos agora quartos separados, mas sinto que devia ter um outro motivo para isso. E como minhas duas irmãs tinham se mudado para uma escola particular assim que entraram no fundamental II, acredito que elas perderam contato com suas amigas passadas, incluindo Nadeko Sengoku. Então, segundo uma estimativa otimista, a última vez que eu devo ter a visto foi há dois anos, mas bem provável que tenha sido por volta de uns seis.

Seis anos

Tempo suficiente para alguém mudar.

Bom, pelo menos eu acredito que mudei. Mesmo sendo desse jeito desde sempre, o eu de agora não é o mesmo do de antigamente. Olhar para as fotos tiradas durante a formatura do fundamental chega a ser doloroso. Eu sei que isso pode soar um pouco hipócrita, já que eu disse para “pegarem leve”, mas não há dúvidas de que o atual eu é

melhor ou superior ao meu eu do fundamental. Temos o costume de ver nossas infâncias com as lentes da nostalgia, mas por algum motivo não consigo sentir nada além de vergonha quando penso naquela época. Talvez não por me sentir envergonhado por pensar no que já fiz, mas talvez pelo o que o eu de antes pensaria sobre o que atualmente estou fazendo. Tenho certeza que nem nos reconheceríamos se esbarrássemos um no outro.

Seja isso bom ou ruim.

Mas fazer o que, talvez todos sejamos assim.

E é por isso que quando revi Nadeko Sengoku depois de tanto tempo, não consegui notar que era ela de imediato. Se isso não tivesse ocorrido, se eu tivesse percebido isso assim que a vi, percebido que ela estava atrelada a uma cobra, talvez essa história não teria acabado desse jeito. Um pensamento realmente cruciante, pena que meu remorso não significa nada para ela e nem para a monstruosidade. Começando essa história com sua conclusão, Nadeko Sengoku, amiga da minha irmã mais



nova e alguém que eu mal me lembrava, acabou virando uma pessoa que nunca conseguirei esquecer.

[I] O “gi” em Araragi (阿良々木) é formado pelo kanji de árvore (木).

“Bom dia, Araragi-senpai! Desculpa pela demora!”

Foi no dia onze de junho, um domingo, às 10:55 da manhã, na frente do meu colégio, que aquilo aconteceu. Suruga Kanbaru, ex-estrela do time de basquete e minha caloura, vindo em exatos cinco minutos antes do horário combinado, saltou por cima de mim. E ao aterrissar no chão, ela virou em minha direção e disse aquelas palavras com um sorriso no rosto e com seu braço direito no peito... Eu sempre me achei meio baixo para um estudante do ensino médio, mas nunca pensei que uma garota mais baixa conseguiria saltar por cima de mim na maior tranquilidade.

“Oh... Bom dia, Kanbaru. E sem problema, eu também acabei de chegar.”

Nunca estive tão consciente sobre minha própria altura.

“Realmente não há limite para sua gentileza... Mesmo após cometer tamanho sacrilégio, você foi bondoso o bastante para dizer tais palavras a minha pessoa. O mínimo que posso fazer é dedicar o resto da minha vida unicamente a ti. Oh! Não faz ideia do quão magoada eu ficaria se não tivesse me perdoado.”

“.....”

É, ela não tinha mudado nem um pouco.

Mas bem que gostaria que ela não fizesse isso toda vez que eu mostrava o mínimo de decência como humano.

“Não, sério, acabei de chegar”, falei, tentando me assegurar que ela entendeu minha mensagem. “Sem contar que você também chegou mais cedo que o combinado, então não precisa se desculpar.”

“Não consigo aceitar isso. Chegar depois de você mesmo que por um zeptosegundo [1] já seria motivo o bastante para me desculpar. Considero algo imperdoável fazer com que alguém acima de mim perca seu tempo.”

“Mas eu nem sou acima de você em nada.”

“Você é um ano mais velho que eu. Então você é, sim, acima de mim em algo.”

“Isso é verdade, mas...”

Aquilo era apenas questão da nossa idade.

Nossa altura também poderia ter sido usada (não que isso tivesse impedido ela de saltar por cima de mim).

Suruga Kanbaru, uma estudante do segundo ano do Colégio Naoetsu.

Também conhecida como a estrela do nosso colégio. Reconhecendo isso ou não, foi ela a responsável por levar nosso pequeno time a torneios de nível nacional pouco tempo depois de ter entrado. Alguém como eu dificilmente teria a oportunidade de ver sua sombra, quem diria falar com ela em pessoa. Foi há alguns dias que ela renunciou sua posição como capitã devido a um ferimento em seu braço esquerdo, ainda me lembro vividamente o estado que o colégio ficou ao saber da notícia. E duvido muito que eu vá um dia esquecer. Mas mesmo com sua saída, seu nome continuava sendo falado por aqueles que lá frequentam.

O braço dela ainda estava enfaixado.

Em baixo tom, Suruga começou a falar, “Como você já sabe, me aposentei do basquete, uma das pouquíssimas coisas que ousou dizer que sou boa, então não tenho mais nada a oferecer ao colégio. Portanto, espero que me ature por mais algum tempo.”

“Como assim ‘ature’? E sua autoestima é bastante baixa para alguém com tanto orgulho em sua habilidade. Não é como se o time fosse esquecer de tudo que você fez só porque saiu um pouco mais cedo.”

“Obrigada”, ela disse. “Realmente estava precisando escutar isso. Me indagarei sobre seus sentimentos mais tarde.”

“Não seria *indagar sobre suas palavras?* Enfim, podemos ir?”

“Uhum” confirmou Suruga, antes de agarrar meu braço esquerdo com o direito dela de uma maneira estranhamente natural. Ela não estava especificamente “segurando minha mão”, mas sim fazendo quase que um nó usando nossos dedos. Depois ela se aproximou ainda

mais de mim, fazendo com que seus peitos tocassem no meu cotovelo, devido a nossa diferença de tamanho. Essa parte do meu corpo foi dominada por uma sensação que apenas posso descrever como “tocar em um purê”.

“Tenho certeza que a comparação mais comum é com marshmallows, Araragi-senpai.”

“Uh... Kanbaru, por acaso eu disse esse último monólogo em voz alta?”

“Não, não, nem se preocupe. Apenas captei vossa mensagem telepaticamente.”

“Isso era pra me reconfortar?! E se alguém aqui por perto tiver escutado o que eu disse?!”

“Bem, se duvidarem, não vejo nenhum problema em mostrar para eles. Não é como se eu precisasse mais manter as boas aparências.”

“Não fale como se fosse minha namorada! Só pra ficar claro, estou em um relacionamento com sua veterana, alguém que você respeita muito, ouviu?!”

Hitagi Senjougahara.

Minha colega de classe.

Minha namorada.

E a veterana que Suruga Kanbaru tanto admirava.

Hitagi era o que conectava a maior estrela do nosso colégio com um zé-ninguém como eu. Sua relação de caloura e veterana vem desde o fundamental II, e apesar dos altos e baixos no caminho, as duas ainda eram amigas, ainda eram o Combo Valhalla. Por um tempo, Suruga ficou me perseguindo por eu estar namorando sua amada veterana.

“Como se você se importasse em manter as aparências pra começo de conversa... E tem como largar meu braço?”

“Nem pensar. Segundo meus estudos, vi que ‘segurar as mãos’ é uma norma quando se está em um encontro.”

“Um encontro? Quando foi que eu disse que isso ia ser um?”

“Hã?” Suruga virou sua cabeça em minha direção como se essa fosse a última coisa que estivesse esperando ouvir. “Pensando bem, acho que realmente você não disse que seria um encontro. Fiquei tão animada quando pediu para

sair comigo que acabei não prestando atenção no que estava falando.”

“Ah... então era por isso que você tava me respondendo daquele jeito.”

“Sabe, sou bem aberta quando o assunto tem teor sexual, mas tentar alimentar a cobra sem sequer levar a garota para um encontro não é algo muito legal de se fazer. Podemos fazer hoje, mas cuidado para não repetir esse erro novamente.”

“A gente não vai ‘alimentar’ ‘cobra’ nenhuma hoje. E alguém da sua idade também não deveria ficar falando sobre o quão aberta é sobre esse tipo de coisa.”

“Sinto lhe dizer, Araragi-senpai, porém, a vida é um show. E assim que as cortinas abrem, você tem que continuar até que elas se fechem.”

“.....”

Acabei olhando para as roupas de Suruga.

Calças jeans e uma blusa, com uma jaqueta sobreposta a ela. Tênis de marca. E na cabeça um boné, provavelmente por causa do Sol, que estava muito forte. Aquele era um



look que combinava bem com ela, mas voltando ao principal.

“De certa forma você tá usando uma calça longa e uma blusa com manga comprida...”

O problema era que o jeans que ela estava usando era daqueles rasgados e sua blusa deixava a barriga e um pouco do quadril à mostra. Achava aquilo meio espalhafatoso demais... É claro que todos são livres para se vestirem como quiserem, principalmente num domingo, mas mesmo assim...

“...Parece que você realmente não escutou nada que eu disse.”

“Por quê?”

“Bem, porque nós vamos subir uma montanha hoje.”

“Ah, então iremos brincar de médico lá, é isso?”

“Nós não vamos brincar de médico coisa nenhuma!”

“Mas bem que fazer ao ar livre não faz mal a ninguém. Essa foi uma decisão bem máscula da sua parte, gostei.”

“Quantas vezes preciso dizer que não vamos fazer nada disso que cê tá imaginando?!”

Pedi que ela usasse algo com mangas longas e uma calça comprida devido a insetos e cobras que poderíamos encontrar. Pena que as roupas que ela estava usando não iriam proteger de quase nada...

“Entendido”, ela disse. “Onde quer que você vá, mesmo que se oponha, eu continuarei a te seguir. Faça chuva ou faça sol. Faça neve ou faça calor. Nem mesmo um dia nublado me impedirá.”

“Um dia nublado não parece bem um impedimento.”

Na verdade, eu até agradeceria se estivesse um pouco.

Mas desde ontem, quando eu estava organizando para nos encontrar, ela falava essas coisas (“Não precisa dizer aonde iremos, a bússola em meu coração aponta em sua direção” etc). Admito que era impressionante o quão propensa a suposições ela era. Parecia até que ela só podia ver o que havia em sua frente, o completo oposto da Tsubasa.

“Mas enfim, isso aqui não é um encontro”, esclareci.

“Oh, então não é, huh... Parece que me preparei para nada.”

*“Preparei?”*

“Bem, esse seria meu primeiro encontro heterossexual.”

Decidi não falar nada sobre o “heterossexual”.

Achei que não conseguiria fazer uma piada de qualidade sobre aquilo.

“Até quebrei minha promessa de nunca comprar um celular por causa desse suposto encontro. Em meus dezessete anos de vida, esse é o meu primeiro celular.

“.....”

...Nós ainda estamos no segundo capítulo, pegue leve por favor.

“Não queria te incomodar mais do que eu já faço, por isso que comprei ele, para eu poder ligar para você caso me perdesse”, explicou ela. “E estamos numa era onde telefones públicos são cada vez mais difíceis de encontrar, então eu não podia depender deles para um encontro.”

“I-Infelizmente isso é verdade... mas ainda dá para encontrar alguns pela cidade...”

“Além disso, também acordei às quatro da manhã para preparar algo para almoçarmos. Como marcamos para nos encontrar às onze, pensei que iria ter a oportunidade de almoçar com você.”

Após dizer isso, Suruga me mostrou a sacola que seu braço esquerdo estava segurando... Eu já tinha notado, mas agora que eu conseguia ver mais de perto, percebi que ela estava segurando uma sacola com no mínimo três bentôs [2] dentro.

É pedir demais por um capítulo 002 alto-astral?

Era garantido que iríamos almoçar juntos, mas eu estava pensando em levar ela pra algum fast food da vida, como um bom veterano faria. Porém ela usou a tática secreta da comida caseira.

“Fiquei tão feliz em poder ir em um encontro com meu amado veterano que acabei não conseguindo dormir direito e também acordei mais cedo, então foi uma boa maneira de me distrair.”

“Distrair, huh? Mas isso tudo é só pro almoço? É muita coisa... não sei se vou conseguir comer tudo.”

“Nós vamos dividir, e posso comer as sobras que você deixar. Odeio desperdiçar comida, portanto considere essa possibilidade.”

“Certo...”

Virei meus olhos para a barriga de Suruga.

Devia ter, no máximo, uns dez por cento de gordura corporal.

Ela parecia uma ampolheta.

Talvez eu pudesse dizer que seu corpo era um palíndromo.

Mesmo que ele não fosse por completo...

“Kanbaru, uma pergunta, por acaso você é uma daquelas pessoas que não engordam não importa o quanto comam?”

“Não, sou mais para alguém que só consegue emagrecer se comer muito.”

“E existe gente assim?!” Isso é algo que faria qualquer garota ter inveja... Não, acho que até garotos teriam inveja, pelo menos eu fiquei. “Mas como você consegue fazer uma façanha dessas?”

“Nada de mais, apenas dou uma caminhada de dezesseis quilômetros toda manh...”

“Ok, deixa pra lá.”

Se isso é “nada de mais” e “apenas”, não quero nem saber o que é um exercício normal para ela.

Mesmo depois de ter se aposentado do basquete, Suruga parecia continuar com seus treinos. Algo impressionante. Mas fazia sentido quando se pensava sobre. Ela pode ter dito que teve que parar por causa de um machucado, porém, sua saída foi devido a outro motivo.

“Ah...” suspirou Suruga, de uma forma extremamente exagerada. “Mas parece que tudo foi uma perda de tempo. E eu estava tão animada. Por que achei que você perderia mais do seu tempo com alguém como eu? Sou uma idiota com expectativas altas demais... Sinto muito se te incomodei com as minhas presunções. Bem, esse celular e o almoço que preparei não têm mais propósito. O máximo que eles vão fazer é nos atrasar, então teria como me esperar? Vou ver se acho algum lugar para jogá-los, também aproveito e troco para meu agasalho.”

“Era brincadeira!”

Eu não aguentava mais.

Que homem patético...

“Só estava brincando! Hahahaha, e você caiu direitinho... É claro que hoje vamos num encontro! WOOOOW, mal posso esperar! Então não precisa fazer nada com o celular ou a comida, ok? E também você não precisa trocar de roupa, *capiche?*”

“Sério?” O brilho nos olhos dela estava voltando.

Ela parecia até que fofinha naquela hora.

“Que bom, já estava quase levando a sério. Mas é realmente gentil de sua parte sair comigo”, disse ela.

“É uma pena que tenho a sensação de que essa mesma gentileza vai me matar um dia...”

.....

Eu estava indo a um encontro com Suruga antes mesmo de ir em um com a Hitagi, minha namorada. Duvidei muito que ela fosse considerar isso como traição, dada a tolerância que ela tinha com Suruga, mas isso só mostrava o quão fraco de espírito eu era.

E outra coisa, nossas mãos ainda estavam juntas durante toda essa conversa. Tentei separá-las sem que ela percebesse, mas ela estava apertando minha mão com muita força.

Era como se tivesse uma cobra enrolada nelas, e isso nos mantinha juntos.

“Mas, Kanbaru, pelo menos abotoe sua jaqueta. Você tem que concordar que deixar a barriga exposta não é uma boa ideia para onde vamos. Em relação à calça, acho que vai ficar tudo bem enquanto você tomar cuidado.”

“Entendido.”

Seguindo minhas instruções, Suruga abotoou a jaqueta. Admito que certa parte de mim estava triste em ter que dar adeus àquela vista, mas eu sabia que não deveria ter esses pensamentos sobre a caloura da minha namorada.

“Acho que com isso podemos ir”, eu disse.

“Aliás, nós vamos andar a pé hoje?”

“Sim. Não sei se tem algum lugar para estacionar minha bicicleta, além de que não posso arriscar perder a



única em minha posse”. A bicicleta que eu usava para viagens tinha sido destruída pelo braço esquerdo de um certo alguém que estava ao meu lado. É claro que eu não disse isso para ela, já que poderia soar um pouco sarcástico. “Mas não vai ser um percurso muito longo, dá até para ver o topo da montanha. Falando nisso, vai ser aquela montanha ali que vamos subir...”

Ao dizer isso, me dei conta de algo. Quando comecei a falar com Suruga a um mês atrás, ela tinha tanta aversão a tocar no meu corpo que chegou a negar minha proposta de ir de carona na minha bicicleta, preferindo acompanhar correndo... Mas agora ela estava segurando minha mão e pressionando seus peitos em meu corpo...

“Hehehehe”. Suruga tinha um sorriso inocente no rosto enquanto caminhávamos pela rua. “Caminhando com o Araragi-senpai, com o Araragi-senpai, com o Araragi-senpai~~~~”

“.....”

Talvez ela estivesse apegada demais!

Até começou a cantarolar!

“Aproveitando a situação, tenho um pedido pra você, Kanbaru. Teria como parar de me chamar de senpai?”

“Hã?” Ela parecia intrigada, como se não estivesse esperando escutar aquilo. “Por quê? Eu te chamo de senpai porque você é meu senpai. Não tem como eu chamar meu senpai de outra coisa além de senpai.”

“Bem, tem vários outros jeitos de você se referir a mim.”

“Tipo ‘Kesennuma-senpai’?”

“Esse não é meu nome.”

E eu tava falando da outra parte.

Além de que Kesennuma é o nome de uma cidade. [3]

“O problema é o ‘senpai’, acho formal demais.”

“Mas é exatamente por isso que uso.”

“Tá... eu sou seu senpai e tudo, mas é que soa muito sério. E ‘Araragi-senpai’ é quase tão comprido quanto meu nome completo.”

Koyomi Araragi. Sete sílabas.

Araragi-senpai. Seis sílabas.

“Então quer que eu te chame de ‘Araragi-san’?”

“Acho que essa é uma solução, mas não sou tão velho para ser chamado de ‘senhor’. Tem uma garota do fundamental que conheço que sempre me chama assim, porém, ela sempre fala de uma forma estranhamente educada.”

Infelizmente a personalidade dela era o completo oposto.

Pensando bem, fazia um bom tempo que eu não via a Mayoi.

.....

Era um pouco solitário sem ela.

“Kanbaru, eu sei que muita coisa aconteceu entre nós por causa da Senjougahara, mas gostaria que tivéssemos uma relação de igual pra igual.”

“Entendo. Fico feliz em escutar isso.”

“...Pensando bem, não sei se consigo estar pau a pau com a maior estrela do colégio.”

“Não diga isso. Nada poderia me deixar mais feliz que passar meu tempo com você. Te conhecer mais é tão bom

quanto reconciliar com ela. Se tem algo que estou insatisfeita, seria que não pude o conhecer mais cedo.”

“...Oh”

Ela tinha mesmo uma autoestima baixa.

Compreensível, considerando o que descobri no mês passado.

E também o que ela atualmente estava enfrentando.

“Então não tem nenhum problema se eu te chamar de uma forma mais íntima?”

“Nenhum.”

“Então tudo bem, Koyomi.”

“.....”

Como?

Só minha família me chama assim!

“E, Koyomi, você pode me chamar de Suruga.”

“Outra vez você falando como se fôssemos um casal! Que que eu fiz pra essas coisas acontecerem logo com a caloura da minha namorada?! A Senjougahara ainda me chama de Araragi! Faz ideia do pulo que você deu?”

“Acalme-se, só estava brincando, Koyomi.”

“Então por que você ainda tá me chamando assim, Suruga?!”

“Koyomi—O Herói Tempestuoso.”

“Não vá colocando subtítulos no nome que meu avô me deu! Além de que não tenho nada de heroico ou tempestuoso... Ei! Tá dizendo que sou agitado, é?!”

“Koyomi, O Último Herói do Século.”

“*O último do século?! O século mal tá perto de terminar e eu já vou ser o último?!*”

“Bem, sou incapaz de referir a meu veterano de forma casual, então ‘Koyomi’ não é uma opção. Também não me sinto confortável sem o uso de honoríficos. E como você não quer um título, o que acha de um apelido?”

“Um apelido...” Não consigo imaginar um universo sequer onde ela viesse com um apelido bom, mas mesmo assim deixei ela vir com um. “Pode ser”, falei.

Suruga fechou os olhos e abaixou a cabeça, para ter mais foco. Alguns segundos depois, ela levantou a cabeça e disse, “Já sei!”

“Essa foi rápida. E qual foi?”

“Ragi.”

“Isso é descolado demais pro meu gosto!”

Parecia que ela veio com esse com o único intuito de tirar uma com a minha cara... Esse é o tipo de nome que se vê num personagem de RPG, não no apelido de um estudante do ensino médio!

“Usei a segunda metade de ‘Araragi’.

“Percebi... mas um apelido não é pra ser mais suave e fácil de falar?”

“Tem razão. Nesse caso, podemos pegar um pedaço de ‘Araragi’ e ‘Koyomi’ para formar...

“Formar?”

“Ragiko.” [4]

“Agora tenho certeza que cê tá tirando uma comigo!”

“Num prexisa ficar assim, Ragiko~~~”

“Quer saber? Pode ir pra casa, resolvo isso aqui sozinho!”

“Ragiko txá sendu malvadu cumigo... Não que eu me importe, hehehehe...”

“Agh! Esqueci que masoquistas não são afetados por gritos! Talvez você seja o oponente mais forte que já enfrentei!”

Era divertido conversar com ela.

Talvez divertido até demais.

“Sei que é um pouco inapropriado dizer isso... mas me pergunto o que aconteceria se tivéssemos nos conhecido antes...”

“Estava pensando a mesma coisa. Como eu estaria se tivesse te conhecido antes dela. É bem raro eu me sentir assim por alguém do sexo oposto.”

Suspirei.

Eu sabia que não conheceria ela se não fosse pela Hitagi, e o mesmo valia para Suruga, fazendo com que não passassem de hipotéticos.

“O que você acha”, ofereceu Suruga, “de matarmos ela?”

“Você às vezes me assusta.”

Mesmo tendo falado tanto com ela, eu ainda não conseguia determinar sua personalidade! Por acaso quantas *personas* [5] você tem, Suruga Kanbaru?!

“Para alguém que respeita a Senjougahara, você diz cada coisa assustadora...”

“Aw, não mereço um elogio desses. Vou acabar toda corada desse jeito.”

“Isso não foi um elogio.”

“Mas fico feliz de ser chamada de qualquer coisa por você”

“É mesmo, sua masoquistinha?”

“Ooh, ooh, masoquistinha! Gostei, gostei!”

Meus medos dela descobrir a verdadeira natureza de sua ídolo desapareceram naquele dia, ela estaria bem se descobrisse o outro lado da Hitagi.

E outra coisa sobre Suruga Kanbaru.

Ela era lésbica.

Como vocês devem ter notado da nossa conversa até o momento, ela não só venerava Hitagi Senjougahara como sua veterana, mas também a amava do fundo de seu



coração. E mesmo nós sendo rivais no amor, estávamos caminhando de mãos dadas. Era difícil saber o motivo daquilo, talvez ela se sentisse endividada pelo que fez no mês passado, ou talvez grata, algo perto desses dois.

Eu não me sentia exatamente mal por ter uma caloura apegada a mim, mas também não queria que nossa relação fosse devido a um mal-entendido.

Afinal de contas, Suruga Kanbaru foi quem se salvou, ela se salvou por conta própria.

O mesmo vale para Hitagi.

“.....”

Mas eu não podia negar que ela me via com lentes muito positivas, independente disso ter sido causado por um mal-entendido ou se sentir endividada. Então tive que acabar com a minha imagem antes que ela se desapontasse com algo que eu fizesse.

Por isso eu tramei a Operação Arrasa Reputação.

Primeiro Estágio: Um Homem que Esqueceu a Carteira.

“Poxa vida, parece que deixei minha carteira lá em casa... Kanbaru, teria como emprestar um dinheirinho? Prometo que devolvo depois.”

“Claro. Trinta mil ienes [6] é suficiente ou precisa de mais?”

Ela era podre de rica!

Como cheguei mais cedo que ela, nem pude fingir que sou alguém que sempre chega atrasado em compromissos... O que fazer...

Segundo Estágio: Um Degenerado à Solta.

“Kanbaru, não sei você, mas hoje eu estou com vontade de ver algumas roupas íntimas.”

“Mas que coincidência, também estou com a mesma vontade. Não importa para que gênero elas sejam feitas, elas sempre são obras de arte. Nunca pensei que concordaríamos sobre isso.”

Ela concordou!

O que veio na minha cabeça pra pensar que eu conseguiria superar ela no quesito perversão?! Mas como

degeneração normal não funcionou, tive que usar meios mais extremos...

“Mas em específico”, proclamei, “roupas íntimas de garotas do fundamental!”

“Sempre senti um ar de alguém que não liga para o que a sociedade pensa quando conversamos, mas nunca pensei que você vivia assim no limite. Você sabe mesmo aproveitar a vida!”

“Isso era pra ser um elogio?!”

Não queria fazer isso, mas... Terceiro Estágio da OAR, Iniciar!!!

Terceiro estágio: Um Megalomaníaco.

Eu estava me divertindo demais.

“Kanbaru, pode não parecer, mas você está falando com alguém que tem um futuro brilhante pela frente!”

“Não precisa dizer isso. Eu já consigo imaginar os milagres que irá fazer no futuro. Aliás, sabia que você já é brilhante a meu ver? Então, por favor, tome cuidado para não brilhar demais, ainda quero te observar de perto por muito tempo.”

“Nkk...!”

Não, isso era de se esperar.

Mas não posso desistir!

“Serei um músico!”

“É mesmo? Por acaso se importaria se eu fosse seu instrumento?”

“Não faço ideia onde você queria chegar com isso, mas admito que essa foi uma frase legal!”

Agora era eu que queria elogiá-la.

“Mas por que disso, Araragi-senpai? Mesmo dizendo essas coisas, não há como eu te amar mais do que já amo. Afinal, lhe amo com cem por cento de meu ser.”

“Não, deixa pra lá...” Assim como ela ficaria feliz não importa como eu a tratasse, ela continuaria a me venerar independente da pessoa que eu fosse. “Mas qual é o motivo de você me colocar em um pedestal dessa altura?”

Rindo, Suruga disse, “Até agora, nunca pensei na existência de uma pergunta idiota, e isso ainda não mudou.”

“.....”

Por um estante, achei aquela uma frase bem massa, mas após pensar um pouco, percebi que um de nós era um baita de um idiota.

“Jurei que devotaria essa minha vida a ti”, acrescentou Kanbaru. “Não porque me ajudou a reconciliar com ela, mas sim porque considero você alguém digno de tal promessa.”

“Uma promessa, huh...”

“Exatamente. Pensei em jurar perante o Sol, mas só fui ter a ideia à noite, então fiz perante um poste de luz perto de casa.”

“Essa é a coisa mais arbitrária que eu já ouvi!”

“Mas, assim como o Sol, os postes de luz também não nos ajudam? A vida seria bem sombria sem eles, não acha?”

“Tenho que concordar, infelizmente...”

Mas nem pra jurar perante a Lua?

Vai saber, talvez estivesse nublado no dia.

“Quiçá”, admitiu Suruga, “eu não mereça jurar que aproveitaria a sua bondade nessa minha vida.”

“Realmente não sei o que fazer contigo, e não era pra ser ‘devotaria à’?”

Urkk

Operação Arrasa Reputação. Status: em hiato.

“...Hmph.”

Koyomi Araragi.

Suruga Kanbaru.

Pensando bem, nós dois tínhamos outra coisa em comum além da Senjougahara.

Nem um de nós era humano.

Bem, pelo menos não por completo.

O sangue de Koyomi Araragi.

E o braço esquerdo de Suruga Kanbaru.

Nem uma dessas coisas pertencia a um humano.

Boa parte do meu sangue era de um demônio, enquanto o braço esquerdo de Suruga era de um macaco. E assim como eu deixava meu cabelo crescer para esconder as marcas da mordida, Suruga escondia seu braço de fera com faixas brancas. Esse era o real motivo de sua retirada

precoces. Não haveria basquete enquanto ela tivesse aquele braço.

Tanto eu quanto ela tínhamos nos envolvido com monstruosidades.

...E falando nelas, Hitagi Senjougahara, minha namorada e senpai de Suruga, também teve experiência com uma.

Para mim, um demônio.

Para Suruga, um macaco.

E, para Senjougahara, um caranguejo.

Diferente de eu e Suruga, Hitagi teve que lidar por dois anos a monstruosidade que a afetava até que pudesse voltar a ser uma humana. Mas oposto ao que aconteceu com ela, eu e Suruga não voltamos a ser humanos. Pode-se dizer que somos também monstruosidades. Nos envolvemos com elas, nós viramos elas.

Aquilo era...

Algo triste de se ter em comum.

“Aconteceu alguma coisa?” perguntou Suruga.

“Não... nada não.”

“Você vai acabar estragando o encontro com uma expressão dessas.”

“Encontro... que seja.”

“Eu ia te perguntar isso antes, mas o que vamos lá em cima? Além de brincarmos de esconde-esconde à dois, é claro.”

“Queria tanto saber o que aconteceria se você tivesse participado do Wandervogel [7]... Mas você não é muito acostumada com montanhas, né?”

“Sou um pouco familiar. Durante o fundamental, meu time e eu percorríamos algumas montanhas aqui perto, como forma de treinamento. Infelizmente tivemos que parar porque alguns membros acabavam se machucando.”

“Hum.”

Então até as montanhas eram outra área de treinamento.

Bem, talvez seja esse o motivo dela ter pernas fortes daquele jeito.

“Mas por acaso você é, Araragi-senpai?” ela perguntou

“Também não muito...”



“Mas garotos não caçam insetos quando pequenos?” [8]

“Insetos...”

“Acho que meu preferido são as vacas-loiras, principalmente as pretas, elas parecem mofo. Acho tão fofinhas.”

Não tem nada de fofo em mofo.

“Talvez esse não seja o melhor lugar para levar alguém a um encontro, principalmente nessa época do ano”, acreditei. “Eu disse ontem, mas vamos fazer um trabalho que o Oshino pediu.”

“Oshino? Ah, Oshino-san.”

Sua expressão ficou ambivalente assim que escutou o nome dele. Aquela era uma reação incomum vindo dela, mas fazia sentido.

Meme Oshino.

Eu, Suruga, Hitagi... aquele homem salvou todos nós. Não, tenho certeza que ele não aceitaria se eu dissesse assim. Fomos nós que salvamos, nos salvamos por conta própria, esse seria o jeito certo de se dizer.

Um especialista em monstruosidades, um errante.

Um homem sempre de camisa havaiana psicodélica.

Ele não era um adulto que você gostaria de se inspirar, mas nós estávamos devendo a ele.

“Ele pediu que colocássemos um talismã no santuário que reside em cima daquela montanha que mostrei, parece que ele não é mais usado.”

“...Mas por quê?” Mistificou Suruga. “Ainda não entendi essa parte do talismã, por que ele mesmo não vem aqui colocar? Ele parece ter todo o tempo do mundo à disposição.”

“Tenho que concordar, mas é isso que ele pediu. Estou devendo uma quantia absurda desde que ele me ajudou... e acredito que esse também seja o seu caso, Kanbaru.”

“Hã?”

“Pode não parecer, mas esse é o trabalho dele. Ele não é o tipo de pessoa que ajudaria sem pedir nada em troca, seja lá o que ele peça.”

“Ohh, então é por isso...” disse Suruga, com as sobrancelhas levantadas.

Continuei o que ela disse: “É por isso que te chamei. Ele disse que era bom eu levar você. Foi ontem, quando fui dar um pouco de sangue a Shinobu.”

“Então era isso que ele quis dizer com ‘dar uma mãozinha’... Bem, uma mão lava a outra, como o ditado diz.”

“Exatamente.”

“Entendido, então não há motivo para eu debater.”

Suruga começou a apertar meu braço de forma ainda mais forte. Senti que havia um motivo por trás daquela ação, mas eu não conseguia apontar para um exato. De qualquer forma, ela parecia ter tomado sua decisão. Ela certamente era alguém que mantinha sua parte do acordo.

“Mas”, ela disse, “mesmo tendo vindo aqui algumas vezes, nunca soube da existência de um santuário.”

“Nem eu... Mesmo sendo abandonado, pelo menos esperava ter ouvido falar dele. Não sei como Oshino sabe de um lugar que nem as pessoas que moram na cidade sabem. Isso inclui aquele cursinho onde ele tá morando.”

Talvez não estivesse errado dizer que ele também era um especialista em ruínas. Dito isso, assim como telefones públicos, acho que santuários e locais abandonados são de conhecimento de pessoas esquisitas...

“Mas então por que minha amada senpai não está aqui conosco? Vocês dois devem muito ao Oshino-san.”

“A Senjougahara é bem astuta com esse tipo de coisa, então ela já quitou a dívida que tinha. Lembra daquele envelope que eu dei pro Oshino? Pronto, aquele era o pagamento dela.”

“Agora que você falou, me lembro do Oshino-san falar de algo envolvendo dinheiro... Hm, não esperava menos dela.”

“No caso dela, não é questão de ser exemplar, é mais que ela odeia ficar devendo a alguém. Ela é o tipo de pessoa que conseguiria viver sem ninguém.”

“Ela falou alguma coisa sobre hoje?”

“Nada, nem um ‘se cuida.’”

Já que eu iria trazer a kouhai dela, decidi informar isso a ela antes de ligar para Suruga, mas sua reação não podia

ser mais monótona, era como se ela não se importasse com isso e que eu nem deveria ter ligado para avisar. Senti uma vontade de passar a culpa de eu ter saído num encontro com Suruga para essa atitude dela, assim convenientemente ignorando o meu espírito fraco.

“Mas ela disse algo a você?”

“Só que você deveria me mimar hoje.”

“.....”

É como se ela fosse outra pessoa com Suruga.

Se é pra ser uma tsundere, pelo menos faça direito o papel! Você deveria ser assim comigo!

“Ela também disse outra coisa. ‘Se ele tentar fazer algo com você, me avise quanto antes. Mas antes de falar comigo, pergunte a ele qual dessas mortes ele mais odiaria: ser enterrado vivo ou ser jogado no oceano para virar comida de peixe. Farei aquele que ele odiar mais.’”

“A que eu mais odiar?!”

Ela não sabe o conceito de perdão.

Mas fiquei feliz em saber que ela estava indo no caminho certo. Ela aparentemente desistiu de tudo após

encontrar com a monstruosidade, aquilo era a forma dela voltar de onde tinha parado. E para alguém que viveu boa parte da vida sem muitos contatos, reaprender a interagir com outras pessoas é algo muito bom.

Muito bom mesmo.

Especialmente para ela, uma humana

“Já que começamos a falar da Senjougahara, o aniversário dela tá perto, né?”

“É, dia dezessete de julho.”

“...Parece que você tem esse dia na ponta da língua.”

“É claro que eu teria, esse é o dia que alguém que amo nasceu.”

“Bem, é que eu queria te pedir outra coisa.”

“Não precisa pedir a minha permissão, meu corpo e alma foram feitos para você fazer o que quiser.”

“Não é algo que precise da sua alma, é só que eu queria saber como deveríamos celebrar ele. Faz um bom tempo que não vou numa festa, então não faço ideia de como se deve comemorar. Por isso gostaria da sua ajuda.”

“Entendi. Então você vai querer que eu vá e me despida na frente dela?”

“Até eu sei que isso não se faz num aniversário! Que tipo de ocasião você quer que o dia especial da minha namorada vire?!”

“Parece que queimei na largada.”

“Só tome cuidado pra não queimar outra coisa. E devido a essa falta, você está fora do jogo por tempo indeterminado. Mas brincadeiras à parte, queria saber se teria como me ajudar nos preparativos e planejamento. Eu sei que sua relação com ela não está cem por cento reparada, mas sinto que você sabe mais dela do que eu.”

“Esse vai ser o primeiro aniversário desde que começaram a namorar, não é? Então acho melhor passarem o dia a sós. Sinto que acabaria atrapalhando em vez de ajudar.”

“Atrapalhando?”

“Não há coisa pior que gentileza indesejada.”

“É, também pensei nisso, mas talvez uma festa mais animada seja melhor para nosso primeiro aniversário

juntos. Até fiquei pensando em convidar o Oshino e a Shinobu, quem sabe aquela garota do fundamental que conheço. Uma festa com muita gente não parece uma má ideia.”

Infelizmente essa ideia tinha uma grande falha: Senjougahara não gostava de ninguém dentro dessa lista de convidados. Mas talvez ela aceitaria a presença deles nessa ocasião específica.

“Eu aceito qualquer coisa que decidir”, consentiu Kanbaru

“Pode falar a verdade, eu sei que você tá falando isso pra me agradar.”

“Se é isso que quer, lhe darei a minha singela opinião. É como eu disse, acho melhor comemorarem sozinhos, sinto que ela também preferiria assim.”

“Você acha que ela é santimonial assim sobre a nossa relação?”

Ela ainda nem saiu comigo em um encontro.



Eu sei que também não tivemos um tempo apropriado para irmos a um, teve o ocorrido de Suruga e logo depois vieram as nossas provas.

Ela ainda não tinha recebido o comando de cessar-fogo. [9]

“Mas”, apontei, “você trata a relação que tenho com ela de forma bem normal, nem parece que estamos lutando pelo amor dela.”

“Verdade... mas mesmo ela estando com você, sinto que ainda a amo... E eu te amo tanto quanto eu amo ela.”

“.....”

Aquilo foi uma confissão?

Meus batimentos tinham até acelerado.

Talvez ela tenha sentido eles.

Que homem simplório eu era.

“...Sabe, não acha que a Senjougahara tá te influenciando demais?” perguntei. “Aquela promessa que fez ao Sol e que acabou sendo para um poste é um exemplo, você não precisa me tratar desse jeito só porque sou o namorado dela. Não há necessidade de gostar de mim só porque ela também gosta...”

“Não é por isso”, disse Kanbaru, de forma séria.

Me senti um pouco intimidado pelo seu olhar.

Dependendo da situação, ela não tinha medo de dizer sua opinião.

“Então é por causa do mês passado? Sério, aquilo já são águas passadas, não precisa se sentir culpado...”

“Também não é isso”, proclamou Kanbaru. “Fico feliz em saber que consegue deixar o que aconteceu para trás, mas não é por isso.”

“Deixar o que aconteceu para trás...”

Ela me fazia soar tão débil.

Sinto que ela não estava errada.

E certamente era mais simples dessa maneira.

“Me escute, por favor”, disse ela. “Eu estava te perseguindo, não estava?”

“.....”

Pelo jeito que ela falava, parecia ser eu quem precisava de um ajuste na atitude.

“Bem...” ela continuou, “Durante aqueles dias, pude perceber o tipo de pessoa que você é. Eu realmente

acredito que você mereça ser tratado assim. Mesmo que você não fosse o namorado dela, mesmo que nada do mês passado tivesse ocorrido... você ainda seria uma pessoa digna de meu respeito. Eu juro em nome das minhas pernas.”

“...Oh”

Nesse caso, era mesmo algo idiota contemplar outros cenários onde eu e Kanbaru poderíamos nos conhecer...

“Se você jura a elas, não tenho como pensar em outro motivo.”

“Eu o respeito tanto que, mesmo se me levasse para uma montanha no pretexto de que Oshino-san lhe pediu um favor e—Lá—Me usasse de todas as formas para saciar seus desejos carnaais, eu conseguiria o perdoar com um sorriso no rosto.”

“Esse não é o tipo de respeito que eu quero!”

E “pretexto”?

Ela confiava nem um pouco em mim!

“Calma, a gente vai mesmo não fazer nada ou isso é outra de suas brincadeiras?”

“Pela quantidade de vezes que eu já disse, já dava pra saber qual é a resposta!”

“Hohoho... finalmente entendi o seu plano. Você está esperando que eu aja primeiro, assim poderá dizer para Senjougahara-senpai que não traiu ela, e sim que foi consumido pela tentação.”

“Então é isso que você tava tentando fazer! Tudo isso foi um plano para destruir o relacionamento que tenho com a Senjougahara! Até mesmo usou o seu corpo para esse objetivo!”

“Me pegalam~~~”

“Nem venha com esse jeitinho cuti-cuti pra cima de mim, sua sabidinha!”

Mas que planinho, hein...

Por sorte era só uma brincadeira.

...Pelo menos é isso que quero acreditar.

“Mas falando em aniversários”, ela disse, “é bastante sugestivo que ela foi possuída por caranguejo, não acha?”

“E o que um caranguejo tem de sugestivo? E que que isso tem a ver com o aniversário dela?”

“Bem, ela é da constelação de Câncer.”

“Nada disso. Se ela nasceu dia dezessete de julho, ela deveria ser de Gêmeos.”

“Acho que você está enganado, Araragi-senpai.”

“Sério? Então eu sou o errado aqui? Quando descobri que o aniversário dela era dia dezessete de julho, acreditei logo que ela era de Gêmeos...” Eu pensei que isso era verdade porque pensei na possibilidade terrível da Senjougahara ter uma irmã gêmea com a mesma personalidade. “Também não é como se eu soubesse muito sobre signos... Não sei porquê, mas tenho a sensação de que Câncer era no dia trinta de julho.”

“Oh.” Ela parecia ter notado algo. “...Perguntinha, Araragi-senpai.”

“Manda ver!”

“Qual é o signo das pessoas que nascem dia primeiro de dezembro?”

“Ahhh, essa aí é fácil demais, é claro que é Ofiúco...”

“Sabia!” Depois que Kanbaru disse isso, ela deu um tapa no joelho e começou a rir. “Há... ha... hahaha.”

O tapa foi tão forte que ela acabou caindo no chão, mas, mesmo assim, ela não soltou meu braço. Ela foi de pressionar seus peitos em meu cotovelo para pressioná-los na parte superior do meu braço, então nem tive o prazer de vê-los direito.

“Que foi... por acaso eu fiz uma piada sem querer?”

“O-Ofiúco... Pff, pffahaha! Ofiúco... Ahaha, alguém em pleno século vinte e um ainda... ainda usando o décimo terceiro signo...”

“Oh, então foi por isso...”

Naquele momento, tive a realização de que Câncer era no dia dezessete de julho no zodíaco de doze signos...

“Ai, ai... fazia um bom tempo que eu não ria desse jeito.”

Ela finalmente se levantou. Consegui ver seu rosto, ela estava lacrimejando. Entendi qual era o motivo dela ter começado a rir, mas também não era pra tanto.

“Enfim, vamos, Ragiko?”

“Pra onde foi aquele respeito que cê tava falando?!”

“Desculpa, desculpa. Foi mal, Araragi-senpai.”

“Eu te faço rir daquele jeito e é assim que você me trata, eu, hein...”

“É que você falou com tanta convicção que acabei não aguentando. Mas por que está usando o zodíaco de treze signos?”

“Que eu me lembre, a gente foi de um zodíaco com doze signos para um de treze. Por acaso isso é coisa da minha cabeça?”

“Isso ocorreu mesmo. É só que acabou não vingando, então desistiram de usar. Como você não sabia disso, Araragi-senpai?”

“Isso deve ter ocorrido quando parei de me importar com astrologia...”

Então não pegou, huh...

“Mesmo coisa que uma monstruosidade”, refleti “Não importa se você for o fantasma mais assustador do mundo, enquanto ninguém falar sobre você, seria como se nunca tivesse existido.”

“Acho que não é algo tão profundo assim...”

“Agora estou curioso para saber o que é o Ofiúco.”

“É uma das constelações de verão, junto a ele está a estrela Alpha Ophiuchi. Ele é muito conhecido por conter a estrela de Barnard, que, de todas as estrelas fixas, tem o maior movimento adequado.”

“Não estava falando das características da estrela, o que eu queria saber era o motivo dele ter esse nome. Ele tem alguma relação com cobras ou algo assim?”

“Se não me engano, ele representa o deus da medicina na mitologia grega, conhecido como Esculápio ou Asclépio. Na constelação, ele aparece segurando uma cobra, por isso ele também é chamado de ‘Serpentário.’”

“Hum”, eu disse, fazendo sim com a cabeça. “Não sabia disso aí, nem de que você sabia sobre constelações e estrelas. Por acaso gosta desse tipo de coisa, Kanbaru?”

“Não combina muito comigo, né?”

“Um pouquinho, pelo menos nunca esperaria que soubesse a história de uma.”

“Hm, Bem, não chegaria a dizer que gosto muito delas, mas acho relaxante observar o céu à noite. Também tenho um telescópio, um bem simplesinho. Além disso, vou a um



observatório de outra prefeitura pelo menos duas vezes no ano, lá eles fazem um evento para observar as estrelas.”

“Ah, então você não só foi para um planetário. Prefere ver os de verdade?”

“Eu também gosto de planetários, mas eles não têm estrelas cadentes. Constelações e estrelas fixas são legais, não me entenda errado, mas prefiro ver estrelas cadentes.”

“Que romântico.”

“Concordo. Ai, mal posso esperar pelo dia que a Terra virará uma também.”

“E a humanidade?! O que vai acontecer com ela?!”

Eu não conseguia acreditar.

Onde raios tava o romance naquilo?

Aquilo era um filme de desastre, isso sim.

“Parece que finalmente chegamos”, eu disse. “Segundo Oshino, deve ter alguma escada aqui por perto... Oh, tá ali... Parece que iremos ter que caminhar nessa trilha...”

Uma montanha na beira da estrada.

Eu não sabia seu nome.

E Oshino parecia também não saber.

A estrada ao lado estava pavimentada, mas em sua calçada havia um caminho que levava a alguns degraus, ou o que sobrava deles. Kanbaru disse que vinha aqui com seu time para treinar, mas duvido que algum membro pegava as escadas que levava à montanha. Os degraus estavam cobertos por folhagem, provavelmente nem notaria sua existência se Oshino não tivesse me dito.

Quando cheguei mais perto, percebi algumas pegadas sobre a grama, fazendo com que aquele lugar não fosse completamente abandonado, mas então quem estava indo para lá? Oshino mesmo disse que nunca chegou perto do santuário, então as pegadas não eram dele. Ele também disse que ele foi abandonado, então não poderia ser de algum funcionário...

Será que o local tinha virado um ponto de encontro para alguma gangue?

Improvável.

“.....”

Olhei para a garota agarrada ao meu braço esquerdo.

Ela parecia tão vulnerável, ela sempre parecia... Será que ela ia ficar bem? E se tivesse mesmo alguma gangue lá em cima... não sei se conseguiria proteger ela. Um pouco de sangue vampírico corria pelas minhas veias, mas isso só melhorava meu metabolismo e meu fator de cura.

“Barukan.”

“Pois não, Ragiko?”

“Seu braço esquerdo, como ele está?”

“Como assim?”

“Queria saber se algo de estranho aconteceu com ele nesses últimos dias.”

“Aconteceu nada.”

Nada, ela disse.

Ela estava segurando aquela sacola por todo esse tempo sem trocar de braço sequer uma vez...

Parecia que eu não precisava me preocupar... Ter a força daquele braço além de sua estamina de sempre era o novo normal para Kanbaru...

“Ele ainda é forte o bastante para eu te prender numa cama sem que você tenha sequer a mínima chance de escapar.”

“Não gostei desse seu exemplo.”

“Então forte o bastante para te carregar, feito uma donzela, a um lugar alto com uma só mão.”

“Não sabia que tinha ‘Kong’ no nome... Bem, acho que consigo aceitar esse aí.”

“Heheheh”, Kanbaru soltou uma risada vagamente obscena após minha resposta. Ela parecia estar em seu mundinho. “Você é mesmo gentil... se preocupando com alguém como eu. Ahh, sinto como se pudesse confiar minha vida a você.”

“Por que você tá toda retraída enquanto diz isso? E você consegue ler mentes, por acaso? Melhor parar agora, senão vou começar a usar um chapéu de alumínio.”

“Posso não parecer atualmente, mas eu era capitã do time de basquete. Consigo saber o que outras pessoas estão pensando só de olhar nos olhos delas. Além de que estamos falando de meu amado senpai. Como sua fiel

subordinada, tenho praticamente você na palma da minha mão.”

“Eu não quero ficar na palma da sua mão. Por acaso você é alguma Femme Fatale? Saber o que outras pessoas estão pensando só com um olhar... isso parece com telepatia... Pois bem, então o que eu tô pensando agora, Kanbaru?”

“Seu olhar diz o seguinte: ‘Será que ela tiraria o sutiã se eu pedisse?’”

“É essa a imagem que você tem de mim?!”

“Vai querer que eu tire?”

“Umm, ahhh... Não... Claro que não...!”

Hesitei por um instante, mas acabei conseguindo rejeitar a proposta.

Kanbaru apenas disse um breve “Ok” e voltou a abraçar meu braço... Sua falta de reação à minha resposta parecia quase materna de certo modo. Aquela amostra de tolerância aos motivos ulteriores dos homens tinha me assustado...

O que ela queria agindo como se eu fosse o marido dela e que eu era o mais novo da relação?

“Vamos logo”, insisti. “Nós nem subimos essa montanha e eu já tô cansado...”

“Certo, então é melhor irmos agora mesmo.”

“Preste atenção onde você for pisar. Além de insetos, parece que tem muitas cobras por aqui.”

“C-Cobra...”

Pffft, riu Kanbaru, outra vez...

Aquilo deve ter feito ela se lembrar da nossa conversa sobre Ofiúco.

Sem se importar com ela, continuei: “Por sorte, elas não são venenosas. Essas têm presas grandes. Mesmo assim tome cuidado, você não quer saber o quão chato é cuidar do ferimento de uma mordida.”

“...A sua fica no pescoço, não é?”

“Nele mesmo, mas ele foi por causa de um demônio, não uma cobra.”

Continuamos a conversar enquanto subíamos as escadas. Nossas coordenadas não mudaram muito, mas a

umidade aumentou consideravelmente, parecia com uma sauna. Oshino disse que as escadas levavam para esse tal santuário. Não imaginei que fosse no cume da montanha e, mesmo que fosse, não seria muito ruim, era uma montanha bem pequena.

“Oshino-san”, disse Kanbaru, “falou que meu braço voltaria ao normal por volta dos meus vinte anos.”

“Sério?”

“Uhum. Bem, pelo menos se eu não usar ele de novo.”

“Bom saber que vai conseguir voltar pro basquete daqui algum tempo.”

“Verdade. Mas não posso deixar para treinar só quando meu braço voltar a ser como era antes, quero ver se consigo voltar com força total.” Após dizer isso, ela perguntou: “Mas e você, Araragi-senpai?”

“Huh?”

“Você vai ser um vampiro para sempre?”

“Eu...”

Um vampiro.

Para sempre.

Algo não humano.

Uma imitação.

“Eu realmente não vejo problema. É nada de mais quando comparado ao seu caso. E todas aquelas fraquezas clássicas de vampiros não atrapalham meu dia a dia, às vezes até esqueço delas. Sem contar que agora me curo super rápido. Então não precisa se preocupar, pois, estou mais forte que nunca, hehehe...”

“Não precisa ficar fingindo ser durão na minha frente. Oshino-san me disse que você desistiu de voltar a ser um humano para salvar a Shinobu-chan.”

Shinobu.

Era assim que referimos ao vampiro que me atacou.

Aquele vampiro de cabelos dourados agora estava morando junto a Oshino naquele cursinho abandonado.

“.....”

Ele não sabe mesmo ficar de bico fechado.

Espero que ele não tenha dito à Senjougahara. Mas acredito que ele disse isso a Kanbaru para que ela tivesse



um exemplo de um caso parecido, então acreditei que não precisava me preocupar...

“Não é exatamente como ele disse”, tentei corrigir. “É mais como um efeito residual [10]. E sobre a Shinobu... bem, ela é minha responsabilidade. Mas também não chegaria a dizer que salvei ela. Nós apenas temos um acordo que eu quero manter... Não consigo saber o que os outros estão pensando só de olhar para eles, mas você tá preocupada comigo, não é?”

“.....”

“Mas é como eu disse, não precisa se preocupar. Além de que não vai mudar nada se você ficar se preocupando, assim como não vou fazer nada contigo, mesmo que continue puxando aqueles assuntos pervertidos seus.”

Encerrei aquele assunto com uma pequena piada no final. Kanbaru parecia querer dizer algo, mas acabou preferindo ficar em silêncio. Se tinha algo a ser dito, ela já disse. Mas se era algo que ela queria dizer por dizer, ela conseguia ficar na dela. Sinceramente, ela era uma garota boa demais para estar segurando meu braço.

“Ah.”

“Oh.”

Assim que nossa conversa acabou, descendo as escadas, alguém passou ao nosso lado. Aquela pessoa estava descendo com pressa, como se tivesse feito algo ruim.

Era uma garota, ela parecia ter por volta de seus 13 a 14 anos, mesma faixa etária da minha irmã mais nova.

Diferente de Kanbaru, a garota estava usando uma roupa de manga comprida e jeans normais.

Também havia uma bolsa que chegava até o quadril com ela.

Além disso, um chapéu puxado para trás podia ser visto em sua cabeça.

Era incerto se ela conseguia ver o que tinha em sua frente, já que ela estava descendo as escadas olhando apenas para os pés. Então, se não tivéssemos dado uma pausa em nossa conversa e percebido sua vinda, provavelmente teríamos colidido.

Assim que passou por nós, ela olhou para trás, notando pela primeira vez nossa presença. Ela nos olhou com uma

expressão de espanto e voltou a descer em um ritmo ainda mais acelerado. Ela estava indo tão rápido que cheguei a imaginar ela tomando dois tombos em seu percurso.

“.....?”

Tinha algo naquela garota.

Era como se eu já tivesse a visto.

“Alguma coisa, Araragi-senpai?”

“Ah, nada...”

“Não estava esperando encontrar mais alguém nessa trilha, principalmente uma garota fofa como aquela. Tive medo de dizer isso, mas estava com o pressentimento que estávamos perdidos. Você disse que o santuário foi abandonado, porém, parece que ele ainda recebe visitas.”

“Não sei se uma garota daquela idade viria visitar um santuário.”

“O conceito de idade mínima não deveria ser aplicada à fé.”

“Eu sei, mas mesmo assim.”

“Assim como o conceito de idade mínima não deveria ser aplicado ao amor.”

“Precisava mesmo dizer isso?”

Enquanto falávamos, tentei lembrar exatamente onde eu tinha visto aquela garota, mas acabei não conseguindo. Talvez nunca tivesse a visto em minha vida e aquele fosse apenas um simples caso de déjà vu.

“Com ela vindo, temos certeza que tem algo lá em cima e que Oshino não tava só tava fazendo alguma pegadinha com a gente.”

“Mas aquilo ainda não tirou minha dúvida de se vamos ou não fazer algo quando chegarmos no topo da montanha.”

“Ainda não sabe?! Mesmo depois de eu ter respondido a mesma coisa umas cem vezes?!”

“Eu juro que te perdoo com sorriso no rosto~~~”

“Não quero nem mais um ‘a’ desse assunto, ok?”

“Pense pelo lado bom, se você me ajudar, vou parar de encher seu saco.”

“Pois saiba que meu saco já tá cheio.”

“Melhor ainda. Vai ser bem simples, apenas precisa aliviar minhas frustrações e eu paro de te importunar.

Aliás, sabia que esse é o jeito mais fácil de acalmar um animal no cio?”

“Eu certamente não estava esperando escutar uma mulher se referindo a si mesma de ‘animal no cio’ nesse domingo...”

“Vai ser vergonhoso só no começo. Vamos, quanto antes fizermos, menos problemas teremos depois.”

“Melhor parar se não quiser que eu te deixe pra trás~~~”

“Fear play [II], huh?”

“E se não quiser ir sozinha pra casa!”

“Mas que frieza... Não gosta que as mulheres deem a iniciativa? Se esse for o caso, fingirei que não quero nada disso que estamos fazendo.”

“Fique à vontade, não é como se fosse mudar algo.”

“Imagine, Araragi-senpai, imagine. Você e eu estamos de mãos dadas, porém, estou contra minha vontade, você usou todas as artimanhas possíveis para conseguir isso, me ameaçou fisicamente e me xingou até eu não tivesse

escolha a não ser realizar sua ordem. No fim, acabei o perguntando de forma hesitante: “A-Assim?”

“Não sei o que estava pensando quando disse, mas se achou que eu ia gostar, saiba que está... umm... completamente errada. É, isso mesmo que ouviu.”

Se eu gostei da ideia?

Não... claro que não, imagina...

“Mas que puritano. Pior que frieza, indiferença. Ser tratada dessa maneira me faz duvidar do meu charme como mulher. Será que você, na verdade, não se importa comigo?”

“Não é isso. É mais que eu tenho uma namorada, ela se chama Senjougahara, não sei se conhece. E meio que posso me ferrar se ela descobrir que não agi de forma indiferente, entende?”

“Mas vocês parecem que estão em uma relação platônica. Tenho certeza que precisa de um espaço para liberar esses seus desejos sexuais reprimidos.”

“Preciso coisa nenhuma! E nem pense em se voluntariar a criar esse espaço!”

“Enquanto ela cuida do seu emocional, eu posso cuidar da parte carnal. Ahh, esse seria um triângulo amoroso magnífico, não acha?”

“Nada disso, e isso tá mais pra um triângulo desastroso! Outra coisa, por que eu me colocaria em uma situação dessas, hein?!”

“Mesmo dizendo isso, Araragi-senpai não conseguia parar de olhar para os meus seios. Parece que ele é mesmo incapaz de controlar seus instintos masculinos.”

“E qual é a desse monólogo repentino?!”

“Você mesmo pediu por um segundo capítulo alto-astrol, então pensei em ajudar.”

“Eu nunca disse isso!”

Mas eu sim.

Talvez ela não estava mentindo quando falou que recebeu minha mensagem telepaticamente.

Enfim, sendo isso um capítulo dois ou não, ela não poderia ser a narradora, esse é um trabalho que apenas o personagem principal pode fazer.

E ela realmente não tinha consciência das bombas que disse sendo uma personagem secundária? Se ela era assim com esse papel, imagina se fosse a protagonista de algum livro da série...”

“Hmph. Isso não está indo como planejei”, lamentou Kanbaru. “Com esse corpo meu, pensei que conseguiria fazer que virasse meu brinquedinho num piscar de olhos.”

“Então é assim que você realmente me vê?!”

Uma relação platônica...

Aquela era uma maneira de descrever a relação que eu tinha com a Senjougahara. Então era aparente para outros também. Sempre achei engraçado como mangás de romance sempre mostram casais brigando e fazendo as pazes de novo e de novo, mas agora que eu tinha uma namorada, descobri que essa era a verdade.

Não foi as dez mil maravilhas que estava imaginando.

“Se eu sou puritano, e ela?” eu disse. “Ela é toda recatada.”



“Considerando o que ela passou, é de se esperar que ela fosse assim. E não acha que esse jeito dela é moe? É como se ela fosse uma menina inocente e tímida de um mangá.”

“Tímida... E você tá falando dela como se fosse uma mercadoria.”

“Bem, se não quiser ela, eu aceito de braços abertos ficar com ela.”

“Sinto muito, mas ela não está à venda.”

Continuamos a subir as escadas.

Aquelas pegadas que notei na entrada da montanha deveriam ser daquela garota. Chegamos no santuário cinco minutos depois... E assim como os degraus, ele estava em ruínas e dificilmente saberia o que era se não fosse por Oshino. Minha preocupação com a existência de alguma gangue sumiu quando chegamos. Sendo em uma cidade do interior ou não, membros de gangue ou não, ninguém gostaria de passar um mísero segundo naquele lugar. A única prova de aquilo foi um dia um santuário era o torii [12], mas ainda dava para saber qual era a estrutura principal. Tinha descoberto por causa do leiaute.

Será que aquela garota também veio aqui?

Mas por que ela viria?

Não tinha cara de que tinha algum deus ainda por lá.

Até o deus que era venerado deve ter abandonado o santuário.

Isso não impedia que houvesse um, afinal “deuses estão em todos os lugares”, como Oshino uma vez disse. Bem, eu só tinha que colocar o talismã... Esse foi provavelmente o trabalho mais fácil que ele já me passou. Tirei o talismã do meu bolso.

Mas quando fiz isso.

“Ungh.”

Kanbaru soltou meu braço.

A sensação agradável que estava sentindo por todo esse tempo desapareceu.

“Tá tudo bem, Kanbaru?”

“Sim... só estou me sentindo um pouco cansada.”

“Cansada?”

De quê?

De subir escadas?

Tinha uma boa quantidade de degraus, mas não pareciam suficientes para cansar alguém do calibre dela. Até eu só estava respirando de forma um pouco mais ofegante.

Mas Kanbaru parecia realmente cansada, e ela também estava um pouco pálida. Aquela foi a primeira vez que a vi daquele jeito.

Preocupado, perguntei se tinha algo que pudesse fazer ela melhorar. “Acho que almoçar resolveria”, ela disse.

“Almoçar?”

“É, essa sensação de cansaço geralmente passa depois que como. Desculpa por pedir isso, mas gostaria que comêssemos o quanto antes.”

“Não, sem problema.”

Ela parecia um personagem de mangá.

Engraçada até mesmo quando se sentia mal.

“Só deixa eu colocar o talismã primeiro, Oshino disse para almoçar apenas depois de colocarmos ele... alguma coisa envolvendo nossos corpos estarem puros ou algo assim. Tive uma ideia, vê se encontra um lugar para

organizar os bentôs. Enquanto isso, vou colocando o talismã. Sei que esse não é o lugar mais confortável para se ter um almoço, mas é o jeito.”

“Certo. Entendido. E me desculpe mais uma vez por ter que deixar o trabalho em suas mãos.”

“Te vejo daqui a pouco.”

De costas a Kanbaru, fui atravessando o matagal e indo em direção ao santuário. Oshino falou que era para eu colocar o talismã na estrutura principal, mas não me disse se era na parte de dentro ou se poderia pôr na porta. Culpo a falta de direções dele por essa minha ignorância, não que ele já tenha sido preciso nas direções que eu tinha que seguir. Mas talvez aquele fosse um teste para ver se eu conseguia pensar por conta própria.

Enfim, decidi explorar um pouco os outros edifícios. Enquanto fazia isso, lembrei outra vez daquela garota. Por algum motivo, tinha algo me incomodando em relação a ela...

Era como se eu já tivesse a visto.

Como se eu já a conhecesse.

Mas tinha outra coisa que senti... algo vindo dela.

“Por que sinto como se tivesse a visto antes? ...Onde que foi? Não vejo muitas crianças daquela idade...”

Bem, tirando as minhas irmãs.

Irmãs?

“...Será?”

Acabei colocando o talismã na porta do edifício que acreditei ser o principal. Tinha a sensação que o santuário iria desabar se eu tentasse abrir a porta, então não tive muita escolha.

Lentamente me distanciei e voltei ao torii. Kanbaru ainda não tinha voltado. Pensei em ligar para ela, mas lembrei que não peguei seu número e nem dei o meu a ela.

Aquele celular acabou servindo de nada mesmo.

“Ei, Kanbaru, cadê você?!”

Acabei tendo que começar a gritar.

Mas não houve resposta.

“Kanbaru!”

Tentei gritar ainda mais alto, porém, o resultado foi o mesmo.

Comecei a me preocupar.

Era basicamente impossível não escutar minha voz se ela ainda estivesse por perto. Enquanto Senjougahara poderia, Kanbaru não era alguém que voltaria para casa sem me dizer antes. Ela não me responder só poderia significar uma coisa...

“Kanbaru!”

Comecei a correr o mais rápido que eu podia.

Talvez ela tenha desmaiado enquanto procurava um lugar para comermos. A possibilidade passou pela minha mente. E o que eu faço se esse for o caso? Nunca conseguirei olhar para Senjougahara direito se tiver acontecido alguma coisa com ela.

Felizmente não aconteceu nada que eu tinha imaginado. Enquanto corria pelas áreas do santuário, acabei a encontrando. Ela estava de costas.

Os bentôs estavam no chão.

E ela parecia desorientada por algo.

“Kanbaru!” eu disse, com as mãos em seus ombros.

“Hyeeek!” gritou Kanbaru, antes de virar em minha direção. “A-Ah... É só você.”

“Também é um prazer te ver de novo.”

“Ah... Desculpa por dizer uma coisa dessas. Fui pega de surpresa... não estava esperando você me agarrar assim, Araragi-kun.”

“Eu peguei no seu ombro.”

Não dê essa conotação ao que fiz.

“Permita-me pagar essa pequena gafe que cometi com o meu corpo”, ela disse. “Posso resistir um pouco, mas saiba que é para deixar nossa brincadeira ainda mais divertida.”

“Ótimo, bom saber que está sã. Não tem ideia do quanto aliviado estou. E sei muito bem que você faz isso só pela graça, então bora parar. Mas bem que cê deu um gritinho fofo.”

Seu rosto ainda estava pálido.

Na verdade, estava pior que anteriormente.

Aquela não era a hora de achar engraçado a maneira que ela gritou.

“Mas tem certeza mesmo que está bem? Eu posso limpar o local para você comer, ou melhor, posso te carregar para a entrada do santuário principal. É, melhor fazer isso. Te levo nas minhas costas. E se tiver preocupada com o quão higiênico for, eu empresto a minha jaqueta para você sentar...”

“Não... Não é isso. Kanbaru apontou para frente. “Olhe só para aquilo...”

“E o que tem aí na fren...”

Fiz assim como ela mandou.

Ela estava apontando a uma árvore numa região um pouco distante dos arredores do santuário.

Havia algo no tronco dessa árvore.

Uma cobra.

Fatiada em cinco pedaços.

Sua cabeça ainda estava viva.

Ela estava com a boca aberta.

Ela gemia de dor.

“.....”

Fiquei em silêncio ao ver aquela cena.



Mas foi naquele momento que lembrei do nome daquela garota.

Seu nome era Nadeko Sengoku.

[illegible]

[2] “Bentô” é a versão japonesa da marmita, ou quentinha, que temos aqui no Brasil. Um bentô tradicional geralmente contém arroz, peixe/carne e legumes. É difícil apontar exatamente a sua origem, eles terem sido difundidos durante a construção das estradas ou durante a construção do Castelo Azuchi, são algumas das histórias ditas.

[3] “Kesennuma” é uma cidade que fica no extremo nordeste da província de Miyagi. Várias partes da cidade foram destruídas pelo sismo e tsunami de Tohoku de 2011.

[4] Há dois trocadilhos no apelido “Ragiko”. O primeiro é em relação ao “ko” ser uma das pronúncias de “criança” (

子). E o segundo é que “ko” (子) aparece bastante em nomes de garotas, como por exemplo “Nadeko” (撫子).

[5] No latim, “persona” significa máscara, em específico as usadas no teatro. Na ótica de Carl Jung, psiquiatra e psicoterapeuta, a persona é a personalidade que um indivíduo mostra às pessoas no dia a dia ou em determinados momentos, às vezes mascarando sua verdadeira face.

[6] No dia 31 de janeiro de 2022, trinta mil ienes equivaliam a mil trezentos e noventa e três reais e setenta e oito centavos.

[7] “Wandervogel” foi um movimento popular que ocorreu no ano de 1896 até 1933, na Alemanha. Podendo ser traduzido como Pássaro Ambulante, o movimento protestava contra a industrialização.

[8] No japonês, principalmente durante a primavera, os garotos têm costume de ir atrás de insetos em arbustos e florestas para fazer deles seus bichinhos de estimação. Às vezes, esses insetos capturados são colocados para brigar com o inseto de outras crianças.

[9] O “Senjougahara” em Hitagi Senjougahara (戦場ヶ原ひたぎ) significa “campo de batalha”.

[10] “Efeito Residual” refere-se ao tempo que um produto biológico ou químico tem seu princípio ativo, protetor ou defensivo, no ambiente colocado.

[11] “Fear play” é uma vertente do BDSM focada no uso de receios e medos emocionais para criar excitação sexual.

[12] “Torii” é um portão tradicional japonês comumente visto na entrada de santuários xintoístas.

“Esse aqui... Esse aqui também... Pensando bem, talvez o último acabe não sendo muito útil. Não querendo desmerecer o autor, mas tudo que o livro faz é basicamente dar uma lista de coisas para memorizar. Acredito que esse é ótimo caso esteja buscando por eficiência”, disse Tsubasa Hanekawa, enquanto tirava um livro atrás do outro da prateleira e os passava para mim.

Um, dois, três, quatro e cinco. Cinco livros, eu estava carregando

Localização: uma livraria não tão longe do nosso colégio.

Data: doze de junho, uma segunda-feira. Após o término das aulas

Hanekawa, representante de classe, e eu, vice representante, fomos para lá após termos feito uma reunião e preparado algumas coisas para a feira cultural, que ocorreria na sexta e no sábado da mesma semana.

Bem, talvez o certo seria dizer que perguntei se ela queria vir comigo e ela acabou aceitando.

Duas tranças e um óculos no rosto.

A representante de classe entre as representantes de classe.

Tsubasa Hanekawa, a estudante perfeita.

“Desculpa por só dizer isso agora, mas estamos quase passando da quantia que tenho aqui comigo.”

“Huh? E quanto você tem?”

“Dez mil ienes. [1] Eu tenho pouco mais lá em casa, mas comigo é só isso.”

“Guias de estudo são realmente caros, porém, é compreensível considerando para o que eles servem. Certo, então vou considerar o custo em relação à eficácia, além dos prós e contras. Portanto, é bom trocar esse livro por... esse aqui.”

Tsubasa Hanekawa.

Outra pessoa que acabou se envolvendo com uma monstruosidade. Mas ela era diferente de eu, Kanbaru e até da Senjougahara; Hanekawa não conseguia lembrar de

seu caso. Ela tinha esquecido de tudo que ocorreu naquela Golden Week, momento esse que rivaliza com aquelas férias de primavera infernais.

Mas eu lembrava.

Para mim, um demônio.

Para Kanbaru, um macaco.

Para Senjougahara, um caranguejo.

E, para Hanekawa, um gato.

“Sabe”, disse ela, “isso me deixa bem contente.”

“...Huh?”

“Estou falando de você ter pedido que eu o ajudasse a escolher alguns guias de estudo. Sinto como se todos os meus esforços tivessem valido a pena.”

“...Ah.”

Os esforços dela não tinham muito a ver com isso.

Bem, não sei se é só eu, mas colocar alguém no cargo de vice representante como tentativa de reabilitação não soa como se fosse ajudar essa pessoa a levar o colégio a sério...

“Er, não é bem isso que você tá imaginando”, esclareci.  
“Tem mais relação com o que fazer depois de me formar.”

“Depois que você se formar?”

“Universidade, faculdade e tudo mais. É meio que eu e a Senjougahara entramos no assunto um dia desses. Aí acabei descobrindo qual que ela quer entrar...”

“Ah. Ela estava querendo ver se entrava em uma federal que tem aqui perto da cidade, não é? Se não me engano, alguns professores já prepararam cartas de referência para ela.”

“...Você sabe mesmo de tudo.”

“Eu não sei de tudo. Só sei o que sei.”

O mesmo bate-boca de sempre.

Mas talvez não fosse muito surpreendente ela saber disso. Como representante de classe, Hanekawa já estava de olho na Senjougahara antes de mim. Pensando bem, ela é uma das poucas pessoas que conheci que a Senjougahara não odiava com todas as forças. Convidar ela para o aniversário talvez não fosse deixar a Senjougahara brava.

Mas quem já viu uma namorada ficar brava por causa de um aniversário que o próprio namorado organizou...

“Está querendo entrar na mesma universidade que ela?”

“Isso mesmo, mas não conta pra ela, ok? Não quero que ela fique esperançosa ou algo assim.” Peguei um livro que havia por perto em uma tentativa de esconder minha vergonha, provavelmente não funcionou. “Não, acho que tenho medo é dela me azucrinar.”

“Que cruel...”

“Tenho que concordar. Ela deve acreditar que boas cercas fazem bons conhecidos...”

“Oh, uma piada com o ditado americano ‘boas cercas fazem bons vizinhos’. Ahaha, belo trocadilho, Araragi-kun.”

“Nunca te falaram que é feio explicar as piadas dos outros?!”

E nem era pra ser uma piada.

E também não tinha nada de engraçado naquilo.



“Ahaha! Aposto que esteve pensando nela desde que disse: ‘acho que tenho medo é dela me azucrinar’! Deve ter sido fácil prever o meu ‘que cruel’! Essa foi mesmo elaborada.”

“Tem como parar de analisar o que falei?!”

É horrível se sentir autoconsciente.

Tomei as rédeas da conversa.

“Mesmo não tendo um objetivo em mente, acabei conseguindo tirar uma nota maior do que eu tava esperando. Sinceramente, só não queria ter que ir pra recuperação... É claro que não é quase nada comparado a sua ou a da Senjougahara, mas é bom saber que meu empenho valeu de alguma coisa .”

“Tinha esquecido de perguntar, você teve aquela sessão de estudos com ela?”

“Tive.”

Caso estejam perguntando, Senjougahara conseguiu a sétima maior nota, mesmo tendo que dar aulas para mim. Impressionante, ou melhor, brilhante. A única reação possível de se ter era a de admiração.

E para aqueles curiosos sobre a nota da Hanekawa, bem, ela conseguiu a maior nota em todo o colégio.

Mas isso já era de se esperar.

Ela ficou em primeiro lugar em todas as matérias.

E parece que ela não conseguiu a nota máxima por pouco.

Mas enfim, mesmo minhas notas não terem sido boas o bastante para aparecer no placar de nenhuma das matérias—Tirando a de matemática—Elas deram uma melhoria significativa quando comparadas às que tirei em outros testes feitos pelo colégio.

Foi uma melhora tão significativa que comecei a ficar esperançoso.

‘Ainda é junho. Se eu estudar desse mesmo jeito nos próximos seis meses, talvez eu consiga.’

Esse tipo de pensamento.

“Fazia um bom tempo que eu não estudava desse jeito... Me fez lembrar um pouco de quando ainda estava no fundamental. Desisti de tentar pouco depois de entrar no Naoetsu.”

“Hum... Bom saber. Considero querer entrar em uma faculdade por causa da namorada um motivo não muito nobre, mas se isso que o motiva, vá em frente. Nesse caso, talvez eu também deva o ajudar de alguma forma.”

“.....”

Ser educado pela Senjougahara era assustador, mas ser educado pela Hanekawa parecia pior ainda.

“Depois que eu tiver uma boa ideia da minha situação, quero ver se começo a ir pra algum cursinho, lá pra quando as férias começarem. Sabe de algum bom que eu possa ir?”

“Infelizmente não, nunca precisei ir a cursinhos ou parecidos.”

“Sei...”

Malditos gênios.

“Mas algum dos meus amigos deve saber.”

“Serião, muito obrigado, Hanekawa. Não faz ideia do quanto você já me ajudou. Talvez eu não consiga de primeira, mas com um ano inteiro sem colégio acho que consigo.”

“Não deixe só para o próximo ano. Se vai mesmo levar a sério, tente entrar de primeira na faculdade... E quando vai dizer isso para Senjouhara-san?”

“Só quando eu tiver plena ciência das minhas chances... Sei muito bem que preciso da ajuda dela. Parece que a faculdade que ela quer entrar tem vários testes de admissão, então posso escolher um focado o máximo possível em matemática se for preciso...”

“Entendi.” Hanekawa passou outro guia de estudos para mim. “Pronto. Tudo isso vai custar exatos dez mil ienes.”

“C-Como que conseguiu fazer uma coisa dessas?”

“É só adição, nada de mais.”

Isso não era mentira, mas ela estava fazendo somas envolvendo quatro dígitos, de cabeça, enquanto estava tendo uma conversa... E eu achando que matemática era meu forte... Nem em algo simples como aritmética eu conseguia chegar perto do nível da Hanekawa.

Aquilo acabou me deixando um pouco desmotivado...

Nem tinha começado e já estava desencorajado.

Eu teria que passar seis meses com esse complexo de inferioridade em relação à Senjougahara e Hanekawa me assombrando...

Só seis meses, só seis meses...

“Incidentalmente, Araragi-kun.”

“Incidentalmente?”

“Conte mais sobre o ocorrido de ontem. O que aconteceu depois que encontrou a cobra fatiada em cinco pedaços?”

“Ah, isso.”

Falei para ela quando ainda estávamos na escola fazendo os preparativos para a feira cultural. A intenção era apenas falar sobre como Oshino estava, mas como isso tinha acontecido no dia anterior, acabei falando sobre. Matar animais de forma cruel não é um assunto muito agradável de se ter, então não dei muitos detalhes, mas Hanekawa parecia estar interessada no assunto.

“Nada de especial. Eu e Kanbaru enterramos a cobra, mas quando andamos um pouco mais pela área... acabamos achando ainda mais delas mortas.”

“Mais delas?”

“É, todas estavam em pedaços.”

Não tentei saber a quantia.

Também não tentei enterrá-las.

E Kanbaru parecia estar mal de verdade.

“Depois disso, descemos a montanha... Fomos almoçar em um parque que havia por perto. Tava uma delícia o almoço, até perguntei o que ela fez pra ter ficado tão bom. Mas parece que a avó dela foi quem realmente fez a comida. Kanbaru só deixou os talheres prontos, ferveu um pouco de água e ficou vigiando a panela pra ver se não fervia demais, infelizmente foi isso que aconteceu. Bem, ser uma boa cozinheira, além de uma boa atleta, seria pedir muito, não é?”

“Verdade. Mas sinto pena dela. Se não fosse por aquele machucado, ela estaria participando de um torneio.”

“.....”

Quase disse o real motivo.

Por um momento, esqueci que estava guardando esse segredo.

Os únicos do colégio que sabiam da real razão da saída de Kanbaru eram eu e Senjouhara. Ninguém mais iria ser adicionado à lista.

Voltando a falar do almoço, Kanbaru realmente ficou melhor depois de ter comido, seu corpo parecia ser bastante eficiente em absorver energia.

“Deve ter sido mão-cheia esse dia, hein?”

“Nah, ver todas aquelas cobras mortas acabou com todo o meu ânimo pro resto do dia. Fazer uma coisa dessas em um santuário abandonado... parecia que tinha alguém fazendo algum tipo de ritual. Aliás, você já sabia da existência desse santuário?”

“Sabia.” Assentiu Hanekawa. É claro que ela sabia.  
“Kita-Shirahebi.”

“Kita-Shirahebi...” Santuário Cobra Branca Boreal.

“Pelo nome, provavelmente veneravam algum deus serpente. Não sei muito sobre o local, então não tenho certeza. Todo conhecimento que tenho foi adquirido por morar aqui.”

“Sei não, aquele lugar parece algo que nem alguém que mora na cidade deveria saber... E até que você sabe bastante sobre ele... Matar cobras num canto onde um dia elas já foram veneradas... Aquilo tem mesmo cara de ter sido um ritual. Talvez eu deva contar o que encontrei pro Oshino...”

Uma monstruosidade.

Queria que não tivesse nenhum envolvimento delas.

Mas então o que Sengoku estava fazendo lá?

Nadeko Sengoku.

“.....”

...Não queria que nossa conversa fosse nessa direção.

Hanekawa esqueceu de seu envolvimento com uma monstruosidade. A única coisa que ela se lembrava era que Oshino tinha a ajudado, mas a parte de ter sido enfeitiçada por um gato e tudo que ocorreu depois ela não tinha nenhuma recordação. Mas esse não era o único motivo disso, eu também queria que ela ficasse o mais longe possível de monstruosidades. Ela não precisava saber do que aconteceu com Senjougahara, Kanbaru e nem com



Hachikuji. Pelo menos não agora, e espero que nunca tenha.

É assim como eu queria.

Ela era uma pessoa muito boa.

Mas dessa vez foi devido a um motivo alheio.

“Mas não é disso que eu estava falando, Araragi-kun. O que quis dizer é que passar um dia com a Kanbaru-san deve ter sido ‘mão-cheia.’”

“.....”

Talvez estivesse na hora de me importar comigo mesmo.

“Passar. Um dia. Com a Kanbaru-san”, pontuou Hanekawa. “Deve ter sido. *Mão-cheia.*”

“A-Ah... Não muito, teve toda aquela história dela passando mal. Por sorte, não foi nada.”

“Não é isso que estou falando”, disse Hanekawa, em um tom sério.

Ela sempre falava de forma séria, então acho que o correto seria dizer que ela falou em um tom mais sério que o normal. “Não acha um pouco estranho esse nível de

amizade com a kouhai de sua namorada? Acho perfeitamente aceitável você ter certo grau de proximidade com ela, principalmente pelo que fez pelas duas, mas considero ficar de mãos dadas passar um pouco da linha.”

“É que ela é bem extrovertida, achei meio difícil me opor.”

“Acha mesmo essa uma boa desculpa?”

“Uh...”

Não, nem um pouco.

“Mas consigo entender um pouco o seu lado”, disse ela.

“Essa é provavelmente a primeira vez que tem uma kouhai que o admira. Você não fazia parte de nenhum clube e ia direto para casa durante o fundamental, correto? Então deve ter se sentido bem em ter uma garota mais nova lhe dando atenção. Ou será que gostou tanto de sentir os peitos dela que acabou simplesmente nem se importando com o resto?”

“Ngkk...”

Era difícil de argumentar.

Ela estava enganada, mas nada que eu falasse iria ajudar a resolver esse mal-entendido.

Hanekawa continuou: “Tenho certeza que ela está se sentindo um pouco insegura por ter se aposentado prematuramente, mas isso não significa que pode fazer o que quiser com ela.”

“Uhhm...”

“Seria uma pena se o Valhalla Combo acabasse por sua culpa, não acha? Principalmente por ter sido você que as reuniu de volta, não é?”

“É, seria mesmo.”

Fraco.

Frágil.

“Nesse sentido”, Observou Hanekawa, “Kanbaru-san talvez não tenha muita experiência com homens. Ser tratada como uma estrela por muito tempo deve ter a privado dessas oportunidades.”

“Pode ter sido isso.”

Além de que ela era lésbica. Ela amava a Senjouhara.

Mas esses eram segredos que Hanekawa também não sabia.

“E parece que você não está acostumado a falar sobre esse tópico.” A representante de classe continuou: “Enquanto essa é, sim, uma desculpa válida, ela nem sempre irá funcionar.”

“É que a Senjougahara sempre me diz para tratar bem a Kanbaru. Falando: ‘Não aceitarei que seja rude com ela, ouviu?’ e coisa do tipo. Isso me faz perguntar quem que ela tá namorando. Se isso é um triângulo amoroso, então essa é uma isósceles do caramba... Kanbaru até disse que a Senjougahara mandou eu mimar ela.”

O que não fazia sentido era a psicologia da Senjougahara.

Ela tinha o que na cabeça?

“Talvez você consiga entender desse jeito.” disse Hanekawa, antes de colocar suas mãos em minhas bochechas. Como eu estava segurando os guias de estudos, não pude tirá-las de lá.

“Huh? Que que cê tá fazendo?”

“Fique à vontade.”

Hanekawa ajustou minha cabeça, a colocando diretamente na frente de seu rosto. Nossos olhos se encontraram. Bem, não exatamente. Por trás de seus óculos havia um par de olhos fechados e sobrancelhas trêmulas. Seus lábios, também fechados, pareciam querer passar uma mensagem.

“.....”

Que que tava acontecendo?

E que que ela queria chegar com isso?

Hanekawa era a representante de classe e alguém que devo muito, provavelmente tão... Não, provavelmente devo mais a ela do que devo a Oshino...

Era pra eu fazer alguma coisa aqui?

Ela até disse “fique à vontade”...

Os óculos ficariam um pouco no caminho...

Mas qual era a coisa certa a se fazer numa situação dessas?!

“...Entende agora?”

Ela abriu os olhos e soltou minhas bochechas.

Consegui ver um sorriso travesso em seu rosto.

“Araragi-kun, você estava pensando se devia fazer algo ou não, não estava?”

“N-Não... Nem sei o que você tá falando.”

Minha voz estava desafinada.

“Fraco e frágil, você é.”

“.....”

Essas palavras tinham um peso maior quando era outra pessoa dizendo.

Pior, eu não conseguia negar que era.

Não tive coragem de dizer, porém, ela sabia que eu hesitei.

“Você é gentil com todos, Araragi-kun. Tenho certeza que a Senjougahara-san deve se sentir insegura quando vê esse seu lado. Mesmo ela o vendo como alguém tão importante, você, em contrapartida, parece que aceitaria ficar com qualquer pessoa.”

“...Insegura?”

Ela era sentimental assim?

Era para me livrar daquele lado dela que eu agia como mediador entre ela e Kanbaru. Em troca, Senjouhahara estava querendo se livrar desse meu lado? Mas isso nem faz sentido. Não consigo entender a lógica por trás.

“Para ajudar alguém ou não fazer ela se sentir mal, você está disposto a fazer qualquer coisa. Gentileza é algo ótimo, mas também não se pode ser gentil com todos. Tenho certeza que ela quer que faça amizade com Kanbaru-san, mas apenas isso, amizade. E a Senjouhahara-san não pode dizer quem você pode ou não ser amigo, então ela espera que você mesmo impeça que uma amizade acabe virando outra coisa, entende? Essa também pode ser a forma dela de ter certeza que não irá trocar ela por outra garota.”

“Ainda não consigo entender onde quer chegar com isso.”

“Pense no dilema que ela está. Você é bastante importante para ela como namorado, mas Kanbaru, como kouhai, também é.”

“Uhh...”

Além disso, tinha a questão de Kanbaru ser lésbica e a Senjougahara saber disso.

Vendo nessa perspectiva, nossa relação era bem complicada.

“E a Senjougahara é uma tsundere”, Hanekawa disse como se quisesse pôr um fim nesse assunto. “Não acho que deveria tentar entender suas ações de forma simplista. Você precisa sempre tentar ir atrás do motivo delas. Se ela é realmente alguém importante, tenho certeza que não irá se levar por qualquer tentação. Mais uma vez, é irresponsável ser gentil com todos.”

“Não precisa mais repetir... já entendi perfeitamente o que quer dizer.”

Aquilo acabou funcionando.

Percebi o quão fraco de espírito eu era.

...Pensei em falar: “Uma tsundere, hein...”, mas desisti. Nunca imaginei que ela soubesse uma palavra dessas...

Mas será que tem algo que ela não saiba?

Talvez ela até conseguia perceber as características quase felinas da Senjougahara.



Bem, a Hanekawa tinha muita experiência com gatos.

“Falando em universidade, qual é a que você tá planejando entrar? A de Tóquio? Ou quer entrar em alguma no exterior?”

“Ah, eu não vou ir para nenhuma.”

“.....Perdão?”

Como que alguém pode dizer algo assim como se não fosse nada de mais?!

“Você não vai... pra nenhuma faculdade... nem universidade?”

“Exato.”

“É algum problema financeiro? Mas com suas notas, tenho certeza que consegue uma bolsa de estudos...”

Sendo sincero, acredito que algumas até pagariam pra ela entrar...

“Não é isso. Não tenho interesse em cursar nada na faculdade... Acho que posso contar para você. Depois que me formar, quero me aventurar pelo mundo.”

“A-Aventurar... pelo mundo?”

“Estou pensando em passar no mínimo dois anos viajando pelo globo. Há muitos patrimônios mundiais que quero ver antes que desapareçam. Além de que acredito que tenho muito conhecimento, mas pouca experiência própria com certas coisas. E caso a vontade de ir à faculdade venha, apenas preciso fazer um vestibular para entrar.”

“.....”

Aquilo era o tipo de ideia que você teria depois de ver alguma série.

Mas esse não parecia ser o caso...

Hanekawa não parecia ter que escapar da realidade de ser uma estudante. Você poderia dizer que teria uma prova amanhã e ela estaria numa boa com isso. Chego a dizer que ela conseguiria tirar de letra qualquer prova que mandassem ela fazer naquele exato momento. Esse era o perfil de quem estamos falando, então provavelmente aquele era um plano bem elaborado e que não tinha muita chance de ser cancelado...

“Mas, por favor, não diga isso para mais ninguém. Principalmente para nossos professores, não consigo imaginar qual seria a reação deles.”

“Olha... surpresa certamente seria uma delas.”

“Planejo dizer a eles quando eu acreditar que estiver no momento certo.”

“Ok... mas tenho a sensação de que eles vão reagir da mesma forma, independente de quando for falar...”

Seria uma comoção e tanto entre o corpo docente.

Aquilo talvez pudesse manchar o legado do colégio num todo. Estamos falando de Tsubasa Hanekawa, alguém que todos os professores tinham as mais altas expectativas. Ela tinha que saber muito bem disso...

“Promete que não vai dizer?” ela perguntou. “Em troca, prometo que não direi nada sobre ontem para Senjouhara-san.”

“Mas eu não falei nada questionável...”

“Nem eu. Isso é mais como forma de precaução.”

“Tá, prometo.”

Será que Oshino tinha alguma influência nisso?

Afinal, ela respeitava um bocado ele. Se esse for o caso, Oshino talvez tenha estragado a moral de incontáveis professores... Mas que carinha enxerido, viu...

Então vai ser assim, huh... Sempre imaginei que a Hanekawa fosse ser uma representante de classe para sempre, como se essa fosse uma missão mandada pelos deuses ou algo assim. Mas não teria como ela continuar sendo uma se ela fosse em uma viagem pelo mundo.

Por que as coisas nem sempre vão como eu imagino?

Eu, depois de desistir de basicamente tudo envolvendo o colégio, estava querendo agora entrar em uma faculdade.

Tsubasa Hanekawa queria virar uma errante.

Suruga Kanbaru teve que se aposentar do basquete.

Mayoi Hachikuji continua a vagar pela cidade como um fantasma.

A única que podia voltar a como era antigamente era ela...

Hitagi Senjougahara.

“...Ah!”

Hanekawa, então, colocou uma de suas mãos na cabeça.

Como se fosse para impedir ela de cair.

“Você tá bem?” perguntei.

“Sim, foi só uma dorzinha de cabeça.”

“Tem certeza?”

Devido ao que aconteceu ontem no santuário com Kanbaru, acabei mais preocupado que o normal. Mas Hanekawa logo levantou a cabeça.

“Não precisa se preocupar, são apenas dores passageiras. Já faz um tempo que sinto elas.”

“Você tá dando ainda mais motivos para eu me preocupar...”

“Elas passam rápido, mas ainda não sei o que causa elas... Talvez seja por causa de eu estar mais focada na feira cultural do que nos meus estudos.”

“Você começa a sentir dores quando não estuda?”

Como que o corpo dela funcionava?

Por acaso ela estava usando o *jingu quan*? [2]

Ela deveria receber um prêmio por ser tão diligente.

“Quer que eu te leve para casa?” ofereci.

“Não precisa. Além de que...”

“Não... deixa pra lá.”

Foi asneira da minha parte fazer aquela pergunta.

“Desculpa por ter que sair mais cedo”, anunciou Hanekawa. “Fique mais um tempo aqui, talvez encontre outros guias mais interessantes. Esses que está segurando são minhas sugestões, mas o gosto da pessoa também é importante.”

“Certo. Até amanhã...”

“Até.”

Com isso, Hanekawa saiu da livraria com pressa.

Talvez eu deveria ter sugerido deixar ela em um lugar perto de sua casa, mas acredito que sua resposta seria a mesma. Ela era bem teimosa, ou mais precisamente, ela não gostava de mostrar suas fraquezas para outras pessoas. E como ela disse que estava bem, não quis me intrometer.

Mas uma dor de cabeça...

Para Hanekawa, isso significaria...

“.....”

Hanekawa não sabia nada do caranguejo da Senjougahara, o caracol de Hachikuji, o macaco de Kanbaru ou sequer o gato que a possuiu...

Porém ela sabia do meu demônio.

Não que isso afetasse algo.

Mas nada poderia me fazer parar de sentir endividado a ela. Não era só pelo que ela fez durante aquelas férias de primavera, suas palavras já me salvaram incontáveis vezes.

Hoje incluso.

Por isso que eu queria ajudar ela de alguma forma.

Eu gostaria de ter me intrometido.

“...Não custa nada ver as outras seções.”

Segui o conselho de Hanekawa e fiquei vendo outros guias, mas como não tinha costume de fazer isso, todos pareciam iguais para mim. Então acabei decidindo comprar aqueles que Hanekawa recomendou (Foram seis livros no total. Também somei os preços deles, deu exatos dez mil ienes. Sem comentários). Como qualquer coisa iria ultrapassar meu orçamento, não pude comprar mais nada. Porém folhear livros não custa nada. Com todos

aqueles guias de estudos em minhas mãos, eu pareceria estúpido se fosse ler os mangás que acabaram de lançar. Por outro lado, carregar aqueles guias fazia eu parecer mais inteligente, então talvez não fosse uma má ideia ficar com eles em mãos... tão inteligente que acabei deixando passar batido que apenas um idiota se sentiria assim...

“...Hm?”

Sem nenhum destino em mente, fiquei vadiando pela livraria, mas acabei encontrando algo impossível. Algo impossível ao ponto de eu ter deixado boa parte dos livros caírem no chão.

Não.

Aquilo não era exatamente impossível de acontecer.

As chances de duas pessoas que vivem na mesma cidade se encontrarem na maior livraria disponível certamente não eram as mais baixas, pelo menos era mais provável que esbarrar um no outro no caminho que levava a um santuário abandonado.

E até a probabilidade disso acontecer não era zero.



Então essas duas coisas acontecerem em dias seguidos não era motivo o bastante para começar a suspeitar de algo.

“...Sengoku.”

Na seção de ocultismo, Nadeko Sengoku—Uma velha amiga da minha irmã mais nova—Estava lendo um livro grosso.

Sengoku estava totalmente focada em sua leitura, então ela acabou não notando minha presença. Isso mudaria se eu me aproximasse, por isso fiquei a vendo de longe... Mas eu tinha certeza que aquela garota era a mesma que ia lá para casa brincar... que provavelmente era pressionada pela minha irmã mais nova para ir lá para casa. Seu nome era estranho, Nadeko Sengoku, então eu conseguia lembrar dele. Principalmente o “Nadeko.” Normalmente qualquer pessoa com aqueles kanjis no nome seria chamado de “Nadeshiko” [3], até o eu do fundamental achava estranho a falta do “shi.”

Ela tinha a mesma idade da Tsukihi na época.

Então presumi que ela estava na oitava série.

Mas não tive como confirmar, já que ela não estava usando uma farda. Mas acredito que ela estava atendendo a mesma escola que eu tinha me formado. Poucas crianças que eu conhecia escolheram ir para uma escola particular, minhas irmãs faziam parte dessa minoria.

“.....”

Eu me lembrava dela.

Mas será que ela lembrava de mim?

Ela parecia surpresa quando me viu no dia anterior, mas talvez isso tenha sido por não esperar encontrar mais alguém naquela trilha. O irmão mais velho de sua amiga não é algo normal de se lembrar... o que faria ser bem estranho que eu me aproximasse dela.

Mas as cobras...

Aquelas cobras...

Enquanto eu pensava, Sengoku retornou o livro que estava lendo à prateleira e começou a andar. Instintivamente, me escondi, mesmo não havendo um motivo. Isso me fez perder a chance de chamar sua atenção. Usei as outras estantes como cobertura e

certifiquei que ela não estava mais por perto. Ao ter certeza, fui ver o livro que ela estava lendo.

Olhei para o título.

“Isso...”

Ele era um livro de capa dura que custava doze mil ienes.

[4]

Aquele não era um livro que um estudante do fundamental conseguiria comprar. Bem, nem eu conseguiria comprar com o dinheiro que eu levava.

Por isso ela se contentou em ler dentro da livraria.

Mas tinha algo mais suspeito.

Mais suspeito que o preço dele era o seu título.

Saí da seção que estava para procurar por ela, mas não a encontrei. Talvez ela estivesse se escondendo em outra área da livraria, mas ela ter simplesmente saído era mais provável. Principalmente pelo o que ela estava vestindo...

Uma blusa de manga comprida e jeans normais.

Uma bolsa que chegava até o quadril.

E um chapéu puxado para trás.

Se minha intuição estivesse certa... ela estaria indo para *lá*.

“...Não tenho um dia de sossego, hein?”

Decidi ir em direção ao caixa para comprar os guias de estudo. A fila estava enorme, mas a enfrentei mesmo assim. Nada de bom viria se eu fosse correndo atrás de Sengoku. Quando chegou minha vez, dei ao caixa o dinheiro. Ele ficou surpreso quando viu que o preço de tudo deu dez mil ienes, não que eu tenha me importado, aquilo foi feito por outra pessoa.

Ela era uma antiga conhecida minha... mas talvez eu fosse precisar de ajuda.

Não dá para fazer tudo sozinho.

Devido à situação que me encontrava, só havia uma pessoa que eu podia pedir isso. Alguém perfeito para esse caso... Hanekawa falou sobre essa minha atitude, mas eu não conseguia ficar parado.

Saí da livraria com uma sacola cheia de livros em uma mão. Com a outra, digitei o número que adquiri no dia

anterior. Senti o nervosismo que ligar para um número novo traz, tive a mesma sensação a dois dias atrás.

O celular tocou cinco vezes antes de ser atendido.

“Aqui quem fala é Suruga Kanbaru.”

Fui recebido com ela dizendo seu nome completo. Aquele ato me pegou desprevenido.

“Minha especialidade é dar *double jump*.”

“Como se alguém conseguisse fazer isso...”

“Hm? Pela voz e pela resposta que recebi, posso presumir que é você, Araragi-senpai?”

“Eu mesmo, mas...”

Sério que ela descobriu por causa da minha voz e pelo jeito que respondi?

Eu dei meu número um dia antes, será que ela não tinha adicionado aos contatos? Isso era bem deprimente... mas ela devia ainda não saber como se fazia isso. Ela parecia não se dar bem com tecnologias.

“Tá fazendo alguma coisa? É que eu queria que me ajudasse em algo... mas se tiver ocupada, não tem problema.”

“Hehehe”, Kanbaru deu uma risada atrevida.”Quer eu esteja ocupada ou não, sempre estarei livre se for para o ajudar. Nem mesmo uma razão é preciso, apenas diga o local e eu correrei para lá.”

“Não, sério, não precisa se forçar se estiver ocupada. Eu já te fiz me acompanhar ontem... O que você tava fazendo antes de atender?”

“Umm... se quer mesmo saber...”

“Essa foi uma resposta bem curiosa que você me deu. Mas então tá ocupada, né? Certo, tranqui...”

“Talvez sim, talvez não, depende”, disse Kanbaru, de forma indecisa. “Sou incapaz de mentir para você, por isso contarei o que estava fazendo. Estava em meu quarto lendo algumas revistas eróticas e imaginando todo tipo de situação.”

“.....”

Eu não deveria ter sido tão insistente.

Parecia que eu estava a interrogando.

“E antes que imagine algo”, avisou ela, “as que estou lendo são todas de BL.”

“Você bem que poderia ter deixado isso vago.”

“Devido às provas, acumulei as que estava devendo e os novos que lançaram hoje. No total, tenho vinte revistas para pôr em dia.”

“Hum... E nenhuma diz pra não tentar arruinar o relacionamento dos outros?”

“Tsk. E qual seria a graça de uma história sem um conflito secundário no meio do plot principal?”

“Tô entendendo a sua...”

Então ela deve ter passado nessa mesma livraria. Provavelmente ela era a única a ter uma seção dedicada a BL. Nossa cidade era mesmo pequena... Se minha vida fosse um *dating sim* [5], novos ícones de interação estariam aparecendo a toda hora.

“Ou seja, você não tá fazendo nada no momento.”

“É, não estou. Mas antes que me diga aonde vamos, poderia dizer se fantasiar sobre você e Oshino-san se pegando atrapalharia?”

“Oh... por isso o ‘imaginando todo tipo de situação.’”

“Bem, para onde iremos?”

“Epa! Epa! Pode ir dizendo quem é o ativo e o passivo! Kanbaru, se tu disser que eu sou o passivo, cê vai ver!”

Que conversa idiota.

Todas que eu tinha com ela eram.

“Me pergunto se algum dia teremos uma conversa normal... E você é bastante inteligente se não me engano.”

“Minha notas são sem duvidas boas.”

“O jeito que pronunciou ‘dúvidas’ me faz duvidar um pouco...”

*Enfim*, eu disse.

Enquanto estávamos conversando besteiras, Sengoku se distanciava cada vez mais da loja. Não que isso mudasse muita coisa, eu já sabia aonde ela estava indo.

Ela estava com roupas de sair.

Seu senso de estilo não era dos mais refinados, mas isso não importava.

O que importava era que ela estava usando uma blusa de manga comprida e jeans normais.

Era como se ela estivesse indo para as montanhas.



“Nós vamos para aquele santuário de ontem”, eu disse. “A gente se vê na calçada que fica ao lado da escada. Devo chegar primeiro por causa da bicicleta, mas aí eu fico te esperando.”

“Nem pensar! Não farei você esperar por mim dois dias seguidos! Ontem deve ter acabado com todas as expectativas que tinha... Mas tenho orgulho em mim mesma e acredito que hoje limparei meu nome e recuperarei minha honra! Por isso, serei a primeira a chegar, custe o que custar!”

“Realmente não sei o que dizer... mas faça como quiser, quanto mais rápido puder ir, melhor. Ah, e não se esqueça de ir com algo de manga comprida e uma calça longa.”

Como eu fui direto do colégio para a livraria, eu ainda estava usando minha farda. Tínhamos acabado de trocar para a de verão, então eu estava com uma camisa social de botão e de manga curta branca—Não havia nada que eu pudesse fazer no momento sobre ela—E uma calça social. Não que eu fosse precisar muito de proteção, aqueles

*efeitos residuais* vampíricos dariam conta de mordidas ou picadas.

“Entendido. Seu desejo é uma ordem.”

“Certo, até daqui a pouco”, desliguei a ligação e fui atrás da minha bicicleta, que estava nas costas da livraria. Já tinham se passado dez minutos desde que Sengoku saiu de lá... Não sabia como ela tinha chegado nas montanhas, mas como não vi nenhuma bicicleta por perto no dia anterior, presumi que ela estava indo a pé... Bem, não é como se eu precisasse alcançá-la.

Parando para pensar, Kanbaru nem perguntou no que exatamente ela iria ajudar.

Quanta lealdade.

Claro que a Senjougahara estava em uma colocação maior que eu, mas ter alguém tão famoso quanto Suruga Kanbaru ao meu dispor me deixava mais nervoso do que feliz...

Como era impossível destruir minha reputação, comecei a agir como um senpai de verdade em vez de querer destruir as expectativas que ela tinha sobre mim.

Não parecia algo ruim.

“Como será que foi com a Senjouhara?”

Como será que era a relação das duas durante a lua de mel do Valhalla Combo?

Enquanto pensava nisso, cheguei no meu destino.

Cheguei até que rápido, bicicletas são mesmo incríveis.

Mas elas não são nada quando comparadas a Suruga Kanbaru, que chegou primeiro.

“.....”

Ela por acaso tinha rodas nos pés?

Também há um limite para ser rápida... Desse jeito, ela conseguiria ultrapassar um scooter se quisesse. Se todos fossem rápido feito ela, nem haveria motivo para criação do carro. É como se ela já estivesse pronta para sair quando liguei... mas ela estava vestida assim como pedi, então era um pouco improvável disso ter acontecido (E, diferente do dia anterior, ela não estava com jeans rasgados nem mostrando a barriga).

“Foi bem rápido para eu colocar essas roupas. Durante o verão, sempre uso calcinha e sutiã quando estou em casa”, proclamou ela.

“Kanbaru... vou dizer isso porque eu me importo contigo: eu não sei se consigo garantir sua castidade para Senjougahara se você continuar a me atizar.”

“Também aceito perder ela para você, Araragi-senpai.”

“Mas eu não quero, Kanbaru!”

“Eu confio em você, Araragi-senpai.”

“Mas eu não confio, Kanbaru!”

“Sério que acha garotas em roupas íntimas tão moe assim?”

“Nem que estivesse vestida de *maid* e usando orelhas de gato eu te acharia moe!”

“Entendo, então se fosse outra garota você acharia, é isso que entendi?”

“Ack, você me pegou nessa!”

Antes que continuássemos, estacionei a minha bicicleta.

Senti um pouco de culpa por estacionar ilegalmente, mas ela ia ficar por pouco tempo. Então me perdoe, leis de trânsito. E caso ela fosse confiscada, eu só poderia aceitar.

“Mas você é mesmo rápida, Kanbaru... Certeza que conseguiria entrar nas Olimpíadas se quisesse.”

“Velocidade sozinha não leva ninguém às Olimpíadas”, comentou Kanbaru. “...Além de que não sirvo para atletismo.”

“Ah, verdade...”

Senjougahara fazia parte do time de atletismo durante o fundamental II, ela conheceu Kanbaru por ter ouvido falar que ela era bem rápida.

“Mas você é tão rápida que nem parece ser humana.”

“Então eu seria um anfíbio?”

“Me diga um anfíbio que é rápido!”

“Realmente, não consigo pensar em nenhum.”

“Então por que se comparou a um? O que você ganharia com isso?”

“Não é sobre ganhar, Araragi-senpai. É sobre a felicidade que ser chamada de qualquer coisa por você traria.”

“‘Felicidade’ e ‘qualquer coisa’, não gosto dessa combinação.”

“Por isso, me chame de ‘cachorra’, Araragi-senpai!”

“Tenho duas coisas muito importantes para dizer. Normalmente, eu não diria, mas como gosto muito de você, Kanbaru, eu direi! Primeiro, cachorros são mamíferos, não anfíbios! Segundo, essa ‘sua felicidade’ é uma que nenhum cãozinho teria!”

Droga, admiti que gosto dela.

Bem, pelo menos o sentimento era mútuo.

“Por favor, pelo menos uma vez”, suplicou Kanbaru. “Você só vai saber que gosta se tentar. Vamos, só um ‘sua cachorra!’”

“Por que você tá tão desesperada assim, hein?”

“Ninguém me entende... Nem ela quis...”

“Calma, nem a Senjougahara?!”

Não sei porquê tive essa reação.

Ela tem cara de não gostar dessas coisas.

“Enfim, no que irei ajudar hoje?” perguntou Kanbaru.

“Verdade, já tava quase esquecendo o que viemos fazer aqui.”

“Será preciso que eu me despida dessa vez?”

“...Preciso mesmo responder?”

“Oh, então vai ser você que vai tirar minhas roupas?”

“Não é nada envolvendo tirar elas, que fique claro! E por acaso você é a personificação de todas as fantasias que eu tinha quando era menor?”

“Sou alguém em busca de evocar um sexy jovial.”

“Não ligo nem um pouco pro seu credo...”

“Ok, então me deixe colocar de outro jeito. Sou uma fada em busca de evocar um erotismo jovial.”

“Haja paciência pra lidar contigo, viu! Tudo que cê fez foi trocar ‘sexy’ por ‘erotismo’ e ‘alguém’ por ‘fada’! Era pra deixar mais sublime, era?! Porque não funcionou!”

O que seria preciso fazer pra ela entender que homens também podiam ser assediados sexualmente?

“Mas então o que você quer que eu faça?” reclamou ela. “Pode dizer direto e sem sutileza. Não sou refinada, por isso tenho problemas quando alguém é enigmático no que ela realmente quer. Sempre fico exasperada quando fazem isso.”

“E você sabe o quão exasperado eu tô!?”

“Desculpa, mas estou começando a ficar entontecida.”

“E eu tô assim já faz sei lá quanto tempo!”

“Tá, mas o que iremos fazer?”

“*finalmente...* Vamos encontrar uma conhecida minha, ela deve estar lá em cima”, eu disse, enquanto apontava para as escadas.

“Hm?”

“Se lembra daquela garota que a gente encontrou ontem enquanto subíamos?”

“Ah, sim, sim. Ela era tão *petit* e fofinha.”

“Não sei se gosto de você se lembrar dela dessa maneira...”

“Ela certamente faria você dizer: *que lindas caderas.*”

“Eu nunca diria algo assim! E por que em espanhol?!”



Bem, que seja.

Pelo menos assim era mais fácil prosseguirmos.

“Ontem tive a sensação de que tinha visto ela antes... lembrei quem era um pouco depois de termos visto aquelas cobras, mas só fui ter certeza que era ela hoje, quando a vi na livraria. É uma amiga da minha irmã mais nova.”

“Mas que coincidência... não tenho nem o que dizer.”

“É, também fiquei surpreso na hora.”

“A última vez que fiquei surpresa assim foi hoje de manhã, quando acordei e percebi que o despertador tinha parado de tocar.”

“Isso aí é extremamente recente! E também é algo mundano demais para se surpreender!”

“Hmm, então deixe-me corrigir. A última vez que fiquei surpresa assim foi quando descobri sobre a explosão Cambriana.”

“Agora você voltou muito no tempo! E não compare o maior evento da história do planeta com encontrar um

conhecido em uma cidade pequena do interior. Agora até eu tô começando a achar que não foi nada de mais!”

“Quanta exigência. Então ela está aqui de novo?”

“Acredito que sim.”

Julgando por sua resposta, parecia que nem ela tinha conseguido chegar antes de Sengoku. É claro que ainda tinha a possibilidade de a minha suposição estar errada e ela não ter vindo aqui depois que saiu da livraria. Se ela não estava aqui, ela não estava, esse seria inclusive o melhor desfecho possível.

Mas aquele livro que ela estava lendo.

Aquilo foi que me fez suspeitar.

“Um livro?”

“Isso. Mas deixa que mais tarde eu falo em mais detalhes sobre ele. Enfim, eu posso conhecer ela e tal, mas já faz um bom tempo que não nos vemos, então achei que seria meio estranho se fosse eu que chegasse nela. Sei lá, vai que ela não se lembra de mim e pense que eu tô tentando dar em cima dela, nunca se sabe.”

“Você fala como se tivesse experiência no assunto.”

“Mais ou menos.”

Muitas pessoas diziam que eu era gentil, mas isso vinha com um preço: eu já tive muitas experiências ruins por causa dessa gentileza. Nunca me senti arrependido de ter ajudado, mas já fiquei arrependido de não conseguir ajudar.

“Falando nisso, Kanbaru. Você deve ser muito boa em lidar com meninas mais novas, já que é a estrela do nosso colégio.”

“Isso não é mais verdade, e acredito que nunca foi, porém, entendo o porquê de ter achado isso. Você sabe mesmo como julgar outras pessoas. Mas sou, sim, muito boa em lidar com garotas mais novas.”

“Como pensei. Eu sabia que você era a pessoa certa para se chamar.”

Mesmo não estando no mesmo nível de Hanekawa, Kanbaru parecia ser cuidadosa com os outros.

Ela foi a capitã do time de basquete durante o fundamental II e ensino médio, afinal.

Nesse quesito, ela era o completo oposto de como a Senjougahara de atualmente estava... Ou talvez eu deva dizer que Kanbaru conseguiu suceder a Senjougahara do fundamental.

“Principalmente”, gabou Kanbaru, “boa em seduzi-las. Meu pior tempo foi dez segundos.”

“Talvez eu não devia ter trazido você aqui no fim das contas!”

Não era ser boa nesse quesito!

Eu não queria estragar a vida daquela garota!

“Você por acaso via o seu time como um tipo de harém particular?”

“Não exatamente.”

“E onde eu errei?!”

“No ‘tipo de’, tiraria essa parte.”

“Mas isso não muda quase nada!”

“Uma amiga da sua irmã mais nova, huh... O que faria você ter uma irmã... Ou para ser mais precisa, *irmãs...*”

“.....!”

C-Como!?

Como que essa lésbica sabia das minhas irmãs!?

“Hehehehe... Araragi-senpai, poderia tirar uma dúvida minha? Hehehehe... Gostaria de saber se elas são parecidas com você...”

“Pare, pare de falar assim... e tire esse sorriso do rosto...! Me sinto traído, isso é coisa que se faz com a pessoa que você disse respeitar?!”

E para aqueles que também gostariam de saber.

Elas eram parecidas. As duas.

“Mas mesmo que seduzir duas garotas seja tão fácil quanto respirar para mim”, ridicularizou Kanbaru, “eu não vejo motivo de fazer isso. Bem, enquanto você estiver ao meu lado, é claro.”

“U-Uma ameaça...”

“Uma ameaça? Ouvir tais palavras vindas do meu amado senpai pode acabar fazendo com que eu entre em pânico, e você não quer saber o que posso fazer nesse estado... Talvez essa seja a hora perfeita para dizer uma certa coisa, não acha?”

“G-Gah...”

Meu pior pesadelo estava acontecendo.

Ela estava sendo influenciada pela atual Senjougahara!

A pior influência para se ter.

“Ah, meus seios estão doendo de tanto eu correr. Será que *alguém* poderia massageá-los?”

“O que aconteceria se eu aceitasse massageá-los?”

“Brincadeiras à parte”, disse Kanbaru, agora em um tom sério. “Como foi você que chegou pedindo pela minha ajuda, é claro que eu não hesitaria em ajudá-lo, mas está considerando *o que aconteceu ontem*, não está?”

“Estou.”

“*Então vamos ver aquilo de novo?*”

“*...provavelmente.*”

“Fazer o que.” Kanbaru encolheu os ombros, como se não tivesse outra escolha. Ela levantou o seu braço enfaixado para coçar a cabeça, mas parou no meio do caminho e continuou com o direito. “Você é gentil com todos, foi isso que ela me disse, e parece ser verdade. Consegui ver um pouco da sua gentileza quando estava te

perseguido, mas tenho uma impressão diferente agora que a pude ver de perto.”

“Kanbaru...”

“Não adianta se sentir endividado com ele, ela também falou.”

“.....”

“Não se preocupe, só estou pensando alto. Bem, vamos? Se não nos apressarmos, talvez ela acabe fazendo aquilo novamente.”

Acabe novamente fazendo aquilo.

“É... tem razão.”

Lado a lado, subimos os primeiros degraus da escada que tínhamos ido no dia anterior.

Mas hoje Kanbaru não estava segurando minha mão.

“Kanbaru.”

“Oi?”

“O que planeja fazer depois que se formar?”

“Depois que eu me formar... Antes de o meu braço ter ficado assim, pensava em usar uma bolsa esportiva para

entrar numa faculdade. Mas agora vou fazer um vestibular comum.”

“Hum.”

Mesmo que o braço dela fosse voltar ao normal, isso só aconteceria quando ela tivesse vinte anos. Ela tinha dezessete anos no momento, deve ter sido os três anos mais longos e agonizantes de sua vida.

“Mas ainda não decidi qual curso quero entrar. Vou tentar em uma faculdade com um programa de basquete bom, então provavelmente vou cursar uma com grande destaque em educação física.”

“Não vai querer ir à mesma da Senjouhara?”

“É isso que está planejando?”

“Uhum, mas não conte a ela não.”

“Certo”, Kanbaru fez sim com a cabeça.

Quando ouvia meus pedidos, ela agia como uma kouhai deveria. Odeio admitir, mas Hanekawa estava certa... Eu me sentia bem em ter uma kouhai como a Kanbaru.



“Com suas notas”, perguntei, “não teria chance de você ir na mesma faculdade que ela?”

“Não sei. Gosto de dar o meu melhor em tudo que faço, então aquelas são as melhores notas que consigo tirar no momento.”

“Entendo. Mas não va...”

“Além disso”, acrescentou Kanbaru, “não quero ficar a perseguindo pelo resto da minha vida.”

“.....”

Sua mentalidade tinha mudado bastante.

Não era do feitio dela falar aquilo... mas talvez eu tenha a incompreendido nesse quesito. Ela não era a mesma pessoa que conheci a um mês atrás.

Mas por que essa mudança?

Era devido à monstruosidade?

Talvez monstruosidades não sejam tão más.

Não que o conceito de bem e mal pudesse ser aplicado a elas.

“Mesmo dizendo isso”, continuou Kanbaru, “espero poder continuar junto de vocês, independente do caminho

que eu seguir. Também gostaria que tirássemos uma foto comemorativa para o episódio final.”

“Episódio final...”

“Ou quem sabe ver você e ela no céu estrelado...”

“Pera lá! Você acabou de nos matar?!”

Que final horrível!

Digna de uma história provavelmente horrível!

“Aliás, conhece uma garota chamada Hanekawa? Ela é da minha sala.”

“Hm, acho que não.”

“Faz sentido, ela é de uma série diferente da sua... mas ela é bem conhecida por sempre tirar as melhores notas do colégio e de ser a própria imagem de uma estudante perfeita. Parece com um personagem de anime, não é? Se não me engano, ela tirou uma vez a melhor nota de todo o país em um Vestibulinho. Tenho quase certeza que ela estudou na mesma escola que você e a Senjouhara.”

“Hum. Realmente há pessoas incríveis onde você menos espera...”

“Mas essa pessoa incrível disse que não quer ir para faculdade.”

“...Hum”

“Ela falou que tem muitas coisas que quer ver, e por isso vai em uma jornada pelo mundo. Nem sei o que pensar sobre essa ideia dela. Ah, e não conta isso pra ninguém. Se alguém do colégio saber, uma confusão das grandes é garantida de acontecer.”

“Entendo... esse realmente é um tema difícil de falar. Mas por nosso colégio ser do jeito que é, é surpreendente ela querer fazer algo assim.”

“E parece que ela tá decidida nisso.”

Subimos as escadas mais rápido do que na última vez, provavelmente devido a já sabermos o caminho.

O santuário estava tão desolado quanto no dia anterior.

De longe, eu conseguia ver o talismã que tinha colocado. Minha vista estava aprimorada por causa do sangue que dei a Shinobu no sábado, consegui ver até os kanjis escritos com tinta vermelha presentes no talismã.

Essa era a única diferença quando comparado à ontem.

“.....”

Olhei para o lado, Kanbaru estava pálida. Ela não estava assim, estávamos conversando normalmente momentos antes, mas agora ela estava visivelmente cansada.

Isso aconteceu ontem.

Porém ela estava ainda pior.

Não era de subir as escadas.

Ou de se sentir mal.

Aconteceu assim que entramos nas redondezas do santuário.

Assim que passamos pelo *torii*.

“...Kanbaru.”

“Estou bem. Vamos logo...”

Apesar de sua condição, Kanbaru respondeu de forma firme, me encorajando a continuar e não ficar parado. Era óbvio que ela estava se obrigando a continuar. Eu ia dizer algo a ela, mas preferi seguir seu pedido. Tínhamos outra prioridade naquele momento.

*Esse santuário.*

*Tinha algo que mexia com o corpo dela.*

Aquilo originalmente foi um trabalho que Oshino me passou.

E nenhum trabalho que ele passaria seria fácil.

“...Sengoku!”

Assim que a vi agachada perto de uma pedra, gritei o seu nome. No final, fui o primeiro a falar com ela em vez de Kanbaru.

Mas não pude me controlar.

Em sua mão esquerda, usando seus dedos, ela segurava uma cobra.

E na direita, um cinzel.

Sendo pressionada contra a pedra, a cobra ainda estava viva.

Mas ela estava prestes a ser morta.

“Não, Sengoku!”

“Ah...”

Sengoku olhou para mim.

Usando o cinzel, ela levantou a aba de seu chapéu, que quase cobria seus olhos.

“Koyomi Onii-chan...”

Ela.

Ela ainda me chamava desse jeito.

Senti como se fosse um herói que, em busca de poder, saiu do controle e atacou amigos e inimigos sem nenhuma distinção, mas antes que desse um golpe capaz de matar um de meus colegas, alguém do grupo me impediu, ficando no meio do golpe e dizendo para eu parar com aquilo.

[1] No dia 25 de fevereiro de 2022, dez mil ienes equivaliam a quatrocentos e quarenta e seis reais e setenta e nove centavos.

[2] “Jingu Quan” (金箍圈, aro dourado) é o nome do anel que Wukong, personagem do romance chinês Jornada ao Oeste, usa em sua testa. O anel tem como intuito reprimir a natureza rebelde de seu usuário.

[3] O conjunto de kanjis usado em “Nadeko” (撫子) pode ser lido como “nadeshiko”, que pode ter dois significados,

“qualquer planta do gênero *Dianthus*” e “garota amável, carinhosa”.

[4] No dia 19 de maio de 2022, doze mil ienes equivaliam a quatrocentos e sessenta e três reais e dezessete centavos.

[5] “Dating Sim” (Abreviação de Dating simulator) é um gênero de vídeo games normalmente feitos no Japão.

“Um *Jagirinawa*.”

Após pensar um pouco, Oshino falou aquele nome. Ele disse com nojo, como se o odiasse. Era raro o ver falando assim, ele normalmente falava de forma sarcástica e cínica.

“Só pode ser isso. Outros nomes que ele leva são *jakiri*, *janawa*, *hebikiri-nawa* e *kuchinawa*. Cobra cortante, cobra-corda, cobra-corda cortante e...”

“Corda com boca... Então outras maneiras de se referir a cobras?”

“Exatamente. Outras maneiras de se referir a cobras”, repetiu Oshino.

Cobra: termo genérico usado nos animais da classe Reptilia, Ordem dos Escamados e subclasse Serpentes.

Conhecidas por terem corpos cilíndricos, finos e cobertos em escamas, terem centenas de vértebras e serem capazes de se contorcer da forma que quiserem.



Demônio, gato, caranguejo, caracol, macaco e, agora, cobra.

De todos, ela tinha a pior reputação—Estou considerando o demônio como um caso especial. Elas são sinistras. Gatos, caranguejos e macacos tinham quase nada de assustador sobre eles.

*Hehehe*, como de costume, Oshino riu despreocupadamente, acabando com o clima sério que estávamos.

“É normal pensar assim delas. Desde sempre elas têm essa fama, fazendo com que várias monstruosidades relacionadas a elas existam. Serem carnívoras, venenosas e até expressões às envolvendo ajudam a espalhar essa imagem. É normal alguém de mau-caráter ser chamado de cobra por outras pessoas, não é? E falando delas serem venenosas, há três espécies delas aqui no Japão, Mamushi, Yamakagashi, Habu. Mas mesmo sendo notórias por essas características, cobras também são animais sagrados. É muito comum religiões onde elas são veneradas. Um símbolo tanto sagrado quanto malévolo, isso é a cobra.”

“E naquele santuário era venerado um deus cobra, não era?”

“Como você sabe disso? Eu nem falei nada. Oh, foi a Representante que disse?”

“...Como descobriu?”

“Ela é a única do seu círculo que saberia de algo assim. Hahaha, talvez eu deveria ter dado o talismã a ela. Você sempre se mete em problemas. Tenho certeza que ela não faria algo que não fosse mandada.”

“Ela já pagou a dívida que tinha.”

“É mesmo?” Oshino se fingiu de besta. Era o tipo de reação que eu esperava dele.

“Enfim”, eu disse, “não sei como conseguem venerar um animal tão asqueroso. A única cobra que eu até entenderia seria o *tsuchinoko*.” [I]

“Ah, esse nome me traz lembranças. Passei boa parte da minha vida tentando pegar um deles... Infelizmente nunca consegui...”

“Não precisava dizer isso... Outra coisa, aquela cobra comendo a própria cauda é considerada uma monstruosidade? Acho que é Ouroboros o nome.”

“Aproveitando que falou nele, sabia que ele também é representado por duas cobras comendo umas às outras? Então, provavelmente, é só uma metáfora da morte e vida que usa a alimentação da cobra-real como base.”

“Huh... Bem, não sei você, mas tenho pavor delas em um nível instintivo. Só de ver uma eu me congelo todo.”

“Deve ser porque é raro animais terrestres terem aquele formato. Seria como ver um peixe começar a nadar pela terra. Com uma característica única como essa, é de se esperar que as pessoas as vejam como um animal bizarro. Deveríamos ter mais respeito com aqueles que mexem com essas coisas, tipo quem teve a ideia de comer um pepino-do-mar, por exemplo. Sem contar que matar elas é algo difícil de se fazer. Existem até casos delas terem seus corpos separados da cabeça e essa continuar se movimentando por um tempo. É algo impressionante para algo daquele tamanho, não acha? Mas vale ressaltar que

elas não são consideradas pestes pelos humanos. Fazemos até pratos com elas, já ouviu falar em vinho de cobra?”

“Já, mas nunca provei.”

“E comer uma? Quando estava em Okinawa, provei serpente marinha acompanhada de vinho de cobra. Dizem que comer elas dá uma maior longevidade à pessoa.

“Não me vejo provando nenhum dos dois... Mas não parece tão ruim quanto pepino-do-mar.”

“Que mente fechada você tem, Araragi-kun. Não, talvez eu deva dizer que é medroso. Tem gente lá na China que come cãezinhos, sabia?”

“Não tenho intenção nenhuma de repudiar a cultura alimentar de nenhum país, mas teria como não os chamar de cãezinhos quando está falando em comer eles?”

Outra dessas conversas com Oshino.

Sua expressão continuava meio séria, pelo menos é o que parecia. Talvez fosse minha imaginação.

Dentro das ruínas de um antigo cursinho.

Em seu quarto andar.

Eu estava de frente a um ser excêntrico com um cigarro apagado em sua boca. Meme Oshino, eu devia muito a esse homem sempre de camisa havaiana.

Eu estava sozinho com ele.

Pedi que Suruga Kanbaru e Nadeko Sengoku me esperassem. Onde, você pergunta? Bem, na minha casa, especificamente no meu quarto. Além dos meus pais, minhas irmãs tinham o costume de entrar em meu quarto sem perguntar se podiam, mas com a porta trancada, não haveria nada para me preocupar... tirando, claro, Kanbaru, que estava agora presa com Sengoku, não tive escolha a não ser confiar em minha kouhai.

E eu tinha um motivo para não ter as trazido.

Depois que descemos a montanha, Kanbaru e eu levamos Sengoku lá para casa. Sengoku sentada na traseira da minha bicicleta e Kanbaru nos acompanhando a pé. Como antes, ela ficou melhor assim que saímos de perto da montanha. Ela ter ficado melhor após almoçar deve ter sido uma coincidência.

Felizmente, ninguém estava em casa.

Ambas as minhas irmãs pareciam ter saído para algum lugar (havia sinais de que elas tinham vindo em casa pelo menos uma vez). Como passar despercebido por elas seria a parte mais difícil de deixar Kanbaru e Sengoku em minha residência, fiquei aliviado quando descobri que elas não estavam. Principalmente minha irmã mais nova... Se ela não lembrasse de sua amiga do fundamental, vê-la em pessoa certamente a faria. Além de que minhas irmãs ficariam curiosas para saber o que eu estava fazendo com uma antiga amiga delas.

Fomos direto para o meu quarto.

“Koyomi Onii-chan...” murmurou Sengoku. Ela estava com o rosto para baixo, sua voz era quase inaudível. “Você... mudou de quarto.”

“É, tenho meu próprio quarto agora. Mas as minhas irmãs ainda estão no mesmo quarto de antes... Elas devem chegar daqui a pouco. Quer ver elas?”

Sengoku fez não com a cabeça.

Sua falta de fala e movimentos leves faziam ela parecer ainda mais pequena.

Ela teve seis anos para se desenvolver, mas ela parecia mais pequena do que na época em que brincávamos, relativamente falando, é claro. Talvez seja porque também tive seis anos de desenvolvimento.

Por algum motivo, fiquei em silêncio.

Depois:

“Então esse é o quarto do meu amado senpai”, disse Kanbaru em seu tom valente, impedindo que a situação ficasse mais constrangedora. Ela olhou à sua volta. “É mais arrumado do que eu imaginava.”

“Comparado ao seu...”

“Hehehe. Essa é minha primeira vez no quarto de um garoto.”

“Oh...”

Notei algo quando ela falou: essa também era a primeira vez que uma garota fora da minha família estava em meu quarto. Nem mesmo a Senjougahara tinha o visto. Trazer uma garota para seu quarto é como um rito de passagem para um adolescente, e deixei a kouhai da minha namorada ser a primeira... Será que tem algum problema

com isso? Pensando bem, Kanbaru tirou várias das minhas primeiras vezes... Mas como hoje era uma emergência, acho que poderia ser desconsiderado.

Sengoku nos disse quando estávamos no santuário.

Em sua voz quase inaudível:

*Eu posso explicar o motivo daquilo, mas primeiro me leve para algum lugar onde possamos ficar sozinhos.*

O motivo dela estar no santuário.

De ter as matado.

De ter as cortado.

O primeiro lugar que veio em mente foi a casa de Kanbaru, mas rejeitei a ideia antes que ela própria a sugerisse. Eu não podia mostrar aquele chiqueiro para uma garota inocente feito Sengoku. Além do estado que o quarto de Kanbaru se encontrava, levar Sengoku para um lugar totalmente novo poderia deixar ela nervosa. É por essa razão que as levei para minha casa.

“Bem, onde estão os livros indecentes?”

“Isso só se faz com amigos homens! Então fique sentadinha aí!”



“Mas é importante que eu saiba os seus gostos.”

“Importante nada! E vai saber o que você pode fazer se descobrir!”

“Ah, então admite que tem livros obscenos?”

“Diz a pessoa mais obscena que conheço! Você tem duas escolhas, Kanbaru, ficar sentada aí ou pular daquela janela!”

“Era apenas uma brincadeira. Achou mesmo que não fui atrás disso enquanto estava te perseguindo? Inclusive sei os últimos que comprou.”

“Como?! Eu até me certifiquei que era o único na livraria!”

“Seus gostos são peculiares, por assim dizer.”

“Agora cê tem só uma opção! Pode pular daquela janela!”

“Maioria das garotas fariam exatamente isso se descobrissem seus fetiches. Porém, não faço parte dessa maioria.”

“Por que cê tá falando como se tivesse orgulho disso?!”

Sengoku estava tentando esconder sua risada.

Ela deve ter achado cômico a conversa que eu estava tendo com Kanbaru.

Que vergonha.

E eu questionando o quão ingênuo eu devia ser com ela...

Sem contar que ela raramente falava e, quando falava, era de forma extremamente tímida.

Já que Shinobu, Oshino, Hanekawa, Senjougahara, Hachikuji e Kanbaru eram todos tagarelas de diferentes modos (Shinobu: arrogância excessiva, Oshino: sarcasmo frívolo, Hanekawa: ensinamentos moralizantes, Senjougahara: cruéis abusos, Hachikuji: respeito falso, Kanbaru: bajulação), ter alguém mais silencioso era refrescante. Bem, Shinobu não estava mais como a descrevi...

Sengoku era quieta assim quando era menor? Sim, eu disse que ela sempre estava com a cabeça para baixo, mas, sinceramente, eu não conseguia lembrar vividamente dos detalhes.

Eu não conseguia lembrar.

Ela era introvertida, falava pouco e estava sempre com a cabeça para baixo...

Mas.

Ela parecia ainda lembrar de mim.

Koyomi Onii-chan.

Esse era o jeito que Nadeko Sengoku me chamava. Infelizmente não consigo lembrar como eu me referia a ela. Talvez era de Nadeko, ou talvez de Nadeshiko, realmente não sei. E mesmo que eu lembrasse, não poderia a chamar daquela forma.

Sengoku era Sengoku.

“Koyomi Onii-chan... e Kanbaru-san”, falou Sengoku, de maneira quieta, como esperado. “Teria como... virarem para o outro lado?”

“.....”

Realizamos seu pedido.

Mesmo eu tendo dito para Kanbaru pular pela janela, eu estava aliviado que ela continuava comigo. Se não fosse por ela, teria ficado mais tempo olhando em silêncio para Sengoku depois que a chamei. Ela não estava brincando

quando disse que conseguia seduzir qualquer garota mais nova. Parece que Koyomi Onii-chan não teria sido suficiente. Sengoku me olhou como se o mundo fosse desabar, seus ombros estavam tremendo e seu olhar estava distante. *Fazer ela ficar de costas* seria quase impossível com minhas habilidades inexistentes.

“*Araragi-senpai*”, cochichou Kanbaru, enquanto olhávamos para a parede. Ela parecia não querer que Sengoku escutasse.

Respondi:

“*que foi?*”

“*sinto muito por tomar a iniciativa novamente, mas é melhor animarmos um pouco as coisas.*”

“*hã? como assim?*”

“*você já deve ter notado, mas essa garota parece ser meio emocionalmente instável. conheci muitas garotas parecidas, mais velhas e mais novas. temos que tomar cuidado, o menor dos choques pode fazer ela se mutilar.*”

“*se mutilar...*”

Aqueles cinzéis.

Esqueci de pegá-los.

Eles estavam na bolsa que ela carregava.

Um conjunto de cinco. Umas tinham lâminas triangulares e outras eram mais próximas de facas.

Não parecia impossível.

Principalmente pela reação que Sengoku teve após eu ter a chamado.

Até eu conseguia perceber a sua ansiedade.

*“você é bem gentil”, murmurou Kanbaru, “então talvez seja difícil fingir felicidade quando outra pessoa está para baixo, mas ficar feito ela pode acabar piorando as coisas. sei que não é nada parecido com o demônio de maxwell [2], mas precisamos elevar o ânimo dela o mais rápido possível.”*

*“...hum.”*

Então foi por isso que ela tocou no assunto das revistas? A subestimei, achei que ela só estava sendo indelicada. Parece que Suruga Kanbaru pensava mais em suas ações do que eu imaginava.

*“certo”, eu disse. “faça qualquer coisa se for pra animar ela.”*

*“entendido. então eu posso te atacar se for preciso?”*

*“e como que isso iria animar ela?!” Não sei como, mas consegui gritar enquanto cochichava. “agora é eu que tô ficando pra baixo... o menor dos choques pode fazer com que eu me mutile.”*

*“não precisa se preocupar. é como diz aquele ditado, pode estar frio hoje, mas a era do gelo também pode voltar. As manhãs podem ser ruins para você, mas o que fará quando o sol nunca mais se levantar?”*

*“que raio de ditado é esse?! e o que era pra significar?!”*

*“não há nada nesse mundo que não possa piorar, por isso aproveite o presente.”*

*“mas que mensagem pessimista, mas ao mesmo tempo positiva!”*

*“não há chuva que não traga uma cheia.”*

*“claro que tem! nem sempre que chove tem um alagamento!”*

*“hehehe, viu só como funciona?”*

*“agh! cê me pegou outra vez!”*

Ouvi uma pequena risada vindo atrás de mim.

Como se quem estava rindo estivesse tentando fazer silêncio.

Era Sengoku quem estava rindo.

Parece que ela conseguiu ouvir nossa conversa.

Se isso também fazia parte dos planos de Kanbaru, eu tinha que bater palmas.

“Já podem virar”, disse Sengoku.

Quando virei, vi Nadeko Sengoku não usando nenhuma vestimenta e de pé na minha cama. Ela estava com a cabeça para baixo.

...Pensando bem, deixe-me retificar o que eu disse. Ela não estava usando nenhuma vestimenta na parte de cima, a única coisa em seu corpo era um bloomers [3]. E sim, ela estava cobrindo seus modestos seios.

“...Bloomers?”

Como pensei, Sengoku estudava na mesma escola que eu ia, mas eu lembro deles terem trocado para calções quando entrei...

“Que ‘coincidência’ eu ter um comigo, não é mesmo?”  
disse Kanbaru.

“Ah, então você estava, ‘coincidentemente’, carregando ele quando foi me ajudar, huh?”

“Não posso sair de casa sem um item importante como esse.”

“Importante uma ova! O que isso teria de importante, hein?!”

“Pensei que poderia ajudar no que estava querendo.”

“O que você tava pensando quando pedi sua ajuda? Você tá fazendo eu duvidar da minha própria credibilidade. E como você conseguiu um desses? Isso aí faria um vilão de mangá dizer: ‘C-Como isso é possível?! Todos da sua tribo deveriam estar mortos!’”

“Bem, é que pressenti seu fim. Vi que a cultura iria acabar e decidi conservar cento e cinquenta pares antes que fosse tarde demais.”

“O nome disso é Sobre-exploração!” [4]

Talvez seja por isso que nunca mais os vi.

“.....”



Para alguém de fora, o cenário que nos encontrávamos poderia ser visto como um caso sério de nós fazendo bullying com Sengoku. Isso não era o que ocorreu, é claro.

A franja dela era maior do que eu imaginava, quase não dava para ver seus olhos. Mas talvez ela estivesse fazendo isso por estar envergonhada. Seus cabelos marrons brilhavam. Ela tinha guardado suas roupas sob o edredom. O fato dela estar apenas de bloomers e ter tirado seu sutiã sugeria que essa antiga conhecida minha achava muito mais constrangedor alguém ver suas roupas íntimas do que alguém ver seu corpo nu. Ela parecia mais provocativa do que ela provavelmente queria, não havia nada além daquele bloomers, mas eu também não entendia a sensibilidade de uma garota do fundamental...

Porém.

Infelizmente, talvez?

*Sex appeal* não tinha nada a ver.

“...Huh?”

Demorou um pouco, mas a expressão de surpresa saiu da minha boca após eu ver o que Nadeko Sengoku tinha em sua pele.

*Ela estava coberta por escamas.*

*Dos dedos do seu pé até a clavícula.*

*Marcas leves de escama estavam por todo seu corpo.*

Por um momento pensei que elas estavam saindo de seu corpo, mas olhei de perto e percebi que não era o caso. Era como se elas tivessem sido impressas usando um bloco de madeira.

“Lembra um pouco com marcas de corda”, disse Kanbaru

Haviam sinais de sangramento interno e as marcas realmente faziam parecer que ela tinha sido amarrada a alguma coisa com uma corda. Perguntar o porquê de Kanbaru ter tamanho conhecimento sobre marcas de corda apenas complicaria as coisas, então deixei passar.

Não, era mais como se algo que fosse do pé ao torso estivesse a agarrando.

*Algo que não podíamos ver.*

Marcas de escama em cada centímetro do seu corpo.

A agarravam.

A possuíam.

As únicas partes sem elas eram os braços, pescoço e cabeça. Não havia necessidade dela mostrar o quadril ou a parte inferior do abdome, que estavam cobertas pelo bloomers.

Escamas.

De peixe, talvez?

Mas não, aquelas eram de um réptil.

De uma cobra.

Uma cobra... *uma serpente*.

“Onii-chan...” disse Sengoku.

Sua voz ainda era baixa e trêmula.

“Como você já é crescido... não irá pensar nada indecente sobre meu corpo, não é?”

“Hã? Não, nunca. Né, Kanbaru?”

“Huh... Eu sinceramente não descartaria a possibilidade.”

“Hey! Nem pra fingir pouco?! Pra onde foi aquela lealdade?!”

“Sengoku-chan, é bom que saiba que alguns adultos pensam coisas indecentes quando veem garotas da sua idade nuas.”

“Vai mesmo me trair na caradura?! E a gente tava se dando tão bem!”

“De certo modo, seria mais estranho se você não mostrasse nenhum interesse. Quem sabe um pouco rude.”

Kanbaru falou de forma séria aquilo.

E eu tinha que concordar com ela nisso.

Apesar de não ter nenhum teor sexual e a presença daquelas escamas, seria rude não sentir nada sobre o corpo nu de uma garota. Lembro que Senjougahara disse que dar a opinião era algo cortês.”

Virei meu rosto para Sengoku.

E, no tom mais sério que eu podia imaginar, eu disse:

“Sengoku. Eu imagino, sim, algumas coisas indecentes quando olho para seu corpo.”

“.....urr.” Os ombros de Sengoku começaram a tremer, como se estivessem tentando amenizar sua angústia.

Lágrimas começaram a sair de seus olhos.

“Olha só o que você me fez dizer, Kanbaru! Agora tem uma menina do fundamental chorando! E a culpa vai ser atribuída a quem, hein?! Eu, é claro! Tem algo a dizer por ter incriminado alguém inocente?!”

“Eu não estava esperando que dissesse de forma tão direta...”

Kanbaru estava com uma expressão de pavor no rosto.

Parece que minha resposta não estava em seus planos...

“Eu...” disse Sengoku, agachada e com sua cabeça na minha cama. Sua voz quase chegava a ser imperceptível.

Mas suas palavras eram claras

“...Odeio esse corpo.”

“...Sengoku.”

“Odeio, odeio... Me salve, Koyomi Onii-chan”, ela disse, ainda chorando.

[1] “Tsuchinoko” (槌の子, criança da terra/do martelo), também conhecido como Bachi hebi, é um criptídeo japonês. Sua aparência é de uma cobra com a parte entre a cabeça e cauda inchada. Eles são descritos tendo por volta de 30 a 80 centímetros. Também é dito que eles são capazes de saltar até 1 metro de altura e darem um segundo pulo no ar. Segundo algumas lendas, alguns Tsuchinoko conseguem falar, porém, são muito propensos a mentir.

[2] “O demônio de Maxwell” é um experimento mental projetado por James Clerk Maxwell em 1871, para sugerir que a segunda lei da termodinâmica seria verdadeira apenas estatisticamente. A Segunda Lei da Termodinâmica trata da transferência de energia térmica.

[3] “Bloomers” (ブルマー) faziam parte do vestuário usado por garotas durante as aulas de educação física nas escolas japonesas. Mas apesar de não serem mais usados, eles ainda se mantêm vivos graças a mangás, animes e fetiches.

[4] Na ecologia e economia, o termo “Sobre-exploração” refere ao uso de um recurso renovável além do seu limiar

de sustentabilidade, fazendo com que esse recurso não consiga se repor de forma natural.

E então, uma hora depois daquilo.

Visitei o local onde Oshino e Shinobu residiam. A última vez que fui aquele ex-cursinho foi no sábado, há dois dias.

“Você está atrasado, Araragi-kun. Estou aqui o esperando já faz um tempo”, Oshino me deu boas-vindas em seu tom arrogante e sabichão de sempre.

Meme Oshino.

Um perito em monstruosidades.

Um especialista, uma autoridade.

Ele foi o responsável por me tirar da escuridão durante as férias de primavera, onde fui atacado por um vampiro e onde também acabei virando um. Em outras palavras, ele é meu salvador.

Um velho sempre de camisa havaiana e de idade desconhecida.



Um adulto nem um pouco exemplar e sem moradia fixa que ia de jornada a jornada.

Tsubasa Hanekawa, quando foi enfeitiçada por um gato.

Hitagi Senjougahara, quando se encontrou com caranguejo.

Mayoi Hachikuji, quando se perdeu junto a um caracol.

Suruga Kanbaru, quando desejou a um macaco.

Todas elas receberam ajuda de Oshino.

Não sei se algum dia conseguirei retribuir o favor, mas, sendo sincero, se ele não fosse meu salvador, eu nunca teria me relacionado com ele.

Ele tinha uma personalidade horrível e certamente não era alguém que faria um favor por boa vontade. A própria imagem da excentricidade. E mesmo eu o conhecendo por um tempo, ainda não conseguia compreender boa parte de sua personalidade.

Sentado de pernas cruzadas em cima de várias mesas amarradas por cordas, Oshino disse aquele nome com

nojo, como se o odiasse, depois que expliquei tudo que ocorreu.

“Um Jagirinawa.”

“Nunca ouvi falar...”

“É uma forma de xamanismo que usa serpentes, bem famosa, por sinal.”

“Então é um xamã de serpentes, e não um serpentário?”

“Serpentário é da mitologia grega, xamanismo de serpentes é doméstico. Médium de deuses serpentes e afins... Acho que não vai adiantar muito falar isso com você... Mas um Jagirinawa... Hmm. Você consideraria aquela garota sua kouhai?”

“Pela diferença na nossa idade, eu não consideraria. Ela é só uma amiga da minha irmã mais nova.”

“A-ha. Então ela é como outra irmã mais nova.”

“Não designe meus conhecidos como bem entender!”

“Mas ela não te chama de ‘onii-chan?’”

“.....”

Eu falei demais.

Quanta idiotice.

Parecia até que eu não conseguia mentir...

Mas eu só era ruim em esconder as coisas.

“E aquele ‘onii-chan’ do passado”, adicionou Oshino, “agora é chamado de ‘Ragiko’... O tempo realmente voa.”

“Isso aí só foi uma piada que Kanbaru fez, ninguém me chama assim!”

“Mas até que combina.”

“Tem como a gente voltar ao assunto principal?”

“Chamar aquelas garotas de ‘Tsuundere-chan’ e ‘Representante’, mas o chamar apenas de ‘Araragi’ me faz parecer um tanto parcial. Por isso, de agora em diante, vou me referir a você de Ragiko.”

“Por favor, tudo menos isso!”

“Sinto que vou ficar acostumado a chamá-lo assim.”

Depois de algum tempo desse bate-boca, Oshino voltou ao que estávamos falando.

“De qualquer forma, tenho que parabenizá-lo por ter feito o trabalho que pedi. Obrigado, Araragi-kun.”

“Ah... De nada...” Nunca que eu esperaria receber um ‘obrigado’ dele, chega reagir de forma estranha.

“Sendo sincero, eu não conseguiria ter feito aquilo por conta própria. Também diga que estou grato pelo que ela fez quando ver a... Er, umm....”

Oshino começou a pensar.

Ele devia estar falando de Kanbaru, mas não sabia como deveria chamá-la... Isso me fez perceber que ele ainda não tinha dado um apelido para ela. Hanekawa era Representante ou Representante de Classe, Senjougahara era Tsundere-chan e Hachikuji era Perdidinha... Então isso faria Kanbaru ser “Atletinha”?

“...Quando ver a Pervertidinha.”

“.....”

Parece que Oshino via Kanbaru mais como uma pervertida do que uma atleta.

Não que ele estivesse errado.

Ele acertou em cheio.

“Não teria como chamar ela de outra coisa? Tipo ‘Safistinha’? Ela é uma garota no fim das contas...”

“Você acha melhor assim? Por mim tudo bem chamá-la desse jeito. Enfim, vocês estão quites comigo. Não esqueça de avisá-la.”

“Quites? Então não estamos mais devendo nada?”

“Isso mesmo.”

“Certo. Ah, eu também tenho outra dúvida, posso perguntar?”

“Diga.”

“Assim que entramos nas redondezas do santuário, Kanbaru começou a se sentir mal... Tem algum motivo para isso ter acontecido?”

Hmm, disse Oshino, enquanto me olhava de esguelha.

“E você, Araragi-kun, sentiu alguma coisa?”

“Huh?”

“Por acaso se sentiu mal feito ela?”

“Não, não senti nada.”

“Certo. Bem, você deu um pouco de sangue para Shinobu-chan um dia antes, então faz sentido. Você teve sorte.”

“Sorte?”

“Eu não disse que esse era um trabalho que eu não conseguiria fazer por conta própria? Isso é porque aquele santuário é o centro dessa cidade.”

“O centro da cidade? Mas ele nem fica...”

“Não é em relação a sua localização que estou falando. Como ele parou de ser usado há um tempo, não deveria ter nada lá, dado como todo mundo esqueceu dele, mas devido a Shinobu-chan...”

“O que ela tem a ver com isso?”

“Ela estava vagando por essa cidade, não estava? E ela é um vampiro lendário de sangue nobre, correto? E vampiros são os reis das monstruosidades, não é verdade? Resumindo, sua influência ativou aquele lugar. E, devido a isso, *coisas ruins começaram a se reunir lá.*”

“No santuário?”

Aquele santuário que nem mesmo um deus visitaria.

*Coisas ruins.*

“Exato. Podemos dizer que ele virou um tipo de poço de ar ou um ponto de encontro, e é isso que chamamos de ‘centro’. Encontrá-lo foi um dos motivos de eu ter ficado

aqui mesmo depois do caso da Shinobu-chan ter sido resolvido. Além, é claro, do meu trabalho de coletar monstrosidades. Só pude conhecer a Representante e a Tsundere-chan devido a ele, então posso dizer que já me diverti o bastante.”

“Mas o que você quer dizer com *coisas ruins*?”

“Várias coisas. Não é algo que eu possa colocar de forma concisa... ou melhor, essas coisas ainda não têm nome. Você nem mesmo pode chamá-las de monstrosidade, devido às suas condições.”

Um local assombrado pelo bizarro.

É isso que aquilo virou.

O que se reunia lá não era humano.

Mas, sim, a própria definição de bizarro.

“E Kanbaru se sentiu mal por causa dessas coisas?”

“Isso mesmo. O braço esquerdo da Safistinha ainda é de um macaco, então é mais fácil que ela seja afetada. E o mesmo vale para você, mas, como monstrosidades, há uma diferença absurda entre o macaco dela e a Shinobu-chan. Significa que enquanto ela perdeu sua resistência a

esses fenômenos, você adquiriu uma certa imunidade a eles.”

“...Você sabia disso? Sabia que Kanbaru *passaria mal*?”

“Não me olhe desse jeito. Você está bastante animado hoje, Araragi-kun, por acaso algo de bom aconteceu? Não é como se ela tivesse passado por algo excepcional. Sem contar que ela estava devendo para mim. E ela não estaria me pagando se não tivesse sofrido um pouco, não é mesmo?”

“.....”

Talvez ele estivesse certo.

É só que eu não conseguia ser tão estrito feito o Oshino. Talvez Kanbaru realmente precisasse passar por aquele sofrimento. Pelo menos, eu não conseguia ver ela reclamando mesmo que descobrisse. Esse é o tipo de pessoa que ela era.

“Agora, tudo depende dela”, disse Oshino. “O que acontecerá com aquele braço esquerdo é problema dela. Se ela conseguir chegar aos vinte sem usá-lo, ela estará livre da monstruosidade.”



“Espero que seja isso que aconteça.”

“Hm. Como você é gentil, Araragi-kun. Como de costume...”

“O que você quer dizer com isso? Parecia estar querendo insinuar algo.”

“Só estava me perguntando se você tinha um pouco de inveja dela poder voltar a ser humana.”

“...Não muito. Já aceitei meu corpo pelo que ele é. Já estou em paz com ele, então pare de tentar causar problemas dizendo essas coisas. E também não diga nada desnecessário para Kanbaru. Não quero que ela se sinta endividada a mim.”

“Tem razão, me desculpe. Você colocou o talismã na porta do edifício principal, não foi? Esse foi um trabalho bem preguiçoso de sua parte, mas sem problemas. Aquilo deve repelir boa parte dessas *coisas ruins*.”

“Boa parte?”

“Um talismã colocado por um amador não vai causar uma mudança drástica. E que bom que é assim, seria problemático se não fosse. Apenas precisamos mexer um

pouco o fluxo natural das coisas, caso contrário, sabe-se lá o que poderia acontecer. Vendo dessa forma, seu trabalho meia-boca talvez tenha sido a coisa certa a se fazer.”

“...Por que você não podia fazer esse trabalho? Monstruosidades e essas *coisas ruins* que as precedem são sua especialidade, né? Ou você só nos mandou fazer aquilo para arrumar uma maneira dela quitar a dívida que tinha?”

“Isso certamente foi um fator, mas seria realmente difícil para eu fazer aquilo. Só olhe pra mim, acha mesmo que um velho fraco e magro feito eu teria energia pra escalar uma montanha?”

“Você fala como se não viajasse de canto em canto.”

“Hahaha. Foi fácil assim descobrir que eu estava brincando? Bem, estamina não é o problema, tem mais a ver com algo mental. Assim como aconteceu com você e a Safistinha, por serem monstruosidades, por eu ser um especialista, acabo estimulando essas coisas ruins desnecessariamente. Eu não teria escolha a não ser fazer algo se eles me atacassem, nesse caso, eu poderia acabar tornando aquele lugar em um tipo de aspirador. Se isso

ocorresse, no pior dos casos, teríamos outra Shinobu-chan em nossas mãos.”

“Eu não entendi muito bem... mas é como os humanos não deveriam afetar o fluxo da natureza para deixar suas vidas mais convenientes? Resumindo, mandar alguém como eu e Kanbaru não os deixaria bravos, é isso?”

“Sim, algo por essas linhas”, afirmou Oshino, de forma ignorante.

O motivo deveria ser mais complicado, ou talvez algo totalmente diferente, mas não tinha motivo para se aprofundar no assunto.

Kanbaru e Oshino estavam quites.

Isso pelo menos eu tinha certeza.

“Não é só ela”, disse Oshino, de forma tranquila. “Você também não está mais devendo a mim.”

“...Hã?” Não consegui esconder minha surpresa. Aquelas não pareciam palavras que ele diria. “...Mas eu tava devendo... cinco milhões de ienes.”

“E aquele favor que pedi valia essa quantidade. Impedir uma guerra entre yokai vale tudo isso e mais um pouco.”

“Era algo importante assim?!”

Ele poderia ter dito antes.

Mas pensando bem, se o favor fez com que a dívida de Kanbaru cancelasse por completo, eu deveria esperar que uma boa parte da minha fosse descontada. Não levar você em consideração soa como algo admirável, mas, na verdade, fazia você se sentir como um belo idiota...

“Estamos quites, Araragi-kun”, assegurou Oshino, “mas sinto como se agora estivesse devendo a você. Enfim, vamos falar sobre aquela garota que age como se fosse sua irmã mais nova. Pela forma que está agindo, parece ser algo bem sério.”

“Estou agindo diferente?”

“Os braços e do pescoço para cima são as únicas partes do corpo sem marcas, correto? Bem... caso o Jagirinawa chegue ao rosto dela, será fim de jogo para a senhorita. O Jagirinawa é *uma monstruosidade que mata pessoas*, é bom que saiba disso. Então esse é um caso bem sério.”

“.....”

Foi como eu pensei... Tinha algo de sinistro naquelas escamas. Porém isso soava ainda mais grave quando veio da boca dele, um especialista.

Não era uma monstruosidade com a capacidade de matar.

Era uma monstruosidade feita para matar.

“Venenos de cobra são capazes de matar humanos. Neurotoxinas, hemotoxinas, cardiotoxinas e muitos outros. É muito difícil alguém sobreviver sem tomar um soro. Cobras são animais bem trabalhosos.”

*Surpreendentemente, as venenosas são geralmente as mais deliciosas,* acrescentou Oshino.

“Oshino... que tipo de monstruosidade é o Jagirinawa?”

“Antes que eu te diga isso, primeiro me diga o título do livro que a senhorita estava lendo. Você disse para Safistinha que falaria a ela mais tarde, mas ainda não falou, não é? Que livro fez você sentir que havia algo de estranho nela?”

“Oh... É um nome bem direto ao ponto. O livro se chama: *Uma Coleção Completa de Maldições Ofídicas.*”

“...O nome dá a sensação de ser um livro recente, e não de antes da guerra ou do período Edo.”

“É o que parece. A capa também passava essa sensação.”

Aquele título foi tudo que precisei para lembrar daquelas cobras fatiadas. Quando vi suas carcaças no domingo, vagamente suspeitei de Sengoku, que tínhamos encontrado no mesmo dia... mas foi quando vi o título do livro que minha suspeita virou certeza.

Uma camisa de mangas longas e jeans normais.

Talvez aquelas calças não eram para ir à montanha, mas sim para esconder as marcas presentes em suas pernas.

Não, tinha que ser isso.

“...Odeio esse corpo.”

“Odeio, odeio...” ela disse.

Kanbaru deve ter entendido como Sengoku se sentia. Assim como Sengoku usava aquelas roupas compridas para esconder as marcas, ela usava aquelas faixas para esconder a monstruosidade que a afetava. E outra coisa que acabei notando, quando Kanbaru quis me mostrar o

que havia por baixo das faixas, ela me convidou para ir em sua casa, onde ninguém poderia nos ver.

De certa forma, elas estavam passando por situações semelhantes.

Aquelas duas.

O que será que elas estavam conversando enquanto eu estava fora?

Kanbaru, é melhor que você não tenha tentado seduzi-la.

Eu confio em você... e eu quero poder continuar confiando...

“Meus conhecimentos limitados não abordam esse livro”, admitiu Oshino, “mas acredito que deva incluir algumas informações sobre o Jagirinawa. Xamanismo de serpentes é basicamente um sinônimo para maldições ofídicas...”

“Então esses xamãs de serpentes são como feiticeiros?”

“De certo modo. Essas não são monstruosidades que ocorrem naturalmente, elas são controladas pela malícia de alguém... Bem, não precisa ser exatamente malícia, mas

comandar o Jagirinawa atacar uma pessoa soa como isso para mim.”

“Oh... Eu já sabia disso.”

“Hm... A senhorita que o disse?”

“É, foi ela.”

Sengoku não me deu um nome.

Tenho certa culpa nisso, eu não queria pressionar alguém tão introvertida feito ela. Mas Sengoku se recusava a dizer o nome.

O nome do culpado.

Ela apenas disse que era alguém de sua sala.

Uma amiga dela.

Por ter colocado uma maldição nela, acredito que “ex-amiga” seria mais apropriado.

“Pelo que entendi, tem alguma relação com amuletos que estão na moda entre as crianças do fundamental. E esses amuletos parecem ter algum envolvimento com o oculto...” eu disse a Oshino. “Maioria deles acabam dando em nada, como é de se esperar, então pode-se dizer que ela foi a triste exceção.”



“Então está dizendo que foi azar?” falou Oshino, de forma sugestiva. “Amuletos e maldições. De certa maneira os dois são até que parecidos. Mas, Araragi-kun, segundo o que você disse, o autor do crime foi uma criança do fundamental, um amador... E o Jagirinawa não é uma monstruosidade que um iniciante conseguiria usar.”

“E não teria como ter sido um acaso, tipo um relógio quebrado acertar a hora de vez em quando?”

“Será? Hmm. Você sabe o porquê dessa colega de classe ter colocado a maldição na senhorita?”

“Pelo que consegui juntar, foi por causa de amor. Essa amiga gostava de um garoto, e esse garoto confessou a Sengoku. Sem saber disso, ela rejeitou ele, assim conseguindo o ressentimento da garota.”

“Que clichê.”

“Estamos falando sobre romance entre crianças do fundamental, é de se esperar que fosse simplório.” Não que a opinião de alguém que primeira experiência romântica foi no terceiro ano do ensino médio importasse muito.

“Seria uma coisa ela começar a namorar ele sem saber disso”, comentou Oshino. “Bem curioso essa colega ter feito isso apesar de a senhorita ter rejeitado o garoto”

“Talvez a garota sentiu como se Sengoku tivesse a insultado.” Fiz parecer que aquela era uma interpretação minha, mas foi Kanbaru que veio com ela. Não teria como eu entender a mentalidade de uma garota daquela idade. Por isso tive que acreditar em Kanbaru.

“Hum. Mas quem se importa com a razão? Não é como se as pessoas precisassem de um motivo para odiar o outro. Então a relação das duas azedou e acabou em uma maldição? Ah, como as amizades podem ser efêmeras. Por isso que não faço amigos.”

“...Oh.” Tive vontade de retrucar aquilo, mas se eu tirasse onda de tudo que Oshino falasse, ficaríamos conversando a noite toda... Precisei me controlar. Eu não podia deixar aquelas duas esperando. “Sengoku disse que estava lendo aquele livro para descobrir uma maneira de se livrar da maldição. Hoje não foi a primeira vez que ela leu ele. Ela está indo na livraria quase que diariamente,

lendo e consultando todos os tipos de exorcismo e rituais para depois tentá-los.”

Era por isso que elas estavam daquele jeito.

Por isso que aquelas cobras foram fatiadas.

Aquilo não parecia um ritual, aquilo *era* um ritual. A princípio achei usar cinzéis algo grotesco, mas aqueles provavelmente eram os únicos objetos cortantes que ela tinha. Cinzéis talvez sejam a ferramenta de mais fácil acesso para uma garota do fundamental.

“Remover uma cobra matando outras cobras não soa como uma ideia boa”, continuei. “E ela também disse que começou a se sentir pior depois que começou a matar elas...”

“Pode não fazer sentido a princípio, Araragi-kun, mas essa é a maneira recomendada para se livrar de um Jagirinawa. Esse método provavelmente aparece nessa tal Coleção Completa... Mas ela é uma senhorita bem corajosa, não concorda? Pegar e matar cobras por conta própria não é para todo mundo. Você sempre descreve ela como dócil e tímida, mas não consigo ver ela dessa forma.”

“Estamos no interior, ver uma garota pegando cobras com as próprias mãos não é tão surpreendente.”

“Como um garoto da cidade, acho difícil considerar isso normal.”

“E o que exatamente te faz um garoto da cidade?”

Mas ela não era corajosa.

Ela só fez isso por causa da maldição, por causa do Jagirinawa.

Ela até mesmo chorou.

Delicada, é isso que ela era. Delicada demais.

“Matar cobras por si só não tiraria a maldição, o importante aqui é o modo. Nesse caso, as cobras são uma metáfora para corda. Jagirinawa, lembra? Não importa o quão bem amarrado esteja, se cortar a corda, você estará livre”

“Amarrado...”

‘Parecido com marcas de corda.’

Ela estava amarrada por uma cobra.

Corda, huh?

Oshino continuou: “Há um ditado que diz que: ‘uma vez mordido por uma cobra, até uma corda te apavora’, nesse caso, cobra é o mesmo que corda. E o que faz uma corda ser uma corda é sua característica de poder ser cortada.”

“...Mas isso não faz sentido. Ela disse que já matou mais de dez cobras naquele santuário. Mas ainda nenhum sinal da maldição passar...”

Ela só piorava.

Quanto mais cobras ela matava, mais rápido as escamas subiam em seu corpo, ela disse. Aquilo era prova de que a maldição estava progredindo.

“É como eu sempre digo”, lembrou Oshino, “o processo é importante quando se fala em monstruosidades. A senhorita que age como se fosse sua irmã mais nova é uma completa amadora, não é? Normalmente é mais difícil retirar uma maldição do que colocar uma em alguém, então era de se esperar que sua condição pioraria. Assim como é de se esperar que uma monstruosidade cobra

ficaria brava ao ver alguém matando sua espécie. Você estava certo nesse quesito, Araragi-kun.”

“.....”

“Mas essa nossa conversa está me ajudando a entender o motivo dessa maldição colocada por um completo amador ter funcionado. Inicialmente, pensei que era porque até cobras tinham medo da fúria de uma mulher, mas não é isso. Foi devido a azar.”

“Como assim?”

“A senhorita deve ter descoberto que uma maldição foi colocada nela antes mesmo dela ter funcionado. Por saber exatamente quem a amaldiçoou, ela deve ter ouvido direto da garota. ‘Como ousa ter feito aquilo?! Você vai ver quando minha maldição tomar efeito!’ ou algo assim. A senhorita acabou se aperreando e foi correndo saber como poderia tirá-la, ela então descobriu o livro, subiu aquela montanha, sabendo que tinha muitas cobras por lá, e fez como a Coleção Completa mandava. Talvez ela tenha encontrado o santuário por acidente, ou talvez ela já sabia de sua existência.”

“E o que tem de ‘azar’ nisso?”

“O local. Ainda se lembra do que eu disse? *Um tipo de poço de ar ou um ponto de encontro...*”

“Oh.”

*Um local onde coisas ruins estão a se reunir.*

Essas coisas ruins que a presença da Shinobu ativou.

“E isso acabou fortalecendo a maldição?” perguntei.

“Não, acredito que esse tenha sido o motivo dela ter ativado. Diferente de você e da Safistinha, seu corpo deve ser de um humano normal. Então, apesar dela não ter se sentido mal, as coisas ruins conseguiram a afetar ao dar forma ao Jagirinawa.”

Ela não teve como revidar. Ela não tinha resistência.

Uma completa amadora.

“Ou seja, ela acabou cavando a própria cova”, eu disse.

“Isso. Sei que é cruel colocar dessa forma, mas nada teria acontecido se ela não tivesse feito nada. Também há a possibilidade da descrição na Coleção Completa não ser das melhores. Sempre tento não falar mal de livros que ainda não li, porém, ainda é plausível que esse seja o caso.

Seguir os passos de um livro meia-boca em um lugar feito aquele é a receita para um desastre. Isso ocorreu devido a más instruções.”

“Mas que azar.”

“Realmente.”

Era possível ser azarado a esse nível?

“Mas ela teve sorte de ter o encontrado logo quando a situação estava ficando sufocante. Você está planejando ajudar ele, não está?”

“...Estou errado em querer ajudar ela?”

“Não necessariamente. Não vejo problema em evitar ou procurar uma luta. O que é difícil de eu entender é o motivo disso. É compreensível sentir pena dela, mas por que ir tão longe? É porque ela é uma antiga amiga da sua irmã mais nova? Ou é porque o sobrenome dela faz você selembrar da sua namorada?”

“Huh? Oh, é porque Sengoku significa ‘mil koku’ [1] e Senjougahara ‘campo de batalha’? Olha, nunca pensei por esse lado. Mas não é por isso. Não é normal querer ajudar alguém que está sofrendo?”



“Você é mesmo gentil”, disse Oshino.

Ele fazia aquilo soar como se fosse algo ruim.

“Há um livro chamado de *Compilação de Maldições Ofídicas*, ele foi feito durante a metade do período Edo. Como o nome sugere, ele é totalmente focado em monstrosidades relacionadas a cobras. A primeira citação escrita sobre o Jagirinawa vem desse livro. Tem ilustração e tudo.”

“E como ele é?”

*“A pintura mostra um homem sendo contraído por uma enorme serpente. Sua calda se assemelha com uma corda e sua cabeça está a entrar na goela do homem. A mandíbula dele se estendendo ao máximo, quase como se ele fosse uma cobra tentando devorar um ovo.”*

“Contraído...”

“Apertando. Possuindo.”

“.....”

“Em outras palavras, Araragi-kun, o corpo da senhorita está sendo prisioneiro dessa mesma cobra. Uma cobra está

apertando, possuindo e contraindo seu corpo nesse exato momento. Sem piedade, ele está sendo moído.”

“Mas... ela disse que não estava sentindo nada.”

“Aquilo foi uma mentira. Ela está tentando aturar a dor. Eu também não sempre digo que confiança é importante? Você está lidando com uma criança tímida, é preciso ler as entrelinhas. Olhar os olhos dela, sentir o que o coração quer dizer.”

“Olhar nos olhos delas...”

Isso me fez lembrar de algo, quando Sengoku disse que não estava sentindo dor, Kanbaru parecia querer falar algo... Será que era isso? Ela apenas dizia coisas que precisavam ser ditas, nunca dizer por dizer. Isso certamente é a cara dela.

“Envolver o corpo da presa e quebrar seus ossos antes de consumi-la é um comportamento típico de uma cobra. Não é fácil fazer com que uma cobra largue seu corpo uma vez que ela está o enrolando.”

“Entendo... Verdade, ele é uma monstruosidade, então consegue ignorar as roupas delas.”

Aquelas marcas estavam apenas em seu corpo, ela parecia conseguir trocar de roupas sem nenhum impedimento. Isso me fez pensar que não havia uma monstruosidade pressionando o corpo dela, o que eu não sabia é que ele era invisível ao meu olho.

“Ou seja, aquelas escamas no corpo dela não são marcas e uma cobra invisível está, nesse momento, *roendo ela*.”

Essa enorme serpente, o Jagirinawa, era invisível para mim, Kanbaru e, claramente, Sengoku. *Apenas vimos o efeito* que ele deixou no corpo de Sengoku.

“E isso”, explicou Oshino, “acredito seja apenas por causa de você e a Safistinha serem essencialmente meio-humanos e meio-monstruosidades. O mesmo vale para a senhorita, por estar sendo afetada. Imagino que outras pessoas, a Tsundere-chan e a Representante, por exemplo, não veriam nada. Mas, talvez, conseguiriam ver os sangramentos causados pelo Jagirinawa.”

Não havia necessidade dela esconder as marcas com aquela calça longa.

Nem motivo para se envergonhar do seu corpo.

Oshino disse.

Mas esse não parecia ser o problema para mim. Sim, talvez seja o caso, logicamente falando—Kanbaru e eu termos visto o Corpo dela talvez seja outro exemplo do quão azarada ela era—mas *não era pior ela ver o próprio corpo daquele jeito?*

“Talvez”, admitiu Oshino. “Você talvez esteja certo.”

“Você até que aceitou a ideia bem rápido.”

“Até eu consigo ser honesto e direto ao ponto às vezes. Não ter nada melhor para fazer também contribui para isso.”

“Você é incapaz de ser honesto quando tá ocupado?”

“Entendo o porquê dela estar usando roupas de mangas compridas e uma calça longa, mas o que ela está fazendo no colégio? As garotas da sua antiga escola não usam saia como parte do uniforme?”

“Mais ou menos, é mais para um vestido. Um conjunto, eu acho? Já viu eles durante suas pesquisas pela cidade?”

“Acho que sim. Se for esses que estou pensando, eles são bem fofos, mas não deixariam as pernas dela expostas?”

“Desde que as marcas apareceram, ela não vai para a escola, mas ela ainda ia enquanto conseguia esconder elas com meias. Certo, também tenho outras perguntas. Tem alguma forma de fazer o corpo do Jagirinawa ficar visível? E você conseguiria ver ele?”

“Começarei pela segunda. Não, eu sou apenas um humano.”

O Sr. Especialista parecia não se importar muito com isso.

Ele praticamente estava dizendo que não participaria diretamente desse caso.

“E não é somente eu”, ele disse. “Nesse tipo de situação, é bem difícil alguém ver algo além do que a vítima consegue. Não importa o quão vampiro você seja. Outro adendo, por sua natureza vingativa, apenas o conjurador consegue o ver—Mas como esse foi um acidente, acredito que nem mesmo ela consiga. Essa amiga deve nem ter

notado que a maldição funcionou. Se ela soubesse, isso teria certamente virado o assunto do momento na sala da senhorita... Bem, ela talvez saiba e esteja mantendo esse conhecimento para si mesma. Isso sem dúvidas seria malícia... mas acho que não seja isso. A senhorita não estaria mais aqui se fosse isso. Mas não vai adiantar nada ficar pensando em todas as possibilidades. Não estamos brincando de adivinhação. Oh, outra coisa, mesmo você não conseguindo vê-lo, talvez consiga tocar nele.”

“Hm... você tá falando isso por experiência?”

“Uhhh, o que está querendo dizer com isso?” Por um motivo sem sentido para mim, Oshino se fingiu de besta novamente. “E se conseguir tocar nele, você também deve conseguir retirá-lo do corpo da senhorita... mas talvez não queira fazer isso. Cobras são animais agressivos. Faça isso e é garantido que o Jagirinawa o ataque. E caso consiga retirá-lo e sair vivo disso, ele irá ir atrás da colega que amaldiçoou a senhorita.”

“O feitiço vai virar contra o feiticeiro.”

“É como diz o ditado, quando uma maldição é conjurada, duas covas são cavadas. Essa garota provavelmente não tinha intenção de matar a senhorita e nem deve acreditar em maldições para começo de conversa. Acredito que ela fez isso devido à raiva do momento. Hmm. Não gosto nem um pouco dela ter envolvido o oculto por um motivo tão patético... Como que alguém feito eu vai fazer seu ganha-pão, hein? Esse trabalho só me traz dor de cabeça.”

“Não faço ideia se aquilo só foi você se expressando errado.”

“Hahaha. Acho que já está na hora.”

Com essas palavras, Oshino saiu de sua cama feita de carteiras. Ele depois foi em direção à saída da sala, o que me fez perguntar:

“Ei, onde você tá indo?”

“Só um segundo.”

Isso foi tudo que ele disse antes de sair da sala definitivamente.

E agora... Talvez eu deveria ter ido ver como Shinobu estava, mas e se Oshino voltasse e eu não estivesse... E que sala de aula ela estava? Era raro ver ela e Oshino em salas diferentes. Será que eles brigaram de novo por causa de uns Mister Donut?

Acabei decidindo ligar para saber a situação no lado delas.

Tirei meu celular e tentei ligar para Kanbaru—Sengoku, como maioria das crianças do fundamental de uma cidade rural, não tinha um. Enquanto meus pais não descobrissem que Kanbaru era uma tremenda de uma pervertida e uma lésbica, estaria tudo bem...

Mas quando abri meus contatos:

“Voltei, obrigado por esperar.”

Oshino voltou.

Aquilo foi rápido.

Tão rápido que cheguei a questionar se ele sabia o que eu estava prestes a fazer.

Ele realmente agia como se soubesse de tudo.



“Hm? É uma conveniência moderna que estou vendo em sua mão? Estava pensando em ligar para alguém?”

“Uh... Só ia ligar para avisar que ia demorar mais um pouco. Você provavelmente vai falar por mais um tempo.”

“Certo, então serei breve. Pega.”

Ainda na entrada e com a mão direita, Oshino jogou algo em minha direção. O projétil me pegou de surpresa, mas ainda consegui pegá-lo.

Era um amuleto tradicional.

Ele tinha o formato de um amuleto normal, porém, não tinha nada escrito na bolsinha. [2]

Sem nada indicando a sua funcionalidade, como segurança no trânsito ou fertilidade.

Completamente em branco.

“Que que é isso?”

“Você pode purificar ela com isso.”

“.....”

“Tem um talismã aí dentro. Um daqueles amuletos protetivos. É diferente daquele que te pedi para colocar... a bolsa é só uma proteção para ele. Esse talismã é bem

poderoso, então algumas medidas de segurança são necessárias. Bem, está mais para um limitador. E por favor, não coloque ele na testa dela, como se ela fosse um jiangshi [3]. Melhor, nem tire ele da bolsa. Como eu disse, ela serve como um limitador. Não tenho ideia do que poderia acontecer se retirá-lo. Vou te dizer o método, então se esforce para lembrar depois. Eu poderia ir lá em pessoa, mas provavelmente é melhor que eu não vá—Você e a Safistinha já têm a confiança da senhorita, afinal. E aquela história dela de conseguir seduzir qualquer garota mais nova aparenta não ser uma propaganda enganosa. Estou impressionado e com inveja. Hahaha, e apesar de você não lembrar, parece que a senhorita tem ótimas memórias de quando eram mais novos, não é? Ela certamente não conseguiria ficar só de bloomers se não fosse por isso, Koyomi Onii-chan.”

“.....”

Eu não tinha certeza disso, para ser sincero.

Quando se tratava de pessoas que nunca pararam de falar, como a Senjougahara, Kanbaru, Hanekawa ou

Hachikuji, eu conseguia saber de certo modo como elas se sentiam—Se estavam sendo sinceras ou não—Mas era difícil de saber quando a pessoa falava tão pouco. Alguém com uma personalidade tímida. Alguém que se contraía sob pressão e que olhava para baixo devido à menor provocação.

Ao pensar na situação, era surpreendente que essa mesma garota conseguiu recusar o pedido daquele garoto. Ela parecia ser o tipo que aceitaria mesmo não gostando da pessoa... Mas, novamente, não tenho direito de falar sobre romance.

“É como você não sente vergonha ao se despir para um médico”, disse Oshino.” Uma relação de confiança é assim. E outra coisa, Esculápio, da constelação de Ofiúco, não é o deus da medicina? Outra dica, quem sabe.”

“Oshino... tem certeza que vai dar certo?”

“O que você não acredita que vai dar certo?”

“Você... está sendo tão rápido e simplório na maneira de purificar ela. Geralmente você vai nesses pequenos detalhes, ou sempre arruma dificuldades. E você também

pegou leve nas curiosidades dessa vez. Por acaso não está levando isso a sério agora que não estou devendo a você?”

“Diga logo que gosta de me irritar, Araragi-kun. Nós dois sabemos que você sempre reclama quando começo a falar minhas curiosidades. Estou começando a pensar que você é a tsundere de verdade, e não a Tsundere-chan. Você está bem animado hoje, por acaso algo de bom aconteceu? Eu não falava tudo aquilo por mau gosto ou algo assim. A Representante, a Tsundere-chan, a Perdidinha, a Safistinha e especialmente você, Araragi-kun. Todos vocês se envolveram com monstruosidades por conta própria.”

“Isso...”

Isso é.

“Se me permite”, continuou Oshino, “todos vocês foram responsáveis por seus casos. Querendo ou não querendo, foram cúmplices para as monstruosidades que afetaram vocês. Para as pessoas que sujaram as mãos quando foram lavar seus pés, um certo processo é necessário. Mas essa é uma situação diferente, não concorda? A senhorita não passa de uma vítima. Ela não

fez nada de errado. Até mesmo o motivo dela ter sido afligida pelo Jagirinawa é fraco. Para cada monstruosidade, há um motivo—Mas nenhum motivo é culpa da senhorita. Dez cobras, correto? Ela pode ter as matado, porém, foi em autodefesa. Ela não teve sorte, aquele não foi o dia dela—Simples assim. Não sou insensato o bastante para culpar a vítima pela malícia de alguém. O que esse tipo de pessoa precisa é ser salva.”

“.....”

Então era por isso.

Desculpa, Oshino, pensava que era daquele jeito por maldade.

Agora tudo fazia sentido... É por isso que ele falou de forma tão séria o nome Jagirinawa. Não era sobre a monstruosidade em si. Aquilo era Oshino pensando na vítima, Nadeko Sengoku.

“Você precisa pagar por seus crimes, mas seria errado julgar alguém por um crime que ela não cometeu. Pessoas com problemas precisam ser salvas, não é? Eu posso não ser o cara mais gentil do mundo, mas ainda tenho um

pouco de bondade no coração. Mas isso também não significa que vou fazer trabalho voluntário, esse é ainda meu trabalho.”

“Já estava esperando por isso.”

“Mas fique tranquilo, a senhorita que age como se fosse sua irmã mais nova não terá que me dar nada em troca. É meu jeito de não me sentir mais endividado com você e a Safistinha.”

“...Ok.”

Sim, havia a relação de responsável e vítima nesse caso.

Mas parecia que ele estava a favorecendo.

Talvez ele gostava de garotas do fundamental.

“Mas me deixe dar mais um aviso: quando uma maldição é conjurada, duas covas são cavadas. Eu sei que já disse isso, mas mantenha essas palavras em mente, também recomendo que analise elas.”

“Certo... Mas acredito que não vou ter nenhum problema, essa não é a primeira vez que escuto esse conselho. Nada de especial é preciso ser feito para

aprender isso. Tive chances o bastante para saber como é não ter nenhuma relação com monstruosidades.”

“Tenho certeza que isso é verdade, mas, Araragi-kun, não sei como você vê isso, porém, não vou ficar aqui para sempre”, disse Oshino, seu tom ainda era frívolo. “Uma hora vou parar de coletar e pesquisar pela cidade. Principalmente agora que minha maior preocupação foi resolvida, melhor dizendo, um dos meus principais objetivos. Um dia, vou sair dessa cidade. E quando isso acontecer, você não vai mais poder vir aqui buscar minha ajuda.”

*E ninguém está devendo a mim.*

Oshino continuou:

“Em minha vida de errante, essa é a primeira vez que converso tanto com uma única pessoa. Tem, é claro, o fato de você se envolver com uma monstruosidade atrás da outra, mas tem algo estranho sobre você: a sua vontade de lidar com todas que encontra. É verdade que você é mais propício a encontrá-las depois da primeira vez, porém, a

maioria das pessoas que têm experiências com elas fazem de tudo para nunca mais vê-las.”

“.....”

“É assim que as coisas se equilibram. Isso tem relação a eu ter te chamado de tsundere, você diz todo tipo de coisa sobre garotas, não diz? Que elas são metidas e que são boas em cuidar dos outros. Araragi-kun, você tem todos esses traços que tanto reclama. Não estou dizendo que isso é algo ruim, pelo contrário, eu tenho inveja dessa sua personalidade. Eu posso brincar dizendo que você é gentil demais, mas acho esse seu jeito de ser algo bom. Porém, o que planeja fazer quando eu sair daqui?”

“Uh...”

Eu não sabia responder aquilo.

Era dado que Oshino não ficaria para sempre na cidade, mas, mesmo assim, eu não sabia como responder sua pergunta.

Precisávamos mesmo falar disso agora?

Oshino continuou: “Monstruosidades aparecem de forma natural, elas não foram feitas para serem



perseguidas. Faça isso e você pode acabar virando o culpado de algum caso. Sinceramente, acho que você se preocupa demais, Araragi-kun. Você é superprotetor. Você tem a tendência de agir mesmo quando poderia simplesmente ignorar.”

“Mas...” Mesmo assim. “O que eu faço quando souber o que quero fazer? Mesmo que eu quisesse, é impossível ignorar ou fingir que elas não existem agora que sei delas.”

“Hahaha, então seria melhor se a mesma coisa que aconteceu com a Representante acontecesse com você? Esquecer de tudo talvez seja o melhor caminho para as pessoas com o seu perfil, Araragi-kun. Esquecer de tudo, até da Shinobu-chan.”

“Como que eu esqueceria...”

De algo feito ela?

Isso era impossível.

Nunca que eu teria o mesmo destino da Hanekawa.

“Falando nela”, disse Oshino”, você terá que cuidar dela sozinho quando eu for embora. Essa foi a sua escolha— Claro, você também pode abandoná-la se quiser.”

“Oshino, você já sabe qual é a minha resposta sobre isso.”

“Sempre é bom lembrar dessa opção. Isso porque a Shinobu-chan não é humana. Você não deveria ter tanta empatia assim. Ela pode parecer com uma criança agora, mas isso não muda o fato dela ser um vampiro.”

“.....”

“Peguei pesado demais dessa vez? Mas pode ficar tranquilo, também não vou desaparecer sem dizer adeus pra você. Sou um adulto, e sei que é feio não se despedir de alguém que conhece já faz um tempo. Mas quando estiver pensando no que fazer depois de se formar do colégio, pense nisso também.”

“É irresponsável da minha parte querer salvar todos que encontro, é isso que está querendo dizer? Hanekawa disse a mesma coisa hoje mais cedo. Mas acho improvável que eu vire alguém feito você, Oshino. E como tinha dito, mesmo sendo apenas um décimo, ainda sou um vampiro, sou uma monstruosidade. Não posso ir por aí banindo elas como um humano faria.”

Se eu fizesse isso, a primeira monstruosidade a ser banida seria eu.

E depois a Shinobu.

Isso não é algo que eu conseguiria fazer.

“Eu não falaria com tanta certeza”, Oshino falou. “Afinal, esse trabalho se resume a conhecimento e técnica. E um meio-humano, meio-monstruosidade que vai atrás de espíritos soa bem maneiro para mim.”

“É... talvez seja possível, tem até um por aí que sempre tá usando uma camisa havaiana...”

“E”, lembrou Oshino, “*caso sinta vontade em algum momento... saiba que pode abandonar a Shinobu-chan e voltar a ser um humano por completo*. Espero que nunca se esqueça disso, Araragi-kun”

[I] “Koku” (石) é uma unidade de medida usada no Japão. Seu significado pode ser “a quantidade de arroz comido por uma pessoa em um ano” ou “medida da força humana (militar ou civil) que um senhor poderia mobilizar”. O “sen”, em Sengoku, significa literalmente o número “cem”.

[2] Existem vários tipos de talismãs no Japão, porém, nesse caso, o qual Araragi se refere são os conhecidos como “omamori”. Essa variedade de talismã é guardada em pequenas bolsas, conhecidas como omamori bukuro, e tem como principal intuito proteger o portador de infortúnios e mazelas.

[3] “Jiangshi” é uma criatura da mitologia chinesa que é comumente chamada de zumbi chinês.

Estávamos agora nos restos daquele santuário.

Naquele santuário abandonado em cima de uma montanha.

Já era de noite quando terminamos todos os preparativos.

Pensei em deixar para fazermos no próximo dia, mas se esperássemos, as escamas, e o aperto do Jagirinawa, poderiam chegar ao pescoço dela (como era primavera, ela não poderia usar um cachecol, mesmo que ninguém pudesse ver as marcas). Sendo noite ou não, decidimos aproveitar qualquer segundo e minuto que tínhamos. Minha família e a de Kanbaru não se importaram muito quando falamos que íamos passar a noite fora de casa, mas a de Sengoku perguntou para onde ela iria—Uma pergunta compreensível considerando a idade dela—Felizmente um de seus amigos do colégio pode encobri-la (parece que Sengoku disse que haveria uma festa do pijama

ou algo assim na casa desse amigo). Era óbvio, mas ela tinha outros amigos além daquela que a amaldiçoou.

Deve ser bom.

Ter muitos amigos, pensei.

Fiquei preocupado em irmos fazer o ritual no lugar onde tudo começou, mas Oshino deu seu selo de aprovação, dizendo que ficaria tudo bem. Pensei que fosse devido ao talismã, porém, parece ser uma questão de processo. Apesar de estarmos lidando com *coisas ruins*, precisávamos fazer com que elas ficassem no nosso lado, Oshino disse.

Sinceramente, não entendi a explicação.

Foi um especialista que falou, então tive que acreditar.

Shinobu estava em uma das salas do terceiro andar (Ela tinha brigado com Oshino devido a uns Mister Donut de novo. Ele comeu os preferidos dela. Meme Oshino, você não é imaturo, você é infantil). A cumprimentei antes de voltar para casa. Kanbaru, incrivelmente, não fez nada com Sengoku e nem com as minhas irmãs, que já tinham voltado.

“Kanbaru... Meus parabéns!”

“Obrigada... Acredito que essa é a primeira vez que você me elogiou de forma tão sincera... Estou arrependendo de todas as brincadeiras que fiz na sua presença...”

Kanbaru parecia estar triste.

Ela não tentou seduzi-la, mas tentou conversar com ela.

“Kanbaru-san foi muito gentil comigo”, A introvertida Sengoku a defendeu. “Ela também emprestou seu bloomers para mim.”

“Isso não é exemplo de gentileza”, eu, feito um homem, disse a Sengoku.

Mas que momento histórico esse foi.

De qualquer forma, falar com Sengoku era difícil devido à falta de piadas em nossas conversas. Por causa desse meu círculo, acabei me desacostumando a ter diálogos normais. Para infelicidade de Sengoku, ela teria que se acostumar.

Tive que distrair minhas duas irmãs para que ela e Kanbaru pudessem sair lá de casa. Elas estavam

desconfiadas de mim (principalmente Tsukihi, ela era bem perceptiva), mas consegui sair sem ter que dar uma desculpa muito elaborada; depois disso fui ao lugar que tínhamos marcado de nos encontrar. Nós três, então, fomos a uma loja de produtos gerais—Não uma loja de conveniências—Para comprar os materiais necessários (como isso não estava previsto, nem Kanbaru ou Sengoku tinham muito dinheiro em mãos, fazendo com que eu tivesse que pagar por tudo). Depois, andamos em direção à montanha.

“Sengoku.”

“Uh... alguma coisa, Onii-chan?”

Ela se tremeu um pouco.

Talvez ela pensou que eu ia brigar com ela.

Delicada, quase parecia ser feita de vidro.

“Me falaram que essas marcas no seu corpo doem. Tá tudo bem?”

“Ah...” Seu rosto tinha ficado pálido. “U-Uh... Desculpa. Por favor, não fique bravo comigo.”



“E por que eu ficaria? Só queria saber se estava tudo bem.”

Ela deve ter pensado que eu iria repreendê-la por ter mentido. Não sei se ela era tímida ou tinha costume de se ver como vítima... Sempre que via esse tipo de personagem em mangás, me perguntava o quão irritante seria interagir com alguém assim na vida real, mas não era tão ruim... Eu simplesmente sentia vontade de protegê-la em vez de pensar se eu era alguém bom ou não. Ela ser mais nova também ajudava.

“U-Uh...” Sengoku puxou o chapéu até que cobrisse metade do rosto. Como se fosse para esconder ele. Como se ela não quisesse ser vista. “Dói, é como se tivesse algo me apertando, mas... consigo aguentar.”

Quebrar os ossos da presa antes de consumi-la.

Típico comportamento de cobra.

“...Mas você não precisa aguentar. Se tem algo a incomodando, pode falar.”

“Ele tem razão”, Kanbaru deu sua opinião. “Acabar ficando amarrada é uma coisa, mas continuar por muito

tempo pode machucar seu corpo. Isso vale para cobras e cordas.”

“Kanbaru, teria como dizer em detalhes o porquê de você ter esse conhecimento?”

Essa mulher não se arrependia de nada.

Sengoku deu uma pequena risada.

Apesar de sua timidez, ela parecia rir de qualquer coisa. Nesse sentido, falar sobre Ofiúco, que fez até Kanbaru perder os lados, era completamente proibido perto dela. Não queria que ela literalmente morresse de rir.

Antes de subirmos na montanha, passamos o repelente que comprei na loja. Por estar de noite, insetos eram mais problemáticos que qualquer monstruosidade. E apesar de estarmos usando roupas que protegiam todas as partes do corpo, aquilo era outra medida de proteção para todos.

Assim que estávamos preparados, subimos a montanha.

Estava completamente escuro, como de se esperar.

Usamos as lanternas que também comprei para iluminar o caminho. Os animais e insetos estavam

extremamente barulhentos. Não estava assim na tarde do dia anterior, o que me fez sentir como um explorador em uma expedição. Quase pensei que tinha me perdido em uma floresta.

“Tem algo que eu queria te perguntar, Sengoku”, eu disse.

“S-Sobre?”

“Por que rejeitou aquele garoto? Você não sabia que aquela sua amiga gostava dele, né? Então não havia porquê rejeitar ele.”

“Aquilo...”

Ela ficou em silêncio.

Era algo intrigante alguém com uma fortitude mental baixa assim, que ficava calada por uma simples pergunta, rejeitar uma confissão de amor.

“D-Desculpa”, ela se desculpou. Por nenhum motivo.

“Não precisa se desculpar.”

“O-Ok. D-Desculpa. Eu... U-Uh... Desculpa.”

Ela se desculpou duas vezes em um único diálogo.

Três vezes em uma única página.

“Sengoku, não...”

Kanbaru interrompeu: “Essa é uma pergunta bem insensível de se fazer. Isso não é algo que eu esperaria de você, Araragi-senpai. Tenha um pouco mais de consideração.”

“...É tanto assim?”

“Sim, muito. Há vários motivos para rejeitar alguém. Exemplo, por que você namoraria uma pessoa que nem mesmo ama?”

“Hmm...”

Aquele era um ponto legítimo.

Isso, principalmente por ter vindo de Kanbaru, me pegou de surpresa.

“Você pode me levar como exemplo”, ela disse. “É porque eu o amo que...”

“Nós não estamos namorando!”

“Huh... vocês não estão?” perguntou Sengoku, intrigada.

“Claro que não!”

“O-Oh... É que vocês se dão tão bem... que acabei pensando que namoravam.”

“Admito que me dou bem com ela.”

Provavelmente no mesmo nível da Hachikuji.

Mas, diferente dela, Kanbaru nunca me difamou... talvez eu me dava um pouco melhor com ela.

...E em relação a garota que eu estava namorando, bem, ela parecia só me difamar...

“Kanbaru, tem como me ajudar aqui?”

“É como ele disse, não estamos namorando.” Disse Kanbaru, em um tom explicativo. “Nós só somos amigos que gostam de descobrir o corpo um do outro.”

“Não acredite nela, Sengoku! Ela tá mentindo!”

“Nossa amizade está no nível de poder fazer qualquer tipo de pedido para o outro.”

“Sabe o quão prejudicial isso que você falou é? Retiro o que eu disse, eu te odeio, sua desgraçada!”

“Essa doeu...”

“A-Ah... Er, desculpa. Eu gosto de você.”

Ela não disse que ficaria feliz em ser chamada de qualquer coisa por mim? Mas que garota complicada.

Como foi eu que se desculpou, talvez eu que fosse o estranho da história.

Enquanto Kanbaru e eu discutíamos, Sengoku murmurou: “Oh... então você não está”, ela soava aliviada.

“Rejeitei ele porque gosto de outra pessoa”, ela nos disse. Sua feição de vergonha era fofa. “Mas... essa minha amiga parece ter mal interpretado a situação... S-Será que é por minha causa...”

“Não se culpe por isso. E isso nem mesmo deveria ter acontecido, foi tudo por causa desse santuário.”

Por causa daquele santuário.

“Ah, Kanbaru. É bem provável que você se sinta mal de novo... O efeito de um talismã não é imediato, pelo menos foi isso que escutei.”

“Sem problema. E obrigado por avisar, assim posso me preparar.”

“Hum.”

Que atleta.

Então vontade era tudo que se precisava?

Normalmente eu refutaria o que ela disse, dizendo que era inscientífico, mas me achei incapaz de fazer isso. Kanbaru, afinal de contas, foi de uma garota atrapalhada para uma atleta de nível nacional devido a nada além de vontade.

“Koyomi Onii-chan, você ainda se lembra de antigamente?”

“...Não muito. Minha memória não é a das melhores.”

“Oh...”

“Por outro lado”, fiz com que o assunto focasse nela, “você parece se lembrar até que bem. Achava que não ia lembrar de mim. Se não me engano, nós não brincamos muito quando menores. E você normalmente esqueceria do irmão mais velho de seu amigo.”

“Eu não brincava com muitas pessoas”, disse Sengoku, hesitantemente. “O único amigo que me convidava depois da escola para brincar era a Rara...”

Ela devia estar se referindo a Tsukihi. Lembro que seus amigos a chamavam assim. O apelido era por causa do

nome da nossa família, Araragi. Agora, ela e minha outra irmã eram conhecidas como as “Fire Sisters” da Escola Fundamental Tsuganoki.

Como as coisas mudam.

É de se esperar que as pessoas mudem.

Mas se vamos falar sobre aquele tempo, quando eu ficava aborrecido por Tsukihi convidar seus amigos e me obrigava a brincar com eles...

Eu tinha vergonha de brincar com garotas.

Era assim que eu era.

“Mesmo não indo para a mesma escola que a Rara... todos os momentos que pude brincar com você e ela são memórias preciosas para mim.”

“Tendi...”

Senti melhor ao escutar isso.

Aliás, eu não disse para Sengoku sobre as monstruosidades que afligiam Kanbaru e eu, apenas dei algumas informações para ela saber que tínhamos alguma relação com elas. Eu certamente poderia compartilhar isso com ela, e talvez ajudasse a criar mais confiança entre nós,



mas após conversar com Kanbaru, pensei na possibilidade dela ter um colapso nervoso. Então Sengoku não deve ter entendido o porquê de Kanbaru poder passar mal no santuário, talvez pensou que ela era espiritualmente sensível ou algo parecido. Bem, não que isso estivesse completamente errado.

“Sou filha única”, Sengoku disse. “Eu tinha inveja dela ter um irmão mais velho.”

“.....”

Soava como um caso de querer algo que não se pode ter.

Como alguém sem uma irmã mais nova querer uma.

Tinha vezes que eu queria ter um irmão ou irmã mais velha(o), ou um irmão mais novo, e invejava aqueles que tinham. Mas talvez seja diferente para mim, alguém que tem irmãs, e para Sengoku, que era filha única.

Então ela também era filha única.

“E você, Kanbaru, tem algum irmão?”

“Sou filha única, igual a ela.”

“Hum.”

Senjougahara, Hachikuji e Hanekawa também eram.

E Shinobu?

Será que vampiros também têm irmãos?

“Chegamos.”

Como era eu que estava mostrando o caminho, acabei sendo o primeiro a chegar.

As ruínas de um santuário.

Um terreno baldio.

O talismã ainda estava onde deixei.

“Sentindo alguma coisa, Kanbaru?”

“Um pouco, mas nada que não dê para aguentar.”

“Diga algo estúpido.”

“Gosto de me sentir nauseada, por isso leio quando viajo de carro.”

“Agora algo engraçado.”

“Não tive escolha! Ele disse que me pagaria se eu não fizesse aquilo.”

“E agora algo pervertido.”

“Descobri que a garota que eu gostava não era virgem, mas sim extravirgem.”

“Certo.”

Esse último foi um pouco estranho, mas nada fora do normal.

Ao meu lado, Sengoku estava abraçando sua barriga e tremendo. Parece que acertamos ela em seu ponto fraco.

Ela era mesmo fácil de rir.

Acredito que ela estava mais entretida pela minha interação com Kanbaru do que com o conteúdo presente nela. Mas como aquela foi uma bela reação da plateia, não pude reclamar.

“Ok”, eu disse, “vamos fazer isso logo... Vamos preparar isso logo.”

Kanbaru perguntou: “Por que se corrigiu?”

Encontramos um local adequado—Em outras palavras, uma área sem estar coberta por mata—E colocamos quatro lanternas, as três que estávamos segurando e uma quarta que estava em minha mochila, nas pontas do local. As quatro formavam um quadrado, que iluminava o centro.

Depois—Usando os galhos de uma árvore próxima—  
Desenhamos um quadrado com as lanternas sendo seus  
vértices, assim formando uma barreira espiritual. Era  
improvisada, mas parece que daria de conta. Segundo  
Oshino, o que importava era o fato de estar demarcado.  
Espalhamos, então, um lençol que compramos.

Após isso, Sengoku entrou no quadrado.

Sozinha.

Em um maiô escolar.

“.....”

Aquele maiô não foi algo que compramos (nem  
vendem isso em lojas de produtos gerais). Assim como o  
bloomers, Kanbaru “coincidentemente” tinha ele consigo.

Então eu disse: “Entendo você não levar dinheiro  
suficiente pra comprar uma lanterna, mas por que você  
tava levando um maiô e bloomers?”

“Há coisas nesse mundo que o dinheiro não pode  
comprar.”

“Concordo plenamente, mas maiôs escolares e  
bloomers certamente não são uma dessas coisas.”

“Estava tentando adequar a seus gostos.”

“Teria como parar?”

“Você não vai negar que gosta disso?”

Quando olhei, Sengoku estava tentando conter seu riso... Era de certo modo cômico ela estar usando um maiô escolar em um santuário decrépito, mas não sei se conseguiria achar graça se eu estivesse em seu lugar.

Enfim.

Para saber se a purificação estava dando certo, precisávamos conseguir ver as escamas em seu corpo, Oshino recomendou que ela não usasse nada que cobrisse seus membros superiores e inferiores, mas também não podíamos deixar ela apenas usando bloomers. Enquanto ainda estava no meu quarto mostrando as marcas do Jagirinawa, Sengoku sem querer acabou tirando as mãos de seus seios, o que fez ela começar a chorar—Apesar da minha honestidade, não falei sobre esse acidente a Oshino—Então isso era particularmente necessário.

Esse é o motivo dela estar usando um maiô escolar.

Em vez de se trocar no santuário, ela o vestiu sob a roupa que estava usando. Apesar de conseguirmos ver as marcas em seus pés e pernas, o maiô escondia seu torso, fazendo ser difícil saber até onde o Jagirinawa estava— Talvez foi minha imaginação, mas consegui ver algumas escamas no pescoço dela. Será que seu alcance aumentou durante a tarde?

Se sim, precisávamos nos apressar.

Não víamos.

Mas o corpo de Sengoku estava sendo pressionado por uma cobra.

Entreguei a ela o amuleto que Oshino me deu.

“Agora, sente-se no centro... em cima do lençol. Segure o amuleto o mais forte que puder, feche seus olhos, acalme sua respiração e reze.”

“Rezar? Para quem?” perguntou Sengoku.

“Provavelmente...”

Para a cobra.

Para o deus cobra.

Para o Jagirinawa.

“Entendido... Vou fazer assim como disse.”

“Certo.”

“Koyomi Onii-chan... você vai ficar me olhando?”

“Vou...”

“Promete?”

“Prometo...”

Isso era o máximo que eu podia fazer.

Tudo dependia dela.

Afinal.

Ela, por conta própria, tinha que se salvar.

Me afastei e, junto de Kanbaru, dei uma volta para ficar de frente a Sengoku.

Seus olhos estavam fechados.

E ambas as mãos estavam pressionando seu tórax.

O ritual tinha começado.

Nem mesmo Oshino sabia quanto tempo isso poderia durar—No pior dos casos, poderia demorar a noite inteira, ele disse. Eu e Kanbaru somos uma coisa, mas não sei se Sengoku aguentaria por tanto tempo. Não tínhamos escolha a não ser esperar pelo melhor.

As luzes das lanternas.

Gentilmente a iluminavam.

“ei”, Kanbaru falou.

Sua voz estava tão baixa que quase não notei, mesmo ela estando ao meu lado. Deve ter sido seu jeito de respeitar Sengoku, que estava concentrada na demarcação, mas se foi isso, não era melhor ficar em silêncio?

*“o que foi?” eu disse. “chega de brincadeiras por hoje, ok?”*

Não podíamos arriscar.

Se ela risse, tudo teria sido em vão.

*“não é isso... gostaria de perguntar algo, agora que estamos aqui.”*

*“sobre?”*

*“aquela chacina estóica que ela fez.”*

*“isso é um jeito de descrever aquilo... mas o que é que tem?”*

*“se aquela era a providência certa, por que estamos fazendo isso?”*



*“fiz a mesma pergunta para oshino... ele disse que esse ritual é mais rápido do que a outra maneira. aparentemente, o local é importante quando se fala em fatiar cobras.”*

*“o local... e como coisas ruins se reúnem aqui...”*

*“essa foi a pior escolha a se fazer. mas também não significa que funcionaria se ela tivesse feito em outro lugar. não tive tempo para perguntar os detalhes, mas parece que esse método só é efetivo quando se usa cobras de tohoku.”[1]*

*“diferenças regionais?”*

*“é, elas são muito importantes quando se está lidando com monstruosidades.”*

Elas tinham que ser difundidas e tudo mais.

Sengoku escolheu essa montanha porque ouviu falar que tinha muitas cobras por aqui, mas supostamente ela precisava escolher com mais cuidado a montanha e as cobras que usaria para o ritual. Bem, no seu caso, o melhor procedimento seria não ter feito nada.

Mas ela escolheu esse local.

Esse local onde coisas ruins se reuniam.

Ironicamente, precisávamos fazer com que essas mesmas *coisas ruins* nos ajudassem a retirar a monstruosidade que afligia Sengoku.

*“entendi, faz sentido”, disse Kanbaru. “um amuleto que exorciza monstruosidades é algo impressionante, não é? oshino-san guarda cada coisa.”*

“não é tão impressionante quanto parece, ele tem alguns requisitos para funcionar.”

Ele somente funciona com monstruosidades enviadas por outras pessoas.

E apenas com monstruosidades cobra.

*“então vai ser jogo sujo contra jogo sujo”, comentou Kanbaru.*

*“ele descreveu como um heterodoxo contra outro.”*

*“enquanto isso possa salvar ela... mas você realmente tenta ajudar todos que encontra, não é?”*

Gentil com todos

Irresponsavelmente gentil.

*“eu não diria que faria isso para qualquer um, mas tento fazer o que posso”, eu respondi. “principalmente se for alguém que conheço.”*

*“deve ser isso que minha amada senpai ama em você, é um dos seus charmes. atualmente, fico feliz que ela esteja namorando com você, mas...”*

Kanbaru deu uma pausa antes de continuar.

*“...se um dia precisar escolher uma pessoa, espero que escolha ela, sem pensar duas vezes.”*

*“.....”*

*“faça o que quiser com sua vida, mas tome conta dela, por favor... não que eu tenha direito de dizer isso.”*

O braço de Kanbaru.

Tentou me matar.

Não porque alguém o amaldiçoou.

Mas sim por vontade dela.

*“kanbaru... você tem direito, sim, de dizer isso. na verdade, acho que você é extremamente qualificada.”*

*“...bom saber.”*

*“...e também sou feliz por você ser a kouhai da senjougahara.”*

*“sabe, ouvir isso vindo de você realmente ajuda. Oh...”*

olha, Kanbaru apontou adiante.

Quando olhei, as marcas de cobra nas partes do corpo de Sengoku—Que estava rezando com tudo que tinha—Não cobertas pelo maiô estavam desaparecendo. Oshino disse que poderia demorar a noite toda, mas nem dez minutos tinham se passado.

O amuleto era mesmo poderoso.

As escamas na base de seu pescoço desapareceram.

As escamas ao redor de sua clavícula desapareceram.

O Jagirinawa estava deixando Sengoku.

*“parece que o ritual está indo tranquilamente.”*

*“tem razão”,* concordou Kanbaru.

Dada a minha presença, normalmente um mau sinal, foi inesperado o modo que as coisas estavam prosseguindo. Graças a deus que esse foi o caso. Sengoku só tinha que aguentar por mais um tempo...

*“mas”, eu disse, “nem tudo estará resolvido depois que a cobra sumir.” Para não desmotivar Sengoku, não disse isso a ela. “no mínimo, a relação dela com essa antiga amiga não será mais a mesma.”*

*“você talvez esteja certo...” Kanbaru fez sim com a cabeça. “poucas pessoas conseguiriam perdoar algo assim... não que a sengoku-chan quisesse reparar a amizade, e acredito que o mesmo valha para essa amiga.”*

*“o término da relação que tinham.”*

Humanos eram mais assustadores que qualquer monstruosidade.

Mas não vou perder tempo falando sobre algo clichê assim.

*“problemas envolvendo amor são tão complicados”, eu disse. “mas queria conhecer essa pessoa que a sengoku gosta. tenho um pouco de inveja em saber que alguém nesse mundo tem a afeição de uma garota fofa como ela.”*

Se isso fosse um mangá de comédia e romance, o interesse amoroso acabaria sendo eu, mas duvidei que esse fosse o caso. Eu era apenas o “Onii-chan” dela, nada mais.

Irmão e irmã.

Apesar de eu ter inveja, eu tinha uma namorada, então Sengoku ter sentimentos por mim só me traria dores de cabeça... Mas essa seria uma boa forma de reviver nosso antigo relacionamento. E alguém precisava ficar de olho nela, me pergunto o que minhas irmãs pensariam se ouvissem minha ideia...

*“ela é uma garota no fim das contas, e ela tem quatorze, não é? hehehe”, riu Kanbaru. “falo isso por experiência, nem todas as garotas da idade dela estão esperando por um príncipe de jaleco branco aparecer.”*

*“tenho certeza...”*

Afinal, o certo seria um príncipe em um cavalo branco.

E de jaleco branco? Tipo um médico?

Oh... Ofiúco.

*“kanbaru, eu não disse que já deu por hoje? o ritual ainda não acabou, se ela perder a concen...”*

*“Araragi-senpai!”* disse Kanbaru, gritando.

Fui eu que acabou perdendo a concentração. Tirei meus olhos de Sengoku. Quando voltei a olhar para ela, vi seu corpo contorcendo violentamente sobre o lençol.

*A mandíbula dela se estendendo ao máximo.*

*Como se fosse uma cobra engolindo um ovo.*

*Como se houvesse a cabeça de uma cobra tentando entrar em sua goela.*

“O-O que que houve?!”

“N-Não sei... ela de repente começou...”

As marcas de cobra estavam desaparecendo.

*Metade* delas tinham desaparecido.

Mas a *outra metade* não.

E...

Agora, elas estavam no pescoço de Sengoku. A cobra, o Jagirinawa aumentou o alcance de seu aperto.

O que aconteceu... o que deu errado?

Fizemos algo de errado?

Era assim como a ilustração do Jagirinawa na *Compilação de Maldições Ofídicas*—De um homem sendo

contraído por uma enorme cobra e ela tentando entrar em seu corpo pela boca—Uma monstruosidade assassina.

Um deus serpente.

Possessão por um deus serpente.

“O ritual falhou?!” gritou Kanbaru. “Foi isso que aconteceu?! O ritual deu errado e acelerou a posses...”

“Não, o ritual não deveria fazer algo assim... Por isso que é um heterodoxo, não deveria auxiliar o Jagirinawa a afetar mais ela! Era para ser *uma negociação com a monstruosidade...*”

Peça a ele.

Você precisa pedir a ele, Oshino disse.

Seja humilde perante ele.

Será que Sengoku se distraiu, assim como aconteceu com a Senjougahara? Mas... isso acontecer assim do nada...

Por que logo na metade do ritual?

“...Metade?”

*Não*, notei tardiamente.

Sengoku estava deitada e continuava a se retorcer.



As marcas nas pernas dela, que estavam se estendendo, desapareceram pela metade.

No sentido literal.

*As escamas na perna direita tinham desaparecido, mas as na esquerda ainda estavam presentes.*

Dos dedos até a virilha, nenhuma desapareceu.

Não sei como estava no torso, mas o mesmo valia para o pescoço e clavícula, que agora estavam extremamente visíveis.

“Kanbaru... não é o que pensávamos. *Se conseguíssemos ver, teríamos notado isso antes...*”

“Notado o quê?”

*“O Jagirinawa... não era um, era dois!”*

“?!!”

E haviam pistas que levavam a essa conclusão.

As marcas cobriam tudo, menos os braços e o que havia acima do pescoço. Dedos, canelas e panturrilhas, é estruturalmente impossível para uma única cobra conseguir se enrolar em cada centímetro dessas partes e

em ambas as pernas. Se fosse apenas uma cobra, *ela não conseguiria chegar na parte interior da coxa.*

Desde as pontas dos dedos.

Duas cobras.

Uma em cada ponta

Estavam contraindo o corpo de Sengoku.

“...Droga!”

Um deles foi removido pelo amuleto de Oshino.

O Jagirinawa se foi.

Sumiu, tanto *aqui* quanto *lá*.

Mas o poder do amuleto tinha acabado.

Eu não disse o bastante. Se eu tivesse notado que haviam dois Jagirinawa, Oshino teria preparado um plano apropriado. Diferente dos outros casos, não havia limite para sua ajuda. Por Nadeko Sengoku ser uma vítima, ele faria de tudo para ajudar. Mas como seguimos nossa conversa no pressuposto que era apenas um deles, ele preparou uma estratégia adequada.

E por seu “parceiro” ter sido exorcizado, ele começou a correr solto pelo corpo de Sengoku.

“Kanbaru! Fique aí... não, vá pra trás!”

“Não é melhor ligarmos pro Oshino-san?!”

“Ele não tem um celular!”

Não por causa de uma promessa a si mesmo, mas porque não se dava bem com aparelhos eletrônicos.

Então tínhamos que resolver isso nós mesmos.

Corri para dentro da barreira espiritual improvisada. Peguei o corpo de Sengoku e o levantei, ele estava quente. Podia se dizer que estava fervendo. Pensei que minhas mãos iriam queimar.

As escamas na base de seu pescoço.

Elas estavam tão fundo na pele dela que chamar elas de “leves” seria um absurdo. Estavam corroendo seu corpo ao ponto de alterar sua silhueta, pressionando com o intuito de pulverizar seus ossos e despedaçar a carne.

Fatiando.

Facilitando o consumo.

Eu conseguia imaginar os barulhos.

“Sengoku...”

Seus olhos estavam virados para trás, ela tinha perdido a consciência.

Deitei seu corpo, que eu estava segurando, de volta no lençol. Depois, aproximei lentamente minha mão.

Não para tocar nela.

Mas sim no Jagirinawa.

*“Mesmo que eu não consiga vê-lo, eu devo ao menos conseguir tocar nele”*

Ele tinha dito.

Desde as férias de primavera, sangue vampírico corre por minhas veias. Eu era de certa forma uma monstruosidade, e uma monstruosidade devia conseguir tocar em outra.

Se eu conseguisse tocá-lo, eu também conseguiria retirá-lo.

A chave era usar a imaginação. Eu tinha que visualizar o Jagirinawa usando suas escamas e descobrir como ele apertava o corpo de Sengoku. Eu não podia cometer o mínimo erro. E, assim como Tsukihi quando criança, eu preferia ficar em casa... então essa foi a minha primeira vez

tocando em uma cobra. Minha primeira vez foi com uma monstruosidade...

Coragem, eu.

Se Sengoku, que costumava brincar com Tsukihi, conseguiu pegar mais de dez cobras sozinha, o que eu tinha a temer? Aja como um irmão mais velho, caramba!

“Agh... hkk!”

Era escorregadio.

Uma sensação desagradável em ambas as mãos.

Como se eu estivesse pegando em muco.

Como se tivesse segurando espinhos pela parte pontiaguda.

Era nojento.

O que fazia ser nojento era que eu estava segurando algo invisível—Nunca pensei que isso fosse ser repulsivo. Criei tanta coragem para agarrá-lo, mas agora estava com vontade de largar ele o quanto antes.

Usei a viscosidade ao meu favor e agarrei seu corpo cilíndrico na posição mais confortável que havia. Preparado, o puxei com tudo que tinha.

É bom lembrar que eu não tinha a força de um vampiro de verdade.

Além dele ser escorregadio.

Como a direção que eu estava puxando era a mesma de suas escamas, minha força estava servindo de quase nada. Tive que mudar minha abordagem. Finquei minhas unhas no corpo da cobra (era macio, senti meus dedos afundando) e puxei novamente.

“G...aaaaaaaah!”

Uma dor pulsante percorreu meu braço direito.

Olhei para onde a dor estava vindo e me deparei com sangue sendo espalhado para todas as direções. Do pulso até o cotovelo, meu braço tinha sido achatado. Dois longos buracos podiam ser vistos na área afetada.

“Já?!”

A cabeça do Jagirinawa já tinha saído da boca de Sengoku, ele provavelmente interpretou o cravar dos meus dedos em seu torso como um ataque, por isso que se retirou do corpo dela para vir me atacar. Como ele era invisível, só notei quando fui mordido.

“Ahhhhhh!!”

A dor fez com que eu caísse no chão. Enquanto isso, o corpo de Sengoku dava pequenos espasmos repentinos, acredito que devido ao Jagirinawa ter o soltado. Dada a situação, esse deveria ser o caso, mas eu não tinha como confirmar.

Mas se fosse verdade, eu era agora seu alvo.

Para provar minha teoria, joguei meu braço em direção ao chão. Senti uma dor ainda maior, mas – antes de meu braço alcançar o solo – senti as presas fincadas no meu braço sendo retiradas. Pressentindo que sua cabeça ficaria entre o chão e meu braço, ele me largou. Confirmei minha hipótese, mas bati meu braço no chão e deixei ele escapar.

Doeu.

Mas não parou por aí, minha perna esquerda foi a próxima a ser atacada.

Scrush.

Assim como ocorreu com meu braço, minha perna foi destruída com uma única mordida... A força de sua mandíbula era monstruosa. Desculpa pela piada...

Usando as marcas deixadas pelas presas para descobrir a posição da cabeça, enfiei meus dedos na boca do Jagirinawa para tentar tirá-las. Apesar da força absurda que ele me mordia, abri espaço suficiente para retirar a perna esquerda. Os ossos tinham sido triturados, mas os nervos pareciam intactos, ainda dava para mexer ela.

Seria bom eu ter conseguido segurar por mais tempo a boca dele, porém, soltei assim que senti algo molhado e bifurcado passando por meus dedos.

“Nkk!”

Com a outra perna, dei um chute que o jogou para longe. Pelo menos acredito que foi isso que acertei. Tinha a mesma sensação de chutar uma bola de borracha, então não deve ter machucado muito. Acabei perdendo o equilíbrio e girando uma, duas, três vezes antes de parar, nos distanciamos um pouco.

Foi há dois dias a última vez que dei sangue para Shinobu.

Significando que meus ferimentos deveriam sarar mais rápido que o normal, mas nem meu braço ou perna davam



sinal disso. A dor também parecia estar longe de passar...  
O Jagirinawa... era uma cobra venenosa?

Vampiros eram suscetíveis a veneno. Principalmente considerando o meu grau de vampirismo. Shinobu em seu ápice conseguiria curar esses ferimentos em menos de segundos...

Me levantei com a perna restante. Meu braço direito balançava... doía tentar levantá-lo.

Não era como se eu fosse inexperiente em lutar com monstrosidades e sua laia. Na verdade, eu era até que experiente, considerando o curto período de tempo que tinha passado desde meu primeiro contato com uma. Mas nunca tive que lutar com uma monstrosidade que eu era incapaz de enxergar. Sempre achei o conceito de O Homem Invisível nada assustador, mas essa experiência me fez mudar completamente de ideia.

Eu estava lidando com uma cobra.

Ao notar isso, lembrei que elas têm um órgão chamado fosseta loreal—Que permite elas perceberem variações na temperatura e que ajuda elas a capturar suas presas—

Então ele conseguiria me detectar apesar da diferença nas nossas visões.

Ssszzzsss...

O escutei.

Ele estava rastejando, se aproximando.

“.....!! A-Ahh!”

Enquanto eu podia me apoiar usando a perna esquerda, ela não oferecia muito além disso. Minha movimentação estava no pior estado que podia estar, mas, ousei dizer, que consegui desviar do que acredito ter sido um ataque.

Virei meu corpo na tentativa de descobrir sua localização.

*Eu consegui ver.*

*Eu consegui ver onde o Jagirinawa tinha aterrissado.*

“E-Eu ainda tenho chance...”

Chance de ganhar.

Fiquei parado esperando por um próximo ataque, meus olhos grudados na posição atual do Jagirinawa. Se quer saber o que seu inimigo está pensando, olhe nos olhos

deles. Mas eu deveria olhar nos olhos dele ou na fosseta loreal? Não que eu conseguisse ver el...

*Ele se mexeu!*

Dei um passo para direita.

*Clamp!* Ouvi um som parecido com uma armadilha de urso ativando. Certamente foi o som da boca do Jagirinawa fechando. Se aquilo tivesse pegado na minha cabeça, seria *game over* para mim.

Mas...

Consegui perceber o que decidiria minha vitória.

*O terreno estava a meu favor.*

Chão de terra.

E coberto por mata.

E cobras são animais que rastejam.

Isso valia também para monstruosidades.

*Eu posso não ver ele, mas se ele deixasse algum rastro...*

Como as escamas no corpo de Sengoku.

A terra se mexia.

A mata se abria.

Se tivesse sido no asfalto ou no concreto, eu não teria muita sorte. Se o ritual tivesse ocorrido no cursinho abandonado onde Oshino vivia, como foi no caso da Senjougahara e Kanbaru, eu estaria lascado. Mas espera...

Talvez ele tenha falado para fazermos lá por causa disso.

Pensando bem, o Jagirinawa conseguia ignorar roupas. Então ele deveria conseguir fazer o mesmo com a terra e a mata. Até o ssszzzsss que ele fez e o barulho da boca dele fechando deveriam ter sido inaudíveis para mim. O motivo do Jagirinawa não conseguir ignorar os aspectos físicos do terreno era devido ao local que nos encontrávamos. Enquanto nesse local, a serpente invisível existia.

*Isso era por ele ser uma monstruosidade.*

*Como eu.*

*Como Kanbaru.*

*Um poço de ar.*

*Um ponto de encontro.*

*Um local onde coisas ruins se reuniam.*

Talvez seja isso que Oshino quis dizer com use as coisas ruins a seu favor. O plano a princípio era criar uma barreira espiritual, mas caso ocorresse algo inesperado, o local permitiria que eu escutasse e tocasse o Jagirinawa— Por isso que não fizemos o ritual no cursinho abandonado.

Meme Oshino.

Dói saber o quanto dependi de você.

Nesse, no da Senjougahara e o de Kanbaru, eu trouxe um problema e depois empurrei ele para você. Do começo ao fim, dependi de você. Mesmo sabendo que não ficaria na cidade para sempre, fiz isso.

Talvez fosse eu que não se arrependeu de nada.

Que não aprendeu nada.

Que não percebeu nada.

“Nkk...”

Milagrosamente, consegui desviar do próximo ataque.

Mas... era como se eu estivesse empacado. Se eu continuasse a focar em me defender, conseguiria decifrar os movimentos e posição do Jagirinawa com mais nitidez, porém, como eu iria atacá-lo? Eu precisaria arriscar muito,

e sem meu braço direito e perna esquerda isso seria muito perigoso.

Falando neles... ainda não davam sinais de estarem se curando.

E a dor só piorava.

Talvez tenha sido minha imaginação, mas também senti a dor se espalhando.

Será que era mesmo veneno?

Neurotoxinas, hemotoxinas, cardiotoxinas e muitos outros.

É difícil alguém sobreviver sem tomar um soro.

E meus ataques funcionariam? Se a cabeça de uma cobra normal consegue se mexer mesmo depois de decapitada, imagine o que a dele conseguiria fazer. Era possível algo mais puxado para humano do que vampiro vencer uma coisa dessas? Como o Jagirinawa me considerou como uma ameaça, talvez fosse.

*E o que exatamente seria derrotar ele?*

Não, há uma pergunta mais importante que essa.

*Derrotar ele seria a coisa certa a se fazer? Derrotá-lo seria a melhor solução, como Oshino diria?*

Demônios, gatos, caranguejos, caracóis, macacos...

Cobras.

Alguns as veem como seres sagrados.

“Araragi-senpai!”

Kanbaru.

Suruga Kanbaru estava vindo com tudo para cima de mim.

Por que ela veio? Eu não disse para ficar para... espera!

“.....!”

Talvez ela consiga!

A força do braço esquerdo de Kanbaru, A Pata do Macaco, talvez conseguisse derrotar o Jagirinawa! Se um soco do braço esquerdo dela foi capaz de destruir um muro de concreto, ele também devia conseguir acabar com o Jagirinawa em uma só!

Porém tinha um problema, diferente de mim, Kanbaru não tinha nenhum fator de cura. Se o Jagirinawa desviasse de um ataque e retaliasse com uma mordida, não teria

como reverter o dano causado. Seria irreversível. E se o Jagirinawa fosse mesmo uma cobra venenosa, a vida dela estaria em risco, isso no cenário mais otimista possível. Irônico. Eu podia curar meus ferimentos, mas não conseguia dar nenhum dano significativo, enquanto era o contrário para ela. Outro fator a se considerar era a afinidade. O local fatigava Kanbaru. Apesar dela ter conseguido fazer aquilo, tenho certeza que ela estava se sentindo mal.

*“Me desculpa!”*

Com isso dito, Kanbaru, usando o braço esquerdo e o impulso da corrida, me pegou pelo pescoço e deu um salto. Devido ao estado da minha perna, não pude fazer nada. Voamos uns cinco metros de distância.

Antes de eu ser jogado no chão.

Não consegui respirar por alguns segundos.

Kanbaru disse que conseguiria me prender em uma cama sem eu ter a mínima chance de escapar, e é exatamente isso que ela fez—Vamos considerar o chão de terra como cama.



“O-O que deu em você, Kanbaru?!” gritei.

Ela estava usando o corpo todo para me prender. Em cima de mim, ela estava em silêncio. Devido à situação do me...

Não, mesmo que eu estivesse em condições ideais.

Mesmo que Kanbaru não tivesse o braço de uma fera.

Eu não conseguiria resistir.

Enquanto ela estivesse tentando me reprimir, não havia nada que eu pudesse fazer. Uma atleta de nível nacional contra um bunda-suja que único exercício era ir para casa de bicicleta. Ser mais velho não adiantava de nada. Eu podia me mexer o quanto quisesse, eu continuaria no mesmo lugar. Apesar de Kanbaru não parecer muito pesada, senti como se fosse ser esmagado por ela.

“Kanbaru... saí de...”

“Eu só vou sair quando você se acalmar!”

“Acalmar?”

“O veneno vai espalhar se continuar agitado!”

O rosto de Kanbaru estava quase tocando com o meu.  
O grito dela parecia que ia perfurar meus tímpanos.

*“Cobras podem ser animais selvagens, mas elas também são tímidas. Vai acontecer nada se deixar elas quietas! É só não provocar e a cobra vai embora!”*

“.....kk.”

Comportamento de cobra.

Comportamentos também valiam para  
monstruosidades.

Seja a maneira que ataca ou a maneira de detectar  
alvos.

Kanbaru estava certa.

*Eu sabia disso.*

Sabia que o Jagirinawa sairia se eu fizesse nada.

Ele já desistiu de Sengoku.

Ele agora voltaria.

“Kanbaru! Mas ele vai...”

Voltar para onde veio.

O feitiço viraria contra o feiticeiro.

Quando uma maldição é conjurada, duas covas são cavadas.

Duas covas.

Assim como uma mordida de cobra.

“Por favor...” disse Kanbaru, em pânico. Suplicantemente. “Não se esqueça de quem veio salvar.”

*Ssszzzsss.*

*Ssszzzsss.*

*Ssszzzsss.*

Era ele.

O barulho estava ficando distante. Não consegui ver a terra mexendo ou a mata abrindo caminho para ele. Talvez ele me perdeu de vista quando voei com Kanbaru. Ou talvez eu nunca fui seu foco.

O Jagirinawa voltaria.

Voltaria para quem o conjurou

Levando consigo sua maldição.

“.....”

Senti a força sair do meu corpo. Eu não chegaria a tempo. Até que poderia tentar ir atrás dele, mas qual seria

as chances de eu achar uma cobra invisível? Sua presença e som desapareceriam assim que saísse de perto do santuário. E, mais importante, não teria como eu sair de baixo de Kanbaru.

Mesmo que eu pudesse, acredito que não faria nada.

“Araragi-senpai...”

Kanbaru deve ter sentido a falta de força em mim. Havia preocupação em sua voz.

“Desculpa”, me desculpei. Não havia nada mais que eu pudesse dizer. “Desculpa por ter jogado todo esse trabalho nas suas costas.”

“Não precisa se desculpar... não saberia como responder.”

“Me desculpe...”

“Araragi-senpai.”

“Me desculpe, Kanbaru... me desculpe...”

Desculpar, isso tudo que eu conseguia dizer.

Quando mais importava, sempre acabava me desculpando para Kanbaru. Me senti realmente mal. Por

causa da minha pateticidade... eu acabava sobrecarregando ela.

Kanbaru tomou a decisão certa. Sem sombra de dúvidas. Eu poderia ter continuado, mas a possibilidade de eu derrotar o Jagirinawa era quase nula. Como que uma imitação de monstruosidade poderia se comparar a uma de verdade? Desviar freneticamente dos ataques e desmaiar devido ao veneno era provavelmente o melhor resultado que eu poderia conquistar.

Mas eu não conseguia desistir.

Eu estava fazendo birra.

Por isso que doía tanto.

A dor no meu braço direito e perna esquerda eram nada comparadas a essa dor.

Fraco.

Frágil.

Impotente.

“Koyomi Onii-chan...”

Tendo recuperado sua consciência, Sengoku se aproximou de Kanbaru e eu. A barreira já tinha realizado

seu propósito. As marcas prensadas em seu corpo desapareceram.

Não pela metade.

Mas por completo.

Sua pele estava limpa.

Ela não iria mais sofrer.

Não iria mais sentir dor.

Não iria mais chorar.

“Koyomi Onii-chan. Obrigada por ter me salvado.”

Não.

Sengoku.

Por favor... não diga palavras como “Obrigada” para mim. Eu não mereço ser agradecido. Porque, ao invés de ignorar, eu tentei salvar alguém que tentou a machucar.

[I] “Tohoku” é uma região da ilha de Honshu, no Japão. Ela é conhecida pelos seus vulcões e terreno montanhoso.

Esse é o epílogo, ou melhor, o remate dessa história.

Na manhã seguinte, como de costume, fui acordado pelas minhas duas irmãs mais novas, Tsukihi e Karen. Era treze de junho, uma terça. Meu braço direito e perna esquerda já tinham curado, consegui fazer minhas tarefas mundanas e me arrumar para o colégio tranquilamente. Com Kanbaru de um lado e Sengoku no outro, fui carregado ao cursinho abandonado para que Shinobu bebesse meu sangue, o que aceleraria minha capacidade de cura. Mesmo meus pais sendo desleixados comigo, tenho certeza que chegar em casa com dois membros quebrados chamaria a atenção deles. Assim como nas outras vezes, Shinobu não falou nada. Talvez ela estava horrorizada ao ver minha situação, ou talvez ela nem se importasse. Independentemente da explicação, ela não deve ter achado ruim poder beber meu sangue novamente. Como tradição, dei um resumo do que aconteceu para Oshino,

mas ele também não falou muita coisa. Talvez ele estava horrorizado ao ver minha situação, ou talvez ele nem se importasse.

Depois disso, passamos o restante da noite em uma das salas do cursinho. Pela mentira que Sengoku deu e a falta de lugares disponíveis para ela dormir, decidimos ficar juntos e dormir naquelas ruínas. Parecíamos crianças, animadas por poder passar a noite na casa de um amigo, mas nós três logo caímos no sono

O que vem depois do inverno é sempre o verão..

A noite é sempre seguida pelo dia.

Kanbaru e eu levamos Sengoku para casa, prometendo nos ver novamente, antes de irmos em nossos caminhos separados. Depois de pensar em alguns planos para o aniversário da Senjougahara, em um cruzamento, me despedi de Kanbaru. Finalmente tendo voltado para casa, decidi dormir mais um pouco, dessa vez em minha cama. Pouco depois fui acordado por minhas irmãs. Sem motivo, perguntei a Tsukihi: “Ei, ainda se lembra de Sengoku?”

Ela respondeu:



“Se ainda me lembro da Sen? Claro que lembro.”

Quando ouvi isso, me lembrei de como eu a chamava. Assim como ela me chamava de Koyomi Onii-chan, eu a chamava de Sen.

Bem...

Não é como se eu pudesse chamar ela mais desse jeito.

Enquanto me arrumava para o colégio, comecei a pensar.

No porquê de ter sido dois Jagirinawa.

O porquê de duas cobras terem possuído Sengoku.

Tinha a garota, amiga dela, com seu rancor arbitrário—Que ficou ofendida por Sengoku ter rejeitado o garoto que ela gostava e recorreu a amuletos, uma febre na escola das duas. Esse foi o jeito dela descarregar toda sua fúria, ela deve nem ter pensado que isso funcionaria...

Mas esse incidente ainda oferecia mais uma pessoa, mais um personagem que pode ter ficado ressentido. Sim, o garoto que Sengoku rejeitou. Assim como a amiga, eu não sabia seu nome—Mas não seria surpreendente se ele também fosse rancoroso. De certo modo era até

compreensível, psicologicamente falando. Um típico caso causado pelo amor. De ficar caidinho por alguém. Não é como se as garotas fossem as únicas a poderem usar esses amuletos. Era completamente possível alguém colocar uma maldição sem avisar ao alvo, assim como era possível dizer na cara de quem ia ser amaldiçoado.

Quando uma maldição é conjurada, duas covas são cavadas.

Mas isso tudo é só uma hipótese minha. Não tenho nenhuma prova definitiva. E mesmo que eu esteja certo, não saberia para quem o Jagirinawa voltou ou o que aconteceria com aquele que ele voltou. Mas não é como se eu quisesse saber.

E Sengoku também não precisava.

Quem quer que tenha sido, esse alguém deve ter encontrado uma cobra em sua bota.

# CRÉDITOS

Bakemonogatari 02. Kodansha

Autor: NisiOisiN

Arte: VOFAN

FONTE

Suruga Monkey. Bakemonogatari 02—Vertical

Nadeko Snake. Bakemonogatari 02—Vertical

TRADUÇÃO

Suruga Monkey

001-005. Sagami Riku—Monogatari Brazilian Portuguese

006-009. Arthur—[twitter.com/Juranzab](https://twitter.com/Juranzab)

Nadeko Snake

001-007. Arthur—[twitter.com/Juranzab](https://twitter.com/Juranzab)

ARQUIVO

Blog: Monogatari BR

Autor: Kiilo

FEITO DE FÃ PARA FÃ | SEM FINS LUCRATIVOS

TODOS OS DIREITOS REVERVADOS

